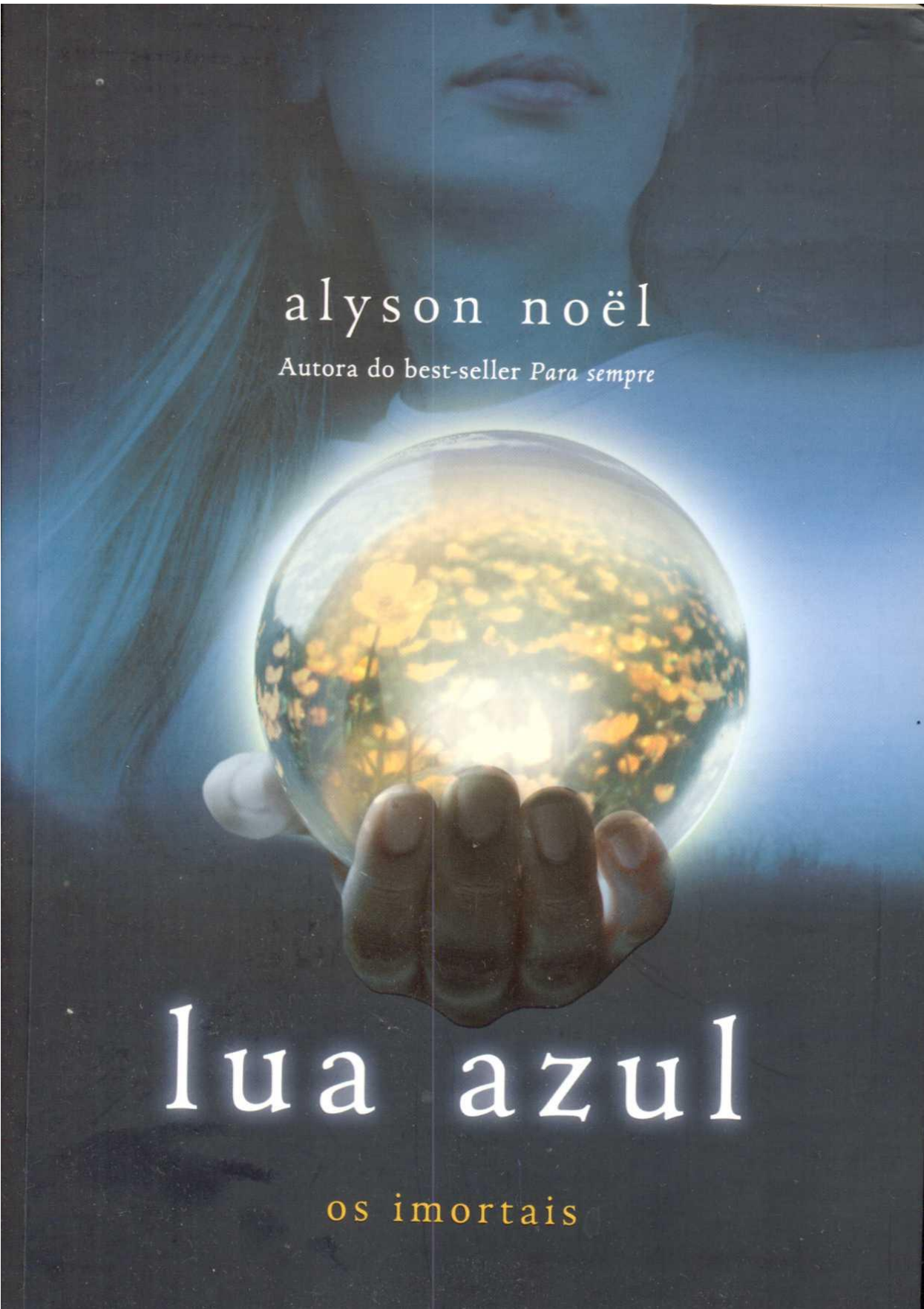




alyson noël

Autora do best-seller *Para sempre*

lua azul

os imortais



alyson noel

lua azul

os imortais - volume 2

Copyright © 2009 Alyson Noel, L.L.C.

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL

Blue Moon

PREPARAÇÃO

Marina Vargas

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto Ana Julia Cury
DIAGRAMAÇÃO
Abreu S. System
CAPA
Angela Goddard
ADAPTAÇÃO DA CAPA
retina 78
FOTOS DA CAPA
Bola de cristal © Image Source/Corbis
Garota © plainpicture/Fancy
Flores © Arctic-Images/Getty Images
CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO - NA - FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
N6911
Noel, Alyson

Lua azul / Alyson Noel; tradução Flávia Souto Maior - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

256p. - (Os imortais; v. 2) Tradução de: Blue Moon ISBN 978-85-98078-82-3

1. Aptidão psíquica - Ficção. 2. Imortalidade - Ficção. 3. Sobrenatural - Ficção. 4. Morte - Ficção.
5. Ficção americana. I. Souto Maior, Flávia. II. Título. III. Série.
10-1619 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua dos Oitis, 50 22451-050 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Jessica Brody —
Uma pessoa tão especial, de tantas maneiras, que chega a ser ridículo!

agradecimentos

Grandes, enormes e inflamados agradecimentos à minha fantástica editora americana, Rose Hilliard — seu entusiasmo, seu discernimento e nossa paixão em comum por pontos de exclamação deixam-me feliz por tê-la ao meu lado, junto com Matthew Shear, Katy Hershberger e todos os demais membros da equipe da editora St. Martin's; a Bill Contardi, que é tudo que eu poderia querer de um agente e mais um pouco; a Patrick O'Malley Mahoney e Jolynn "Snarky" Benn, meus dois melhores amigos, que estão sempre prontos para comemorar quando termino um manuscrito; a minha mãe, que observa as prateleiras de livros juvenis da livraria perto de sua casa há quatro anos seguidos; a meu incrível marido, Sandy, que é tão bom, em tantas coisas, que às vezes me pergunto se não é um imortal em segredo; e, por fim, mas não menos importante, meu muito, *muito* obrigada aos meus fabulosos leitores — pessoal, vocês são os MELHORES, e eu não seria nada sem vocês!

Cada homem tem seu próprio destino;
o único imperativo é
seguir-lo, aceitá-lo,
não importa para onde o leve.
— HENRY MILLER

Um

— Feche os olhos e tente imaginá-la. Consegue ver? — Faço que sim com a cabeça, os olhos fechados.

— Imagine que ela está bem diante de você. Procure *ver* a textura, a forma, a cor... Entendeu?

Sorrio, formando a imagem na minha mente.

— Ótimo. Agora estique o braço e toque-a. *Sinta* os contornos com a ponta dos dedos, o peso na palma das mãos, e então junte todos os sentidos... Visão, tato, olfato, paladar... Consegue sentir o gosto?

Mordo os lábios para esconder um risinho.

— Perfeito. Agora combine isso ao sentimento. *Acredite* que ela está bem na sua frente. Sinta-a, veja-a, perceba a textura, o gosto, aceite-a, *materialize-a!*

Faço exatamente o que ele diz. E quando ele suspira de decepção, abro os olhos para ver o resultado.

— Ever — ele balança a cabeça —, você deveria imaginar uma *laranja*. Isso aí está longe de ser uma fruta.

— Não, de "fruta" isso não tem nada — dou uma gargalhada, sorrindo para meus dois Damens: a réplica que materializei e o original em carne e osso ao meu lado. Ambos igualmente altos morenos e tão lindos que mal parecem reais.

— O que eu faço com você? — pergunta o Damen verdadeiro, esforçando-se para me olhar com reprovação, sem conseguir. Seus olhos sempre o traem, pois demonstram apenas amor.

— Hmmm... — Dou uma olhada nos meus dois namorados: o real e o imaginado. — Acho que você poderia me beijar. Ou, se estiver muito ocupado, posso pedir para o seu amigo quebrar o galho. Aposto que ele não se importaria — ando na direção do Damen falso, achando graça quando ele sorri e pisca para mim, embora seus contornos estejam desaparecendo e logo ele vá sumir totalmente.

Mas o Damen real não acha graça. Ele apenas balança a cabeça e diz:

— Ever, por favor. Você precisa levar a sério! Ainda tenho muita coisa para ensinar.

— Por que tanta pressa? — Afofo meu travesseiro e dou um tapinha no espaço ao meu lado, na esperança de que ele saia da escrivaninha e venha ficar comigo. — Achei que a gente tivesse todo o tempo do mundo. — Sorrio. E quando ele olha para mim, todo o meu corpo esquenta, eu perco o fôlego e não posso deixar de imaginar se algum dia me acostumarei com sua extraordinária beleza, sua pele macia e morena, os cabelos castanhos e brilhosos, o rosto perfeito e o corpo esguio e bem definido, o perfeito *yin* moreno para o meu *yang* louro e pálido. — Sou uma aluna muito aplicada, você vai ver — digo enquanto meus olhos encontram os dele, dois poços escuros de uma profundidade impenetrável.

— Você é insaciável — Damen sussurra, balançando a cabeça e vindo para o meu lado, tão atraído por mim quanto eu por ele.

— Só estou tentando recuperar o tempo perdido — sussurro também, sempre esperando por esses momentos em que estamos somente nós dois e eu não tenho que dividi-lo com mais ninguém. Saber que temos toda a eternidade pela frente não me torna menos voraz.

Ele se inclina para me beijar, desistindo da aula. Todos os pensamentos de materialização, visões, telepatia... Todas as questões paranormais são substituídas por algo bem mais imediato enquanto ele me empurra contra uma pilha de travesseiros e cobre meu corpo com o dele, nós dois entrelaçados como galhos de uma videira em busca do sol.

Seus dedos deslizam sob minha blusa, subindo lentamente pela barriga até chegar ao sutiã. Fecho os olhos e sussurro:

— Eu amo você.

Palavras que há muito eu vinha guardando apenas para mim. Mas depois de dizê-las pela primeira vez não consigo dizer mais nada além disso.

Ouçó seus gemidos abafados enquanto ele solta o fecho de meu sutiã. Damen faz tudo com facilidade, perfeitamente, sem cometer nenhum erro.

Cada movimento é tão gracioso, tão perfeito, tão...

Talvez perfeito até demais.

— O que foi? — Damen pergunta, quando o afasto. Sua respiração está ofegante e seus olhos buscam os meus com aquela expressão tensa com a qual já me acostumei.

— Não foi nada. — Dou-lhe as costas e ajeito a blusa, feliz por ter aprendido a blindar meus pensamentos, pois só dessa forma posso mentir.

Ele suspira e se levanta, privando-me do formigamento que seu toque provoca em minha pele e do calor de seu olhar ao passar por mim. Quando ele finalmente para e me encara, aperto os lábios, sabendo o que está por vir. Já vimos esse filme antes.

— Ever, não estou tentando forçar uma barra. Sério, não estou — diz ele, visivelmente preocupado. — Mas em algum momento você vai ter que superar isso e aceitar quem eu sou. Posso materializar tudo o que você quiser, posso mandar pensamentos e imagens telepaticamente sempre que estivermos separados, posso levá-la para Summerland em um piscar de olhos... A única coisa que nunca poderei fazer é mudar o passado. O passado é o que é.

Olho fixamente para o chão, sentindo-me pequena, carente e completamente envergonhada. Odeio o fato de ser incapaz de esconder meus ciúmes e minhas inseguranças, odeio deixar esses sentimentos transparecerem. Não há escudo paranormal que dê jeito nisso. Damen teve seiscentos anos para estudar o comportamento humano (para estudar o *meu* comportamento), e eu tenho apenas dezesseis.

— Eu... Eu só preciso de um pouco mais de tempo para me acostumar com tudo isso — digo, puxando uma costura desfiada da fronha do travesseiro. — É tudo tão novo. — Dou de ombros, lembrando que menos de três semanas atrás eu matei sua ex-mulher, disse que o amava e selei meu destino de imortal.

Ele olha para mim com os lábios apertados e uma ponta de dúvida no olhar. Mesmo estando a poucos metros um do outro, o espaço que nos separa é tão denso e carregado que parece um oceano.

— Estou falando *desta* vida — digo apressada, esperando quebrar o silêncio e atenuar o clima tenso. — E como não me lembro de nenhuma das outras, isso é tudo o que tenho. Só preciso de um pouco mais de *tempo*, O.K.?

Dou um risinho nervoso com os lábios desajeitados e hesitantes e respiro aliviada quando ele se senta ao meu lado e leva os dedos à minha testa, procurando o local onde antes ficava a cicatriz.

— Tempo nós temos de sobra. — Ele suspira, passando os dedos pela curva de meu queixo e inclinando-se para me beijar, deixando os lábios correrem pela minha testa, pelo nariz, até alcançar a boca.

E quando penso que vai me beijar novamente, ele aperta minha mão e se afasta em direção à porta, deixando em seu lugar uma linda tulipa vermelha.

Dois

Embora Damen seja capaz de saber o momento exato em que minha tia Sabine vira na nossa rua e aproxima-se da entrada, não é por isso que ele vai embora.

Ele vai embora por minha causa.

Por causa do simples fato de que ele está me procurando há centenas de anos, buscando-me em todas as minhas encarnações, apenas para ficarmos juntos. Só que nunca ficamos *juntos* de verdade. O que significa que nunca fizemos *aquilo*.

Pelo que entendi, sempre que estávamos prestes a dar o próximo passo e consumir nosso amor, a ex-mulher dele, Drina, aparecia e me matava.

Mas agora que a matei, que a eliminei com um bem dado, embora reconhecidamente fraco, golpe no chakra do coração, não há absolutamente nada nem ninguém em nosso caminho.

Exceto eu mesma.

Porque, mesmo que eu ame Damen profundamente, e certamente deseje dar o próximo passo, não consigo parar de pensar nesses últimos seiscentos anos.

E em como ele escolheu vivê-los (excentricamente, segundo ele.)

E em *quem* ele escolheu para compartilhá-los (além de Drina, sua ex-mulher, muitas outras foram mencionadas).

E, bem, embora odeie admitir, saber de tudo isso faz com que eu me sinta um pouco insegura.

O.K., talvez *muito* insegura. Quer dizer, a mísera lista dos caras que eu já beijei nunca poderia se comparar a seiscentos anos de conquistas.

E embora saiba que ficar pensando nisso é ridículo, embora saiba que Damen me ama há séculos, a verdade é que o coração e a mente nem sempre estão de acordo.

No meu caso, eles mal se falam.

Ainda assim, toda vez que Damen vem me dar aula, sempre dou um jeito de transformá-la em uma sessão de amassos, e toda vez eu penso: *É agora! Dessa vez vai mesmo acontecer!*

Mas logo o afasto, como uma provocadora da pior espécie.

E na verdade é exatamente como ele disse. Damen não pode mudar seu passado, *ele é o que é*. Quando algo é feito, não pode ser desfeito. Não há como voltar atrás, não tem retorno.

A única coisa que se pode fazer é continuar seguindo em frente.

E é exatamente isso que eu preciso fazer.

Dar esse grande salto sem hesitar, sem olhar para trás nem uma vez. Simplesmente esquecer o passado e me concentrar no futuro. Bem que eu queria que fosse assim tão fácil.

— Ever? — Sabine começa a subir as escadas enquanto eu corro freneticamente, tentando arrumar o quarto antes de me jogar na frente da escrivaninha e tentar parecer ocupada. — Ainda está acordada? — ela pergunta, enfiando a cabeça pela porta. Mesmo com a roupa amarrotada, o cabelo sem brilho e os olhos um pouco vermelhos e cansados, sua aura estava lá, irradiando um belo tom de verde.

— Eu estava terminando o dever de casa — digo, empurrando o laptop como se o estivesse usando.

— Você comeu? — Ela se apoia no batente da porta, com os olhos apertados e desconfiados, e sua aura, o detector de mentiras portátil que ela carrega involuntariamente para onde quer que vá, vem na minha direção.

— Claro — respondo, afirmando com a cabeça e sorrindo, me esforçando para parecer sincera. Mas a verdade é que meu rosto entrega que estou mentindo.

Odeio ter que mentir. Especialmente para ela. Depois de tudo o que fez por mim, acolhendo-me após o acidente em que toda a minha família morreu. Ela não tinha obrigação de fazer nada disso. O fato de ser minha única parente viva não significa que não pudesse dizer não. E, pode acreditar, há muitos momentos em que ela provavelmente desejaria ter feito de outro modo. Sua vida era bem menos complicada antes de eu chegar.

Estou me referindo a algo além daquela bebida vermelha. — Ela aponta com a cabeça para a garrafa em minha escrivaninha, o líquido vermelho e opaco com o estranho sabor amargo que eu já não odeio tanto quanto antes. O que é bom, já que, segundo Damen, terei que tomá-lo pelo resto da eternidade. Não que eu *não possa* comer comida de verdade, mas eu não sinto mais

vontade. Meu suco da imortalidade fornece todos os nutrientes de que preciso. E não importa a quantidade que eu beba, sinto-me sempre saciada.

Mas sei o que ela está pensando. E não apenas porque posso ler seus pensamentos, mas porque eu costumava pensar a mesma coisa sobre Damen. Eu realmente me irritava quando ele ficava empurrando a comida no prato, apenas *fingindo* comer. Quer dizer, isso até eu descobrir seu segredo.

— Eu, bem... Eu comi alguma coisa mais cedo — digo finalmente, tentando não pressionar meus lábios, desviar o olhar ou me encolher; todas as coisas que geralmente me entregam. — Com Miles e Haven — continuo, esperando que isso explique a falta de louça suja, mesmo sabendo que dar muitos detalhes não é bom, é como acender um luminoso vermelho com a inscrição MENTIROSA! Sem contar que Sabine é advogada, uma das melhores da firma em que trabalha, e isso faz com que ela seja incrivelmente boa em descobrir uma fraude. Embora ela prefira guardar esse dom para a vida profissional. Na vida pessoal, ela escolhe acreditar.

Menos hoje. Hoje ela não está acreditando em uma palavra do que eu digo. Ela apenas olha para mim e fala:

— Estou preocupada com você.

Eu me viro para ficar de frente para Sabine, esperando parecer aberta, pronta para ouvir o que ela tem a dizer, mesmo estando bastante nervosa.

— Estou bem — digo a ela, sorrindo para que não desconfie de nada. — Sério. Estou tirando boas notas; saindo com meus amigos; Damen e eu estamos... — Faço uma pausa, percebendo que nunca cheguei a falar com ela sobre meu relacionamento, nunca o defini, praticamente o guardei apenas para mim. E a verdade é que, agora que comecei, não sei bem como terminar.

Quer dizer, considerar que somos namorados soa trivial e inadequado quando nosso passado, presente e futuro são levados em conta, porque claramente nossa história faz com que sejamos muito mais do que isso. Mas não vou sair por aí anunciando que somos parceiros para toda a eternidade ou almas gêmeas; o fator *eca* seria muito alto. E, na verdade, eu realmente prefiro não ter que definir nada. Já estou bem confusa do jeito que está. Além disso, o que eu diria a ela? Que nos amamos há séculos, mas ainda não passamos das preliminares?

— Bem, Damen e eu estamos... Muito bem — concluo finalmente, engolindo em seco ao perceber que falei *muito bem* em vez de *ótimos*, o que deve ter sido a primeira verdade que disse o dia todo.

— Então ele *esteve* aqui. — Ela coloca a pasta de couro marrom no chão e olha para mim. Ambas estamos completamente cientes de como caí facilmente em sua armadilha de advogada profissional.

Eu confirmo com a cabeça, mentalmente me amaldiçoando por insistir em que ficássemos aqui e não na casa de Damen, como ele havia sugerido.

— Eu achei ter visto o carro dele passar correndo. — Ela desvia o olhar para minha cama desarrumada, com os travesseiros fora do lugar e o edredom bagunçado, e quando se vira e olha para mim não consigo evitar e me encolho especialmente quando sinto o que ela está prestes a dizer.

— Ever — ela suspira —, me desculpe por não estar sempre em casa e por não passarmos mais tempo juntas. Sei que parece que ainda estamos nos acostumando uma com a outra, mas quero que saiba que eu estou aqui para o que você precisar. Sempre que quiser falar com alguém... Pode contar comigo.

Eu aperto os lábios e confirmo com a cabeça, sabendo que ela ainda não terminou, mas esperando que, se eu ficar quieta e tranquila, aquela conversa acabe logo.

— Embora você ache que estou muito velha para entender o que você está vivendo, eu me lembro muito bem de como é ter a sua idade. Como pode ser avassaladora a pressão constante para ficar à altura de modelos, atrizes e outras imagens irreais que você vê na tevê.

Engulo em seco e evito seu olhar, tomando cuidado para não reagir de forma exagerada, não ir longe demais a minha defesa, porque é muito melhor que ela acredite nisso do que suspeite da verdade.

Desde que eu fui expulsa da escola, Sabine passou a me observar mais de perto, e depois que ela comprou uma pilha de livros de autoajuda, que vão de *Como criar um adolescente equilibrado em tempos desequilibrados como estes* a *Seu adolescente e a mídia (e o que você pode fazer a respeito!)*, ficou zilhões de vezes pior. Ela sublinha e destaca todos os comportamentos adolescentes mais críticos e depois me analisa, procurando sintomas.

— Quero que você saiba que é uma garota linda, muito mais bonita do que eu era na sua idade, e que ficar passando fome para competir com todas essas celebridades magricelas que passam metade da vida entrando e saindo

de clínicas de reabilitação não é apenas um objetivo insensato e inatingível, mas também pode deixá-la doente. — Ela me olha incisivamente, querendo desesperadamente chegar até mim, esperando que suas palavras me toquem. — Quero que saiba que você é perfeita exatamente do jeito que é, e me dói vê-la passar por isso. E se isso tem a ver com Damen, bem, tudo o que eu tenho a dizer é...

— Eu não sou anoréxica.

Ela olha para mim.

— Eu não sou bulímica, não estou fazendo nenhuma dieta maluca da moda, não estou passando fome, não estou me esforçando para usar roupas tamanho zero e não quero ficar parecida com uma das gêmeas Olsen. Sério, Sabine, eu tenho a *aparência* de alguém que está definhando? — Fico de pé, permitindo uma visão geral de todo o meu esplendor nos jeans justos, porque, se for para parecer alguma coisa, estou mais para o oposto. Acho que meu corpo está se desenvolvendo em um ritmo muito bom.

Ela me examina. Examina *de verdade*. Começando do topo da minha cabeça e descendo até os dedos do pé, demorando-se em meus tornozelos brancos, à mostra desde que descobri que minha calça jeans favorita tinha ficado muito curta e precisei dobrá-la para disfarçar.

— É que eu pensei... — Ela dá de ombros, sem saber ao certo o que dizer agora que a prova apresentada aponta claramente para o veredicto de *inocente*. — Nunca mais vi você comendo... E como você está sempre tomando esse líquido vermelho...

— E então foi logo pensando que eu tinha passado de adolescente alcoolizada a anoréxica? — Eu rio para que ela perceba que não estou chateada; talvez um pouco irritada, mais comigo do que com ela. Eu devia ter fingido um pouco melhor. Pelo menos devia *ter fingido* que comia. — Você não tem nada com o que se preocupar. — Sorrio. — Verdade. E só para esclarecer, não tenho intenção de usar e/ou vender drogas, fazer experimentos em meu corpo, me cortar, me marcar, me submeter a escarificação, colocar piercings ou o que mais estiver na lista desta semana dos *Dez piores desvios de comportamento para se observar em adolescentes*. E só para constar, não bebo esse líquido vermelho para tentar ficar magra como as celebridades nem para agradar Damen. Eu gosto, é só isso. Além disso, tenho certeza de que Damen me ama e me aceita exatamente do jeito que... — Eu paro de falar, sabendo que acabei de

iniciar outro assunto completamente diferente, no qual não quero tocar. E antes mesmo que ela consiga dizer o que está pensando, eu levanto a mão e digo: — E *não, não* foi isso o que eu quis dizer. Damen e eu... — *estamos ficando, estamos saindo, somos namorados, temos uma amizade colorida, temos uma ligação eterna.* — Bem, estamos juntos. Você sabe, comprometidos, como um casal. Mas *não estamos* dormindo juntos.

Ainda.

Ela olha para mim com uma expressão de incômodo e desconforto, exatamente como me sinto. Nenhuma de nós quer se aprofundar nesse assunto, mas, diferentemente de mim, ela sente que é seu dever.

— Ever, eu não estava insinuando... — Sabine começa a falar. Mas então olha novamente para mim, e eu olho para ela, e ela dá de ombros, e resolve parar de falar, embora nós duas saibamos o que ela estava insinuando. Fico tão aliviada com o fim da conversa, e por ter me safado com relativa facilidade, que sou pega totalmente de surpresa quando ela diz:

— Bem, já que você parece gostar tanto desse rapaz, acho que eu deveria conhecê-lo. Vamos marcar um jantar. O que você acha desse final de semana?

Esse final de semana?

Engulo em seco e olho para ela, sabendo exatamente o que está planejando, querendo matar dois coelhos com uma refeição só. Sabine encontrou a oportunidade perfeita para me ver engolir um prato cheio de comida, enquanto coloca Damen no banco das testemunhas para poder interrogá-lo como preferir.

— Seria ótimo, mas a peça do Miles é na sexta. — Esforço-me para manter a voz firme e segura. — E depois acho que vai ter uma festa... Deve acabar bem tarde... Então...

Ela faz um gesto com a cabeça, olhando bem nos meus olhos, com uma expressão tão misteriosa e sagaz que me faz suar.

— Acho melhor deixarmos para outro dia — concluo, sabendo que mais cedo ou mais tarde teremos que passar por isso, mas esperando que seja bem mais tarde. Quer dizer, eu amo minha tia Sabine, e amo Damen, mas não sei se vou amar ver os dois juntos, especialmente quando começar o interrogatório.

Ela me olha por um instante, faz um sinal positivo com a cabeça e sai. Quando consigo respirar, ela olha por sobre o ombro e diz:

— Bem, a sexta-feira certamente está descartada, mas ainda temos o sábado. Por que não diz a Damen para chegar às oito?

Três

Apesar de ter perdido a hora, ainda consigo sair e chegar à casa do Miles a tempo. Acho que é porque não demoro tanto para me arrumar agora que Riley não está mais por perto para me distrair. Ela costumava me perturbar sentando em cima da minha cômoda, vestindo uma de suas fantasias malucas de Halloween enquanto me perguntava sobre namorados e ria das minhas roupas, mas desde que a convenci a seguir em frente, a cruzar a ponte e ir para onde nossos pais e nossa cadela Buttercup a estavam esperando, nunca mais consegui vê-la.

O que quer dizer que ela estava certa. Eu só posso ver as almas que ficaram para trás, não as que passaram para o lado de lá.

E como sempre, quando penso em Riley, minha garganta fecha, meus olhos começam a arder e eu me pergunto se algum dia vou me acostumar com o fato de que ela foi embora. Quer dizer, foi embora para sempre, sem volta. Mas acho que agora já devo saber o suficiente sobre perdas para perceber que nunca deixamos de sentir a falta das pessoas... Apenas aprendemos a conviver com o enorme buraco deixado pela ausência daqueles que perdemos.

Enxugo os olhos e paro na entrada da casa de Miles, lembrando da promessa de Riley de que me mandaria um sinal, algo que me mostrasse que ela está bem. Mesmo que eu me apegue a essa promessa, esteja sempre alerta, procurando com afincos algum indício de sua presença, até agora nada.

Miles abre a porta, e quando começo a dizer *oi*, ele me interrompe e diz:

— Não fale nada. Só olhe para a minha cara e diga o que você vê. Qual é a primeira coisa que você nota? E *não* minta.

— Seus belos olhos castanhos — digo, ouvindo os pensamentos em sua mente e desejando, não pela primeira vez, poder ensinar a meus amigos como bloquear seus pensamentos e fazer com que todas as coisas particulares continuem sendo particulares. Mas isso significaria divulgar que posso ler mentes, ver auras e que tenho sensibilidade paranormal; e eu não posso fazer isso. Miles balança a cabeça e entra no carro, abaixando-se diante do espelho retrovisor para inspecionar seu queixo.

— Você é uma mentirosa. Olhe, está bem aqui! Como um farol vermelho e brilhante impossível de ser escondido, então nem tente fingir que não está vendo.

Eu olho para ele enquanto dirijo, vendo a espinha que ousou brotar em seu rosto, mas é o esmalte rosa brilhante que chama a minha atenção.

— Belas unhas — rio.

— É para a peça. — Ele dá um sorrisinho afetado, ainda olhando para a espinha. — Não posso acreditar! É como se eu estivesse desmoronando logo agora que tudo estava tão perfeito. Os ensaios foram ótimos, eu decorei todas as minhas falas e também as de todos os outros... Achei que estava totalmente, completamente preparado, e agora aparece *isso!* — Ele dá um tapinha na cara.

— É porque você está nervoso — digo, olhando de relance para ele quando o sinal fica verde.

— Exatamente! — Ele confirma com a cabeça. — O que só prova como sou amador. Os profissionais, os *verdadeiros* profissionais não ficam nervosos. Eles simplesmente entram em sua zona de criatividade e... *Criam*. Talvez eu não tenha nascido para isso. — Ele me encara com o rosto tenso de preocupação. — Talvez eu tenha conseguido o papel principal apenas por um golpe de sorte.

Eu o encaro de volta, lembrando o que Drina disse sobre ter entrado na cabeça do diretor para que ele notasse Miles. Mas mesmo que seja verdade, não significa que ele não possa dar conta do recado, não significa que ele não tenha sido o melhor.

— Isso é ridículo. — Eu balanço a cabeça. — Milhares de atores ficam nervosos, têm medo do palco, essas coisas. Sério. Você não acreditaria em algumas das histórias que Riley costumava... — Eu paro, olhos arregalados, boquiaberta, sabendo que não posso terminar aquela frase de jeito nenhum. Não posso divulgar as histórias descobertas por minha irmãzinha morta que costumava espionar a elite de Hollywood. — E, de qualquer forma, você não usa, tipo, uma tonelada de maquiagem?

Ele me dá uma olhada.

— É. E daí? O que você quer dizer com isso? A peça é na sexta-feira, que, para sua informação, é *amanhã*. Isso aqui *nunca* vai sair até lá.

— Pode ser. — Dou de ombros. — Mas o que eu quis dizer é... Você não pode usar maquiagem para cobrir isso?

Miles revira os olhos e faz cara feia.

— Ah, claro, muito melhor sair por aí com um negócio gigante, só que cor da pele. Você não está vendo essa coisa? Não tem como disfarçar. Ela tem DNA próprio! Está fazendo sombra!

Entro no estacionamento da escola, procurando minha vaga de sempre, aquela que fica ao lado do reluzente BMW preto de Damen. E quando olho novamente para Miles por alguma razão me sinto inclinada a tocar seu rosto. Como se meu dedo indicador fosse inexplicavelmente atraído para a espinha em seu queixo.

— O que você está fazendo? — ele pergunta, contraindo-se e empurrando meu braço.

— Apenas... Fique quieto — sussurro, sem ter a mínima ideia do que estou fazendo, ou do motivo de estar fazendo aquilo. Tudo o que sei é que meu dedo tem um destino definido em mente.

— Não vai... *Não toque nessa coisa!* — ele grita, no exato momento em que encosto em sua pele. — Ah, que ótimo. Agora deve estar duas vezes maior.

— Ele balança a cabeça e desce do carro, e eu não consigo conter o desapontamento quando vejo que a espinha ainda está lá.

Acho que eu esperava ter desenvolvido algum tipo de poder de cura. Desde que Damen me disse, logo depois que decidi aceitar meu destino e começar a tomar o suco da imortalidade, que eu passaria por algumas mudanças — de superpoderes paranormais (o que não me animou muito) a capacidades físicas superdesenvolvidas (o que certamente seria útil nas aulas de educação física), ou alguma coisa totalmente diferente (como a habilidade de curar outras pessoas, que era a minha preferida, porque seria muito legal) —, fico à espera de algo extraordinário. Mas até agora tudo o que ganhei foram dois centímetros e meio de perna, o que não muda nada para mim além do fato de eu precisar de uma nova calça jeans. E isso provavelmente aconteceria de qualquer forma.

Pego minha mochila e saio do carro. Meus lábios encontram os de Damen no instante em que ele chega ao meu lado.

— Ah, fala sério. Por quanto tempo vão continuar com isso? — Afastamo-nos e olhamos para Miles.

— Isso mesmo, estou falando com vocês. — Ele aponta o dedo. — Ficam de beijinhos, abraçinhos, sem contar que estão sempre cochichando bobagens

românticas. — Ele balança a cabeça e aperta os olhos. — Sérico. Esperava que já tivessem passado dessa fase. Não me entendam mal, estamos todos muito felizes por Damen estar de volta à escola, por vocês terem se reencontrado e porque provavelmente vão viver felizes para sempre. Mas, realmente, não acham que é hora de dar uma diminuída nisso? Porque certas pessoas não estão tão felizes quanto vocês. *Certas pessoas* estão um pouco infelizes no amor.

— Você está infeliz no amor? — Eu rio, nem um pouco ofendida pelas coisas que ele acabou de dizer, sabendo que tem muito mais a ver com sua ansiedade pela proximidade da peça do que com Damen e comigo. — O que aconteceu com Holt?

— Holt? — Ele hesita. — Não repita esse nome! Nem pense em tocar nesse assunto, Ever! — Ele balança a cabeça e vira as costas, indo na direção de Haven, que espera no portão.

— O que aconteceu com Miles? — pergunta Damen, pegando minha mão e entrelaçando seus dedos nos meus, olhando-me com olhos que ainda me amam, apesar do que aconteceu ontem.

— A peça estreia amanhã. — Dou de ombros. — Ele está super nervoso, acordou com uma espinha no queixo e, é claro, decidiu descontar tudo na gente — respondo, observando Miles pegar Haven pelo braço e arrastá-la para a aula.

— Não estamos falando com esse casal — ele diz, olhando por sobre o ombro e franzindo a testa para nós. — Estamos em greve até eles pararem de agir como dois pombinhos, ou até essa espinha gigante desaparecer; o que vier primeiro — ele confirma com a cabeça, brincando, mas no fundo falando a verdade.

Haven ri e sai junto com ele, enquanto Damen e eu vamos para a aula de inglês. Passamos por Stacia Miller, que sorri para ele e depois tenta fazer com que eu tropece.

Mas assim que ela derruba sua pequena bolsa em meu caminho, com a esperança de me fazer cair de cara no chão, eu *vejo* a bolsa se levantando e *sinto* que ela bate... Bem no joelho de Stacia. E embora eu também tenha sentido a dor, fico feliz por ter feito aquilo.

— Aiiiii! — ela geme, esfregando o joelho e olhando para mim, furiosa, mesmo sem provas de que eu tenha feito qualquer coisa.

Eu apenas a ignoro e vou para o meu lugar. Estou cada vez melhor em ignorá-la. Desde que ela fez com que eu fosse suspensa por beber na escola, tenho feito de tudo para ficar fora do seu caminho. Mas às vezes... Às vezes eu não consigo me segurar.

— Você não devia ter feito isso — Damen sussurra, tentando fazer cara de bravo enquanto se inclina na minha direção.

— Ah, por favor. É você que fica insistindo para eu praticar as materializações. — Dou de ombros. — Parece que as aulas finalmente estão começando a dar resultado.

Ele olha para mim, balançando a cabeça enquanto diz:

— Está vendo, é ainda pior do que pensei. Para sua informação, aquilo que você acabou de fazer foi telecinesia, e *não* materialização. Percebe quanto ainda precisa aprender?

— *Tele-quê?* — Olho de soslaio, alheia ao termo, embora o ato em si tenha sido realmente divertido.

Ele pega minha mão, com um sorriso no canto dos lábios, e diz:

— Eu estava pensando...

Olho para o relógio e vejo que já são nove e cinco e sei que o sr. Robins só agora está saindo da sala dos professores.

— O que acha de irmos na sexta-feira à noite a um lugar... Especial? — Ele sorri.

— Como Summerland? — Olho para Damen, arregalando os olhos enquanto meu pulso acelera. Eu estava morrendo de vontade de voltar àquele lugar mágico, místico. A dimensão entre as dimensões, onde posso materializar oceanos e elefantes e mover coisas muito maiores do que bolsas Prada. Só que preciso de Damen para chegar até lá.

Mas ele apenas ri e nega com a cabeça.

— Não, não é Summerland. Mas um dia a gente volta lá, eu prometo. Eu estava pensando em algo mais como... Não sei. Algo como o Montage, ou talvez o Ritz. — Ele levanta as sobrancelhas.

— Mas a peça do Miles é na sexta, e eu prometi que a gente estaria lá! — digo, percebendo logo em seguida que tinha convenientemente esquecido da estreia de Miles em *Hairspray* quando achei que iríamos para Summerland. Mas agora que Damen queria me levar para um dos hotéis mais badalados da região, recuperei minha memória.

— Certo. E depois da peça? — ele propõe. Mas quando olha para mim, quando vê como eu hesito, como aperto os lábios e procuro uma forma educada de recusar, ele acrescenta. — Ou não... Foi apenas uma ideia.

Fixo o olhar nele, sabendo que preciso aceitar, que eu *quero* aceitar. Ouvindo a voz em minha mente gritar: *Diga sim! Diga sim! Você prometeu para si mesma que daria um salto à frente sem olhar para trás, e agora é sua chance... Então vá em frente e dê logo esse passo! APENAS! DIGA! SIM!*

Mesmo estando convencida de que é hora de seguir adiante, mesmo amando Damen profundamente e estando determinada a esquecer seu passado e dar o próximo passo, o que sai da minha boca é completamente diferente.

— Vamos ver... — digo, desviando o olhar e prestando atenção na porta, bem quando o sr. Robins entra.

Quatro

Quando o sinal da quarta aula finalmente toca, eu levanto do meu lugar e me aproximo do sr. Munoz.

— Tem certeza de que terminou? — ele pergunta, olhando por cima de uma pilha de papéis. — Se precisar, pode ficar mais alguns minutos.

Olho para a folha e faço que não com a cabeça, imaginando o que ele faria se soubesse que eu terminei a prova uns quarenta e cinco segundos depois que ele a entregou, e depois passei os cinquenta minutos seguintes apenas fingindo que estava concentrada.

— Está tudo certo — digo a ele, sabendo que é verdade. Uma das vantagens de ter poderes paranormais é que não preciso mais estudar. Eu meio que simplesmente *sei* todas as respostas. E mesmo que às vezes seja tentador dar uma de gênio e gabaritar todas as provas, acumulando uma série de notas perfeitas, eu normalmente tento me conter e errar algumas, porque é importante não abusar.

Ou pelo menos é o que diz Damen. Ele está sempre me lembrando de como é importante não dar muita bandeira, para pelo menos passar a *impressão* de ser normal. Mesmo que a gente seja tudo, menos normal. A primeira vez que ele me disse isso, foi impossível não me lembrar da enorme quantidade de tulipas que materializava quando nos conhecemos. Mas ele disse apenas que certas concessões precisavam ser feitas em suas tentativas de me conquistar, e que aquilo se estendeu por mais tempo do que o necessário porque eu não me dei o trabalho de procurar o verdadeiro significado das flores, *amor eterno*, até ser quase tarde demais.

Entreguei a prova para o sr. Munoz, contraindo-me involuntariamente quando as pontas de nossos dedos se tocaram. Mesmo que o toque tenha sido muito leve, foi o suficiente para me *mostrar* muito mais do que eu precisava saber, revelando uma visão bastante clara de toda a sua manhã. Tudo, desde o apartamento incrivelmente bagunçado, com a mesa da cozinha entulhada de embalagens de comida pronta e várias versões do manuscrito no qual ele vem trabalhando nos últimos sete anos, até ele cantando "Born to Run" a plenos pulmões enquanto tentava encontrar uma camisa limpa, antes de seguir para a

Starbucks, onde trombou com uma loura que derramou seu *chai latte* gelado nele, resultando em uma mancha fria, molhada e irritante, que a simples visão do belo sorriso da moça pareceu apagar. Um sorriso glorioso que ele parece não conseguir esquecer. Um sorriso glorioso que... Pertence à *minha tia!*

Quer esperar até eu corrigir?

Respondo que sim com a cabeça, praticamente hiperventilando enquanto tento prestar atenção em sua caneta vermelha. Repassando a cena que acabei de ver em minha mente, sempre chegando à mesma terrível conclusão: *meu professor de história está a fim da tia Sabine!*

Não posso deixar isso acontecer. Não posso deixar que ela volte lá *nunca* mais. Afinal, só porque eles são inteligentes, atraentes e solteiros, não quer dizer que precisem namorar.

Fico lá parada, estática, sem conseguir respirar, lutando para bloquear os pensamentos na mente do sr. Munoz ao me concentrar na ponta da caneta. Observando enquanto ele deixa um rastro de pequenos pontos vermelhos que se transformam em marcas nas questões dezessete e vinte e cinco, justamente como eu havia planejado.

— Apenas duas erradas. Muito bom! — Ele sorri, passando os dedos na mancha em sua camisa, imaginando se algum dia vai encontrar *aquela mulher* de novo. — Quer saber as respostas certas?

Ah, não mesmo, penso, ansiosa para ir embora o mais rápido possível, e não apenas para chegar à mesa do refeitório e encontrar Damen, mas com medo de que sua fantasia resolva continuar de onde o obriguei a parar.

E sabendo que o normal seria parecer pelo menos um pouco interessada, respiro fundo, sorrio e digo que sim com a cabeça como se não quisesse nada mais no mundo. E quando ele me entrega a folha de respostas, sigo atuando e digo:

— Ah, veja só, errei a data. É óbvio! Como eu pude errar isso? — Mas ele apenas concorda com a cabeça, porque seus pensamentos já estão de novo na loura, também conhecida como: *a única mulher em todo o universo que ele está totalmente proibido de namorar!* Ele imagina se ela estará lá amanhã, na mesma hora e no mesmo lugar.

A ideia de professores com desejo me enoja em geral, mas esse professor em particular desejando alguém que é praticamente *como uma mãe para mim* simplesmente não dá para aguentar.

Então me lembro da visão que tive há alguns meses de Sabine namorando um bonitão do prédio onde trabalha. E como Munoz trabalha *aqui*, e Sabine trabalha *lá*, percebo que não há chances de meus dois mundos colidirem. Mas caso eu esteja errada, ainda consigo dizer:

— Hum, talvez tenha sido uma feliz coincidência.

Ele olha para mim com expressão de dúvida, tentando entender o que eu disse.

Mesmo sabendo que fui longe demais, mesmo sabendo que estou prestes a dizer algo totalmente anormal, realmente sinto que não tenho muita escolha. Não posso conceber que meu professor de história namore minha tia. Não posso tolerar isso. Simplesmente não posso.

Então eu aponto para a mancha em sua camisa e acrescento:

— O senhor sabe, *ela*, a moça do *chai latte* gelado — confirmo, vendo o olhar assustado em seu rosto. — Duvido que ela volte. Ela não vai lá com tanta frequência.

E antes que eu possa dizer algo que não só vai acabar com seus sonhos como também confirmar a completa extensão da minha bizarrice, coloco a mochila nas costas e corro para a porta, ignorando o resto da energia do sr. Munoz enquanto sigo para a mesa onde Damen está esperando, ávida para estar com ele novamente depois de três longas horas separados.

Mas, quando chego, a recepção não é exatamente o que eu esperava. Há um garoto novo sentado ao lado dele, bem no meu lugar, monopolizando tanto a atenção de Damen que ele mal nota minha presença.

Inclino-me na beirada da mesa, observando todos gargalharem com algo que o cara novo disse. Não querendo interromper ou parecer grosseira, sento-me do outro lado, de frente para Damen.

— Ai meu Deus, você é *tão* engraçado! — diz Haven, inclinando-se para frente e tocando de leve a mão do novato. Ela sorri de uma forma que deixa claro que seu novo namorado, Josh, que ela diz ser sua alma gêmea, foi temporariamente esquecido. — Que pena que perdeu, Ever, ele é *tão* hilário que Miles até esqueceu-se de encanar com a espinha!

— Obrigado por lembrar. — Miles faz cara feia e procura a pereba com o dedo. Só que ela não está mais lá.

Seus olhos se arregalam, olhando para cada um de nós em busca da confirmação de que sua espinha do tamanho de um mamute, a maldição de

sua vida durante toda a manhã, realmente desapareceu. E eu não consigo deixar de cogitar que o desaparecimento repentino seja por minha causa, porque eu toquei o queixo de Miles quando chegamos, no estacionamento da escola. Isso significaria que eu realmente tenho poderes mágicos de cura. Mas logo depois que concluo meu pensamento o garoto novo diz:

— Eu disse que ia funcionar. Esse negócio é ótimo. Pode ficar com o resto, caso a espinha volte a aparecer.

E eu aperto os olhos, imaginando como ele teve tempo suficiente para intervir nos problemas de pele de Miles se eu nunca nem o vi antes.

— Dei uma pomada para ele usar — diz, virando-se para mim. — Eu e Miles fazemos a primeira aula juntos. A propósito, meu nome é Roman.

Olho para ele, captando a aura amarela brilhante que gira em torno de seu corpo, com os contornos aumentados, atraentes, como um amigável abraço em grupo. Mas quando capto seus profundos olhos azul-escuros, a pele bronzeada, o cabelo louro e rebelde e as roupas descontraídas, descoladas na medida certa... Apesar da aparência atraente, minha primeira reação é fugir. Mesmo quando ele dá um daqueles sorrisos lânguidos, serenos, que fazem o coração parar, fico tão inquieta que não consigo retribuir.

— E você deve ser a Ever — ele diz, retirando a mão, que eu nem havia percebido que estava estendida e esperando ser cumprimentada até ele recolhê-la.

Olho para Haven, que está claramente horrorizada com a minha grosseria, e depois para Miles, ocupado demais se olhando no espelho para notar minha mancada. Mas quando Damen enfia o braço embaixo da mesa e aperta meu joelho, eu limpo a garganta, olho para Roman, e digo:

— Hum, sim, sou a Ever.

Ele dá aquele sorriso novamente, mas não adianta. Isso só faz com que meu estômago fique revirado e embrulhado.

— Parece que temos muita coisa em comum — ele diz, embora eu não consiga imaginar o que poderia ser. — Sento duas fileiras atrás de você na aula de história. Do jeito que estava pensando para resolver a prova, imagino que deva odiar história quase tanto quanto eu.

— Eu não odeio história — digo, só que a resposta vem muito rápido, de forma muito defensiva, em um tom tão ríspido que faz com que todo mundo me encare. Então olho para Damen, procurando alguma confirmação, certa

que não posso ter sido a única a sentir o fluxo instável de energia que começa em Roman e vem direto para mim.

Mas ele apenas dá de ombros e toma um gole de sua bebida vermelha como se tudo estivesse perfeitamente normal e ele não tivesse percebido nada.

Então me viro novamente para Roman e vasculho sua mente, extraindo uma corrente constante de pensamentos inofensivos que, embora sejam levemente juvenis, são essencialmente benignos. O que quer dizer que o problema deve ser comigo.

— Sério? — Roman ergue as sobrancelhas e se inclina na minha direção

— Toda aquela coisa de analisar o passado, explorar locais e datas de muito tempo atrás, estudar a vida de pessoas que viveram há séculos e hoje são totalmente irrelevantes... Isso não incomoda você? Não te dá um tédio mortal?

Apenas quando essas pessoas, lugares e datas dizem respeito ao meu namorado e aos seus seiscentos anos de boemia!

Mas não digo o que acabei de pensar. Em vez disso, apenas dou de ombros e digo:

— Eu fui bem na prova. Na verdade, estava fácil. Acertei tudo. — Ele me olha de cima a baixo, sem deixar um centímetro de fora.

— Bom saber. — Sorri. — Munoz deu o fim de semana para eu me atualizar na matéria, talvez você possa me dar umas aulas.

Olho para Haven, vendo seus olhos escurecerem e sua aura adquirir um invejoso tom verde-vômito, depois para Miles, que esqueceu da espinha e está mandando mensagens de texto para Holt. E finalmente olho para Damen, alheio a nós, com o olhar distante, concentrado em algo que não consigo ver. Mesmo sabendo que estou sendo ridícula, que todo mundo parece gostar dele e que eu deveria fazer o que puder para ajudá-lo, encolho os ombros e digo:

— Tenho certeza de que não será necessário. Você não precisa de mim.

— Sou incapaz de ignorar o arrepio que sinto na pele e a dor aguda em meu estômago quando seus olhos encontram os meus. Revelando uma impecável fileira de dentes brancos, ele diz:

— Legal da sua parte me dar o benefício da dúvida, Ever. Embora eu não tenha certeza de que deva fazer isso.

Cinco

— Qual é o problema com você e o garoto novo? — pergunta Haven, ficando para trás enquanto todos se dirigem às salas de aula.

— Nada. — Desvencilho-me de sua mão e acelero o passo. A energia de Haven me atravessa enquanto observo Roman, Miles e Damen rindo e agindo como velhos amigos.

— Ah, faça-me o favor. — Ela revira os olhos. — É óbvio que você não gosta dele.

— Isso é ridículo — digo, os olhos fixos em Damen, meu lindo e glorioso namorado/alma gêmea/parceiro eterno/companheiro (realmente preciso encontrar a palavra certa) que mal falou comigo desde a aula de inglês, no começo da manhã. E espero que não seja pelo motivo que estou imaginando... Por causa do meu comportamento de ontem e da minha recusa em aceitar sua proposta para o fim de semana.

—Estou falando sério. — Ela olha para mim. — É como... É como se você odiasse gente nova ou algo do tipo. — Aquilo saiu de um modo muito mais gentil do que as palavras que ela realmente tinha em mente.

Aperto os lábios e me volto para frente, resistindo à vontade de revirar os olhos.

Mas ela simplesmente me encara; a mão na cintura, os olhos com maquiagem pesada apertados debaixo da faixa vermelha em sua franja.

— Se eu bem me lembro, e nós duas sabemos que minha memória é boa, você odiava o Damen quando ele chegou à escola.

— Eu não *odiava* o Damen — digo, revirando os olhos, apesar de ter prometido que não o faria. E penso: *Correção, eu apenas passei a impressão de odiar Damen. A verdade é que eu o amei desde o início. Bem, a não ser por aquele breve período em que realmente o odiei. Mas, mesmo naquela ocasião, eu o amava. Só não queria admitir...*

— Sei... Desculpe, mas tenho que discordar — diz Haven, com o cabelo habilmente despenteado caindo no rosto. — Lembra que não o convidou para sua festa de Halloween?

Eu suspiro, completamente perturbada com tudo isso. Tudo o que quero é chegar à minha sala de aula e fingir que estou prestando atenção enquanto troco mensagens instantâneas telepáticas com Damen.

— Sim, e não sei se você se lembra, mas aquela também foi a noite em que ficamos juntos — digo finalmente, arrependendo-me no instante em que termino de falar. Foi Haven quem nos encontrou aos beijos perto da piscina e aquilo partiu seu coração.

Mas ela apenas ignora, mais determinada a provar seu ponto de vista do que a revisitar o passado.

— Talvez você esteja com ciúmes porque Damen tem um novo amigo. Sabe, outra pessoa, alguém além de você.

— Isso é ridículo — digo, rápido demais para soar convincente. — Damen tem muitos amigos — acrescento, mesmo que nós duas saibamos que não é verdade.

Ela olha para mim com os lábios cerrados, completamente impassível. Mas agora que cheguei até aqui, não tenho outra escolha a não ser continuar. Então digo:

— Ele tem você, Miles e... — *E eu*, eu penso, mas não quero dizer porque a lista é pequena e triste demais, exatamente o que ela queria provar. E a verdade é que Damen nunca fica com Haven e Miles quando eu não estou junto. Ele passa todo o tempo livre comigo. E quando não estamos juntos, ele me manda uma onda de pensamentos e imagens para compensar a distância. É como se estivéssemos sempre conectados. E, devo admitir, gosto disso. Porque só com Damen posso ser quem sou de verdade: uma pessoa que lê pensamentos, sente energias e vê espíritos. Apenas com Damen posso baixar a guarda e ser eu mesma.

Mas quando olho para Haven não consigo deixar de pensar que ela talvez esteja certa. Talvez eu esteja com ciúmes. Talvez Roman seja realmente só um cara legal que mudou para uma escola nova e quer fazer novos amigos, e não a ameaça assustadora que eu achei que fosse. Talvez eu tenha mesmo ficado tão paranóica, enciumada e possessiva que presumi que, só porque Damen não estava tão concentrado em mim como de costume, eu estivesse prestes a ser substituída. E se for o caso, bem, é patético demais para admitir. Então apenas balanço a cabeça, finjo um sorriso e digo:

— Mais uma vez, isso é ridículo. Tudo isso é ridículo demais. — E tento agir como se realmente achasse isso.

— Ah, é? Mas e a Drina? Como você explica *aquilo*? — Ela dá um risinho forçado e diz: — Você a odiou desde a primeira vez que a viu, nem tente negar. E quando descobriu que ela conhecia o Damen, passou a odiá-la ainda mais.

Sinto um arrepio quando ela diz isso. Não apenas por ser verdade, mas porque ouvir o nome da ex-mulher de Damen sempre me causa arrepios.

Não consigo evitar, é mais forte do que eu. Mas não tenho ideia de como explicar isso a Haven. Tudo o que ela sabe é que Drina fingiu ser sua amiga, largou-a em uma festa e desapareceu para sempre. Ela não faz ideia de que Drina tentou matá-la com a pomada venenosa que usou na tatuagem horrível que ela removeu recentemente do pulso, não faz ideia...

Ai meu Deus! A pomada! Roman deu a Miles uma pomada para a espinha! Eu sabia que havia algo estranho nesse garoto. Eu sabia que não era invenção da minha cabeça!

— Haven, que aula o Miles tem agora? — pergunto, rastreando o campus sem conseguir encontrá-lo, e com muita pressa para usar o sensoriamento remoto, que ainda não domino.

— Acho que é inglês, por quê? — Ela me olha de um jeito estranho.

— Nada, é que eu... Preciso ir.

— Certo. Não importa. Mas fique sabendo que eu ainda acho que você odeia conhecer gente nova! — ela grita.

Mas sua voz fica para trás. Eu já me mandei.

Saio correndo pelo campus, concentrando-me na energia de Miles e tentando sentir em que sala de aula ele está. Quando viro em um corredor e vejo uma porta à minha direita, sem pensar, entro com tudo.

— Posso ajudá-la? — pergunta o professor, afastando-se do quadro-negro com um pedaço de giz branco na mão.

Fico parada diante dos alunos, encolhendo-me enquanto algumas das puxa-sacos da Stacia zombam de mim e eu luto para recuperar o fôlego.

— Miles — digo com a respiração ofegante, apontando para ele. — Preciso falar com o Miles. É só um segundo — prometo, enquanto o professor cruza os braços e me lança um olhar duvidoso. — É importante — acrescento, olhando para Miles, que está de olhos fechados, balançando a cabeça.

— Presumo que tenha autorização para estar fora de sua sala — diz o professor, insistindo em seguir as regras.

E mesmo sabendo que aquilo pode deixá-lo irritado e acabar me prejudicando, não tenho tempo para ficar enrolando com toda a burocracia escolar criada para nos manter seguros, mas que nesse exato momento está me impedindo de tratar de um problema que claramente é uma questão de vida ou morte!

Ou pelo menos pode ser.

Não tenho certeza, mas queria ter uma chance de descobrir. Estou tão frustrada que apenas balanço a cabeça e digo:

— Ouça, você e eu sabemos que eu não tenho autorização para estar fora da minha sala, mas se fizer o favor de me deixar falar com o Miles aqui fora por um segundo prometo deixá-lo voltar bem rápido.

Ele olha para mim, analisando em sua mente todas as alternativas, todos os diferentes desfechos que tem à disposição: me expulsar de lá, me acompanhar até minha sala, me levar para a sala do diretor Buckley... Mas olha para Miles, suspira e diz:

— Está bem. Não demorem.

No instante em que saímos para o corredor e a porta se fecha atrás de nós, olho para Miles e digo:

— Anda, me dá aquela pomada.

— O quê? — Ele fica boquiaberto.

— A pomada. Aquela que o Roman trouxe. Pode me dar? Preciso dar uma olhada nela — digo a ele, estendendo a mão.

— Endoidou? — ele sussurra, olhando ao redor mesmo que não haja nada além de carpete, paredes cinzentas e nós dois no corredor.

— Você não tem ideia de como isso é sério — digo, olhando em seus olhos sem querer assustá-lo, mas disposta a fazê-lo se for preciso. — Anda logo, não temos o dia todo.

— Está na minha mochila. — Ele dá de ombros.

— Então vá buscá-la.

— Ever, sério. O que...?

Eu cruzo os braços e faço um sinal com a cabeça.

— Pode ir. Eu espero.

Miles balança a cabeça e desaparece dentro da sala. Ele volta um minuto depois com uma expressão azeda e um pequeno tubo branco na palma da mão.

— Aqui está. Está satisfeita agora? — Ele joga a pomada para mim.

Eu pego o tubo e o examino, girando-o entre o polegar e o indicador. É de uma marca que conheço, de uma loja que frequento. Não entendo como pode ser...

— Caso tenha esquecido, minha peça é amanhã, e eu realmente não preciso de todo esse drama e estresse justo agora. Então, se não se importa...

— Ele estende a mão, esperando que eu devolva a pomada para que possa voltar à aula.

Só que eu não quero devolvê-la agora. Estou procurando algum tipo de furo de agulha ou marca de perfuração, algo que prove que o tubo foi adulterado, que aquilo não é o que parece.

— Hoje no almoço, quando vi que você e Damen estavam diminuindo aquela agarrção toda, estava prestes a cumprimentá-la, mas agora parece que você encontrou alguma coisa ainda pior para fazer. Sério, Ever. Ou tira a tampa da pomada e usa logo ou me devolve isso já.

Mas eu não devolvo. Em vez disso, fecho os dedos ao redor do tubo e tento ler sua energia. Mas é mesmo apenas um estúpido creme para espinhas. Do tipo que realmente funciona.

— Terminou? — Ele franze a testa.

Dou de ombros e devolvo a pomada. Seria muita bondade da minha parte dizer que fiquei constrangida. Mas quando Miles enfia o tubo no bolso e segue na direção da porta, não consigo não perguntar:

— Então você percebeu? — As palavras passam quentes e grudentas por minha garganta.

— Percebi o quê? — Ele para, claramente irritado.

— A... Hum, a ausência de toda a *agarrção*?

Miles se vira, revirando os olhos de forma exagerada antes de olhar diretamente nos meus olhos:

— É, percebi. Achei que vocês tinham levado minha ameaça a sério.

Eu olho para ele.

— O que eu disse de manhã... Que eu e Haven estávamos em greve até vocês pararem com toda essa... — Ele balança a cabeça. — Não importa. Posso, por favor, voltar para a aula?

— Desculpe. — Confirmo com a cabeça. — Desculpe por...

Mas antes que eu termine de falar ele já se foi, e a porta se fechou com força ente nós dois.

Seis

Quando chego para a aula de artes fico aliviada ao ver que Damen já está lá. Como o sr. Robins nos manteve muito ocupados na aula de inglês e mal nos falamos na hora do almoço, estou ansiosa para passar algum tempo a sós com ele. Na medida do possível em uma sala com mais trinta alunos.

Depois de vestir o avental e pegar o material no armário, meu coração afunda quando vejo que, mais uma vez, Roman tomou meu lugar.

— Oi, Ever. — Ele me cumprimenta com a cabeça, colocando sua tela em branco no *meu* cavalete enquanto eu fico parada, segurando minhas coisas e olhando para Damen, tão envolvido com sua pintura que está completamente alheio a mim.

Estou prestes a falar para Roman cair fora quando me lembro das palavras de Haven dizendo que eu odeio gente nova. Temendo que ela possa estar certa, forço um sorriso e coloco minha tela no cavalete do outro lado de Damen, prometendo a mim mesma que chegarei mais cedo no dia seguinte para retomar meu lugar.

— Então, me digam. O que está rolando? — Roman pergunta com um forte sotaque e o pincel entre os dentes, alternando o olhar entre Damen e eu.

E tem mais essa. Normalmente, acho o sotaque britânico bastante atraente, mas o desse cara é simplesmente irritante. Deve ser porque é completamente artificial. Bem, é óbvio, já que ele só fala desse jeito quando quer parecer descolado.

Assim que concluo meu pensamento, sinto-me culpada novamente. Todo mundo sabe que se esforçar para parecer descolado é apenas mais um sinal de insegurança. E quem não se sentiria um pouco inseguro no primeiro dia nessa escola?

— Estamos estudando os *ismos* — digo, determinada a ser legal apesar do incômodo que sinto no estômago. — No mês passado pudemos escolher, mas agora todos estamos pintando no estilo do realismo fotográfico, porque ninguém escolheu esse tema da última vez.

Roman olha para mim, começando pela minha franja um pouco comprida e descendo até as minhas Havaianas douradas: um lento passeio

por todo o meu corpo que faz meu estômago revirar e ficar enjoado. Mas não de um jeito positivo.

— Certo. Então tem que parecer uma fotografia de verdade — diz ele olhando nos meus olhos.

Nossos olhos se encontram, e ele insiste em manter o olhar fixo por alguns segundos a mais do que o normal. Eu me recuso a apertar ou desviar os olhos primeiro. Estou determinada a permanecer no jogo pelo tempo que for necessário. E mesmo que aparente ser totalmente inofensivo na superfície, há algo nele que parece sombrio, ameaçador, como algum tipo de desafio.

Ou talvez não.

Porque logo depois que eu penso isso, ele diz:

— Essas escolas americanas são incríveis! Lá onde eu moro, na velha e úmida Londres... - ele pisca —, a teoria é sempre priorizada em detrimento da prática.

Logo fico envergonhada por tê-lo criticado em meus pensamentos. Aparentemente, não só ele é mesmo de Londres, o que significa que o sotaque é verdadeiro, mas Damen, cujos poderes paranormais são *bem* mais refinados que os meus, não parece nem um pouco alarmado.

Pelo contrário, ele parece gostar de Roman. O que é ainda pior para mim, porque na verdade prova que Haven estava certa.

Eu estou mesmo com ciúmes.

E sou possessiva.

E paranóica.

E, aparentemente, também odeio gente nova.

Respiro fundo e tento novamente, procurando ignorar o nó em minha garganta e o desconforto no estômago, determinada a soar amigável, mesmo que isso signifique fingir no começo.

— Você pode pintar o que quiser — digo, usando meu tom de voz otimista e amigável, o que na minha antiga vida, antes de toda a minha família morrer em um acidente de carro e Damen me salvar, tornando-me imortal, era o único tom de voz que eu usava. — Só tem que fazer com que pareça real, como uma fotografia. Na verdade, devemos usar uma fotografia de verdade para mostrar em que nos inspiramos e, é claro, para a nota. Você sabe, para provar que conseguimos fazer o que tínhamos planejado.

Olho para Damen, tentando imaginar se ele ouviu algo do que eu disse e ficando um pouco irritada por ele ter escolhido a pintura em vez de se comunicar comigo.

— E o que ele está pintando? — Roman pergunta, apontado com a cabeça para a tela de Damen, uma representação perfeita dos campos floridos de Summerland. A grama, cada gota d'água, cada pétala de flor, tudo tão iluminado, tão cheio de texturas, tão tangível... Que é como estar lá. — Parece o paraíso — ele diz.

— E é — sussurro, tão admirada com a pintura que acabo respondendo muito rápido, sem ter tempo para pensar no que acabei de dizer. Summerland não é apenas um lugar sagrado... É nosso lugar secreto. Um dos muitos segredos que prometi guardar.

Roman olha para mim com as sobrancelhas levantadas.

— Então esse lugar é real?

Mas antes que eu possa responder Damen balança a cabeça e diz:

— Bem que ela gostaria. Mas eu inventei, só existe na minha cabeça. — E, então, me lança um olhar, incluindo uma mensagem telepática que diz: *cuidado*.

— Então, como vai tirar uma nota boa se não tem uma foto para provar que o lugar existe? — pergunta Roman, mas Damen apenas dá de ombros e volta à pintura.

Mas com Roman ainda olhando para nós, com os olhos oblíquos e questionadores, sei que não posso deixar por isso mesmo. Então olho para ele e digo:

— Damen não gosta muito de seguir as regras. Ele prefere fazer suas próprias. — Lembrando de todas as vezes que ele me convenceu a matar aulas, apostar nos cavalos e coisas ainda piores.

Quando Roman se convence e volta para sua tela, e Damen me manda um buquê telepático de tulipas vermelhas, tenho certeza de que funcionou... Nosso segredo está a salvo e tudo está bem. Então mergulho meu pincel na tinta e volto ao trabalho, esperando ansiosamente pelo toque do sinal, para que possamos ir para a minha casa e começar as lições que me interessam de verdade.

Depois da aula, guardamos nossas coisas e seguimos para o estacionamento. Apesar de ter prometido ser legal com o cara novo, não contenho um sorriso quando vejo que ele estacionou do lado oposto.

— Até amanhã — grito, aliviada por distanciar-me dele, porque, apesar da paixão instantânea de todos por Roman, eu simplesmente não me sinto da mesma forma, não importa quanto tente.

Abro o carro, jogo minha mochila no piso e me inclino para sentar no banco enquanto digo para Damen:

— Miles tem ensaio e eu estou indo direto para casa. Quer me seguir?

Eu me viro, surpresa por encontrá-lo parado diante de mim, balançando de um lado para o outro com uma expressão tensa no rosto.

— Você está bem? — Coloco a palma da mão em seu rosto, sentindo se está quente ou suando, procurando algum sinal de desconforto, embora realmente não acredite que vá encontrar. Quando Damen balança a cabeça e olha para mim, por uma fração de segundo toda a cor imediatamente se esvai. Mas tudo volta ao normal em um piscar de olhos.

— Desculpe. É que... Minha cabeça está um pouco estranha — diz ele, apertando o dorso do nariz e fechando os olhos.

— Mas eu achei que você nunca ficasse doente, que *nós* nunca ficássemos doentes! — digo, incapaz de esconder minha preocupação enquanto pego a mochila. Imagino que um gole de suco da imortalidade faça com que ele se sinta melhor, uma vez que precisa beber muito mais do que eu. Não temos certeza do motivo, mas Damen acha que seis séculos tomando aquilo tenham resultado em algum tipo de dependência, exigindo que ele consuma mais e mais a cada ano que passa. O que provavelmente significa que em algum momento eu vou precisar de mais também. Mesmo parecendo faltar muito tempo para isso, eu espero que até lá ele me mostre como fazer o suco, assim não terei que incomodá-lo quando precisar de um refil.

Mas antes que eu consiga encontrar o frasco ele pega sua própria garrafa e toma um longo gole, puxando-me para perto dele e pressionando os lábios contra o meu rosto enquanto diz:

— Estou bem. De verdade. Vamos ver quem chega primeiro na sua casa?

Sete

Damen dirige rápido. Insanamente rápido. Só porque ambos temos radares paranormais avançados, o que acaba sendo útil para rastrear policiais, outros carros, pedestres, animais e tudo que possa aparecer no caminho, não quer dizer que devamos abusar.

Mas Damen não pensa assim. E é por isso que ele já está esperando na varanda antes mesmo de eu parar e estacionar o carro.

— Pensei que você não fosse chegar nunca. — Ele ri, seguindo-me até o quarto, onde se joga na minha cama, me puxa para perto dele e se inclina para um beijo demorado. Um beijo que se dependesse de mim nunca terminaria. Eu ficaria feliz em passar o resto da eternidade envolvida em seus braços. Só de saber que temos um número infinito de dias para passar lado a lado me sinto mais feliz do que posso aguentar.

Não me sentia assim no início. Fiquei bastante chateada quando soube a verdade. Tão chateada que passei algum tempo longe dele até organizar tudo em minha cabeça. Porque não é todo dia que se ouve alguém dizer: *Ah, a propósito, eu sou imortal, e transformei você em imortal também.*

Relutei muito em acreditar nele no começo, mas depois que ele me fez vivenciar aquilo, lembrando-me de como morri no acidente, como olhei diretamente em seus olhos no momento em que ele me trouxe de volta à vida, e como reconheci aqueles olhos quando nos encontramos na escola... Bem, não há como negar que era tudo verdade.

O que não quer dizer que eu estava pronta para aceitar. Já foi ruim o suficiente ter que lidar com a barreira das habilidades paranormais trazidas por minha EQM (experiência de quase morte — eles insistem em chamar de *quase* mesmo que eu tenha realmente *morrido*), ter começado a ouvir os pensamentos das outras pessoas, saber de suas histórias de vida pelo toque, falar com os mortos, entre outras coisas. Sem mencionar que ser imortal, por mais legal que pareça, também significa que nunca vou cruzar a ponte. Nunca vou chegar *ao outro lado* para ver minha família novamente. E quando paro para pensar nisso, a mudança é muito grande.

Eu me afasto, meus lábios relutantes em deixar os dele enquanto olho em seus olhos. Os mesmos olhos nos quais olhei por quatrocentos anos. Mas não importa quanto eu tente, não consigo evocar nosso passado. Apenas Damen, que continuou o mesmo durante os últimos seiscentos anos, sem morrer nem reencarnar, tem a chave.

— Em que está pensando? — ele pergunta, passando o dedo na maçã do meu rosto, deixando uma trilha de calor no caminho.

Respiro fundo, sabendo como ele está comprometido a permanecer no presente, mas determinada a conhecer mais sobre a minha história. *Nossa história.*

— Eu estava pensando sobre quando nos conhecemos — digo, vendo sua sobrancelha se levantar enquanto ele balança a cabeça.

— Ah, estava? E o que exatamente você se lembra sobre aquela época?

— Nada. — Dou de ombros. — Absolutamente nada. E é por isso que esperava que você me contasse. Não precisa falar tudo... Quer dizer, sei como odeia ficar relembando o passado. Só estou mesmo muito curiosa sobre como tudo começou... Como nos conhecemos.

Ele se afasta e se deita de costas, com o corpo reto e os lábios imóveis, e temo que essa seja a única resposta que conseguirei.

— Por favor? — murmuro, chegando mais perto e curvando meu corpo ao redor do dele. — Não é justo que você tenha todos os detalhes e eu fique de fora, sem saber nada. Apenas me dê algo para poder continuar. Onde morávamos? Como eu era? Como nos conhecemos? Foi amor à primeira vista?

Ele se vira um pouco, fica de lado, enterrando a mão em meus cabelos, e diz:

— Foi na França, em 1608.

Conto até dez, respirando fundo enquanto espero para saber mais.

— Em Paris, para ser mais preciso.

Paris! Imediatamente imagino vestidos sofisticados, beijos roubados na Pont Neuf, fofocas com Maria Antonieta...

Fui a um jantar na casa de um amigo... — Ele faz uma pausa, o olhar me atravessando, a séculos de distância. — E você estava trabalhando como empregada.

Empregada?

— Uma delas. Eles eram muito ricos. Tinham muitos empregados.

Fico lá deitada, aturdida. *Não* era aquilo que eu esperava ouvir.

— Você não era como as outras — ele diz com a voz baixa, quase sussurrando. — Era linda. Extraordinariamente linda. Muito parecida com o que é hoje. — Damen sorri, pegando uma mecha do meu cabelo e esfregando-a entre os dedos. — E, também como agora, você era órfã, havia perdido sua família em um incêndio. Assim, tendo sido deixada sem dinheiro algum, sem ninguém para sustentá-la, foi trabalhar para os meus amigos.

Engulo em seco, sem saber como me sinto a respeito disso. Qual a função de reencarnar se a pessoa é forçada a reviver os mesmos momentos dolorosos de outras vidas?

— E, sim, já que quer saber, *foi* amor à primeira vista. Fiquei completa e irreversivelmente apaixonado por você. Desde o primeiro momento em que a vi, soube que minha vida nunca mais seria a mesma.

Ele olha para mim, seus dedos estão em minhas têmporas, seu olhar me atraindo, apresentando o momento em toda a sua intensidade, revelado a cena como se eu estivesse lá.

Meus cabelos louros estão escondidos sob uma touca, meus olhos azuis são tímidos e têm medo de fazer contato. Com roupas tão desmazeladas e dedos tão calejados, minha beleza está gasta, e passa facilmente despercebida.

Mas Damen a vê. Assim que entro na sala, seus olhos encontram os meus. Ele vê através de meu exterior dilapidado, enxerga a alma que se recusa a se esconder. E ele é tão sombrio, tão impressionante, tão refinado, tão bonito... Que eu vou embora. Sei que só os botões de seu casaco valem mais do que consigo ganhar em um ano. Sei sem ter que olhar duas vezes que ele é demais para mim...

— Mesmo assim, eu tive que ter cuidado, porque...

— Porque você já era casado com Drina! — sussurro, vendo a cena em minha mente e escutando um dos convidados perguntar por ela, nossos olhos se encontrando quando Damen diz:

— *Drina está na Hungria. Resolvemos nos separar. — Sabendo que será fonte de um escândalo, mas desejando que eu ouça, sem se preocupar com o que as pessoas vão pensar...*

— Nós já estávamos separados, o problema não era esse. Eu tive que ser cauteloso porque se relacionar com alguém que não pertencia à mesma classe social era severamente reprovado naquele tempo. Além disso, você era tão

inocente, tão vulnerável, que eu não quis causar problemas, especialmente se você não sentisse o mesmo que eu.

— Mas eu sentia o mesmo! — digo, assistindo ao que aconteceu depois daquela noite, e a como, sempre que eu ia à cidade, dava um jeito de encontrar com ele por acaso.

— Receio ter começado a seguir você. — Ele me encara, um pouco envergonhado. — Até que passamos a nos encontrar tantas vezes que você começou a confiar em mim. E então...

E então passamos a nos encontrar em segredo... Beijos roubados do lado de fora da entrada dos empregados, um abraço apaixonado em uma viela escura ou dentro da carruagem dele...

— Só agora sei que nossos encontros não eram tão secretos quanto pensava... — Suspira. — Drina nunca foi para a Hungria. Ela estava lá o tempo todo. Observando, fazendo planos, determinada a me ter de volta... A qualquer custo. — Damen respira fundo, o arrependimento de quatro séculos estampado no rosto. — Eu queria cuidar de você, Ever. Queria dar tudo que seu coração desejasse. Queria tratá-la como a princesa que nasceu para ser. E quando finalmente consegui convencê-la a ficar comigo, senti-me mais feliz e mais vivo do que nunca. Vamos nos encontrar à meia-noite...

— Mas eu não apareci — digo, *vendo-o* andar de um lado para o outro, preocupado, aflito, convencido de que eu tinha mudado de ideia...

— Foi só no dia seguinte que fiquei sabendo que você havia morrido em um acidente, atropelada por uma carruagem quando estava a caminho do nosso encontro. — Quando olha para mim, ele mostra sua dor; sua insuportável, exaustiva e esmagadora dor. — Naquela época, nunca me passou pela cabeça que Drina fosse a responsável. Eu não fazia ideia até ela confessar a você. Pareceu um acidente, um horrível e infeliz acidente. Acho que eu fiquei muito entorpecido pelo sofrimento para suspeitar de alguma coisa...

— Quantos anos eu tinha? — perguntei, quase sem conseguir respirar, sabendo que eu era jovem, mas ansiando pelos detalhes.

Ele me puxa mais para perto, passando os dedos nos contornos de meu rosto, e diz:

— Você tinha dezesseis anos, e seu nome era Evaline — seus lábios dizem em meu ouvido.

— Evaline — sussurro, sentindo uma conexão imediata com meu trágico ex-eu, que, órfã ainda jovem, amada por Damen e morta aos dezesseis anos, não era tão diferente do meu eu atual.

— Só muitos anos depois, quando a vi novamente na Nova Inglaterra, reencarnada como filha de um puritano, comecei a acreditar na felicidade novamente.

— *Filha de um puritano?* — Olho em seus olhos, assistindo enquanto ele me mostra uma garota de cabelo escuro e pele pálida, usando um recatado vestido azul. — Todas as minhas vidas foram tão chatas? — Balanço a cabeça — E que tipo de acidente horrível aconteceu comigo dessa vez?

— Afogamento. — Ele suspira, e no momento em que diz isso sou tomada por sua dor novamente. — Fiquei tão devastado que naveguei imediatamente de volta para Londres, onde morei, com algumas interrupções, por muitos anos. Eu estava prestes a ir para a Tunísia quando você ressurgiu como uma bela rica e, devo dizer, mimada filha de um proprietário de terras em Londres.

— Mostre-me. — Encosto meu rosto no dele, ansiosa para ver uma vida mais glamourosa. Seu dedo contorna minha sobrancelha enquanto uma bela morena usando um maravilhoso vestido verde, um coque elaborado no cabelo e algumas joias aparece em minha mente.

Uma namorada rica e mimada cuja vida era uma sucessão de festas e viagens de compras, e que já tinha outra pessoa em mente... Até conhecer Damen...

— E dessa vez? — pergunto, triste em vê-la partir, mas desejando saber como ela morreu.

— Uma queda terrível. — Ele fecha os olhos. — A essa altura eu tinha certeza de que estava sendo punido... Eu tinha a vida eterna, mas sem amor.

Ele segura meu rosto nas mãos, seus dedos irradiam tanta ternura, tanta reverência, um formigamento morno tão agradável, que eu fecho os olhos e o envolvo com um abraço mais apertado. Concentro-me em sentir sua pele enquanto nossos corpos se unem cada vez mais, e tudo que está ao nosso redor vai perdendo a importância, até que não haja nada além de nós dois... Não há passado nem futuro; não há nada além do momento presente.

Quer dizer, estou com ele, ele está comigo, e isso estava destinado a acontecer, eternamente. Mesmo que todas essas vidas anteriores possam ter sido interessantes, seu único propósito foi fazer com que chegássemos à atual.

E agora que Drina se foi, não há nada que possa ficar em nosso caminho, nada que nos impeça de seguir em frente... Exceto eu. E embora eu queira saber *tudo* o que aconteceu antes, por enquanto isso pode esperar. É hora de superar meus ciúmes e minhas inseguranças sem sentido, de parar de inventar desculpas e finalmente me comprometer a dar aquele grande salto, depois de todos esses anos.

Mas quando estou prestes a contar a Damen o que decidi, ele se afasta tão bruscamente que demoro um minuto até me aproximar dele de novo.

— O que foi? — grito ao ver seus polegares pressionados contra as têmporas enquanto ele luta para respirar. E quando ele se vira, não me reconhece. Seu olhar passa através de mim.

Segundos depois, tudo já passou. Vejo novamente o calor amoroso com o qual estou acostumada. Damen esfrega os olhos e balança a cabeça, olhando para mim enquanto diz:

— Não me sinto desse jeito desde antes... — Ele para e olha para o vazio.
— Bem talvez nunca tenha me sentido assim. — Mas quando vê meu rosto preocupado, acrescenta: — Estou bem. Sério.

Eu me recuso a deixar por isso mesmo, mas ele sorri e diz:

— Ei, que tal um passeio até Summerland?
— Sério? — digo, com os olhos iluminados.

A primeira vez que visitei aquele lugar maravilhoso, aquela dimensão mágica entre as dimensões... Eu estava morta. E fiquei tão hipnotizada por sua beleza que relutei em ir embora. A segunda visita foi com Damen. E desde que ele me mostrou todas as extraordinárias possibilidades do lugar fiquei morrendo de vontade de voltar lá. Mas como Summerland só pode ser encontrada pelos espiritualmente envolvidos (ou por quem já está morto), não posso ir sozinha.

— Por que não? — Ele dá de ombros.

— E as minhas aulas? — digo, tentando parecer interessada em estudar e aprender novos truques, quando na verdade é claro que prefiro ir para Summerland, onde posso fazer tudo sem esforço, em um piscar de olhos. — Sem contar que você não está se sentindo muito bem. — Eu aperto seu braço, notando que o calor e o formigamento de sempre ainda não voltaram completamente.

— Há lições para aprender em Summerland também. — Ele sorri. — E se você pegar meu suco vou me sentir bem o bastante para nos levar até o portal.

Mas mesmo depois que entrego a bebida e ele dá vários goles longos, não consegue fazer o portal aparecer.

— Talvez eu possa ajudar — digo, vendo o suor em sua testa.

— Não... Eu só... Eu quase consegui. Apenas me dê mais alguns segundos — murmura, cerrando os dentes, determinado a chegar a Summerland. Então eu espero. Na verdade, deixo os segundos se transformarem em minutos, e nada...

— Eu não entendo. — Damen semicerra os olhos. — Isso não acontece desde... Desde que aprendi como fazer isso.

— Talvez seja porque você não está se sentindo bem — observo, enquanto ele toma outro gole, seguido por mais um e mais outro. E quando fecha os olhos e tenta novamente, o resultado é o mesmo de antes. — Posso tentar?

— Esqueça. Você não sabe fazer — ele diz, com um tom de voz que eu tento não levar para o lado pessoal, sabendo que tem mais a ver com sua frustração consigo mesmo do que comigo.

— Eu *sei* que eu não sei fazer. Mas pensei que talvez você pudesse me ensinar e então eu...

Mas antes que eu termine, ele se levanta da cama e começa a andar na minha frente.

— É um *processo*, Ever. Levei anos para aprender como chegar lá. Não dá para pular para o fim do livro sem ler o meio. — Ele balança a cabeça e se apóia em minha escrivaninha, com o corpo rígido e tenso, evitando olhar nos meus olhos.

— E quando foi a última vez que você *leu* um livro sem saber de antemão o início, o meio e o fim? — Sorrio.

Ele me olha com uma expressão séria, mas só por um instante. Depois suspira, vem em minha direção, pega minhas mãos e diz:

— Quer tentar?

Faço que sim com a cabeça.

Ele me fita, claramente duvidando de que eu vá conseguir, mas querendo me agradar mais do que qualquer outra coisa.

— Tudo bem, então fique em uma posição confortável, mas não cruze as pernas assim. Isso corta o *chi*.

— *Chi*?

— É uma palavra sofisticada para energia. — Ele sorri. — A não ser que queira sentar em posição de lótus. Se quiser, também pode.

Tiro os chinelos e pressiono a sola dos pés contra o chão acarpetado, tentando ficar tão confortável e relaxada quanto minha empolgação permitir.

— Normalmente é preciso fazer uma longa série de meditação, mas para ganhar tempo, e como você já está em um estágio bastante avançado, vamos direto ao ponto, O.K.?

Confirmo com a cabeça, ansiosa para começar.

— Quero que feche os olhos e imagine um véu cintilante de luz dourada pairando na sua frente — ele diz, entrelaçando os dedos nos meus.

Faço o que ele diz, imaginando uma réplica exata do véu que me levou para lá da outra vez, aquele que Damen colocou em meu caminho para me salvar de Drina. É tão lindo, tão brilhante, tão luminoso, que meu coração se enche de alegria quando levanto a mão em sua direção, querendo afundá-la naquele feixe radiante de luz cintilante, não vendo a hora de voltar para aquele lugar místico. Assim que meus dedos fazem contato e estão prestes a afundar, ele some da minha vista e me vejo de volta ao quarto.

— Não acredito! Eu estava tão perto! — Viro-me para Damen. — Estava bem diante de mim! Você viu?

— Você chegou incrivelmente perto — diz ele. E mesmo que seu olhar seja terno, seu sorriso é forçado.

— E se eu tentar de novo? E se fizermos juntos dessa vez? — digo, mas perco as esperanças no momento em que ele balança a cabeça e vira de costas.

— Ever, nós *estávamos* fazendo juntos — ele murmura, secando a testa e desviando o olhar. — Acho que não sou um professor muito bom.

— Isso é ridículo! Você é um ótimo professor, apenas está tendo um dia ruim só isso. — Mas quando olho para ele fica claro que ele não está convencido. Então mudo de tática, colocando a culpa novamente em mim. — A culpa é minha. Sou uma péssima aluna. Sou preguiçosa, relaxada, e passo a maior parte do tempo tentando distraí-lo das aulas para podermos nos beijar. — Aperto sua mão. — Mas já superei isso e vou me tornar uma aluna séria. Apenas me dê mais uma chance, você vai ver.

Damen olha para mim, duvidando que aquilo dê certo. Mas como não quer me desapontar, pega a minha mão e tentamos novamente. Ambos fechamos os olhos, antevendo aquele glorioso portal de luz. Quando ele começa a tomar forma, Sabine entra pela porta da frente e começa a subir as escadas, pegando-nos tão desprevenidos que corremos cada um para um lado do quarto.

— Damen, imaginei que fosse o seu carro na entrada. — Ela tira a jaqueta e atravessa o espaço que vai da porta até minha escrivaninha em poucos passos. A energia amplificada de seu escritório ainda está presa a ela quando aperta a mão de Damen e olha para a garrafa equilibrada em seu joelho. — Então *foi você* que viciou a Ever. — Ela alterna o olhar entre nós dois, com os olhos apertados e os lábios franzidos como se tivesse todas as provas de que precisa.

Dou uma olhadela para Damen em pânico, pensando em como ele vai explicar. Mas ele apenas ri e diz:

— Culpado! A maioria das pessoas não gosta muito desse suco, mas por algum motivo a Ever parece gostar. — E sorri de novo, de forma a parecer convincente e até charmoso. Na minha opinião, ele consegue ser os dois.

Mas Sabine apenas continua a encará-lo, completamente impassível. Agora ela só quer saber disso.

— Compro sacolas e sacolas de comida, mas ela se recusa a comer.

— Não é verdade! — digo, irritada por ela ter começado com essa história novamente, especialmente na frente de Damen. Mas quando vejo a mancha de *chai latte* em sua blusa, minha irritação se transforma em indignação — Como fez isso? — Vou na direção da mancha como se fosse uma letra escarlata, uma marca da desgraça, sabendo que terei que fazer o que for preciso para dissuadi-la de voltar à cafeteria.

Ela olha para a blusa e esfrega a mancha com os dedos enquanto faz uma pausa para pensar. Depois balança a cabeça, dá de ombros e diz:

— Eu esbarrei em um cara.

Ela fala de uma forma tão casual, tão espontânea, tão blasé, que fica óbvio que não chegou nem perto de ficar tão impressionada quanto Munoz.

— Então, está tudo certo para o jantar de sábado à noite? — Sabine pergunta.

Engulo em seco, insistindo telepaticamente para que Damen apenas faça um gesto com a cabeça, sorria e responda afirmativamente, mesmo sem ter ideia do que ela está falando, pois esqueci de comentar com ele antes.

— Fiz reserva para as oito.

Prendo a respiração enquanto observo-o confirmando e sorrindo, do jeito que eu pedi para ele fazer. E ainda vai além, acrescentando:

— Mal posso esperar.

Ele aperta a mão de Sabine e segue na direção da porta, os dedos entrelaçados nos meus, enviando uma sensação maravilhosa e quente a todo o meu corpo.

— Desculpe por essa história de jantar — digo, olhando para ele. — Acho que eu tinha esperanças de que ela estivesse bastante ocupada e esquecesse.

Ele pressiona os lábios contra o meu rosto e entra no carro.

— Ela se preocupa com você. Quer ter certeza de que sou bom o bastante, sincero, e que não vou magoá-la. Acredite em mim, já passei por isso antes. E embora tenha chegado perto uma ou duas vezes, nunca fui reprovado na inspeção. — Ele sorri.

— Ah, é, o rigoroso pai puritano — digo, imaginando que ele fosse a descrição perfeita de um pai autoritário.

— Você ficaria surpresa. — Damen ri. — O proprietário de terras abastado era muito mais exigente. E mesmo assim consegui me esquivar.

— Talvez um dia você me mostre o *seu* passado — digo. — Você sabe... Como sua vida era antes de nos conhecermos. Sua casa, seus pais, como você ficou assim... — Minha voz vai diminuindo quando vejo o reflexo da dor em seus olhos e sei que ele ainda não quer falar sobre isso. Ele sempre se fecha, recusando-se a compartilhar, o que só aumenta minha curiosidade.

— Nada disso importa — ele diz, soltando minha mão e mexendo nos espelhos apenas para não ter que olhar para mim. — Tudo o que importa é o *presente*.

— Sim, mas Damen... — eu começo, querendo explicar que não é apenas curiosidade, que estou procurando uma aproximação, um laço, um desejo de que ele confie a mim esses segredos do passado. Mas quando olho para ele novamente sinto que é melhor não pressioná-lo. Além disso, talvez seja minha hora de praticar um pouco de confiança também.

— Eu estava pensando... — digo, mexendo na bainha de minha camisa.

Ele olha para mim, sua mão na marcha, prestes a engatar a ré.

— Que tal fazer aquela reserva? — confirmo com a cabeça, apertando os lábios e olhando em seus olhos. — Você sabe... A reserva no Montage ou no Ritz — acrescento, quase sem fôlego enquanto seus lindos olhos escuros percorrem meu rosto.

— Tem certeza?

Confirmo. Sabendo que tenho. Esperamos por esse momento há centenas de anos, então, por que esperar mais?

— Certeza absoluta — digo, e nossos olhos se encontram.

Ele sorri e seu rosto se ilumina pela primeira vez no dia. Fico tão aliviada por vê-lo normal de novo depois daquele comportamento estranho de antes — o distanciamento na escola, a incapacidade de fazer o portal aparecer, sua indisposição; tão diferente do Damen que conheço. Ele é sempre tão forte, sexy, bonito, e invencível, imune a momentos de fraqueza e a dias ruins. Vê-lo tão vulnerável me deixou mais abalada do que gostaria de admitir.

— É para já — diz ele, enchendo meus braços com dúzias de tulipas vermelhas materializadas antes de sair com o carro a toda velocidade.

Oito

Na manhã seguinte, quando encontro Damen no estacionamento, todas as minhas preocupações desaparecem. Porque, no momento em que ele abre a porta para me ajudar a sair do carro, percebo como ele parece estar saudável e como é extremamente lindo, e quando olho em seus olhos, fica claro que toda aquela esquisitice de ontem acabou. Estamos mais apaixonados do que nunca.

Sério, durante toda a aula de inglês ele mal conseguiu tirar as mãos de mim. Não parava de se inclinar na direção da minha mesa e de sussurrar em meu ouvido, para irritação do sr. Robins e desgosto de Stacia e Honor. Nem agora que estamos no intervalo para o almoço ele dá uma trégua, acariciando meu rosto e me olhando nos olhos, parando apenas para um ou outro gole de sua bebida antes de começar de onde havia interrompido, murmurando palavras doces em meu ouvido.

Normalmente, quando ele age assim, em parte é amor, em parte é para atenuar todo o barulho e a energia, todas as visões, sons e cores aleatórios que me bombardeiam constantemente. Desde que quebrei o escudo paranormal que havia feito há alguns meses, um escudo que bloqueava tudo e me deixava tão ignorante quanto era antes de morrer e voltar médium, ainda tenho que descobrir uma forma de substituí-lo que me permita canalizar as energias que quero e bloquear as que não quero. E como Damen nunca teve que lutar contra isso, ele não tem muita certeza de como me ensinar.

Mas agora que ele voltou para a minha vida isso não parece mais tão urgente, porque o mero som de sua voz pode silenciar o mundo, enquanto o toque de sua pele faz meu corpo inteiro formigar. E quando olho em seus olhos, sou instantaneamente tomada por essa quente e maravilhosa *atração* magnética, como se fôssemos apenas nós dois, e todo o resto deixasse de existir. Damen é como meu escudo paranormal perfeito. Definitivamente, é minha cara-metade. E mesmo quando não podemos estar juntos, os pensamentos telepáticos e as imagens que ele me manda têm o mesmo efeito calmante.

Mas hoje todos esses sussurros não são apenas para me proteger. Estão mais relacionados com nossos planos futuros. O quarto que ele reservou no Montage Resort e como esperou tanto tempo por essa noite.

— Tem alguma ideia de como é esperar algo por quatrocentos anos? — Damen diz baixinho, encostando os lábios na minha orelha.

— Quatrocentos? Pensei que você estivesse por aí há seiscentos anos — digo afastando-me para ter uma visão melhor de seu rosto.

— Infelizmente, alguns séculos se passaram antes de nos conhecermos — ele sussurra, deslizando a boca do meu pescoço para a minha orelha. — Dois séculos muito solitários, devo acrescentar.

Engulo em seco. Sabendo que a *solidão* a que ele se refere *não* necessariamente significa que ele estivesse *sozinho*. Na verdade, muito pelo contrário. Ainda assim, não pergunto nada. Aliás, não digo uma palavra. Estou determinada a passar por cima disso tudo, superar minhas inseguranças e seguir em frente, como prometi que faria.

Recuso-me a pensar sobre como ele passou esses primeiros duzentos anos sem mim.

Ou como ele passou os quatrocentos anos seguintes se refazendo do fato de ter me perdido.

Nem pretendo começar a considerar os seiscentos anos de vantagem que ele teve para estudar e *praticar* as... Hum... Artes sensuais.

E certamente, categoricamente, *não* vou perder tempo com todas as mulheres belas e experientes que ele *conheceu* ao longo de todos esses anos.

Não.

Eu não.

Recuso-me até a tocar no assunto.

— Passo para pegar você às seis? — ele pergunta, pegando meu cabelo na nuca e torcendo-o como uma longa corda loura. — Podemos jantar primeiro.

— Tirando o fato de que a gente não come... — lembro.

— Ah, é. Bem lembrado. — Ele sorri, soltando meu cabelo, que se espalha novamente sobre meus ombros, caindo até a cintura. — Mas, com certeza, vamos encontrar alguma outra coisa para ocupar o tempo.

Sorrio. Sabine já está avisada de que vou dormir na casa de Haven, e espero que ela não telefone para confirmar. Ela sempre acreditava na minha

palavra, mas desde que fui pega bebendo, fui suspensa e praticamente parei de comer, sua tendência tem sido desconfiar.

— Tem certeza de que está se sentindo bem em relação a tudo isso? — pergunta Damen, interpretando a expressão em meu rosto como indecisão quando na verdade é apenas nervosismo.

Sorrio e me inclino para beijá-lo, ansiosa para acabar com qualquer dúvida (mais as minhas do que as dele), justo quando Miles joga a mochila na mesa e diz:

— Ah, Haven, olha! Eles voltaram. Os pombinhos estão de volta! Afasto o rosto, vermelha de vergonha, enquanto Haven ri e senta do lado dele, observando as mesas e dizendo:

— Onde está Roman? Alguém o viu?

— Eu o vi na primeira aula. — Miles dá de ombros, abrindo seu iogurte e se debruçando sobre o roteiro.

E eu o vi na aula de história, penso, lembrando de como o ignorei durante toda a aula, apesar das inúmeras tentativas de chamar minha atenção, e como me virei depois que o sinal tocou, fingindo procurar algo na mochila. Preferindo o peso do olhar penetrante do sr. Munoz e seus pensamentos conflituosos sobre mim (minhas boas notas *versus* minha esquisitice inegável) do que ter que lidar com Roman.

Haven dá de ombros e abre a caixa de seu cupcake, suspirando enquanto diz:

— Foi bom enquanto durou.

— Do que você está falando? — Miles levanta a cabeça enquanto Haven aponta para frente, com os lábios torcidos e os olhos completamente desanimados, enquanto todos seguimos seu dedo até onde Roman está conversando e rindo com Stacia, Honor, Craig e o resto da elite. — Grande coisa. — Ele dá de ombros. — É só esperar que ele volta.

— Como você sabe? — pergunta Haven, tirando o papel de seu cupcake vermelho, ainda com o olhar fixo em Roman.

— Ah, por favor! Já vimos isso um milhão de vezes. Toda pessoa nova com o mínimo potencial para ser legal acaba naquela mesa em algum momento. Só que as que são legais de verdade não duram muito tempo. As legais de verdade acabam vindo parar aqui. — Ele ri, batendo a ponta de suas unhas rosa brilhantes na mesa amarela de fibra de vidro.

— Comigo não foi assim — digo, ávida por afastar Roman da conversa, sabendo que sou a única feliz por ver que ele nos abandonou para ficar com uma galera bem mais popular. — Eu vim para a mesa de vocês desde o primeiro dia — lembro.

— É. Vai entender... — ri Miles. — Mas eu estava falando de Damen. Lembra como ele foi sugado pelo outro lado por um tempo? Mas logo caiu em si e encontrou o caminho de volta, assim como vai acontecer com Roman. Olho para o meu suco, rolando a garrafa entre as mãos. Mesmo sabendo que Damen nunca levou a sério seu breve flerte com Stacia, que ele fez aquilo para chamar minha atenção, para ver se eu me importava, a imagem dos dois juntos está gravada para sempre em meu cérebro.

— É verdade — diz Damen, apertando minha mão, beijando-me no rosto sentindo meus pensamentos, mesmo que nem sempre possa lê-los. — Com certeza, eu caí em mim.

— Está vendo? Então podemos ter esperanças de que Roman fará o mesmo — afirma Miles com a cabeça. — E se não fizer, quer dizer que ele não era legal de verdade pra começo de conversa, certo?

Haven dá de ombros e revira os olhos, lambendo um pouco de cobertura do cupcake e resmungando:

— Tanto faz.

— E por que está tão preocupada com isso? — pergunta Miles, olhando para ela. — Achei que só quisesse saber do Josh.

— E eu *só quero* saber do Josh — responde ela, evitando encará-lo enquanto limpa do colo migalhas que não existem.

Mas quando olho para ela e *vejo* como sua aura cintila e brilha em um duvidoso tom de verde, sei que não está dizendo a verdade. Ela está apaixonada, e isso é inegável. E se Roman se apaixonar também, será *adiós Josh, olá cara novo e sinistro*.

Desembrulho meu almoço, fingindo que ainda estou interessada em comida, quando ouço:

— Ei, cara, a que horas é a estreia?

— As cortinas se abrem às oito. Por quê? Você vai? — pergunta Miles com os olhos iluminados, a aura brilhando de tal forma que fica claro que ele espera que Roman compareça.

— Não perderia por nada — responde Roman, sentando-se ao lado de Haven e encostando-se em seu ombro da forma mais pegajosa e mais fingida do mundo. Sabendo muito bem os efeitos que isso provocará e sem medo de explorá-los.

— E aí, como está a vida entre os populares? Tudo o que você imaginou que seria? — ela pergunta com uma voz que, se fosse impossível ver sua aura, eu diria que ela estava flertando. Mas sei que está falando sério, porque as auras não mentem.

Roman chega perto dela, gentilmente tirando a franja da frente de seu rosto. Um gesto tão íntimo que ela cora, ficando rosa-pink.

— Do que você está falando? — diz ele, olhando fixamente para ela.

— Você sabe... A mesa A, da elite. Onde você estava até agora — ela resmunga, tentando manter a compostura mesmo estando enfeitiçada por ele

— O sistema de castas do almoço — explica Miles, quebrando o encanto e colocando de lado seu iogurte pela metade. — É igual em todas as escolas. Todos se dividem em painelinhas feitas para manter os outros de fora. Não dá pra evitar, é assim e pronto. E aquelas pessoas com quem estava agora a pouco são a panela superior, o que, no sistema de castas do ensino médio, faz com que sejam Os Donos do Pedaco. O oposto das pessoas com quem está sentado neste momento... — ele aponta para si mesmo —, também conhecidos como Os Intocáveis.

— Besteira! — diz Roman, afastando-se de Haven e abrindo seu refrigerante. — Uma estupidez completa. Não me convence.

— Não importa o que você acha. Continua sendo um fato. — Miles dá de ombros, olhando com cobiça para a mesa A. Porque, apesar de ficar repetindo que a mesa realmente legal é a nossa, a verdade é que ele infelizmente sabe que, aos olhos dos alunos da Bay View não temos nada de legal.

—Pode ser um fato para você, mas não para mim. Não sou a favor de segregação, cara. Gosto de uma sociedade livre e aberta, com espaço para circular e explorar todas as minhas opções. — Então, olhando para Damen, pergunta: — E você? Acredita nessas coisas?

Mas Damen apenas dá de ombros e continua olhando para mim. Ele não dá a mínima para a casta A ou a casta B, quem é popular e quem não é. Sou o único motivo de ele estar matriculado nesta escola, e o único motivo de estar aqui.

— Até que é bom sonhar... — Haven suspira, observando suas unhas curtas pintadas de preto. — Mas seria ainda melhor se houvesse uma possibilidade, ainda que remota, de isso ser verdade.

— Ah, mas é aí que você se engana, gata. De modo algum isso é um sonho. — Roman sorri de uma forma que deixa a aura de Haven rosa brilhante.

— Vou fazer acontecer. Você vai ver.

— Ver o quê? Você se julga o Che Guevara da escola? — Minha voz tem uma pungência que não me esforço para esconder. Embora, para ser honesta, eu tenha ficado mais surpresa por ter usado a palavra *julgar* do que com o tom da minha voz. Desde quando eu falo assim? Mas quando olho para Roman e vejo sua aura amarelo-alaranjada expansiva, avassaladora, sei que ele também está me afetando.

— Eu me *julgo* isso mesmo. — Ele sorri com ironia, olhando tão profundamente nos meus olhos que me sinto nua, como se ele visse tudo, *soubesse* de tudo e não houvesse para onde fugir. — Pense em mim como um revolucionário, pois até o fim da semana que vem esse sistema de castas do almoço vai terminar. Vamos romper essas barreiras, juntar todas as mesas e fazer uma festa!

— Essa é sua previsão? — Aperto os olhos, tentando desviar toda a sua energia intrometida.

Mas ele apenas ri, nem um pouco ofendido. Uma risada que, por fora, é — calorosa, sedutora e aberta que ninguém desconfia do que está nas entrelinhas — a agudeza sinistra, a ponta de malícia, a ameaça pouco velada direcionada apenas a mim.

— Só acredito vendo — diz Haven, limpando migalhas vermelhas dos lábios.

— É ver *para* crer — diz Roman, com o olhar fixo em mim.

— E então? O que achou disso tudo? — pergunto a Damen logo depois que o sinal toca, e Roman, Haven e Miles vão para suas salas de aula.

— O que eu achei do quê? — ele pergunta, me fazendo parar.

— Do Roman. E toda sua conversa sem pé nem cabeça de revolução das mesas? — digo, desesperada por alguma confirmação de que não sou ciumenta, possessiva ou louca. De que Roman é realmente sinistro, e isso não tem nada a ver comigo.

Mas Damen apenas ignora.

— Se não se importa, prefiro não pensar em Roman agora. Estou muito mais interessado em *você*.

Ele me puxa para perto e me dá um longo, profundo beijo que me deixa quase sem ar. E, mesmo estando bem no meio do pátio, é como se tudo à nossa volta deixasse de existir. Como se o mundo inteiro tivesse encolhido para único ponto. Quando nos afastamos, estou tão recarregada, tão quente e tão sem fôlego que mal consigo falar.

— Vamos nos atrasar — finalmente consigo dizer, pegando-o pela mão e puxando-o para a sala.

Mas ele é mais forte do que eu, e simplesmente não sai do lugar. — Eu estava pensando... O que acha de matarmos essa aula? — Damen sussurra, com os lábios na minha testa, no rosto e finalmente na orelha. — Sabe, deixar para lá o resto das aulas de hoje... Há tantos lugares *melhores* onde poderíamos estar.

Olho para ele, quase convencida por seu magnetismo, mas balanço a cabeça e me afasto. Até entendo que ele tenha terminado os estudos há centenas de anos e agora ache tudo muito entediante. E ainda que eu mesma muitas vezes fique entediada também, já que ter conhecimento instantâneo de tudo o que tentam ensinar realmente faz com que aquilo pareça meio sem sentido, ainda é uma das poucas coisas na minha vida que me faz sentir, de alguma forma, normal. Desde o acidente, quando percebi que nunca seria normal novamente, bem, comecei a dar ainda mais valor à escola.

— Pensei que tivesse dito que tínhamos que cultivar uma aparência normal a todo custo — digo, empurrando-o para frente enquanto ele reluta em me acompanhar. — Comparecer às aulas e fingir interesse não é parte dessa aparência?

— E o que poderia ser mais normal do que dois adolescentes cheios de hormônios escapando da escola e iniciando o fim de semana um pouco mais cedo? — Ele sorri, quase me convencendo com o calor de seus belos olhos escuros.

Mas balanço a cabeça novamente e insisto, agarrando seu braço com mais força e arrastando-o para a aula.

Nove

Como vamos passar a noite juntos, Damen não me segue até em casa depois da escola. Em vez disso, trocamos um rápido beijo no estacionamento, entro no carro e sigo para o shopping.

Quero comprar algo especial para esta noite. Algo bonito para a peça de Miles e para o meu grande encontro — ambos estamos estrelando nossa própria estreia. Mas depois de olhar o relógio e ver que não tenho tanto tempo quanto pensei pergunto-me se não deveria ter aceitado a ideia de Damen e saído mais cedo da escola.

Cruzo o estacionamento, imaginando se devo procurar Haven. Quase não saímos mais juntas desde aquela história com Drina, e depois que ela conheceu Josh, bem, mesmo ele sendo de outra escola, eles têm ficado bem grudados. Ele até conseguiu afastá-la do vício dos grupos de apoio. Seu ritual pós-escola de procurar porções de igreja aleatórios e se entupir de ponche e biscoitos enquanto inventava alguma história triste sobre o vício da vez.

Até agora não me importei em vê-la menos, porque ela parece muito feliz. Finalmente encontrou alguém que não apenas gosta dela, mas também lhe faz bem. Mas ultimamente comecei a sentir falta da minha amiga e acho que passarmos um tempo juntas pode me fazer bem.

Localizo Haven e Roman encostados no carro esporte *vintage* dele e observo enquanto ela segura seu braço e ri de algo que ele disse. A seriedade de seus jeans skinny e do casaquinho justo preto, da regata do Fall Out Boy e dos cabelos propositalmente desarrumados, tingidos de preto com uma chamativa mecha vermelha, foi totalmente suavizada por sua aura rosada, com as bordas em expansão, movimentando-se até engolir os dois, não deixando dúvidas de que, se Roman sentir o mesmo por ela, Josh logo será substituído. E mesmo determinada a impedi-los antes que seja tarde demais, quando começo a me aproximar. Roman vira para trás e me lança um olhar tão insistente, tão profundo, tão cheio de intenções desconhecidas que piso no acelerador e passo direto.

Apesar de todos os meus amigos o acharem muito legal, apesar de todos os alunos populares da escola concordarem com eles, e apesar de Damen não estar nem um pouco alarmado, eu não gosto dele.

Mesmo que meus sentimentos sejam baseados em nada mais do que um aperto constante no estômago sempre que ele está por perto, o fato é: esse garoto novo realmente me dá arrepios.

Como faz muito calor, sigo para o South Coast Plaza em vez de ir para o shopping a céu aberto, Fashion Island, mesmo que os moradores locais provavelmente façam o oposto.

Mas eu não nasci aqui. Sou do Oregon. O que significa que estou acostumada a um clima de início de primavera muito mais, bem, início de primavera. Sabe: muita chuva, céu nublado e um monte de lama. Como uma primavera *de verdade*. Não esse verão fajuto, quente, esquisito, não natural que tenta se passar por primavera. E pelo que eu ouço dizer, deve ficar ainda pior, o que me faz sentir ainda mais saudade de casa.

Normalmente, desvio do meu caminho para evitar lugares assim, cheios de luzes, barulho e toda a energia gerada pela multidão que sempre me massacra e me deixa no limite. E sem Damen ao meu lado para servir de escudo paranormal, volto a contar com o iPod.

No entanto, me recuso a usar capuz e óculos escuros para bloquear o barulho como costumava fazer. Cansei de me vestir como uma esquisitona. Em vez disso, concentro-me no que está bem diante de mim e bloqueio tudo o que é periférico, como Damen me ensinou.

Coloco os fones de ouvido e aumento o volume ao máximo, deixando o barulho barrar tudo, menos o colorido das auras e alguns espíritos desencarnados que vagam por aí (que, apesar do meu foco estreitado, estão realmente diante de mim). Quando entro na Victoria's Secret, indo direto para a seção de camisolinhas pouco comportadas, estou tão focada em minha missão que não vejo Stacia e Honor bem ao meu lado.

— Deus do céu! — berra Stacia, abordando-me com tanta avidez quanto se eu fosse uma prateleira com a placa: Gucci: 50% DE DESCONTO. — Você *só pode* estar brincando. — Ela aponta, com a unha perfeitamente pintada, para a abertura do baby-doll que estou segurando, que começa em cima e vai até embaixo, as duas partes unidas no meio por um círculo incrustado com cristais.

Mesmo que tenha olhado aquela peça apenas por curiosidade, sem cogitar comprá-la, ao ver a cara de Stacia retorcida daquele jeito e ouvir os pensamentos desdenhosos em sua cabeça, me sinto totalmente ridícula. Coloco-o de volta na arara e ajesto meus fones de ouvido, fingindo que nada ouço enquanto vou olhar os conjuntinhos de algodão, que são muito mais a minha cara.

Mas logo que começo a olhar as camisolas listradas de rosa e laranja percebo que provavelmente não devem nem chegar perto do que Damen gosta. Ele provavelmente prefere algo mais estimulante. Algo com mais renda e muito menos algodão. Algo que possa ser realmente considerado *sexy*. Sem precisar olhar, sei que Stacia e sua cachorrinha fiel me seguiram.

— Ai, olha, Honor. A esquisitona não consegue se decidir se vai de santinha ou de vadia. - Stacia balança a cabeça e dá um risinho malicioso. — Pode confiar, quando estiver em dúvida, escolha vadia. É praticamente garantido. Além disso, pelo que me lembro, Damen não é tão chegado nas certinhas.

Eu congelo. Meu estômago se contorce com um ciúme irracional e minha garganta fecha. Mas só por um instante, pois me forço a voltar a respirar e procurar nas araras, recusando-me a deixá-la pensar, por um segundo sequer, que suas palavras possam ter me atingido.

Além disso, sei tudo sobre o que aconteceu entre eles, e é com prazer que digo que nem santinha nem vadia são termos que possam ser aplicados ao caso. Principalmente porque não aconteceu nada. Damen apenas *fingiu* gostar dela para poder chegar até mim. Ainda assim, só de imaginar, mesmo sendo fingimento, já fico enjoada.

— Anda, vamos embora. Ela não está ouvindo — diz Honor, segurando o braço de Stacia, alternando o olhar entre nós duas e depois checando o telefone pela centésima vez para ver se Craig respondeu sua mensagem de texto.

Mas Stacia não sai do lugar. Ela está se divertindo muito para desistir assim tão facilmente.

— Ah, ela está me ouvindo muito bem — ela diz, com um risinho no canto da boca. — Não se deixe enganar pelo iPod e pelos fones de ouvido. Ela pode ouvir tudo o que dizemos e tudo o que pensamos. Porque a Ever não é só uma esquisitona, ela é também uma bruxa.

Eu me viro e vou para o outro lado da loja, procurando uma arara de sutiãs push-up e corseletes, dizendo a mim mesma: *Ignore-a. Ignore-a. Concentre-se em suas compras que ela vai embora.*

Mas Stacia não pretende ir a lugar nenhum. Em vez disso, ela pega meu braço e me puxa para mais perto, dizendo:

— Vamos, não seja tímida. *Mostre a ela. Mostre a Honor como você é esquisita!*

Ela me encara, enviando uma onda de energia sombria e perturbadora diretamente na minha direção e apertando meu braço com tanta força que o polegar e o indicador praticamente se encontram. E eu sei que ela está tentando me atormentar, me provocar, ciente do que sou capaz depois daquela vez que perdi o controle no corredor da escola. Só que daquela vez não foi de propósito. Ela não tinha ideia do que eu podia fazer.

Honor começa a ficar impaciente. Parada ao lado de Stacia, reclama:

— Anda, Stacia. Vamos embora. Isso aqui está um *tédio*.

Mas Stacia a ignora e aperta meu braço com mais força ainda, enfiando as unhas na minha carne.

— Vamos, conte para ela. Conte o que você vê! — sussurra.

Fecho os olhos, meu estômago ficando embrulhado enquanto minha cabeça se enche de imagens similares às que vi antes: Stacia abrindo, com unhas e dentes, seu caminho para o alto da pirâmide de popularidade, pisando muito mais do que o necessário em todos aqueles que estão abaixo dela. Incluindo Honor, *especialmente* Honor, que tem tanto medo de não ser popular que não faz nada para impedi-la...

Eu poderia dizer a ela como Stacia é uma péssima amiga, expô-la como a pessoa terrível que eu sei que é... Poderia arrancar a mão de Stacia do meu braço e lançá-la para o outro lado da loja de forma que ela voaria direto pela vitrine de vidro, antes de cair sobre o totem com o mapa do shopping...

Mas não posso. Na última vez que perdi a cabeça na escola, quando contei a Stacia todas as coisas horríveis que sei sobre ela, cometi um tremendo erro. Um erro que não posso me dar ao luxo de cometer novamente. Agora há muito mais para esconder, segredos muito maiores em jogo. Segredos que não pertencem apenas a mim, mas também a Damen.

Stacia ri enquanto luto para manter a calma e não reagir de forma exagerada. Lembrando a mim mesma que não há problema em parecer fraca,

mas que ceder à fraqueza é *inadmissível*. É absolutamente necessário parecer normal, ingênua, e dar a ela a ilusão de ser mais forte do que eu.

Honor olha para o relógio, revirando os olhos, querendo ir embora. E quando estou prestes a me afastar, e talvez empurrar *acidentalmente* Stacia, vejo algo terrível, tão repugnante que derrubo uma arara inteira de lingerie no chão na tentativa de escapar.

Sutiãs, calcinhas, cabides — tudo vai ao chão, virando uma grande pilha. E eu sou a cereja que vai por cima.

— Deus do céu! — berra Stacia, segurando Honor enquanto se dobram, rindo de mim. — Você é tão *retardada*! — diz ela, correndo para pegar o celular e filmar tudo. Aproximando o zoom para fazer um close da minha tentativa de me livrar de uma cinta-liga vermelha de renda que se enrolou no meu pescoço. — É melhor arrumar logo essa bagunça! — diz, apertando os olhos e ajustando o ângulo enquanto luto para me levantar. — Você sabe o que dizem: quebrou, pagou!

Eu me levanto, observando Stacia e Honor apressarem-se para sair no momento em que uma vendedora se aproxima. Stacia faz uma pausa demorada o suficiente para olhar para trás e dizer:

— Estou de olho em você, Ever. Acredite, ainda não acabei com você.
E depois sai correndo.

No momento em que sinto que Damen vira na minha rua, corro para o espelho (de novo) e checo nervosamente minhas roupas para ter certeza de que tudo está em seu devido lugar — o vestido, o sutiã, a lingerie nova — torcendo para que tudo permaneça assim (bem, pelo menos até chegar a hora de tirar).

Depois que eu e a moça da Victoria's Secret arrumamos a bagunça, ela me ajudou a escolher um conjunto lindo de sutiã e calcinha que não é de algodão, nem exageradamente sexy, e que na verdade não cobre muita coisa, mas acho que essa é a intenção. Depois fui para a Nordstrom, onde comprei um vestidinho verde e sandálias plataforma com tiras combinando. No caminho para casa, dei uma passada rápida na manicure, algo que não faço desde... Bem, desde antes do acidente que me tirou de minha antiga vida para sempre, quando eu costumava ser popular e mulherzinha como Stacia.

Só que nunca fui *realmente* como Stacia.

Quer dizer, posso ter sido popular e líder de torcida, mas nunca fui uma cobra.

— Em que está pensando? — pergunta Damen, depois de entrar sozinho e subir ao meu quarto, pois Sabine não está em casa.

Olho para ele, observando-o encostar-se no batente da porta, sorrindo. Admiro seus jeans escuros, a camisa escura, a jaqueta escura e as botas pretas de motoqueiro que ele sempre usa, e sinto meu coração parar de bater.

— Estava pensando nos últimos quatrocentos anos — digo, encolhendo-me quando seus olhos ficam negros e preocupados. — Mas não é o que você está imaginando — acrescento, querendo deixar claro que não estou obcecada sobre seu passado novamente. — Eu estava pensando sobre todas as vidas que passamos juntos, e como nunca... Hum...

Ele levanta as sobrancelhas e um sorriso surge em seus lábios.

— Acho que estou feliz por esses quatrocentos anos terem ficado para trás — sussurro, vendo Damen chegar mais perto, passar os braços ao redor da minha cintura e me abraçar apertado. Meus olhos analisam os ângulos de seu rosto, seus olhos escuros, a pele macia, os lábios irresistíveis, absorvendo-o por inteiro.

— Também estou feliz — ele diz, seduzindo-me com os olhos. — Não, pensei melhor, esqueça o que eu disse. A verdade é que estou mais do que feliz. Estou em êxtase. — Ele sorri, mas um segundo depois franze a testa e diz: — Não isso ainda não explica. Acho que preciso de uma nova palavra. — Ri levando a boca ao meu ouvido e sussurrando: — Você está mais linda do que *nunca* esta noite. E eu quero que tudo seja perfeito. Quero que seja tudo o que você sempre sonhou. Só espero não desapontá-la.

Recuo, afastando-me para ver seu rosto, imaginando como ele pode pensar em uma coisa dessas quando *eu* passei todo esse tempo preocupada em não desapontá-lo.

Damen coloca o dedo sob meu queixo, levantando meu rosto até meus lábios encontrarem os seus. E eu o beijo com tanto fervor que ele dá um passo para trás e diz:

— Talvez devêssemos ir direto para o Montage.

— Certo — sussurro, procurando seus lábios. Arrependendo-me da brincadeira quando vejo como ele ficou esperançoso. — Mas não podemos. O Miles me *mata* se eu perder a estreia. — Sorrio, esperando que ele sorria também.

Mas ele não sorri. E quando me olha com o rosto tenso e sério, sei que exagerei. Todas as minhas vidas sempre terminaram nessa noite. A noite em que planejamos ficar juntos. E mesmo que eu não me lembre dos detalhes, ele certamente se lembra.

Logo que sua cor volta ao normal, ele pega a minha mão e diz:

Bem, sorte nossa que agora é praticamente *impossível* matá-la, então não há nada que possa nos separar.

A primeira coisa que noto quando estamos indo para os nossos lugares é que Haven está sentada ao lado de Roman, aproveitando a ausência de Josh para encostar o ombro no dele e deixar a cabeça em uma posição que permita que o veja e ria de tudo o que ele diz. A segunda coisa que noto é que meu lugar também fica ao lado de Roman. Só que, diferentemente de Haven, não fico nem um pouco empolgada. Mas como Damen já havia pedido para ficar na cadeira do corredor, e não quero fazer alarde, mesmo contra a vontade acabo sentando ali mesmo. Sentindo a pressão invasiva da energia de Roman quando seus olhos cruzam com os meus, sua atenção tão concentrada em mim que não consigo não me contorcer.

Olho para o teatro quase cheio, tentando desviar minha mente de Roman, e fico aliviada ao ver Josh no corredor, vestindo os jeans pretos de sempre, cinto de rebite, camisa branca e uma gravata xadrez fininha, carregado de doces e garrafas de água enquanto sua franja preta cai sobre os olhos. Suspiro aliviada, vendo como ele e Haven são perfeitos um para o outro, e fico feliz em saber que ele não foi substituído.

— Água? — ele pergunta, jogando-se na cadeira do outro lado de Haven e passando duas garrafas na minha direção.

Pego uma e tento passar a outra para Damen, mas ele apenas faz que não com a cabeça e bebe um gole da bebida vermelha.

— O que é isso? — pergunta Roman, inclinando-se sobre mim e movendo-se na direção da garrafa. Seu toque inoportuno me arrepia. — Você manda esse troço pra dentro como se estivesse batizado. Se for isso, manda pra cá, cara. Não deixe a gente na mão. — Ele ri, esticando o braço e pedindo um pouco, olhando para nós com ousadia.

E quando eu estou prestes a me meter, temendo que Damen fosse legal demais e concordasse em deixar Roman experimentar, as cortinas se abrem e a música começa. Mas mesmo que tenha desistido e voltado para seu lugar, ele não tira os olhos de mim.

Miles estava ótimo. Tão bom que de vez em quando me pego concentrada em suas falas e nas músicas que ele canta, enquanto no resto do tempo minha cabeça está preocupada com o fato de eu estar prestes a perder minha virgindade — minha primeira vez em quatrocentos anos.

Acho incrível pensar que em todas aquelas encarnações, em todas as vezes que nos conhecemos e nos apaixonamos, nunca conseguimos chegar até o fim.

Mas tudo mudará esta noite.

Tudo mudará.

Esta noite enterraremos o passado e seguiremos na direção do futuro do nosso amor eterno.

Quando as cortinas finalmente se fecham, todos nos levantamos e vamos para os bastidores. Mas quando chegamos à porta dos fundos viro-me para Damen e digo:

— Droga! Esquecemos de passar para comprar flores para o Miles.

Damen apenas sorri. Balançando a cabeça, ele diz:

— Do que você está falando? Temos todas as flores de que precisamos bem aqui.

Aperto os olhos, imaginando o que ele vai fazer, porque, pelo que vejo, ele, assim como eu, está de mãos abanando.

— Do que *você* está falando? — sussurro, sentindo aquele calorzinho bom correr por meu corpo quando ele coloca a mão no meu braço.

— Ever — ele diz, sorridente. — Essas flores já existem no nível quântico. Se quiser ter acesso a elas no plano físico, tudo o que tem que fazer é materializá-las, como eu ensinei.

Olho ao redor, certificando-me de que ninguém está escutando nossa estranha conversa e sentindo-me envergonhada quando admito que não posso.

— Eu não sei como fazer — digo, desejando que ele faça logo as flores e acabe com aquilo de uma vez. Não é uma boa hora para aulas.

Mas Damen não cai na minha conversa.

— É claro que pode. Não ensinei nada a você?

Aperto os lábios e olho para o chão, porque a verdade é que ele tentou me ensinar muita coisa. Mas sou uma péssima aluna e fui tão relaxada que seria melhor para ambos se eu deixasse a materialização de flores para ele.

— Faça você — digo, recuando para não ver a decepção em seu rosto. — Você é muito mais rápido do que eu. Se eu tentar, vou fazer muito alarde, as pessoas vão perceber, e então teremos que explicar...

Ele balança a cabeça, recusando-se a ser levado pelas minhas palavras.

— Como vai aprender as coisas se eu sempre fizer tudo para você?

Eu suspiro, sabendo que ele está certo, mas ainda não querendo perder meu precioso tempo tentando materializar um buquê de rosas que pode ou não aparecer. Tudo o que quero é pegar as flores, dizer *Bravo* ao Miles e seguir para o Montage e para o restante dos nossos planos. E há alguns minutos parecia ser tudo o que Damen queria também. Mas agora ele ficou todo sério e com ares de professor para cima de mim; para ser sincera, está até cortando o clima.

Respiro fundo e sorrio gentilmente, passando os dedos em sua lapela enquanto digo:

— Você tem toda razão. Eu vou melhorar, prometo. Mas estava pensando se você não poderia fazer só desta vez, porque é muito mais rápido

do que eu... — Acaricio a parte de trás de sua orelha, sabendo que ele está *quase* cedendo. — Quer dizer, quanto antes tivermos o buquê, mais rápido poderemos ir embora, e então...

Nem termino de falar e ele já está de olhos fechados, com a mão estendida como se segurasse um ramalhete de flores, enquanto olho ao redor para ter certeza de que ninguém está olhando, esperando acabar logo com aquilo.

Mas quando olho novamente para Damen, começo a entrar em pânico. Ele não só está de mãos vazias, como há suor escorrendo por seu rosto pela segunda vez em dois dias.

O que não seria tão estranho se não fosse pelo fato de que Damen não transpira.

Assim como nunca fica doente e nunca tem dias *ruins*, ele também nunca transpira. Não importa a temperatura, não importa o que ele esteja fazendo sempre está controlado, calmo, e é perfeitamente capaz de lidar com o que quer que seja.

Até ontem, quando não conseguiu acessar o portal.

E agora, que ele não foi capaz de materializar um simples buquê para Miles.

Quando toco em seu braço e pergunto se ele está bem, sinto apenas uma cócega no lugar do formigamento e do calor de sempre.

— É claro que estou bem. — Ele aperta os olhos, levantando as pálpebras apenas o suficiente para me ver, fechando-as novamente. Mesmo que nosso contato tenha sido muito rápido, o que eu pude captar em seu olhar me fez gelar e ficar fraca.

Aqueles não eram os olhos calorosos e cheios de amor com os quais estou acostumada. Aqueles olhos eram frios, distantes, remotos, como no início da semana. Observo-o se concentrar, com a testa franzida, e o lábio superior cheio de suor, determinado a superar aquilo para que possamos seguir para nossa noite perfeita. Querendo que isso não se arraste mais, nem que se repita o que aconteceu no outro dia, quando ele não conseguiu fazer o portal aparecer, fico ao lado dele e também fecho meus olhos. *Vendo* um lindo buquê com duas dúzias de rosas vermelhas em sua mão, *sentindo* a doce fragrância inebriante e a maciez das pétalas que se formam sobre longos caules espinhosos...

— Ai! — Damen balança a cabeça e leva o dedo à boca, mesmo o machucado já estando curado muito antes. — Esqueci de fazer um vaso — diz ele, claramente convencido de ter feito as flores sozinho, e eu pretendo fazer de tudo para que continue pensando assim.

— Deixa que eu faço — digo, tentando agradá-lo. — Você está certo, eu preciso praticar — continuo, fechando os olhos e imaginando o vaso da sala de jantar lá de casa, aquele com arabescos complicados, desenhos e facetas reluzentes.

— Cristal de Waterford? — Ele ri. — Quanto você quer que ele ache que gastamos nisso?

Rio também, aliviada pela esquisitice ter acabado e ele ter voltado a fazer piadas. Pego o vaso que ele coloca em minhas mãos enquanto diz: — Aqui está. Leve as flores para o Miles enquanto eu pego o carro.

— Tem certeza? — pergunto, notando que a pele ao redor de seus olhos parece tensa e pálida, e sua testa está um pouco fria e úmida. — Podemos entrar rapidinho, dar os parabéns e sair logo. Não precisamos demorar.

— Fazendo do jeito que estou falando, evitamos a longa fila de carros e saímos ainda mais rápido. — Ele sorri. — Achei que estivesse ansiosa para chegarmos ao hotel.

— E estou.

Estou tão ansiosa quanto ele. Mas também estou preocupada. Preocupada por Damen não conseguir materializar as coisas, preocupada com o olhar frio em seus olhos... Prendo a respiração enquanto ele dá um longo gole em sua bebida, lembrando de como seu machucado se curou rapidamente, tentando me convencer de que isso é um bom sinal.

Sabendo que minha preocupação apenas fará com que ele se sinta pior, limpo a garganta e digo:

— Está bem. Você vai buscar o carro e nos encontramos lá dentro.

Não consigo ignorar a frieza de seu rosto quando me inclino para beijá-lo.

Onze

Quando chego aos bastidores, Miles está cercado de familiares e amigos, e ainda usa as botas de cano alto e o vestido curto da última cena como Tracy Turnblad em *Hairspray*.

— *Bravo!* Você foi ótimo! — digo, entregando as flores no lugar de um abraço, pois não posso arriscar captar nenhuma energia adicional em um momento em que estou tão nervosa por dentro que mal posso lidar com a minha própria energia. — Sério. Eu não tinha ideia de que você podia cantar daquele jeito.

— Claro que tinha. — Ele joga a peruca longa para o lado e enfia o nariz nas pétalas. — Você já me viu cantar no carro várias vezes.

— Mas não assim. — Sorrio, e falo sério. Na verdade, ele estava tão bem que pretendo rever o espetáculo em uma noite em que esteja menos nervosa.

— E onde está o Holt? — pergunto, já sabendo a resposta, mas tentando puxar papo até Damen chegar. — Já fizeram as pazes, né?

Miles franze a testa e aponta para o pai, enquanto me encolho e sussurro *desculpe*. Esqueci que ele saiu do armário na frente dos amigos, mas ainda não contou aos pais.

— Não se preocupe, está tudo bem — ele sussurra, piscando com os cílios falsos e passando as mãos pelos cabelos com mechas loiras. — *Tive* uma crise temporária, mas já está tudo certo, tudo perdoado. E falando em príncipe encantado...

Viro-me para a porta, ansiosa para ver Damen entrar. Meu coração fica super acelerado só de pensar nele... E não me esforço muito para disfarçar minha decepção quando percebo que ele está se referindo a Haven e Josh.

— O que você acha? — ele pergunta, apontando para eles com a cabeça. — Eles vão durar?

Eu observo Josh passando o braço ao redor da cintura de Haven e puxando-a para mais perto dele. Mas não importa quanto tente, não adianta. Apesar de serem perfeitos juntos, ela está com o foco em Roman: refletindo sua postura, a forma como ele inclina a cabeça para trás quando ri, como segura as mãos. Toda a sua energia flui diretamente para ele, como se Josh não

existisse. Mas mesmo que pareça não haver reciprocidade, infelizmente Roman é do tipo que gostaria muito de levá-la para um *test-drive*.

Viro-me novamente para Miles e forço um *sei lá*, levantando os ombros.

— Vai rolar uma festa do elenco na casa da Heather — diz Miles. — Daqui a pouco vamos todos para lá. Vocês querem ir?

Olho para ele com cara de paisagem. Nem sei quem é essa pessoa.

— Ela fez o papel de Penny Pingleton.

Também não tenho ideia de quem é a personagem, mas sei que é melhor não dizer isso, então faço um sinal positivo com a cabeça, como se soubesse.

— Não vai dizer que vocês ficaram só se agarrando e perderam toda a apresentação! — Ele balança a cabeça de forma que fica claro que só em parte está brincando.

— Não seja ridículo, eu vi a peça toda! — digo, corando em mil tons de vermelho e sabendo que ele nunca acreditará em mim, mesmo sendo mais ou menos verdade. Porque, mesmo estando comportados e não nos *agarrando*, foi quase como se nossas mãos estivessem se *agarrando* (o modo como Damen entrelaçou os dedos nos meus) e como se nossos pensamentos estivessem se *agarrando* (as mensagens telepáticas que nos enviávamos). Mesmo com os olhos na peça o tempo todo, minha mente estava em outro lugar, já ocupando o quarto no Montage.

— Você vem ou não? — pergunta Miles, já adivinhando que a resposta é *não*, muito menos chateado do que pensei que ficaria. — Então, para onde vocês dois estão indo? O que poderia ser mais divertido do que festejar com o elenco e a equipe?

Quando olho para ele, fico tentada a dizer, a compartilhar meu grande segredo com alguém em quem sei que posso confiar. Mas assim que me convenço a contar, Roman chega com Josh e Haven.

— Estamos indo, alguém quer uma carona? Só tem dois lugares, mas há espaço para mais um. — Roman aponta para mim, intimidando-me com o olhar, sondando-me, mesmo depois que viro as costas.

Miles faz que não com a cabeça.

— Vou pegar carona com o Holt, e a Ever arrumou coisa melhor para fazer. Algum plano secreto que ela não quer me contar o que é.

Roman sorri, levantando o canto dos lábios, enquanto analisa meu corpo de cima a baixo. Embora, tecnicamente falando, seus pensamentos possam ser

considerados mais elogiosos do que rudes, o fato de virem dele é o suficiente para me incomodar.

Desvio o olhar, virando para a porta, sabendo que Damen já deveria ter chegado. Estou prestes a lhe mandar uma mensagem telepática, pedindo para ele se apressar e me encontrar lá dentro, quando sou interrompida pelo som da voz de Roman dizendo:

— Deve ser segredo para Damen também. Ele já foi embora.

Eu me viro, olhando em seus olhos, sentindo uma pontada inegável no estômago e um arrepio na pele.

— Ele não *foi embora* — digo, sem me importar em moderar o tom de voz. — Ele só foi buscar o carro.

Mas Roman apenas dá de ombros. Com o olhar cheio de pena, ele diz:

— Se você está dizendo... Só achei que deveria saber que agora mesmo, quando fui lá fora para fumar, vi Damen saindo do estacionamento a toda velocidade.

Doze

Saio às pressas pela porta e sigo pelo caminho estreito até o estacionamento, olhando ao redor enquanto meus olhos se ajustam à escuridão, distinguindo uma fileira de lixeiras quase transbordando, restos de vidro quebrado, um gato de rua faminto... Mas nada de Damen.

Ando desorientada, continuo procurando incansavelmente enquanto meu coração bate tão forte que temo que escape do peito.

Recuso-me a acreditar que ele não está ali.

Recuso-me a acreditar que ele me abandonou.

Roman é horrível! Está mentindo!

Damen nunca iria embora e me deixaria daquele jeito.

Tateando a parede de tijolos para me guiar, fecho os olhos e tento sintonizar sua energia, chamando-o em uma mensagem telepática de amor, necessidade e preocupação, recebendo como resposta apenas um vazio completo. Então ando entre os carros que seguem para a saída, o celular pressionado contra o ouvido enquanto olho pelas janelas, deixando uma série de mensagens no correio de voz.

Mesmo quando o salto do pé direito quebra, apenas jogo as sandálias de lado e continuo andando. Não me importo com os sapatos. Posso fazer centenas de pares.

Mas não posso fazer outro Damen.

O estacionamento lentamente se esvazia, e ainda não há sinal dele. Desabo no meio-fio, sentindo-me suada, exausta, diminuída. Vejo os cortes e as bolhas em meus pés melhorarem instantaneamente, desejando poder fechar os olhos e ter acesso à mente de Damen, ler seus pensamentos, descobrir seu paradeiro.

Mas a verdade é que eu nunca consegui entrar em sua mente. É uma das coisas de que mais gosto nele. O fato de ser tão inacessível psiquicamente faz com que eu me sinta normal. E quem iria imaginar que justo o que parecia tão fascinante agora estaria agindo contra mim.

— Precisa de uma carona?

Olho para cima e encontro Roman parado diante de mim, chacoalhando um chaveiro em uma das mãos e minhas sandálias quebradas na outra.

Faço que não com a cabeça e olho para o outro lado, sabendo que não estou em posição de recusar uma carona, embora prefira rastejar por um caminho cheio de brasas e vidro quebrado a entrar no carro dele.

— Anda — diz ele. — Prometo que não vou morder.

Junto minhas coisas, jogando o celular dentro da bolsa e desamassando o vestido enquanto levanto e digo:

— Estou bem.

— Sêrio? — Ele sorri, chegando tão perto que nossos dedos do pé quase se tocam. — Para ser sincero, você não me parece muito bem.

Eu me viro, indo para a saída, sem me preocupar em parar quando ele diz:

— O que eu quis dizer é que a *situação* não parece tão boa. Olhe para você, Ever. Está toda desgrenhada, descalça e, mesmo sem poder afirmar com certeza, parece que seu namorado largou você aqui.

Respiro fundo e continuo seguindo em frente, esperando que ele se canse logo desse joguinho, que se canse de *mim*, que vá embora.

— Mesmo assim, mesmo nessa agitação, nesse estado meio desesperado, tenho que admitir que ainda está linda, se é que posso dizer alguma coisa.

Eu paro, virando de repente para encará-lo apesar de ter jurado continuar andando. Fico tensa enquanto seus olhos analisam todo o meu corpo, demorando-se nas pernas, na cintura e no peito, com um brilho inconfundível.

— Fico imaginando o que Damen estava pensando, porque eu acho...

— Ninguém perguntou o que você acha — digo, sentindo minhas mãos começarem a tremer e lembrando que estou totalmente no comando aqui, que não há motivo para me sentir ameaçada. Que mesmo parecendo uma garota comum e indefesa por fora, não sou nada disso. Sou mais forte do que era antes, tão forte que, se quisesse, poderia derrubá-lo com um só golpe. Poderia pegá-lo e arremessá-lo para fora do estacionamento. E eu bem que fiquei tentada a demonstrar.

Ele sorri, aquele risinho que funciona com quase todo mundo, menos comigo, seus duros olhos azuis olham diretamente dentro dos meus de uma forma tão sagaz, tão pessoal, tão entretida, que meu primeiro instinto é fugir.

Mas não fujo.

Porque tudo relacionado a ele parece ser um desafio, e não vou deixá-lo ganhar, de jeito nenhum.

— Não preciso de carona — digo, finalmente.

Viro-me para seguir meu caminho e sinto o seu gelo, pois ele continua atrás de mim. Sinto seu hálito frio em minha nuca quando diz:

— Ever, por favor, pode parar um pouco? Eu não quis chatear você.

Mas eu não paro. Continuo andando, determinada a ficar tão distante dele quanto conseguir.

— Vamos. — Ele ri. — Só estou tentando ajudar. Seus amigos já foram embora, Damen caiu fora, o pessoal da limpeza já foi para casa, o que faz de mim sua última opção.

— Tenho muitas opções — resmungo, desejando que ele vá embora para que eu possa tentar materializar um carro, sapatos, e seguir meu caminho.

— Não estou vendo nenhuma.

Balanço a cabeça e continuo andando. A conversa terminou.

— Então está me dizendo que prefere ir a pé para casa a entrar em um carro comigo?

Chego ao fim da rua e aperto várias vezes o botão, desejando que o sinal de pedestres fique verde para que eu possa atravessar para o outro lado e me livrar dele.

— Não sei como chegamos a esse ponto, mas está bem claro que você me odeia, e eu não tenho ideia do motivo. — Sua voz é suave, convidativa, como se ele realmente quisesse começar tudo de novo, esquecer tudo o que aconteceu, fazer as pazes e tudo mais.

Mas eu não quero começar de novo. Nem fazer as pazes.

Só quero que ele vire as costas, vá embora e me deixe em paz para que eu possa encontrar Damen.

Ainda assim, não consigo deixar para lá, não consigo deixá-lo com a palavra final. Então olho para trás e digo:

— Não seja tão convencido, Roman. Para odiar alguém é preciso se importar. Nesse caso, eu não tenho como odiar você.

Atravesso a rua correndo, mesmo com o sinal fechado, desviando de alguns apressadinhos que querem passar no amarelo e sentindo o frio insistente de seu olhar.

— E os seus sapatos? — ele grita. — É uma pena deixá-los aqui. Acho que dá para consertar o salto.

Mas eu continuo andando. *Vendo-o* agachado atrás de mim, com o braço exageradamente erguido, com minhas sandálias penduradas na ponta de seus dedos. Sua risada ampla me perseguindo, seguindo-me enquanto atravesso a avenida e entro numa rua.

Treze

Assim que atravesso a rua, me escondo atrás de um prédio, olho para a esquina e espero até o Aston Martin Roadster vermelho de Roman passar. Então, aguardo mais alguns minutos até estar totalmente convencida de que ele foi mesmo embora e não voltará tão cedo.

Preciso encontrar Damen. Preciso descobrir o que aconteceu com ele, por que ele desapareceu sem dizer nada. Quer dizer, ele estava (nós estávamos) esperando por esta noite há quatrocentos anos, então o fato de ele não estar aqui comigo prova que algo está terrivelmente errado.

Mas primeiro preciso de um carro. Não dá para ir a lugar nenhum em Orange County sem um carro. Fecho os olhos e imagino a primeira coisa que me vem à cabeça: um New Beetle azul-celeste, igual ao que Shayla Sparks, a aluna mais popular a passar pelos corredores da Escola Hillcrest, costumava dirigir. Lembro-me de sua cartunesca forma arredondada e da capota preta que parecia deixá-lo ainda mais glamouroso e ainda protegia da chuva implacável do Oregon. Imagino-o tão claramente que é como se estivesse bem diante de mim, lustroso, curvilíneo e adoravelmente gracioso. *Sinto* meus dedos pegarem na maçaneta e o toque macio do couro ao sentar no banco. E quando coloco uma tulipa vermelha no vasinho de flores do painel, abro os olhos e vejo que meu carro está completo.

Só que não sei como dar a partida.

Esqueci de materializar uma chave.

Mas isso nunca impediu Damen. Apenas fecho os olhos novamente e *desejo* que o carro funcione, lembrando o som exato que o carro de Shayla fazia quando minha ex-melhor amiga Rachel e eu ficávamos sentadas na calçada, depois da escola, observando com inveja enquanto as amigas super populares de Shayla se amontoavam nos bancos da frente e de trás.

Assim que o carro liga, sigo para a Coast Highway, pensando em começar pelo Montage, lugar para onde deveríamos ter ido, e continuar a partir dali.

O trânsito está pesado a essa hora, mas isso não me atrasa. Apenas concentro-me em todos os carros à minha volta, *vendo* qual será o próximo

movimento de cada um, e então adapto meu caminho a eles. Entro rápida e tranquilamente em cada espaço aberto, até chegar à entrada, sair do carro e correr para o lobby.

Paro apenas quando o manobrista grita para mim:

— Ei, espere! Cadê a chave?

Faço uma pausa, minha respiração curta e ofegante. Não percebo, até vê-lo olhando para os meus pés, que não estou só sem as chaves, mas também sem sapatos. Sabendo que não posso perder mais tempo do que já perdi, e relutante em materializar alguma coisa na frente dele, corro para a porta berrando:

— Pode deixar ligado, não vou demorar!

Vou direto para o balcão, passando na frente de uma longa fila de pessoas irritadas, todas carregando sacolas de golfe e malas com monogramas, todas reclamando sobre terem que se registrar tarde devido a um atraso de quatro horas. E quando entro na frente do casal de meia-idade que seria atendido em seguida, as reclamações chegam a um novo nível.

— Damen Auguste já chegou? — pergunto, ignorando os protestos atrás de mim enquanto agarro firme o balcão, tentando controlar meus nervos.

— Desculpe, *quem?* — A atendente lança um olhar para o casal, querendo dizer: *Não se preocupem, despacho essa doida em um segundo!*

— Damen. Auguste — repito lenta e claramente, com mais paciência do que costumo ter.

Ela me olha torto, e seus lábios finos quase não se mexem quando diz:

— Desculpe, mas essa informação é confidencial. — Ela balança seu longo e escuro rabo de cavalo em um movimento tão derradeiro e indiferente que parece um ponto-final fechando uma frase.

Aperto os olhos, concentrando-me em sua aura alaranjada e sabendo que isso significa que organização e autocontrole são as virtudes que ela mais preza — coisas que eu praticamente anunciei não ter quando pulei a catraca há alguns minutos. Ciente de que preciso cativá-la se tiver alguma esperança de obter a informação de que necessito, resisto ao ímpeto de agir com arrogância e indignação, e explico calmamente que sou a *outra* pessoa que consta na reserva do quarto.

Ela olha para mim, olha para o casal que está atrás, e diz:

— Sinto muito, mas terá que esperar sua vez. Como. Todos. Os. Outros.

Sei que tenho menos de dez segundos antes que ela chame a segurança.

— Eu *sei*. — Abaixo a voz e me inclino em sua direção. — Peço desculpas. Mas é que...

Ela olha para mim, seus dedos quase chegando ao telefone quando presto atenção em seu longo nariz, os lábios finos e sem maquiagem e um leve inchaço sob os olhos, e do *nada, vejo* como vou conseguir.

Ela levou um fora. Levou um fora a tão pouco tempo que ainda chora até pegar no sono, todas as noites. Relembra o terrível acontecimento todos os dias, *o dia todo...* A cena a persegue onde quer que vá, esteja acordada ou sonhando.

— Mas é que, bem... — Faço uma pausa, tentando passar a ideia de que é muito penoso dizer as palavras exatas, quando na verdade não estou muito certa de que palavras usar. Então, balanço a cabeça e começo de novo, sabendo que é sempre melhor manter alguma semelhança com a verdade quando se precisa que a mentira pareça real. — Ele não apareceu quando deveria, e por isso... Bem... Nem sei se ele ainda vem. — Engulo em seco, contraindo-me quando percebo que as lágrimas em meus olhos são reais.

Quando olho para ela novamente e vejo seu rosto ficar mais suave, sei que funcionou. A boca amarga e crítica, o olhar torto e apertado e o queixo enrugado foram transformados pela compaixão, pela solidariedade e pela união. Somos como irmãs agora, membros leais de uma tribo feminina, dispensadas recentemente pelos homens.

Vejo-a digitar alguns comandos no teclado e sintonizo em sua energia para poder ver o que ela vê. As letras na tela piscam diante de mim, mostrando que o nosso quarto, a suíte 309, ainda está vazio.

— Tenho certeza de que ele só está um pouco atrasado — ela diz, embora não acredite. Para ela, os homens são a escória. Ela está convencida disso. — Mas se tiver um documento que prove que você é realmente você, eu posso...

Antes que ela termine a frase, vou embora. Viro as costas e corro para fora. Não preciso de chave. Não posso entrar naquele quarto triste e vazio e esperar por um namorado que obviamente não virá. Preciso continuar procurando. Preciso ir aos únicos dois outros lugares onde ele pode estar. Quando entro no carro e sigo para a praia, rezo para encontrá-lo.

Catorze

Estaciono perto do Shake Shack e vou em direção ao mar, sentindo o caminho pela trilha escura e sinuosa, determinada a localizar a caverna secreta de Damen mesmo tendo estado lá apenas uma vez, que por coincidência foi a *outra vez* em que chegamos bem perto de fazer aquilo. E teríamos feito... Se não fosse por mim. Acho que tenho um histórico de pisar no freio no momento mais crucial. Ou é isso, ou acabo morrendo. Então, é claro, eu esperava que esta noite fosse diferente.

Logo que meus pés tocam a areia e eu chego ao seu esconderijo, fico triste ao ver que está do mesmo jeito que o deixamos: cobertores e toalhas dobrados e empilhados em um canto, pranchas de surf encostadas nas paredes, uma roupa de mergulho pendurada sobre uma cadeira... Mas nem sinal de Damen.

Faltando apenas um lugar da minha lista, cruzo os dedos e corro para o carro. Sinto-me surpresa com a forma pelo qual meus membros se movem com tanta velocidade e graça, como se meus pés apenas tocassem a areia de relance, percorrendo a distância tão rapidamente que logo depois de começar já estou de volta ao carro, saindo da vaga. Fico me perguntando há quanto tempo sou capaz de fazer isso e que outros dons de imortal posso ter.

Quando chego ao portão, Sheila, a segurança que já está acostumada a me ver e sabe que estou na lista permanente de convidados de Damen, sorri e faz sinal para que eu entre. E quando subo a colina que leva à casa e paro na entrada, a primeira coisa que noto é que todas as luzes estão apagadas.

Todas. Inclusive a que fica sobre a porta, que ele sempre deixa acesa.

Fico no carro, o motor desligado, enquanto olho para as janelas escuras. Parte de mim quer arrombar a porta, subir as escadas e invadir o quarto "especial", onde ele armazena suas recordações mais preciosas — seus retratos pintados por Picasso, Van Gogh e Velázquez, pilhas de tomos raros e primeiras edições -, as inestimáveis relíquias de seu longo e célebre passado, todas acumuladas em um cômodo lotado e coberto de ouro. Ao mesmo tempo, a outra parte de mim prefere ficar quieta, sabendo que não preciso entrar para provar que ele não está lá. O exterior frio e sinistro de paredes de

pedra, cobertura de telhas e janelas sem cortinas está completamente desprovido de sua presença calorosa.

Fecho os olhos, lutando para me lembrar das últimas palavras que ele disse - algo sobre pegar o carro para que *nós* pudéssemos sair mais rápido. Certa de que ele realmente quis dizer *nós* — que *nós* devíamos sair rápido para que *nós* pudéssemos ficar finalmente juntos. Nossa busca de quatrocentos anos culminaria nesta noite perfeita.

Quer dizer, ele não estaria querendo sair mais rápido de perto de *mim...*
Estaria?

Respiro fundo e saio do carro. Sei que a única forma de conseguir respostas é continuar tentando. As solas dos meus pés frios e úmidos escorregam na passagem coberta de orvalho enquanto procuro a chave, lembrando tarde demais que a deixei em casa, pois nunca imaginei que precisaria dela justamente esta noite.

Paro diante da porta da frente, memorizando seu arco curvado com acabamento em mogno e entalhes detalhados, antes de fechar os olhos e imaginar outra exatamente igual. *Vejo* a minha porta imaginária se destrancar e abrir. Nunca tentei isso antes, mas sei que é possível, pois vi Damen abrir um portão da nossa escola. Um portão que, com certeza, estava trancado alguns segundos antes.

Mas quando abro os olhos novamente, tudo o que consegui foi materializar outra enorme porta de madeira. Sem a mínima ideia de como me desfazer dela (pois até agora só materializei coisas que queria guardar), encosto-a na parede e vou para os fundos.

Há uma janela na cozinha, bem atrás da pia, que ele sempre deixa aberta. Depois de escorregar os dedos sob a borda e empurrar a janela para cima, engatinho sobre a pia lotada de garrafas de vidro vazias e pulo para o chão. Meus pés fazem um barulho abafado e eu me pergunto se invasão de domicílio também se aplica a namoradas preocupadas.

Olho em volta, observando a mesa e as cadeiras de madeira, o armário com potes de aço inoxidável, a cafeteira, o liquidificador e a centrífuga moderna — todos parte da coleção de utensílios mais *high-tech* que o dinheiro pode comprar (ou que Damen pode materializar) -, selecionados cuidadosamente para dar a aparência de uma vida normal e próspera. Como

acessórios de uma casa-modelo belamente decorada: perfeitamente organizados e nunca utilizados.

Abro a geladeira, esperando ver o enorme suprimento de suco vermelho de sempre, mas encontro apenas algumas garrafas. E quando olho na despensa, lugar onde ele deixa novas porções para fermentar, marinar, ou o que quer que façam no escuro por três dias, fico chocada ao descobrir que quase não há estoque.

Fico ali parada, olhando para as poucas garrafas, meu estômago dói, meu coração acelera, sabendo que há algo extremamente errado acontecendo. Damen é sempre tão obcecado em manter uma quantidade grande de suco à mão — ainda mais agora que é responsável por me abastecer — que ele nunca deixaria as coisas chegarem a esse ponto.

Mas ele também está consumindo bem mais suco ultimamente, está bebendo quase o dobro do que costumava. Então é totalmente possível que não tenha tido tempo de fazer um novo lote.

Isso soa correto, em teoria, claro, mas não é nem um pouco plausível.

A quem estou tentando enganar? Damen é extremamente organizado com essas coisas, quase beirando a obsessão. Ele nunca deixaria de lado sua produção de bebida. Nem por um dia.

A não ser que algo esteja terrivelmente errado.

Mesmo não tendo provas, no fundo sei que a forma como ele vem agindo ultimamente, tão *desligado*, com os olhares repentinamente vazios, impossíveis de não notar não importa quão rápido voltem ao normal, sem contar o suor, as dores de cabeça, a incapacidade de materializar objetos comuns ou acessar o portal para Summerland — bem, somando tudo isso, fica claro que ele está doente.

Só que Damen nunca fica doente.

Quando ele furou o dedo naquela rosa espinhenta mais cedo, vi o machucado se curar bem diante de mim.

Ainda assim, talvez eu deva começar a ligar para os hospitais, só para ter certeza.

Mas Damen *nunca* iria para o hospital. Ele veria isso como um sinal de fraqueza, derrota. É mais provável que ele se arraste como um animal ferido, escondendo-se em algum lugar onde possa ficar sozinho.

Só que ele não tem ferimento algum, porque eles se curam instantaneamente. Além disso, ele nunca sairia rastejando sem antes me avisar.

Bem, eu também estava convencida de que ele nunca iria embora sem mim, e veja o que aconteceu.

Mexo em suas gavetas, procurando a lista telefônica, outro acessório que ele tem para parecer normal. Pois mesmo sendo verdade que Damen nunca iria para o hospital, caso tenha havido um acidente ou outro acontecimento que ele não possa controlar, é possível que alguém o tenha levado sem o seu consentimento.

Mesmo que isso contradiga a história (provavelmente falsa) de Roman, que disse ter visto Damen sair com pressa, nada me impede de ligar para todos os hospitais de Orange County perguntando se algum Damen Auguste deu entrada, e recebendo resposta negativa em todas as tentativas.

Após ligar para o último hospital, considero ligar para a polícia, mas rapidamente mudo de ideia. O que eu diria? Que meu namorado imortal de seiscentos anos está desaparecido?

Eu teria a mesma sorte indo até a Coast Highway em busca de um BMW preto com vidros escuros e um motorista bonito dentro — a proverbial agulha no palheiro de Laguna Beach.

Ou posso ficar aqui, sabendo que em algum momento ele terá que aparecer.

Subo para seu quarto e me conforto com o pensamento de que, se não posso estar com ele, pelo menos posso estar perto de suas coisas. Acomodo-me em seu sofá tipo canapé, de veludo, e olho para as coisas que ele mais preza, esperando ainda ser uma delas também.

Quinze

Meu pescoço dói. E minhas costas me incomodam. Quando abro os olhos e vejo onde estou, percebo o motivo. Passei a noite neste quarto. Bem aqui, no antigo canapé de veludo, originalmente concebido para conversas amenas e flertes sedutores, mas, definitivamente, não para dormir.

Esforço-me para levantar e meus músculos se contraem em protesto quando me espreguiço para o alto e me alongo na direção do chão. Depois de dobrar o torso para os lados e girar a cabeça para frente e para trás, vou até as grossas cortinas de veludo e abro-as com força, inundando o quarto com uma luz tão brilhante que meus olhos se enchem de água e começam a arder, quase não tendo tempo de se acostumarem com a claridade antes que eu feche as cortinas novamente. Certifico-me de que estão bem fechadas e que nenhum raio de luz pode entrar, fazendo com que o ambiente retome seu estado usual de penumbra permanente, pois fui avisada por Damen que os raios fortes do sul da Califórnia podem danificar o conteúdo do quarto.

Damen.

Pensar nele faz meu coração inchar de uma dor tão saudosa e absoluta que minha cabeça fica tonta e todo o meu corpo oscila. Quando encosto no armário de madeira trabalhada, agarrando sua borda finamente detalhada, meus olhos analisam o cômodo, lembrando-me de que não estou tão sozinha quanto penso.

Para onde quer que eu olhe, sua imagem me cerca. Sua imagem perfeitamente capturada pelos maiores mestres do mundo, adornadas com molduras iguais às dos museus e penduradas nas paredes. O Picasso com um terno escuro, o Velázquez com o cavalo branco empinado — cada um deles representando aquele rosto que eu pensei conhecer tão bem; só que agora os olhos parecem distantes e insolentes, o queixo, erguido e desafiador, e os lábios, os quentes e belos lábios que desejo tanto a ponto de senti-los, parecem tão afastados, tão indiferentes, tão irritantemente distantes, como se me alertassem para não chegar perto.

Fecho os olhos determinada a bloquear tudo isso, certa de que meu estado de pânico está me influenciando a pensar o pior. Forço-me a respirar

fundo várias vezes antes de tentar ligar novamente para o celular de Damen. Deixo na caixa-postal mais uma rodada de: *Liga pra mim... Onde você está... O que aconteceu? Você está bem... Me liga...* Mensagens que já deixei inúmeras vezes.

Coloco o telefone de volta na bolsa e olho para o quarto uma última vez, evitando cuidadosamente olhar para os retratos e certificando-me de que não deixei passar nada. Nenhuma pista sobre o desaparecimento de Damen que eu possa ter negligenciado, nenhuma dica pequena ou insignificante que possa deixar o *como* e o *porquê* um pouco mais fáceis de entender.

Quando me convenço de que fiz tudo o que estava ao meu alcance, pego a bolsa e vou para a cozinha, parando apenas para deixar um bilhete com as mesmas palavras que disse ao telefone, e sabendo que no momento em que sair pela porta minha ligação com Damen ficará ainda mais tênue do que já está.

Respiro fundo e fecho os olhos, pensando no futuro que até ontem parecia tão certo: Damen e eu, ambos felizes, juntos, completos. Desejando que fosse possível materializar essas coisas, mesmo sabendo que no fundo não valeria de nada.

Não se pode materializar outra pessoa. Pelo menos não por muito tempo.

Então concentro minha atenção em algo que *posso* criar. Imagino a tulipa vermelha mais perfeita de todas, com pétalas macias e um longo caule. O símbolo ideal de nosso amor eterno. Quando sinto que a flor tomou forma em minhas mãos, volto para a cozinha, rasgo o bilhete e deixo a tulipa em seu lugar.

Dezesseis

Sinto falta de Riley.

Sinto tanta falta dela que é quase uma dor física.

Porque, no instante em que percebo que não tenho escolha a não ser informar a Sabine que Damen não irá ao jantar (esperei até as oito e dez, dez minutos depois da hora marcada, quando ficou claro que ele não apareceria), as perguntas começam. E continuam pelo resto do fim de semana na forma de questionamentos como: *O que aconteceu? Sei que aconteceu alguma coisa. Queria que falasse comigo. Por que não me conta? É alguma coisa com o Damen? Vocês brigaram?*

E mesmo que eu tenha falado com ela (durante o jantar, quando de alguma forma consegui comer o suficiente para convencê-la de que eu realmente *não* tenho distúrbios alimentares), tentando assegurá-la de que tudo estava bem, que Damen estava apenas ocupado e que eu estava esgotada depois de passar uma noite longa e cheia de diversões na casa de Haven, ficou claro que ela não acreditou em mim. Pelo menos não na parte de que estava tudo bem. Ela acreditou totalmente na parte sobre eu ter passado a noite na casa de Haven.

Ficou insistindo que deveria haver uma explicação melhor para meus suspiros constantes e minhas mudanças de humor, para a forma como passei de mal-humorada a obcecada e, em seguida, a depressiva, depois começando tudo de novo. Mesmo me sentindo mal por mentir para ela, mantive minha versão da história. Acho que pareceu mais fácil, já que mentir para Sabine fez com que fosse mais fácil mentir para mim mesma. Temendo que *recontar* a história, explicar que, mesmo que meu coração se recuse a acreditar, minha cabeça não deixa de pensar que ele pode ter me deixado de propósito, possa de alguma forma *fazer* tudo aquilo virar verdade.

Se Riley estivesse aqui, as coisas seriam diferentes, eu poderia conversar com ela. Poderia contar toda a história sórdida do começo ao fim, sabendo que ela não só entenderia, como teria respostas. O fato de estar morta é um passe com acesso total. Permite que vá aonde quiser somente com a força do pensamento. Nenhum lugar é impossível, todo o planeta está à sua disposição.

E, sem dúvida, ela seria muito mais eficiente do que a combinação de todos os meus telefonemas frenéticos e idas a lugares.

Porque, no fim das contas, toda a minha investigação desarticulada, desajeitada e ineficiente deu nisso: (nada).

Deixando-me tão desinformada nesta segunda-feira de manhã quanto estava na noite de sexta-feira, quando tudo aconteceu. E não importa quantas vezes eu ligue para Miles ou Haven, suas respostas são sempre as mesmas: *Nenhuma novidade, mas ligaremos se soubermos de algo.*

Se Riley estivesse aqui, ela desvendaria esse caso em um instante. Com resultados rápidos e respostas detalhadas, poderia me dizer com o que exatamente estou lidando e como proceder.

Mas o fato é que Riley não está aqui. E apesar de ter me prometido um sinal segundos antes de partir, estou começando a duvidar que isso aconteça. E talvez, apenas talvez, seja hora de parar de procurar e seguir com a minha vida.

Enfio um jeans, calço um par de chinelos, visto uma regata e uma camiseta de mangas compridas por cima. Quando estou prestes a sair para a escola, volto para pegar meu iPod, o moletom com capuz e os óculos escuros, sabendo que é melhor me preparar para o pior, pois não tenho ideia do que vou encontrar.

— Você o encontrou?

Nego com a cabeça, vendo Miles entrar no carro, jogar a mochila no chão e disparar um olhar cheio de pena.

— Eu tentei ligar — diz ele, tirando o cabelo do rosto, ainda com as unhas pintadas de rosa. — Até tentei ir à casa dele, mas não consegui passar do portão. Acredite, você *não* ia querer irritar a Grande Sheila. Ela leva seu trabalho *muito* a sério. — Ele ri, esperando deixar o clima mais leve.

Eu apenas dou de ombros, desejando poder rir com ele, mas sabendo que não posso. Estou um trapo desde sexta-feira e a única cura seria ver Damen novamente.

— Você não deveria se preocupar tanto — diz Miles, virando-se para mim. Tenho certeza de que ele está bem. Vamos combinar: não é a primeira vez que ele desaparece. Olho para ele, sentindo seus pensamentos antes de as palavras saírem de sua boca. Sabendo que ele se refere à última vez que Damen desapareceu, a vez que eu o mandei embora.

— Mas foi diferente — digo a ele. — Acredite em mim, desta vez não é a mesma coisa.

— Como pode ter tanta certeza? — Sua voz é cuidadosa, comedida, seus olhos ainda estão em mim.

Respiro fundo e presto atenção na estrada, pensando se conto ou não a ele. Eu não falo *de verdade* com alguém há muito tempo. Não confidencio com um amigo desde bem antes do acidente... Antes de tudo mudar. E às vezes ter que esconder todos esses segredos faz com que eu me sinta realmente sozinha. Queria poder me livrar desse peso e conversar como uma garota normal novamente.

Olho para Miles, certa de que posso confiar nele, mas não tão certa de que posso confiar em mim mesma. Sou como uma lata de refrigerante que foi virada e sacudida e agora todos os meus segredos estão querendo transbordar.

— Você está bem? — ele pergunta, olhando para mim atentamente.

Engulo em seco:

— Na sexta à noite, depois da sua peça... — Faço uma pausa, sabendo que tenho toda a sua atenção. — Bem... Nós... Hum... Meio que tínhamos feito planos.

— Planos? — Ele se inclina na minha direção.

— *Grandes* planos — afirmo com a cabeça, com uma ponta de sorriso no canto dos lábios, que desaparece instantaneamente quando lembro como tudo acabou saindo tragicamente errado.

— Grandes como? — ele pergunta, olhando nos meus olhos.

Balanço a cabeça, prestando atenção na estrada à minha frente enquanto digo:

— Ah, só uma noite comum de sexta-feira, sabe? Quarto no Montage, lingerie nova, morangos cobertos com chocolate, duas taças de champanhe...

— Ai meu deus, você *não fez isso!* — ele berra.

Olho para ele, vendo sua cara cair quando se dá conta da verdade.

— Ai, meu Deus. É claro, você *realmente* não fez isso. Não teve nem chance, já que... — Ele olha para mim. — Ah, Ever... Sinto *muito*.

Encolho os ombros, vendo a desolação que sinto tão claramente estampada em seu rosto.

— Escuta — diz ele, pegando em meu braço quando paro em um sinal, e depois soltando ao lembrar que não gosto de ser tocada por ninguém a não ser

Damen, sem saber que é apenas porque faço de tudo para evitar toda e qualquer troca de energia desnecessária. — Ever, você é linda. Sério. Especialmente agora que parou de usar aqueles moletons de capuz largões e.. — Ele balança a cabeça. — Não importa... O que quero dizer é que não tem como Damen ter fugido de você *de propósito*. Vamos ser realistas, o cara está totalmente apaixonado, todo mundo pode ver. E, acredite em mim, do jeito que você dois estão constantemente se beijando, todo mundo *já viu*. É praticamente impossível que ele tenha deixado você!

Olho para ele, querendo lembrá-lo do que Roman disse sobre Damen ter saído a toda velocidade do estacionamento, e como tenho essa horrível impressão de que ele tem algo a ver com isso, talvez até seja o responsável, mas quando estou prestes a falar, percebo que não posso. Não tenho evidências, nada que possa provar minhas impressões.

— Você ligou para a polícia? — ele pergunta, com uma seriedade repentina.

Aperto os lábios e encaro o sinal à minha frente, odiando o fato de ter realmente ligado para a polícia. Sabendo que se tudo acabar bem e Damen aparecer sem nenhum arranhão, ele não gostará nada de eu ter chamado tanta atenção assim.

Mas o que eu ia fazer? E se *houve* mesmo um acidente ou algo do tipo, achei que a polícia seria a primeira a saber. Então, domingo de manhã, fui à delegacia e fiz um Boletim de Ocorrência, respondendo a todas aquelas perguntas-padrão como: *sexo masculino, caucasiano, olhos e cabelos castanhos...* Até chegar na idade, e quase engasguei quando cheguei perto de dizer: *Hum... ele tem aproximadamente 617 anos...*

— Sim, eu fiz um registro de ocorrência — digo, finalmente, pisando firme no acelerador quando o sinal abre e vendo o velocímetro aumentar. — Eles pegaram as informações e disseram que vão investigar.

— Só isso? Está brincando? Ele é menor de idade, não é nem adulto!

— É, mas ele é emancipado. Uma circunstância bem diferente que o torna legalmente responsável por si mesmo, e outras coisas que não entendi muito bem. E também não estou muito por dentro das técnicas de investigação da polícia. Eles não me deram detalhes — digo, diminuindo a velocidade agora que entramos em zona escolar.

— Você acha que devíamos distribuir folhetos? Ou fazer uma vigília, com velas, como vemos na televisão?

Meu estômago revira quando ele diz isso, mesmo sabendo que ele está apenas exagerando no drama, como sempre, embora seja bem-intencionado.

Mas, até agora, não imaginei que chegaria a esse ponto. É claro que Damen vai aparecer logo. Ele *tem* que aparecer. Ele é *imortal*! O que poderia acontecer com ele?

Assim que finalizo meu pensamento e entro no estacionamento, vejo Damen saindo do seu BMW. Ele está tão elegante, tão sexy, tão lindo que é como se tudo estivesse perfeitamente normal. Como se os últimos dias nunca tivessem existido.

Piso com tudo nos freios, meu carro se move para frente e para trás, fazendo com que o motorista atrás de mim pise nos freios também. Meu coração acelera e minhas mãos tremem enquanto vejo meu maravilhoso, e até então desaparecido, namorado passar a mão no cabelo de forma tão deliberada, tão insistente e com tanta concentração que parece ser sua maior preocupação.

Não era isso que eu esperava.

— Mas que *diabos*? — grita Miles, olhando boquiaberto para Damen enquanto uma fila enorme de carros buzina atrás de nós. — E o que ele está fazendo estacionado *lá* do outro lado? Por que não está na segunda melhor vaga, guardando a *melhor de todas* para nós?

Como não tenho nenhuma das respostas para estas perguntas, paro ao lado de Damen, imaginando que ele possa ter.

Abro a janela, sentindo uma timidez e uma estranheza inexplicáveis, e ele simplesmente olha para mim e depois desvia o olhar.

— Está tudo bem? — pergunto, estremecendo quando ele apenas confirma com a cabeça, praticamente o reconhecimento mais imperceptível de minha presença que ele poderia demonstrar.

Damen vai até o carro e pega a mochila, aproveitando para admirar a si mesmo no vidro da janela do motorista enquanto eu engulo em seco e digo:

— Porque você meio que desapareceu na sexta à noite... E eu não consegui encontrar ou falar com você durante todo o fim de semana... E fiquei um pouco preocupada... Até deixei algumas mensagens... Você não recebeu?

— Aperto os lábios e desisto de meu interrogatório patético, ineficiente e apressado.

Você *meio* que desapareceu? Eu fiquei *um pouco* preocupada? Quando o que eu realmente queria gritar é: — *EI, VOCÊ DA ROUPA PRETA SUPERDESCOLADA... QUE DIABOS ACONTECEU?*

Observo enquanto ele coloca a mochila no ombro, olha para mim e dá passos longos e firmes, diminuindo a distância entre nós em poucos segundos.

Mas o que diminui é apenas a distância física, não a emocional, porque, quando olho em seus olhos, eles parecem estar a quilômetros de distância.

Percebo que estava prendendo a respiração. Ele chega perto da janela, aproxima o rosto do meu e diz:

— Sim, eu recebi suas mensagens. Todas as cinquenta e nove.

Posso sentir seu hálito quente nas maçãs do rosto. Fico boquiaberta e meus olhos procuram os dele, buscando o calor que seu olhar sempre me proporciona, e estremecendo quando o vejo indiferente, distante e vazio. Não é como no outro dia, quando ele não me reconheceu. Não, é muito pior.

Porque agora, quando olho em seus olhos, fica claro que ele me conhece... Só que deseja nunca ter me conhecido.

— Damen, eu... — Minha voz some quando um carro buzina atrás de mim e Miles resmunga algo ininteligível a meia-voz.

Antes que eu possa limpar a garganta e começar novamente, Damen está balançando a cabeça e indo embora.

Dezessete

— Está tudo *certo* com você? — pergunta Miles, com toda a mágoa e toda a dor que estou muito entorpecida para sentir estampadas em seu rosto.

Dou de ombros, sabendo que não está. Como pode estar tudo *certo* quando nem sei mais o que está *errado*?

— Damen é um idiota — ele diz, com a voz dura.

Eu apenas suspiro. Mesmo sem poder explicar, e mesmo sem entender, no fundo sei que as coisas são muito mais complicadas do que parecem.

— Não é, não — murmuro, descendo do carro e batendo a porta mais forte do que o necessário.

— Ever, por favor... Desculpe por ter que dizer, mas você *viu* o que eu acabei de ver, certo?

Vou na direção de Haven, que espera no portão.

— Pode acreditar, eu vi *tudo* — digo, repassando a cena em minha cabeça, sempre parando em seus olhos distantes, sua energia tépida, sua total falta de interesse em mim...

— Então você concorda? Que ele é um idiota? — Miles olha para mim com atenção, certificando-se de que não sou o tipo de garota que permite que um cara a trate dessa forma.

— Quem é um idiota? — pergunta Haven, olhando para nós.

Miles olha para mim, pedindo permissão com os olhos, e depois que me vê levantar os ombros, vira para Haven e diz:

— Damen.

Haven aperta os olhos, cheia de perguntas na cabeça. Mas eu tenho minhas próprias perguntas, perguntas sem uma resposta provável. Como:

Que diabos acabou de acontecer? E desde quando Damen tem aura?

— O Miles pode contar tudo — digo, olhando para eles antes de sair andando. Desejando mais do que nunca poder ser normal, poder abraçá-los e chorar em seus ombros como uma garota comum. Mas acontece que há mais coisas envolvidas nessa situação do que seus olhos mortais podem ver. E mesmo sem poder provar, se eu quiser respostas, terei que ir direto à fonte. Quando chego na sala de aula, em vez de hesitar diante da porta como pensei

que faria, surpreendo-me entrando com tudo. E ao ver Damen debruçado sobre a mesa de Stacia, sorrindo, fazendo piadinhas e flertando com ela, sinto estar no meio de um grande *déjà vu*.

Você consegue lidar com isso. Já passou por isso antes, penso, lembrando-me da época em que Damen fingiu estar interessado em Stacia apenas para chamar a minha atenção.

Mas quanto mais me aproximo, mais percebo que aquilo não se parece nada com a outra vez. Antes, tudo o que eu precisava fazer era olhar nos olhos de Damen para descobrir um pequeno brilho de compaixão, uma ponta de arrependimento que ele não conseguia esconder.

Agora, vendo Stacia se exibir jogando os cabelos, mostrando o decote e piscando os olhos, é como se eu fosse invisível.

— Com licença — digo, obrigando-os a olhar para cima, claramente irritados com a interrupção. — Damen, eu posso... Hum... Posso falar com você um segundo? — Enfio as mãos no bolso para que ele não veja que estou tremendo, forçando-me a respirar como uma pessoa normal e relaxada: inspirando e expirando sem ofegar.

Ele e Stacia olham um para o outro, e então começam a gargalhar ao mesmo tempo. E quando Damen vai falar alguma coisa, o sr. Robins chega e diz:

— Todos em seus lugares! Quero ver todos em seus lugares!

Vou para a nossa mesa e digo: — Pode ir na frente.

Vou atrás dele, resistindo ao ímpeto de agarrá-lo pelo ombro, virá-lo para mim, forçá-lo a olhar em meus olhos e gritar:

Por que você me deixou? O que foi que aconteceu com você? Como pôde fazer isso justamente naquela noite?

Sei que essa abordagem direta e confrontadora só iria me prejudicar. Se quiser chegar a algum lugar, terei que agir com calma, devagar.

Jogo minha mochila no chão e coloco livro, caderno e caneta sobre a mesa. Sorrio como se não passasse de uma colega interessada em uma conversinha casual na segunda-feira de manhã e pergunto:

— E, então, como foi o seu fim de semana?

Ele dá de ombros, analisando-me com os olhos, antes de me encarar. Demoro um pouco até perceber que os pensamentos terríveis que ouço estão vindo diretamente de sua mente.

Bom, se é para ter alguém no meu pé, pelo menos ela é gostosa, ele pensa franzindo a testa. Pego instintivamente meu iPod, querendo parar de ouvir aquilo, mas sabendo que não posso arriscar perder nenhum detalhe, não importa quanto possa doer. Além disso, nunca tive acesso à mente de Damen antes, nunca consegui escutar o que ele está pensando. Mas, agora que posso não sei se quero.

E quando ele torce os lábios para o lado e aperta os olhos, pensa: Que pena que ela é totalmente maluca... definitivamente não vale arriscar uma transa.

Suas palavras são como uma estaca em meu peito. E eu estou tão chocada por sua crueldade que esqueço que não estávamos falando em voz alta quando grito:

— Como é? O que você acabou de dizer?

Todos os colegas de classe viram para me olhar, tomando o partido de Damen por ter que se sentar ao meu lado.

— Algum problema? — pergunta o sr. Robins, olhando para nós.

Eu fico sentada, totalmente sem fala. Meu coração desmorona quando Damen olha para o professor e diz:

— Comigo está tudo bem. Ela que é maluca.

Dezoito

Eu o segui. Não tenho vergonha de admitir. Tive que fazer isso. Ele não me deixou outra escolha. Se Damen vai insistir em me evitar, a vigilância é minha única opção.

Então eu o segui quando acabou a aula de inglês, esperei por ele depois da segunda aula, e da terceira, e da quarta. Fiquei afastada e observei de longe, desejando ter concordado quando ele quis pedir transferência e fazer todas as aulas junto comigo, mas eu achei muito assustador, muito codependente, e não deixei. Agora sou obrigada a ficar esperando do lado de fora das salas de aula, escutando suas conversas e seus pensamentos. Pensamentos que, fico horrorizada em dizer, são depressivamente vaidosos, narcisistas e superficiais.

Esse não é o Damen de verdade. Disso estou convencida. Mas também não acho que seja um Damen materializado, porque não duraria mais do que alguns minutos. O que quero dizer é que algo aconteceu com ele. Algo sério que está fazendo com que ele aja e pense, bem, como a maioria dos caras da escola. Mesmo não tendo acesso à sua mente antes, *sei* que ele não pensava dessa forma. E também não agia dessa forma. Não, esse Damen é um ser totalmente novo, apenas o exterior é familiar. O interior é algo completamente diferente.

Vou para a mesa do almoço, preparando-me para o que posso encontrar. Mas só depois que pego minha maçã e lustro-a na manga percebo que a verdadeira razão de estar sozinha não é ter chegado mais cedo.

E porque todos os outros também me abandonaram. Levanto a cabeça ao ouvir a risada de Damen e vejo que ele está cercado por Stacia, Honor e Craig, junto com o resto do grupinho dos alunos populares. O que não seria de estranhar depois do que vi na aula, a não ser pelo fato de Miles e Haven também estarem lá. E quando vejo o tamanho da mesa, derrubo a maçã e fico com a boca seca ao perceber que *todas* as mesas foram colocadas juntas.

Os leões agora almoçam com os cordeiros.

O que quer dizer que a previsão de Roman se concretizou.

O sistema de castas da Bay View chegou ao fim.

— E, então, o que acha? — diz Roman, sentando no banco à minha frente, apontando com o polegar para trás e sorrindo. — Desculpe por aparecer do nada, mas vi que estava admirando meu trabalho, então pensei em parar e bater um papo. Você está *bem*? — Ele se inclina na minha direção, parecendo realmente preocupado, mas felizmente não sou tola o suficiente para cair naquela conversa.

Olho em seus olhos, determinada a manter o olhar o máximo que conseguir. Sinto que ele é o responsável pelo comportamento de Damen, pela deserção de Miles e Haven e por toda a escola estar vivendo em paz e harmonia, mas não tenho as evidências necessárias para provar.

Aos olhos de todos, ele é um herói, um verdadeiro Che Guevara, um revolucionário da hora do almoço.

Mas, para mim, ele é uma ameaça.

— Imagino que tenha chegado bem em casa — ele comenta, tomando seu refrigerante sem tirar os olhos de mim.

Olho para Miles e vejo-o dizendo algo a Craig que faz ambos rirem, depois observo Haven perto de Honor, sussurrando alguma coisa em seu ouvido. Mas não olho para Damen.

Recuso-me a vê-lo olhando nos olhos de Stacia, colocando a mão em seu joelho e provocando-a com seu melhor sorriso enquanto passa lentamente os dedos em sua coxa...

Já vi demais na aula de inglês. Além disso, estou certa de que, o que quer que esteja fazendo, são apenas as preliminares. O primeiro passo na direção das coisas horríveis que vi na mente de Stacia. A visão que me apavorou tanto que me fez derrubar uma arara inteira de sutiãs. Ainda assim, quando me levantei e me recompus, tive certeza de que ela fizera aquilo de propósito, nunca considerando que fosse algum tipo de profecia. Mesmo achando que criou aquilo por despeito, e que o fato de estarem juntos agora é apenas coincidência, devo admitir que é bastante perturbador ver aquilo acontecer.

Mesmo recusando-me a olhar, ainda tento ouvir, esperando escutar algo pertinente, alguma troca vital de informações. Mas, ao focar a atenção e sintonizar, encontro uma grande onda de sons, várias vozes e pensamentos misturados, tornando impossível distinguir qualquer um em particular.

— Sexta-feira à noite? — continua Roman, batendo os longos dedos na lateral da lata de refrigerante, recusando-se a mudar de assunto mesmo que eu

não queira participar. — Quando a encontrei sozinha? Tenho que dizer, Ever, fiquei me sentindo péssimo por deixá-la daquele jeito, mas você insistiu...

Olho para ele, nem um pouco interessada em fazer parte daquele jogo, mas imaginando que, se responder logo seu comentário, talvez ele me deixe em paz.

— Cheguei em casa bem. Obrigada pela preocupação.

Ele dá aquele sorriso que provavelmente faz milhões de corações pararem de bater, mas que só me dá arrepios. Depois se debruça e diz:

— Olha só! Está sendo sarcástica, não está?

Ignoro e olho para minha maçã, brincando com ela na mesa.

— Só queria que me dissesse o que eu fiz para me odiar tanto. Tenho certeza de que deve haver alguma solução pacífica, alguma forma de remediar.

Aperto os lábios e fico olhando para a maçã, rolando-a de lado enquanto pressiono-a bem forte contra a mesa, sentindo a polpa amolecer e a casca começar a se romper.

— Deixe-me convidá-la para jantar — diz ele, olhando-me com seus olhos azuis. — O que me diz? Um encontro como deve ser. Só nós dois. Vou mandar lavar o carro, comprar roupas novas, fazer reservas em algum lugar elegante... Garantia de bons momentos!

Balanço a cabeça e reviro os olhos. E essa é a única resposta que pretendo dar.

Mas Roman não se deixa intimidar, e se recusa a ceder:

— Ah, vamos, Ever. Dê ao carinha aqui uma chance de fazê-la mudar de ideia. Pode ir embora a hora que quiser, palavra de escoteiro. Poxa, podemos até inventar um código. Sabe, se achar que as coisas estão começando a desagradar, é só dizer a senha que todas as atividades serão interrompidas e nenhum de nós falará sobre isso novamente. — Ele coloca o refrigerante de lado e escorrega as mãos na direção das minhas, deixando as pontas dos dedos tão perto que me afasto. — Anda, não pode ceder um pouco? Como pode dizer não a uma oferta como essa?

Sua voz é persuasiva, seu olhar está fixo no meu, mas continuo rolando minha maçã, vendo a polpa romper a casca.

— Prometo que não vai ser nada parecido com esses encontros vagabundos aos quais o imbecil do Damen deve levar você. Pra começar, eu

nunca deixaria uma garota tão bonita quanto você sozinha em um estacionamento.

Ele olha para mim esboçando um sorriso e diz:

— Bem, acho que deixei uma garota bonita como você sozinha, mas só porque estava atendendo a um pedido seu. Está vendo? Já provei que estou ao seu dispor, pronto para pular quando você mandar.

— Qual o seu problema? — finalmente digo, olhando dentro daqueles olhos azuis sem hesitar ou desviar o olhar. Desejando que ele apenas me deixe em paz e volte para a única outra mesa que há na escola, aquela onde todos são bem-vindos, menos eu. — *Todo mundo* precisa gostar de você? É isso? E se for, não acha que é *um pouco* inseguro?

Ele ri. Dá uma bela gargalhada. E quando finalmente se acalma, balança a cabeça e diz:

— Bem, nem *todo mundo*. Mas tenho que admitir que normalmente é assim. — Ele chega perto de mim, com o rosto a apenas alguns centímetros do meu. — O que posso dizer? Sou um cara agradável. A maioria das pessoas me acha encantador.

Balanço a cabeça e olho para o outro lado, cansada da brincadeira e ansiosa para colocar um fim naquele joguinho.

— Então me desculpe informar, mas terá que me incluir na lista daqueles poucos e raros que não estão nem um pouco encantados com você. E faça um favor a nós dois e não tente ver isso como um desafio nem tente mudar minha opinião. Por que não volta para a sua mesa e me deixa em paz? Para que juntar todo mundo se não planeja curtir a diversão?

Ele olha para mim, sorrindo e balançando a cabeça enquanto levanta do banco. Olhando nos meus olhos, ele diz:

— Ever, você me deixa louco. Sério. E se eu não soubesse das coisas, acharia que está tentando me enlouquecer de propósito.

Reviro os olhos e viro para o outro lado.

— Mas como não quero acabar com a boa recepção que tive, e reconhecendo os sinais de um carinho sendo *dispensado*, acho que vou... — Ele aponta com o polegar para a mesa onde toda a escola está sentada. — Mas é claro que se mudar de ideia e quiser vir comigo, certamente posso convencê-los a abrir um espaço.

Nego com a cabeça e faço um gesto para ele ir embora. Minha garganta está quente e fechada, sou incapaz de falar. Sei que, apesar das aparências, não ganhei dessa vez... Na verdade, não cheguei nem perto.

— Ah, e achei que pudesse querer isso de volta — diz, colocando minhas sandálias sobre a mesa, como se as plataformas de tiras de pele de cobra falsa fossem algum tipo de oferta de paz. — Não se preocupe, não precisa agradecer. — Ele ri, olhando para trás para dizer: — É melhor pegar leve com essa maçã. Está acabando com ela.

Pressiono-a ainda mais, observando Roman ir direto até Haven, escorregar o dedo por sua nuca e pressionar os lábios contra seu ouvido, fazendo com que eu aperte a maçã tão forte que ela explode na minha mão, deixando o suco pegajoso escorrer pelos meus dedos e pelo meu pulso. Ele olha para mim e ri.

Dezenove

Quando chego à aula de artes, vou direto para o armário de material, visto o avental, pego minhas coisas e estou quase voltando para a sala quando vejo Damen parado na porta, com um olhar muito estranho no rosto. Um olhar que, ao mesmo tempo que pode parecer estranho, enche-me de esperanças, pois os olhos estão meio vagos, o maxilar relaxado, e ele parece perdido e incerto, como se precisasse da minha ajuda.

Sabendo que preciso aproveitar enquanto ele está diante de mim naquele estado, vou em sua direção, toco de leve em seu braço e digo:

— Damen? — Minha voz sai tremida e estridente como se fosse a primeira vez que a usasse naquele dia. — Damen, querido, você está bem?

Eu o analiso, lutando contra o ímpeto de pressionar meus lábios contra os dele.

Ele olha para mim com uma ponta de reconhecimento à qual logo se juntam gentileza, saudade e amor. Quando passo os dedos em seu rosto, meus olhos se enchem de lágrimas, vendo sua aura avermelhada desaparecer e sabendo que ele é meu de novo...

Então:

— Ei, cara, vamos andando, vamos andando, você está bloqueando o fluxo de passagem aqui.

E, *de uma hora para outra*, o velho Damen se foi e o novo Damen está de volta.

Ele me empurra, sua aura brilha, seus pensamentos são de repúdio ao meu toque. Então me encosto na parede, encolhendo-me enquanto Roman passa, encostando *por acidente* seu corpo no meu.

— Desculpe por isso, gata.

Ele sorri, com um olhar lascivo.

Fecho os olhos e me apoio na parede. Minha cabeça roda enquanto as espirais eufóricas de sua aura brilhante e clara (sua energia intensa, expansiva, otimista) passam direto por mim. Minha mente fica tão cheia de imagens esperançosas, amistosas e inocentes que me encho de vergonha, vergonha por todas as minhas suspeitas, vergonha por ser tão desagradável...

Ainda assim há algo errado nisso. Algo fora de ritmo. A maioria das mentes é uma mistura de batidas, uma confusão de palavras, um redemoinho de imagens, uma cacofonia de sons misturados, como um jazz desarticulado. Mas a mente de Roman é ordenada, organizada, com um pensamento fluindo diretamente para o outro. Parece forçado, artificial, um roteiro pré-gravado...

— Pela cara que está fazendo, querida, parece que foi quase tão bom para você quanto foi para mim. Tem certeza de que não quer mudar de ideia a respeito daquele encontro?

Seu hálito frio pressiona meu rosto, e os lábios chegam tão perto que temo que ele tente me beijar. Quando estou prestes a empurrá-lo, Damen passa por nós e diz:

— Cara, sério, o que está fazendo? Essa retardada não vale o tempo que está perdendo com ela.

Essa retardada não vale o tempo que está perdendo com ela, essa retardada não vale o tempo que está perdendo com ela, essa retardada não vale o tempo que está perdendo com ela, essa retardada não vale o tempo que está perdendo com ela, essa retardada não...

— Ever? Você cresceu?

Levanto a cabeça e vejo Sabine ao meu lado, entregando-me uma tigela recém-ensaboada que deve ir para a lava-louças. Só depois de piscar várias vezes eu me lembro que devo colocá-la na máquina.

— Desculpe, o quê? — pergunto, pegando a porcelana molhada e ensaboada e colocando-a na grade da máquina. Não consigo pensar em nada além de Damen e naquelas palavras dolorosas que uso para me torturar, repetindo-as várias vezes.

— Parece que você cresceu. Na verdade, cresceu mesmo. Essa não é a calça que acabei de comprar para você?

Olho para os meus pés, surpresa em ver vários centímetros de tornozelo expostos. O que é ainda mais bizarro quando lembro que hoje de manhã a barra estava arrastando no chão.

— Hum... Talvez — minto, ciente de que ambas sabemos que se trata daquela calça.

Ela aperta os olhos, balançando a cabeça enquanto diz:

— Tinha certeza de que era do tamanho certo. Parece que você está passando por uma fase de crescimento. — Ela dá de ombros. — Bem, você só tem dezesseis anos, acho que ainda não é muito tarde para isso.

Só dezesseis, mas bem perto dos dezessete, penso, mal podendo esperar para completar dezoito, terminar a escola e ir morar sozinha para poder ficar com meus segredos estranhos e assustadores e deixar Sabine voltar à sua vida regulada e certinha.

Não tenho ideia de como fazer para retribuir sua bondade, e ainda acrescento mais um par de jeans superfaturados à conta.

— Eu parei de crescer aos quinze, mas parece que você vai ficar muito mais alta do que eu.

Ela sorri, entregando-me um punhado de colheres.

Dou um risinho fraco, imaginando com que altura vou ficar e esperando não virar nenhum tipo de esquisitona gigantesca, uma modelo da capa do *Acredite se quiser!*, e sabendo que crescer sete centímetros no decorrer de um dia não tem nada a ver com fase de crescimento... Nem de longe.

Mas agora que ela mencionou, também notei que minhas unhas estão crescendo tão rápido que tenho que cortá-las quase todos os dias, e que minha franja já passou do queixo, mesmo que a tenha deixado crescer há apenas algumas semanas. Sem contar como o azul dos meus olhos parece estar ficando mais profundo, e meus dentes da frente, que eram tortos, endireitaram-se. E não importa quanto a maltrate, quão irregularmente a limpe, minha pele continua clara, com os poros fechados, e totalmente sem manchas.

E agora cresci sete centímetros desde o café da manhã?

Só pode ser uma coisa: o suco da imortalidade que estou bebendo. Mesmo sendo imortal já há mais de meio ano, nada mudou (bem, a não ser minha capacidade de cura instantânea) até eu começar a tomá-lo. Com a ingestão desse líquido, é como se meus melhores traços físicos tivessem sido repentinamente reforçados, enquanto os mais medíocres foram totalmente aprimorados.

Enquanto parte de mim está empolgada com a ideia, e curiosa para ver o que mais está por vir, a outra parte não consegue ignorar que estou desenvolvendo total capacidade imortal bem a tempo de passar o resto da eternidade sozinha.

— Deve ser esse suco que você está sempre tomando. — Sabine ri. — Talvez eu devesse experimentar. Não me importaria de quebrar a barreira de 1,65 metro sem a ajuda do salto alto!

— Não! — digo, deixando as palavras saírem da minha boca antes que possa impedi-las, sabendo que responder dessa forma vai apenas aumentar seu interesse.

Ela olha para mim com as sobrancelhas unidas e a esponja de lavar louça na mão.

— Quer dizer, tenho certeza de que não vai gostar. Na verdade, acho que vai detestar. Sério, tem um gosto meio estranho.

Faço um gesto positivo com a cabeça, tentando fingir uma expressão de leveza, não querendo que ela perceba como sua declaração me deixou totalmente apavorada.

— Não dá para saber se eu não experimentar, não é? — ela diz, ainda olhando para mim. — Onde você compra isso? Não lembro de ter visto em nenhuma loja. E nunca vi o rótulo também. Como é o nome?

— Eu pego com o Damen — digo, apreciando a sensação de seu nome em meus lábios, mesmo que não preencha o vazio deixado por sua ausência.

— Então peça a ele para comprar para mim também.

Quando ela termina de falar, sei que não se trata mais só do suco. Ela está tentando fazer com que eu me abra, explique a ausência de Damen no jantar de sábado e em todos os dias seguintes.

Fecho a lava-louças e me viro. Fingindo limpar o balcão que já está limpo e evitando seus olhos, digo:

— Bem, na verdade não vai ser possível. Principalmente porque... Estamos... Estamos meio que dando um tempo. — Minha voz treme da forma mais constrangedora possível.

Ela se aproxima, querendo me abraçar e me confortar, dizer que tudo ficará bem. Mesmo estando de costas e não podendo vê-la fisicamente, ainda posso *vê-la* em minha mente, então dou um passo para o lado e saio de seu caminho.

— Ah, Ever... Sinto muito... Eu não sabia — ela diz, com as mãos penduradas de forma estranha, sem saber o que fazer com elas agora que saí do lugar.

Faço um gesto positivo com a cabeça, sentindo culpa por ser fria e distante. Desejando poder explicar que não posso arriscar o contato físico, pois estaria arriscando saber seus segredos. Que isso apenas me distrairia e me forneceria imagens que não preciso ver.

Quer dizer, mal consigo lidar com meus próprios segredos, portanto acho melhor não acrescentar os dela à mistura.

— Foi... Foi meio repentino — digo, sabendo que ela não vai parar de insistir até saber um pouco mais. — Simplesmente aconteceu... É... Bem, não sei o que dizer.

— Pode contar comigo se quiser conversar.

— Não estou pronta para falar sobre isso. É... É muito recente e ainda estou tentando entender. Talvez depois...

Dou de ombros, esperando que quando o *depois* chegar, Damen e eu já estejamos juntos novamente e tudo isso já esteja resolvido.

Vinte

Quando chego à casa de Miles, estou um pouco nervosa. Não tenho ideia do que esperar. Mas ao vê-lo do lado de fora, esperando na entrada da frente, suspiro aliviada, sabendo que as coisas não estão tão ruins quanto pensei. Paro na garagem, abro o vidro e grito:

— Ei, Miles, entra aí!

Então vejo-o levantar os olhos do telefone e, balançando a cabeça, ele diz:

— Foi mal, achei que tivesse avisado. Vou pegar carona com o Craig. — Fico boquiaberta, meu sorriso congelado enquanto repasso suas palavras em minha cabeça.

Craig? O Craig namorado de Honor? O homem das cavernas sexualmente confuso cujas verdadeiras preferências fiquei conhecendo ao escutar seus pensamentos? Aquele que praticamente vive para tirar sarro de Miles porque isso faz com se sinta "seguro", como se ele não fosse um "deles". Esse Craig?

— Desde quando você é amigo do Craig? — pergunto, balançando a cabeça e olhando para ele.

Relutante, Miles se levanta e dá a volta até onde estou, parando de olhar as mensagens em seu celular apenas para dizer:

— Desde que decidi ter uma vida, diversificar, ampliar meus horizontes. Talvez você também devesse tentar. Ele é bem legal.

Vejo seus dedos voltarem ao trabalho e fico tentando entender suas palavras. Sinto como se tivesse aterrissado em um universo alternativo maluco e inconcebível, onde líderes de torcida conversam com góticos e atletas são amigos do pessoal do clube de xadrez. Um lugar tão antinatural que nunca poderia existir de verdade.

Só que existe. Em uma escola chamada Bay View.

— Esse é o mesmo Craig que chamou você de bicha e enfiou sua cabeça na privada no seu primeiro dia de aula?

Miles ignora.

— As pessoas mudam. *Não me diga.*

Só que não mudam não.

Ou pelo menos não mudam tanto assim de um dia para o outro, a não ser que tenham um bom motivo para isso. A não ser que alguém, nos bastidores, esteja incentivando-as, *planejando* tudo. Manipulando-as contra a sua vontade e fazendo com que digam coisas totalmente contrárias a sua verdadeira natureza... Tudo sem permissão, sem que as pessoas ao menos percebam.

— Desculpe, pensei que tivesse contado, mas acho que estava ocupado. Você não precisa mais passar aqui, já está tudo combinado — ele diz, desprezando nossa amizade com um erguer de ombros, como se não fosse nada além de uma carona para a escola.

Conto até dez, resistindo ao ímpeto de pegá-lo pelos ombros e obrigá-lo a me contar o que aconteceu. Por que está agindo desse jeito? Por que *todos* estão agindo desse jeito? E como todos decidiram, unanimemente, ficar contra mim?

Mas não faço nada. De alguma forma, consigo me conter. Principalmente porque suspeito já saber. E se eu estiver certa, Miles não é mesmo responsável pelo que está fazendo.

— Certo. Bom saber. — Confirmo com a cabeça, forçando um sorriso definitivamente contra a minha vontade. — Acho que nos vemos por aí, então — digo, batendo os dedos no câmbio e esperando uma resposta que não vem. Deixo a entrada de sua casa quando Craig chega e para atrás de mim, buzinando duas vezes e fazendo sinal para que eu saia.

A aula de inglês é muito pior do que eu imaginei. Ainda estou no meio do corredor quando vejo que Damen agora senta ao lado de Stacia.

Eles estão de mãos dadas, passando bilhetinhos e cochichando enquanto eu continuo sozinha no fundo, totalmente rejeitada.

Aperto os lábios no caminho para minha mesa, ouvindo *todos* os meus colegas de classe sussurrarem:

— *Retardada! Presta atenção, retardada! Não vai cair, retardada!*

As mesmas palavras que venho escutando desde que saí do carro. Mesmo não tendo ideia do que isso significa, não posso dizer que estou muito incomodada... Até Damen se juntar a eles. Porque, no momento em que ele começa a rir e zombar junto com os outros, tudo o que quero é ir embora. Voltar para o carro, voltar para casa, onde é seguro...

Mas não vou. Não posso. Preciso resistir. Ter certeza de que aquilo é temporário... Que logo chegará ao fim... Que é impossível que eu tenha perdido Damen para sempre.

De alguma forma, isso me ajuda a suportar. Bem, isso e o sr. Robins dizendo para todos ficarem quietos. Quando o sinal toca, e todos são dispensados, estou quase na porta quando ouço:

— Ever? Posso falar com você um instante? — Seguro na maçaneta, prestes a girá-la.

— Não vai demorar.

Respiro fundo e me rendo, aumentando o som do iPod assim que vejo seu rosto.

O sr. Robins nunca me segura depois da aula. Ele não é do tipo que conversa. Durante todo esse tempo, tive certeza de que fazer a lição de casa e ir bem nas provas me livrariam desse tipo de coisa.

— Não sei bem como dizer, e não quero ultrapassar nenhum limite aqui, mas realmente sinto que devo dizer algo. É sobre...

Damen.

E sobre minha verdadeira alma gêmea. Meu amor eterno. Meu maior fã nos últimos quatrocentos anos, que agora me acha repugnante. E sobre o fato de ele ter pedido para trocar de lugar esta manhã. Por achar que o estou perseguindo.

E agora o sr. Robins, meu recém-separado e bem-intencionado professor de inglês, que não sabe nada sobre mim, sobre Damen, sobre quase nada que não faça parte dos antigos romances mofados escritos por escritores mortos há muitos anos, quer me explicar como funcionam os relacionamentos.

Como o amor dos jovens é intenso. Como tudo tem que ser tão imediato, como se fosse a coisa mais importante do mundo... Só que não é. Haverá muitos outros amores se eu me permitir seguir em frente. E eu tenho que seguir em frente. É necessário. Principalmente porque:

— Perseguir alguém não é a resposta — ele diz. — É crime. Um crime muito grave, com consequências muito sérias. — Ele franze a testa, esperando transmitir a seriedade de tudo aquilo.

— Eu não estou perseguindo o Damen — explico, percebendo tarde demais que me defender da acusação antes de passar por todos os passos: *Ele disse O quê? Por que ele faria isso? O que ele quis dizer com isso?,* como faria uma

pessoa normal e inocente, faz com que eu pareça suspeitamente culpada. Então conto até dez e continuo:

— Ouça, sr. Robins, com todo o respeito, sei que tem boas intenções, e não sei o que o Damen lhe disse, mas...

Olho em seus olhos, *vendo* exatamente o que Damen disse: *que tenho obsessão por ele, que sou louca, que passo de carro na frente de sua casa dia e noite, que ligo várias vezes, deixando mensagens sinistras, obsessivas, patéticas...* O que em parte pode ser verdade, *mas ainda assim...*

Mas o sr. Robins não me deixa terminar, ele apenas balança a cabeça e diz:

— Ever, a última coisa que quero fazer é tomar partido ou ficar entre você e Damen, porque, francamente, não é da minha conta e é algo com que você tem que lidar sozinha. Apesar de ter sido suspensa recentemente, apesar de quase nunca prestar atenção na aula e deixar o iPod ligado mesmo quando eu peço para desligar, você ainda é uma das minhas melhores alunas. E odeio vê-la colocar em risco o que pode ser um futuro brilhante... *Por causa de um garoto.*

Fecho os olhos e engulo em seco, sentindo-me tão humilhada que desejo desaparecer no ar... Sumir.

Não, é muito pior do que isso... Sinto-me mortificada, desgraçada, horrorizada, desonrada, e tudo mais que defina alguém que quer fugir de vergonha.

— Não é o que está pensando — digo, olhando em seus olhos e pedindo silenciosamente que acredite em mim. — Apesar das histórias que o Damen possa ter contado, não é o que parece ser — acrescento, ouvindo o sr. Robins suspirar com os pensamentos em sua cabeça. Como ele queria poder contar para alguém como se sentiu perdido depois que a esposa e a filha o deixaram, como nunca imaginou que conseguiria sobreviver até o dia seguinte, mas temendo que seja inapropriado. E realmente é.

— Se der um tempo a você mesma, concentrar-se em alguma outra coisa — diz ele, querendo sinceramente me ajudar e ainda com medo de estar ultrapassando algum limite. — Logo vai ver que...

O sinal toca.

Coloco a mochila no ombro, aperto os lábios e olho para ele. Observo-o balançar a cabeça e dizer:

– Certo. Vou assinar uma autorização de atraso. Está dispensada.

Vinte e um

Estou famosa no YouTube. Aparentemente, a cena em que me desenroscos de um quase infinito cordão de sutiãs, calcinhas tipo fio dental e cintas-ligas na Victoria's Secret não apenas me rendeu o brilhante apelido de *Retardada*, mas também foi vista 2.323 vezes — o mesmo número de alunos matriculados em Bay View. Bem, incluindo alguns professores.

Fico sabendo pela Haven. Encontro-a na frente de seu armário depois de quase não conseguir passar por um corredor cheio de pessoas gritando: *Ei, Retardada! Não vai cair, Retardada!* Ela é bastante legal para me atualizar sobre a origem da minha recente transformação em celebridade, e também para me mostrar onde está o vídeo, para que eu possa me assistir *dando uma de retardada* ali mesmo, no meu iPhone.

— Ah, que ótimo! — digo, balançando a cabeça, sabendo que esse é o menor dos meus problemas.

— É muito ruim — ela concorda, fechando o armário e olhando para mim com uma expressão que pode ser interpretada como pena... Bem, pena com tempo contado, com apenas alguns segundos para gastar com uma retardada como eu. — E aí... O que mais? É que eu tenho que ir. Prometi a Honor que...

Olho para ela. Realmente a encaro. Vejo que a mecha vermelha em seu cabelo agora é rosa, e que o visual emo, normalmente pálido e coberto de preto, foi trocado pela pele bronzeada, o vestido brilhante e o cabelo volumoso das garotas do grupinho dos populares que ela sempre criticou. Mas, apesar de seu novo estilo, apesar de ter entrado para o grupo da elite e apesar de todas as provas diante de mim, ainda não acredito que ela seja responsável por nada que usa, diz ou faz neste momento. Mesmo que Haven tenha uma tendência a grudar nas pessoas e imitar o seu jeito, ainda mantém alguns padrões. E posso afirmar que a turma de Stacia e Honor é um grupo do qual ela nunca quis participar.

Mas saber de tudo isso não significa que seja mais fácil aceitar. Embora saiba que é inútil, embora, certamente, não mude nada, ainda olho para ela e digo:

— Não acredito que ficou amiga delas. Ainda mais depois de tudo que fizeram comigo. — Balanço a cabeça, querendo que ela saiba quanto me magoa.

Apesar de ter escutado com alguns segundos de antecedência, não fico menos chateada quando ela diz:

— Elas empurraram você? Derrubaram você, fizeram algo para você tropeçar ou cair em cima da arara? Ou você fez tudo sozinha? — Ela olha para mim com as sobrancelhas levantadas, os lábios cerrados e os olhos apertados focados nos meus. Eu fico lá parada, estupefata, com a garganta queimando tanto que, mesmo se tentasse, não conseguiria falar. — É que... Desencana um pouco, vai. — Ela revira os olhos e balança a cabeça. — A intenção delas era fazer algo engraçado. E você seria muito mais feliz se deixasse para lá, parasse de levar tudo tão a sério e aprendesse a viver um pouco! É sério, Ever. Por que não pensa nisso?

Ela se vira, misturando-se à multidão de alunos que se dirigem à enorme mesa no novo êxodo da hora do almoço, enquanto corro para o portão.

Para que me torturar? Para que ficar por perto só para ver Damen flertando com Stacia e ser chamada de *retardada* pelos meus amigos? Para que ter todos esses poderes paranormais avançados se não puder explorá-los e fazer bom uso deles... Como cabular aula?

— Já está indo embora?

Ignoro a voz atrás de mim e continuo andando. Roman é a última pessoa com quem quero falar no momento.

— Ever, ei, espere! Sério. — Ele ri, apressando o passo até chegar ao meu lado. — Onde é o incêndio?

Entro no carro e puxo a porta com força. Quase consigo fechá-la, mas ele impede com a palma da mão. Mesmo sabendo que sou mais forte e que, se realmente quisesse, poderia simplesmente bater a porta e cair fora, o fato de ainda não estar acostumada à minha força imortal é o que me impede. Por mais que não goste dele, fico relutante em bater a porta com muita força e machucar sua mão.

Prefiro deixar esse tipo de coisa para quando precisar.

— Se não se importa, preciso ir andando. — Puxo a porta novamente, mas ele segura com mais força. Ao juntar o olhar de diversão em seu rosto à força surpreendente de seus dedos, sinto uma pontada muito estranha no

estômago, pois percebo que essas coisas aparentemente aleatórias reforçam minhas maiores suspeitas.

Mas olho para ele novamente, observo quando levanta a mão para beber o refrigerante, expondo o pulso livre de qualquer marca, sem nenhuma tatuagem de cobra mordendo o próprio rabo — o mítico símbolo do uróboro, sinal dos imortais perigosos — e simplesmente não faz sentido.

O fato é que ele não apenas come e bebe, não apenas sua aura e seus pensamentos são acessíveis (bem, pelo menos para mim), mas, por mais que odeie admitir, pelo que posso ver, ele não carrega nenhum sinal do mal. E quando junto tudo isso, fica óbvio que minhas suspeitas não são apenas paranóicas, mas também infundadas.

O que significa que ele não é o imortal maligno que eu supus que fosse.

E o que também significa que não é responsável por Damen ter me largado, ou pela deserção de Miles e Haven. Não. Tudo aponta diretamente para mim.

Mas, ainda que todas as evidências confirmem, recuso-me a aceitar.

Porque, quando olho novamente para ele, meu pulso acelera, meu estômago dói, e sou tomada por um sentimento de desconforto e temor. É impossível acreditar que ele seja só um sujeito bacana da Inglaterra que chegou à nossa escola e acabou ficando caidinho por mim.

Uma coisa posso afirmar: tudo estava bem até ele chegar.

E depois nada voltou a ser como era.

— Você está fugindo no intervalo do almoço?

Reviro os olhos. O que estou fazendo é bastante óbvio, então não vou perder tempo respondendo.

— Vejo que tem lugar para mais um. Posso ir com você?

— Para dizer a verdade, não pode. Então, se puder fazer o favor de tirar sua... — Gesticulo na direção da mão dele, fazendo o sinal internacional para *caia fora*.

Ele levanta as mãos, rendendo-se e balançando a cabeça ao dizer:

— Não sei se percebeu, Ever, mas quanto mais você se esquivava, mais vou atrás de você. Seria mais fácil para nós dois se você simplesmente parasse de fugir de mim.

Aperto os olhos, tentando *ver* através da aura alegre e dos pensamentos bem ordenados, mas sou bloqueada por uma barreira tão impenetrável que ou significa que é o fim da linha, ou que ele é muito pior do que eu imaginei.

— Se insiste em vir atrás de mim — digo, com a voz muito mais segura do que eu mesma —, então é melhor começar a praticar. Porque, cara, você vai encarar uma maratona.

Ele recua. Seu corpo está hesitante e os olhos arregalados, como se estivesse atordoado. Se eu não soubesse das coisas, pensaria que foi real. Mas a verdade é que sei das coisas. Ele só está representando, praticando expressões faciais para um efeito dramático. E não tenho tempo para ser alvo de suas piadas.

Engato a ré e saio da vaga, esperando deixar por isso mesmo.

Mas ele sorri, dando um tapinha no capô do carro, e diz:

— Como quiser, Ever. Começou o jogo.

Vinte e dois

Eu não vou para casa.

Estava indo. Na verdade, minha intenção era ir para casa, subir as escadas e me jogar na cama, com a cara enfiada em uma pilha de travesseiros, para chorar até não poder mais como um bebê patético.

Mas quando estava prestes a virar em minha rua, pensei melhor. Não posso me dar ao luxo. Não posso perder tempo. Então, faço a volta e sigo para Laguna. Dirijo por aquelas ruas estreitas e íngremes, passando por casinhas bem cuidadas, com lindos jardins e, bem atrás delas, mansões que ocupam terrenos enormes. Vou para o endereço da única pessoa que sei que pode me ajudar.

— Ever! — Ela sorri, tirando os cabelos castanhos-avermelhados e ondulados do rosto enquanto seus grandes olhos fixam-se nos meus. Não parece nem um pouco surpresa por eu ter chegado sem avisar. Ser médium faz dela uma pessoa muito difícil de surpreender.

— Desculpe por aparecer assim, sem ligar antes, acho que eu...

Mas ela não me deixar terminar. Apenas abre a porta e faz um sinal para que eu entre, levando-me até a mesa da cozinha, onde já estive antes, na última vez que estava com problemas e não tinha a quem recorrer.

Eu costumava odiá-la. Odiá-la *de verdade*. E quando ela começou a convencer Riley a seguir adiante, a cruzar a ponte e ir para onde nossos pais e Buttercup estavam esperando, ficou ainda pior. Eu costumava considerá-la minha pior inimiga, além de Stacia, mas parece que já faz bastante tempo. Enquanto ela está na cozinha pegando biscoitos e fazendo chá, eu apenas a observo, sentindo-me culpada por não ter mantido contato, por aparecer apenas quando estou desesperada.

Trocamos algumas palavras, e então ela se senta à minha frente, segura sua xícara de chá e diz:

— Como você cresceu! Sei que sou baixinha, mas você, com certeza, já está mais alta do que eu!

Dou de ombros, sem saber como lidar com isso direito, mas tentando me acostumar. Quando se cresce vários centímetros em poucos dias, as pessoas costumam reparar.

— Acho que estou amadurecendo mais tarde do que o normal. Sabe? Passando por uma fase de crescimento ou algo assim — digo, com um sorriso desajeitado, percebendo que tenho que arranjar uma resposta muito mais convincente, ou pelo menos aprender a responder com convicção.

Ela me examina sem acreditar em uma palavra do que eu disse, mas decidindo deixar para lá.

— E, então, como vai o escudo?

Engulo em seco, piscando uma, duas vezes. Estava tão concentrada em minha missão que me esqueci do escudo que ela me ajudou a criar da última vez que Damen foi embora. Aquele que bloqueava o barulho e os sons. Aquele que eu desfiz assim que ele voltou.

— Ah, hum, eu meio que me livrei dele — digo, contraindo os músculos enquanto as palavras saem de minha boca, recordando de que foi preciso quase uma tarde inteira só para colocá-lo no lugar.

Ela sorri, olhando para mim por cima de sua xícara.

— Não estou surpresa. Ser normal não é tão bom quanto deveria depois que se experimenta algo *mais*.

Quebro um pedaço do biscoito de aveia e dou de ombros, sabendo que se dependesse de mim eu escolheria ser *normal* em vez de ser *assim* sem pensar duas vezes.

— Se não veio por causa do escudo, então o que houve?

— Quer dizer que não sabe? Que tipo de médium é você? — Eu rio, alto demais para uma piada tão sem graça.

Mas Ava ignora, passando o dedo com um anel enorme na borda da xícara enquanto diz:

— Bem, não sou tão boa na leitura de mentes quanto você. Embora possa sentir que algo muito sério está acontecendo.

— É o Damen — começo a dizer, fazendo uma pausa enquanto aperto os lábios. — Ele... Ele está mudado. Tornou-se uma pessoa fria, distante, chega a ser cruel. E eu... — Baixo o olhar; a verdade por trás das palavras faz com que elas sejam muito mais difíceis de dizer. — Ele não retorna minhas ligações, não fala comigo na escola e até mudou de lugar na aula de inglês, e agora ele...

Ele está namorando essa menina que... Bem, ela é *horrível*. Não estou brincando, ela é horrível de verdade. E agora ele é horrível também...

— Ever... — diz ela, com a voz calorosa e suave, os olhos gentis.

— Não é o que você está pensando — digo. — Não é nada disso. Damen e eu não terminamos, não estávamos tendo problemas, nada desse tipo. Um dia estava tudo ótimo... E no dia seguinte... *Não estava mais*.

— Aconteceu alguma coisa que provocou essa mudança? — pergunta ela, pensativa, olhando em meus olhos.

Sim, aconteceu o Roman. Mas como não posso explicar minhas suspeitas de que ele seja um dos imortais perigosos (apesar de todas as evidências mostrarem o contrário), empregando algum tipo de controle mental de massa, ou hipnose, ou feitiço (embora eu nem saiba se é possível) em todo o corpo estudantil de Bay View, apenas conto a ela sobre o recente comportamento esquisito de Damen: as dores de cabeça, o suor e algumas outras coisas que posso dizer com segurança sem revelar nenhum segredo.

Fico ali sentada, prendendo a respiração enquanto ela toma um gole de chá e admira o belo jardim pela janela. Depois, volta a olhar para mim e diz:

— Conte-me tudo o que sabe sobre Summerland.

Olho para as duas metades do meu biscoito e pressiono os lábios. Nunca ouvi esta palavra mencionada de forma tão aberta e casual. Sempre pensei em Summerland como um lugar sagrado meu e de Damen, sem nunca me dar conta que meros mortais pudessem conhecê-lo também.

— Certamente já foi até lá, não é? — Ela coloca a xícara na mesa e levanta as sobrancelhas. — Durante sua experiência de quase morte, talvez?

Faço que sim com a cabeça, lembrando das duas vezes em que estive lá. A primeira, quando morri, e a segunda, com Damen. Fiquei tão empolgada com aquela dimensão mágica, mística, com suas árvores e grandes campos perfumados... Que relutei em ir embora.

— Você visitou os templos quando esteve lá?

Templos? Não vi templo nenhum. Vi elefantes, praias e cavalos, coisas que ambos materializamos, mas certamente não havia nenhum edifício ou habitação de nenhum tipo.

— Summerland é famosa por seus templos, ou Grandes Salões do Conhecimento, como são conhecidos. Acho que sua resposta está lá.

— Mas... Mas eu nem sei direito como chegar lá sem o Damen. Quer dizer, sem ter que morrer e tal... — Olho para ela. — E como você sabe da existência desse lugar? Já esteve lá?

Ela faz que não com a cabeça.

— Tenho tentado acessá-lo há anos. Cheguei perto algumas vezes, mas nunca consegui passar pelo portal. Talvez, se combinarmos nossa energia, juntarmos nossos recursos, por assim dizer, possamos conseguir.

— É impossível — digo, lembrando da última vez que tentei acessar o portal dessa forma. Mesmo que Damen já estivesse mostrando sinais de fraqueza, ele ainda é muito mais experiente do que Ava em sua melhor forma.

— Não é tão fácil. Mesmo se juntarmos nossa energia, ainda é muito mais difícil do que você pensa.

Mas ela apenas balança a cabeça, sorri e, levantando da cadeira, diz:

— Nunca vamos saber se não tentarmos, certo?

Vinte e três

Sigo-a por um pequeno corredor. Minhas sandálias arrastam-se sobre um tapete de lã vermelho enquanto penso: *Isso nunca vai funcionar*. Se não consegui acessar o portal com Damen, como posso acessá-lo com Ava? Mesmo parecendo uma médium com muitos dons, suas habilidades têm mais valor no circuito das festas, lendo a sorte nas cartas sobre uma mesa dobrável, enfeitando-a na expectativa de ganhar uma gorjeta generosa.

— Nunca vai funcionar se você não acreditar — diz ela, fazendo uma pausa diante de uma porta azul. — Você tem que ter fé no processo. Para isso, antes de entrarmos, preciso que você limpe a mente de qualquer coisa negativa. Preciso que se livre de qualquer pensamento triste, de qualquer coisa que a deixe para baixo e se aplique à expressão *não consigo*.

Respiro fundo e olho para a porta, lutando contra o ímpeto de revirar os olhos enquanto penso: *Que ótimo. Eu devia ter imaginado*. Esse é justamente o tipo de melodrama que precisa ser tolerado quando se lida com Ava. Mas tudo o que digo é:

— Não se preocupe comigo, estou bem — fazendo um gesto positivo com a cabeça, esperando ser convincente e querendo evitar a meditação de vinte passos de sempre, ou qualquer que seja a prática mística que ela tenha em mente. Mas Ava apenas fica parada, com as mãos nos quadris, olhando para mim. Ela se recusa a me deixar entrar até que eu atenuie minha carga emocional. Então, quando ela me diz para fechar os olhos, eu fecho. Mas só para acelerar as coisas.

— Agora quero que imagine raízes bem longas brotando da sola de seus pés e aprofundando-se na terra, abrindo caminho pelo solo e esticando-se até o limite. Cavando cada vez mais profundamente no chão, até chegarem ao centro da Terra. Entendeu?

Faço que sim, visualizando o que ela pede, mas só para começarmos logo, não por acreditar.

— Agora respire fundo. Respire fundo várias vezes e deixe seu corpo relaxado. Sinta os músculos liberando-se, enquanto todas as tensões desaparecem. Permita que toda emoção e todo pensamento negativos que

ainda persistem desapareçam. Expulse-os de seu campo de energia e ordene que vão embora. Consegue fazer isso?

Hum, que seja, penso. Apenas percorro todos os passos e fico bastante surpresa quando meus músculos realmente começam a relaxar. Relaxar de verdade. Como se eu estivesse em paz depois de uma longa e dura batalha.

Acho que não tinha noção de como estava tensa, nem de quanta negatividade estava carregando até Ava me obrigar a perceber. Embora esteja disposta a fazer qualquer coisa para entrar naquela sala e me aproximar de Summerland, tenho que admitir que pode ser que essas bobagens realmente funcionem.

— Agora concentre a atenção no topo de sua cabeça e imagine um raio denso, da mais pura luz dourada, penetrando nesse exato local e descendo por seu pescoço, seus membros, seu torso, até chegar aos pés. Sinta essa luz quente e maravilhosa purificando cada parte de seu corpo, recobrando cada célula, por dentro e por fora, fazendo com que toda a tristeza e toda a raiva ainda existentes sejam transformadas em energia de amor por essa poderosa fonte de purificação. Sinta a luz correndo dentro de você, como um raio de alegria, amor e perdão, sem começo nem fim. E quando começar a se sentir mais leve, quando começar a se sentir purificada, abra os olhos e olhe para mim. Mas só quando estiver pronta.

Eu faço o que ela diz. Faço todo o tal ritual da luz, determinada a participar, ou pelo menos fingir que levo esses passos a sério, já que é importante para Ava. Enquanto imagino um raio dourado percorrendo meu corpo, recobrando minhas células e todo o resto, tento calcular por quanto tempo devo ficar de olhos fechados para que o meu fingimento não seja descoberto.

Mas, então, algo estranho acontece. Vejo que estou me sentindo mais leve, mais feliz, mais forte e, apesar do estado de desespero no qual cheguei aqui, sinto-me realizada.

E quando abro os olhos vejo que ela está sorrindo para mim, e seu corpo inteiro está envolto na aura violeta mais bonita que eu já vi.

Ava abre a porta, e eu entro atrás dela, piscando e apertando os olhos até acostumar a visão às paredes roxo-escuras da pequena sala que, ao que parece, também funciona como um santuário.

— É aqui que faz as leituras? — pergunto, observando a grande coleção de cristais, velas e símbolos icônicos que cobre as paredes.

Ela nega com a cabeça e senta-se em uma almofada toda bordada, apontando para a que está ao seu lado e dizendo para eu me sentar também.

— A maioria das pessoas que aparece aqui está ocupando um espaço emocional sombrio. Não posso arriscar que entrem. Trabalhei muito para manter a energia desta sala pura, limpa e livre de toda maldade, e não permito que alguém entre aqui sem purificar a energia, inclusive eu. Todas as manhãs faço esse exercício de purificação que você acabou de fazer. Logo depois que acordo e novamente antes de entrar nesta sala. Recomendo que faça a mesma coisa. Sei que você acha que é uma bobagem, mas também sei que ficou surpresa por ter se sentido tão melhor.

Aperto os lábios e desvio o olhar. Sei que ela não precisa ler minha mente para saber o que estou pensando. Meu rosto sempre me entrega, minha expressão é incapaz de mentir.

— Entendi o lance da luz de purificação — digo, olhando para as persianas de bambu nas janelas e para a prateleira cheia de estatuetas de pedra representando divindades do mundo todo. — E tenho que admitir que realmente fez com que eu me sentisse melhor. Mas e aquele treco das raízes? Achei meio estranho.

— Chama-se *enraizamento*. — Ela sorri. — Quando você chegou, sua energia parecia estar toda dispersa, e isso ajuda a contê-la. Sugiro que também faça esse exercício todos os dias.

— Mas não vai nos impedir de chegar a Summerland? Sabe, *enraizando* a gente aqui?

Ela ri.

— Não. Isso na verdade ajuda a manter o foco no lugar aonde realmente se quer chegar.

Olho ao redor, notando como a sala está cheia de coisas. Tanto que é difícil absorver tudo.

— Então este é o seu lugar sagrado? — finalmente pergunto. Ela sorri, pegando um fio solto na almofada.

— É o lugar aonde venho orar, meditar e tentar alcançar as outras dimensões. E estou com um forte pressentimento de que desta vez vou conseguir. Ela coloca as pernas na posição de lótus e sinaliza para que eu faça

o mesmo. A primeira coisa que penso é que minhas novas longas e desengonçadas pernas nunca ficarão dobradas e entrelaçadas como as dela. Mas logo depois fico chocada com a forma com que vão direto para a posição certa, dobrando-se uma sobre a outra de modo tão natural e confortável sem um pinga de resistência.

— Está pronta? — ela pergunta, olhando nos meus olhos.

Dou de ombros, observando a sola dos meus pés, impressionada por estarem tão visíveis apoiados sobre meus joelhos, imaginando por qual tipo de ritual teremos que passar agora.

— Que bom! Porque agora é sua vez de conduzir. — Ela ri. — Eu nunca estive lá. Estou contando com você para me mostrar o caminho.

Vinte e quatro

Eu não tinha ideia de que seria tão fácil. Não acreditava que conseguiríamos chegar lá. Mas logo depois que fizemos o ritual de fechar os olhos e imaginar um portal de luz cintilante, demos as mãos e pulamos para dentro, aterrissando lado a lado no estranho gramado suspenso.

Ava olha para mim com os olhos arregalados, boquiaberta, mas incapaz de falar.

Faço um gesto positivo com a cabeça e olho em volta, sabendo exatamente como ela se sente. Mesmo não sendo a primeira vez que visito Summerland, nada faz com que seja menos surreal.

— Ei, Ava — digo, ficando de pé e limpando a parte de trás da calça, ansiosa para bancar a guia de turismo e mostrar a ela como esse lugar pode ser mágico. — Imagine algo. Qualquer coisa. Um objeto, um animal ou até mesmo uma pessoa. Apenas feche os olhos e veja algo com a maior clareza que puder e...

Observo-a fechar os olhos. Fico cada vez mais empolgada quando suas sobrancelhas se unem e ela se concentra naquilo que escolheu.

Quando abre os olhos, ela junta as mãos no peito e olha fixamente para a frente, gritando:

— Oh! Oh! Não pode ser. Olhe... É muito parecido com ele, e é *tão* real!

Ela se ajoelha na grama, juntando as mãos e rindo com alegria enquanto um lindo *golden retriever* pula em seus braços e cobre seu rosto de lambidas molhadas. Ela o abraça com força, sussurrando seu nome várias vezes, e eu me sinto no dever de alertá-la de que ele não é real.

— Ava, sinto muito, mas receio que ele não... — Antes que eu possa terminar, o cão escapa de seus braços, desaparecendo como uma retícula de pontinhos vibrantes que logo somem completamente. Quando vejo a tristeza em seu rosto, meu estômago afunda.

— Sinto-me culpada por ter proposto esse jogo. Eu devia ter explicado — digo, desejando não ter sido tão impulsiva. — Sinto muito.

Ela apenas balança a cabeça, tentando conter as lágrimas enquanto tira a grama dos joelhos.

— Está tudo bem. Sério. Eu sabia que era bom demais para ser verdade, mas só de vê-lo novamente, ter aquele momento... — Ela encolhe os ombros.
— Bem, mesmo não sendo real, não me arrependo nem por um segundo. Então você também não deve se arrepender, certo? — *Ela pega* minha mão e a aperta bem forte. — Sinto tanta falta dele, e tê-lo por esses poucos segundos foi um raro e precioso presente. Um presente que pude ter graças a você.

Faço um sinal positivo com a cabeça, esperando que ela não esteja falando aquilo apenas da boca para fora. E mesmo que pudéssemos passar as próximas horas materializando tudo que nossos corações desejassem, a verdade é que meu coração deseja apenas uma coisa. Além disso, depois de testemunhar o reencontro de Ava com seu querido cãozinho, o prazer dos bens materiais não parece mais valer a pena.

— Então esta é Summerland — diz ela, olhando ao redor.

— Sim, aqui estamos — confirmo. — Mas tudo o que conheço é este campo, aquele riacho e algumas outras coisas que não existiam até eu materializá-las aqui. Ah, está vendo aquela ponte? Lá longe, bem distante, onde cai a neblina?

Ela se vira, confirmando quando consegue vê-la.

— Não chegue perto dela. Ela leva ao *outro lado*. É a ponte sobre a qual Riley falou com você, e que eu finalmente a convenci a cruzar... Depois de alguma persuasão de sua parte.

Ava olha fixamente para a ponte, com os olhos apertados, e diz:

— Fico imaginando o que aconteceria se alguém tentasse cruzá-la. Sabe, sem morrer. Sem esse tipo de chamado.

Eu apenas dou de ombros, sem nenhuma curiosidade de tentar descobrir.

— Eu não recomendo — digo, vendo seu olhar e percebendo que está realmente considerando suas opções, pensando se deve tentar cruzar a ponte, só por curiosidade. — Você pode não voltar — acrescento, tentando transmitir seriedade, já que ela parece não estar entendendo. Mas acho que Summerland provoca esse efeito... É tão bonita e mágica que faz com que as pessoas fiquem tentadas a correr riscos que normalmente não correriam.

Ava olha para mim, ainda não totalmente convencida, mas ansiosa para ver mais coisas em vez de ficar ali parada. Ela me dá o braço e diz:

— Por onde começamos?

Como nenhuma de nós duas tem ideia de como começar, começamos andando. Vamos para o campo de flores dançantes, passando pela floresta de árvores resplandcentes, cruzando o riacho que tem as cores do arco-íris, cheio de todos os tipos de peixes, até encontrar uma trilha que depois de várias voltas e mudanças de direção leva-nos a uma longa estrada vazia. Mas a estrada não é de tijolos amarelos, nem pavimentada com ouro. É apenas uma rua normal, de asfalto comum, como as que se veem todos os dias.

Melhor do que as que vemos todos os dias, tenho que admitir, porque essa é limpa e nova, sem buracos nem marcas de pneus. Na verdade, tudo aqui parece tão resplandcente e novo que se tem a impressão de que ninguém nunca usou, quando, na verdade — pelo menos na verdade segundo Ava — Summerland é mais velha que o tempo.

— O que exatamente você sabe sobre esses templos, ou Grandes Salões do Conhecimento, como se referiu a eles? — pergunto, olhando para um impressionante edifício de mármore com todos os tipos de anjos e criaturas míticas esculpidos em suas colunas e imaginando se poderia ser o lugar que procuramos. Quer dizer, parece sofisticado, porém sério; impressionante, mas não exatamente descomunal. Tudo o que eu imaginei que seria um salão de ensino superior.

Mas Ava apenas ignora, como se não estivesse mais interessada. O que é um pouco mais evasivo do que eu gostaria.

Ela estava tão certa de que a resposta estava aqui, foi tão insistente em combinarmos nossas energias e viajarmos juntas, mas agora que conseguimos está um pouco deslumbrada demais com o poder da materialização instantânea para se concentrar em qualquer outra coisa:

— Sei apenas que eles existem — diz ela, com as mãos estendidas, virando-as para um lado e para o outro. — Deparei com menções a eles várias vezes em meus estudos.

Mas tudo o que você parece estar estudando agora são esses grandes anéis incrustados com pedras preciosas que materializou em seus dedos!, penso, sem dizer claramente, mas sabendo que se ela estivesse interessada o suficiente para olhar veria a irritação estampada em meu rosto.

Ela apenas sorri enquanto materializa um monte de pulseiras para combinar com os novos anéis. E quando começa a olhar para os pés, em busca de novos sapatos, sei que é hora de tomar as rédeas da situação.

— E o que devemos fazer quando chegarmos lá? — pergunto, determinada a fazê-la se concentrar na verdadeira razão de estarmos aqui. Eu fiz a minha parte. O mínimo que ela deveria fazer é retribuir e me ajudar a encontrar o caminho. — E o que pesquisaremos quando encontrarmos? Dores de cabeça repentinas? Episódios extremos de suadeira incontrollável? Será que vão nos deixar entrar?

Eu me viro, já esperando um sermão sobre minha insistente negatividade, meu pessimismo excessivo que some por algum tempo, mas nunca cede completamente... E descubro que ela não está mais lá.

Está completamente, inegavelmente, cem por cento *ausente*!

— Ava! — grito, dando voltas e voltas, tentando enxergar através da névoa tremeluzente, o esplendor eterno que não emana de nada específico, mas consegue permear tudo por aqui. — Ava, onde você está? — grito, correndo pelo meio da longa estrada vazia, parando para olhar por janelas e entradas e me perguntando por que há tantas lojas, restaurantes e galerias de arte onde não há ninguém para frequentá-los.

— Você não vai encontrá-la.

Eu me viro, vendo uma menina pequena, de cabelos escuros, parada diante de mim. Seu cabelo liso cai pelos ombros, e os olhos quase pretos são emoldurados por uma franja tão reta que parece ter sido cortada com uma navalha.

— As pessoas se perdem aqui. Acontece o tempo todo.

— Quem... Quem é você? — digo, observando a blusa branca engomada, a saia xadrez, o casaco azul e meias até o joelho: o uniforme típico das garotas de escolas particulares. Mas sei que ela não é uma aluna comum... Não se esta aqui.

— Sou Romy — diz ela. Mas seus lábios não se movem. E a voz que escuto vem de trás de mim.

Quando me viro, vejo exatamente a mesma garota rindo e dizendo.

— E ela é Rayne.

Eu me viro novamente, vendo Rayne ainda atrás de mim, enquanto Romy dá a volta e se junta a ela. Duas garotas idênticas na minha frente. Tudo é exatamente igual: cabelos, roupas, rostos, olhos.

Só as meias estão diferentes. As de Romy estão abaixadas e as de Rayne bem esticadas.

— Bem-vinda a Summerland. — Romy sorri, enquanto Rayne me olha de cima a baixo com os olhos apertados, desconfiada. — Sentimos muito por sua amiga. — Ela cutuca a irmã gêmea, e quando ela não responde, acrescenta:

— É, até Rayne sente muito. Ela só não quer admitir.

— Sabem onde posso encontrá-la? — pergunto, alternando o olhar entre elas e me questionando de onde poderiam ter vindo.

Romy dá de ombros.

— Ela não quer ser encontrada. Então encontramos você no lugar dela.

— Do que você está falando? E de onde vocês vieram? — pergunto. Nunca vi outras pessoas aqui em minhas visitas anteriores.

— Foi só porque você não *quis* ver outras pessoas — diz Romy, respondendo ao pensamento em minha cabeça. — Você não *desejou* isso até agora.

Olho para ela, confusa, a cabeça girando com a constatação: *ela pode ler meus pensamentos*.

— Pensamentos são energia. — Ela dá de ombros. — E Summerland consiste em energia rápida, intensa e ampliada. Tão intensa que é possível lê-la.

Quando ela diz isso, lembro-me da visita que fiz com Damen e de como conseguíamos nos comunicar telepaticamente. Mas, na época, pensei que éramos apenas nós.

— Mas se isso é verdade, por que não consegui ler a mente de Ava? E como ela desapareceu daquele jeito?

Rayne revira os olhos, enquanto Romy se inclina para a frente e diz com a voz calma e baixa, como se falasse com uma criança pequena, mesmo aparentando ser mais nova do que eu:

— Porque você tem que *desejar* para que aconteça. — E vendo minha expressão de dúvida, ela explica: — Em Summerland existe possibilidade para tudo. Para *todas as coisas*. Mas primeiro é preciso desejar para virar realidade. Senão, continua sendo apenas uma possibilidade, uma entre muitas, não materializada e incompleta.

Olho para ela, tentando entender suas palavras.

— Você não viu pessoas antes porque não quis. Mas agora, olhe em volta diga-me o que vê.

Quando olho ao redor, veio que ela está certa. As lojas e os restaurantes agora estão cheios de gente, uma nova instalação de arte está sendo pendurada na galeria e uma multidão se reúne nas escadarias do museu. Ao me concentrar em sua energia e pensamentos, percebo como este lugar é realmente diferente. Todas as nacionalidades e religiões estão presentes, sem tirar nem pôr, e todos coexistem em paz. Uau, penso, olhando para todos os lados, tentando absorver tudo o que acontece.

Romy faz um sinal positivo com a cabeça.

— No momento em que desejou encontrar o caminho para os templos, aparecemos para ajudá-la. E Ava desapareceu.

— Então eu *fiz* Ava desaparecer? — pergunto, começando a compreender toda a verdade.

Romy ri, e Rayne balança a cabeça e revira os olhos, olhando para mim como se eu fosse a pessoa mais sem noção que ela já conheceu.

— Acho difícil.

— E todas essas pessoas... — Faço um gesto na direção da multidão. — Todas elas estão... *Mortas*? — Dirijo a pergunta a Romy, pois já desisti de Rayne.

Observo-a sussurrar no ouvido da irmã, fazendo com que Romy se afaste e diga:

— Minha irmã está dizendo que você faz perguntas demais.

Rayne faz cara feia, dando um soco de leve no braço de Romy, que apenas ri.

Olho para as duas, captando o olhar fixo de Rayne e a insistência de Romy em falar por meio de charadas, e percebo que por mais divertido que possa ser, elas estão começando a me irritar. Tenho coisas para fazer, templos para encontrar, e entrar nesse tipo de brincadeira confusa está se tornando uma imensa perda de tempo.

Lembro tarde demais que elas podem ler meu pensamento. Romy faz um gesto positivo e diz:

— Como quiser. Vamos mostrar o caminho.

Vinte e cinco

Elas me conduzem por uma série de ruas, marchando lado a lado, com passos tão cadenciados e rápidos que peno para acompanhar. Cruzamos com pessoas vendendo todos os tipos de mercadoria, de velas feitas à mão a pequenos brinquedos de madeira. Os clientes fazem filas para levar aqueles artigos tão bem embrulhados e oferecem em troca apenas um sorriso ou uma palavra gentil. Passamos por bancas de frutas, lojas de doces e algumas butiques badaladas antes de parar em uma esquina onde uma carruagem atravessa nosso caminho, seguida por um Rolls-Royce dirigido por chofer.

Quando estou prestes a perguntar como todas essas coisas podem existir em um só lugar, como prédios aparentemente antigos podem estar ao lado de edifícios reluzentes e modernos, Romy olha para mim e diz:

— Eu já disse. Summerland abriga a possibilidade de *todas as coisas*. E como pessoas diferentes desejam coisas diferentes, quase tudo o que podem imaginar é transformado em realidade.

— Então tudo isso foi *materializado*? — pergunto, olhando ao redor, surpresa, enquanto Romy faz que sim com a cabeça e Rayne dispara logo à frente. Mas quem está materializando essas coisas? São pessoas que vêm passar o dia aqui, como eu? Estão vivas ou mortas? — Alterno o olhar entre Romy e Rayne, sabendo que minha dúvida se aplica a elas também. Mesmo parecendo normais por fora, há algo muito estranho a seu respeito. Algo quase... Sinistro... E atemporal também.

Logo que meu olhar se detém em Romy, Rayne decide se dirigir a mim pela primeira vez, dizendo:

— Você desejou encontrar os templos e nós estamos ajudando. Mas não se iluda, não temos obrigação nenhuma de responder às suas perguntas. Algumas coisas em Summerland simplesmente não são da sua conta.

Engulo em seco, olhando para Romy e me perguntando se ela vai intervir e se desculpar pela irmã, mas ela apenas nos conduz a outra rua cheia de gente, passando por uma viela vazia e um silencioso bulevar, onde para diante de um imponente edifício.

— Diga-me o que vê — diz ela, enquanto ambas olham atentamente para mim.

Observo a magnífica construção diante de mim, com os olhos arregalados e a boca aberta de admiração, atendo-me às esculturas elaboradas, ao enorme teto inclinado, às colunas imponentes e às impressionantes portas de entrada. Todas as suas grandes e variadas partes modificam-se rapidamente, formando imagens do Parthenon, do Taj Mahal, das grandes pirâmides de Gizé, do Templo de Lótus. Minha mente vacila com as imagens enquanto o edifício muda de forma, até que todos os maiores templos e maravilhas do mundo sejam claramente representados em sua fachada mutante.

Eu vejo... Vejo tudo!, penso, incapaz de proferir as palavras. A beleza surpreendente diante de mim me deixa sem fala.

Viro-me para Romy, imaginando se ela vê o mesmo que eu, e vejo-a dar um soco no braço de Rayne e dizer:

— Eu não *disse*? Ela sorri para mim.

— O templo é feito de energia, amor e conhecimento de *todas as coisas boas*. Aqueles que conseguem ver isso têm permissão para entrar.

No segundo em que ouço isso, corro para os grandes degraus de mármore, ansiosa para passar da imponente fachada e ver o que há do lado de dentro. Mas quando chego à enorme porta dupla olho para trás e pergunto:

— Vocês não vêm?

Rayne apenas me encara, com os olhos apertados, desconfiada, desejando que elas nunca tivessem se dado o trabalho de falar comigo. Romy balança a cabeça e diz:

— Suas respostas estão aí dentro. Você não precisa mais de nós.

— Mas por onde eu começo?

Romy olha para a irmã. Entre elas ocorre uma troca particular. Então vira para mim e diz:

— Você deve procurar pelos registros akáshicos. São um registro permanente de tudo que já foi ou será dito, pensado ou feito. Mas só os encontrará se estiver destinada a isso. Senão... — Ela dá de ombros, querendo parar por aí, mas o olhar de pânico em meus olhos faz com que continue. — Se não estiver destinada a saber, então não saberá. É simples assim.

Fico ali parada, pensando em como aquilo não foi nem um pouco animador e sentindo-me quase aliviada quando ambas se viraram para ir embora. — Agora temos que ir, srta. Ever Bloom — diz ela, usando meu nome completo, mesmo que eu saiba que nunca disse a elas. — Mas tenho certeza de que nos encontraremos novamente. Observo-as partirem, lembro de uma última pergunta, e grito:

— Mas como faço para voltar? Sabe, quando eu terminar aqui.

Vejo as costas de Rayne se enrijecerem, e Romy responde com um sorriso paciente:

— Do mesmo jeito que chegou. Pelo portal, é claro.

Vinte e seis

No momento em que me viro de frente para a porta, ela se abre diante de mim. Como não se trata de uma dessas portas automáticas como as dos supermercados, imagino que signifique que eu devo entrar.

A entrada é ampla e cheia de uma luz brilhante e calorosa. Um esplendor luminoso, como no resto de Summerland, permeia cada detalhe, cada canto, cada espaço, não permitindo a existência de sombras nem pontos escuros, e não parece emanar de nenhum lugar específico. Sigo por um salão ladeado por uma fileira de colunas brancas de mármore, esculpidas em estilo grego antigo, onde monges estão sentados em longas mesas de madeira entalhada, junto com padres, rabinos, xamãs e todos os tipos de pessoas em busca de algo. Todos olhando para grandes globos de cristal e códices flutuantes — cada um deles estudando as imagens que se revelam.

Faço uma pausa, imaginando se seria grosseiro interrompê-los e perguntar se podem me mostrar onde ficam os registros akáshicos. Mas o recinto está tão silencioso, e eles estão tão absortos, que reluto em perturbá-los e continuo andando. Passo por uma série de esculturas magníficas do mais puro mármore, até entrar em uma sala grande e excessivamente adornada que lembra as grandes catedrais da Itália (ou pelo menos as fotos que vi). Com o mesmo tipo de teto cupular, janelas com vitrais e afrescos elaborados contendo imagens tão esplêndidas que fariam Michelangelo chorar.

Fico no centro, olhando para cima, impressionada, enquanto luto para absorver tudo aquilo. Giro várias vezes até cansar e ficar tonta, percebendo que é impossível ver tudo de uma só vez e sabendo que já perdi tempo demais. Fecho os olhos com força e sigo o conselho de Romy: primeiro é preciso desejar algo para que aconteça. Logo após ter pedido para ser levada às respostas que procuro, abro os olhos e um grande corredor aparece.

A luz é mais fraca do que a que estou acostumada a ver. É meio brilhante, meio incandescente. Mesmo não tendo ideia de onde o corredor vai dar, começo a andar. Sigo a bela passadeira persa que parece não ter fim, passando as mãos pelas paredes cobertas de hieróglifos, tateando as imagens com a ponta dos dedos, enquanto uma cópia delas aparece em minha mente...

Toda a história revelada pelo simples toque, como uma espécie de Braille telepático.

De repente, sem nenhum aviso, chego à entrada de outra sala. Só que essa é elaborada em outro sentido, sem esculturas ou murais, mas de uma simplicidade pura e absoluta.

Suas paredes circulares são brilhantes e lisas e, mesmo que à primeira vista pareçam simplesmente brancas, ao olhar com mais cuidado vejo que não há nada de *simples* a seu respeito. É um branco *absoluto*, um branco no sentido mais puro. Aquele que resulta da mistura de *todas* as cores, todo um espectro de pigmentos misturados para criar a cor suprema da luz, como aprendi na aula de artes. Além do aglomerado de prismas pendurados no teto, contendo o que deve chegar a milhares de cristais, todos cintilando e refletindo um caleidoscópio de cores que giram pela sala, o único outro objeto nesse espaço é um banco de mármore estranhamente morno e confortável, especialmente por ser feito de uma substância conhecida por ser exatamente o contrário.

Depois de me sentar e colocar as mãos sobre o colo, observo as paredes se fecharem suavemente atrás de mim, como se o corredor que me trouxe até aqui nunca tivesse existido.

Mas não estou com medo. Mesmo que não veja saída e pareça que estou presa nessa estranha sala circular, sinto-me segura, em paz, cuidada, como se a sala estivesse me acolhendo e confortando, como se suas paredes curvas fossem grandes e fortes braços me envolvendo.

Respiro fundo, desejando respostas para todas as minhas perguntas, e vejo uma grande placa de cristal aparecer bem diante de mim, pairando onde antes havia um espaço vazio, esperando que eu dê o próximo passo.

Mas agora que estou tão perto da resposta minha pergunta muda repentinamente. Em vez de me concentrar em *O que aconteceu com Damen e como posso consertar?*, penso: *Mostre-me tudo o que preciso saber sobre Damen*. Acredito que essa pode ser minha única chance de saber tudo o que posso sobre o passado esquivo que ele se recusa a discutir. Convenço-me de que não estou bisbilhotando, que estou procurando soluções e que todas as informações que puder obter apenas ajudarão minha causa. Além disso, se eu realmente não merecer saber, nada será revelado. Que mal há em perguntar? Logo concluo o pensamento, o cristal começa a chiar, vibrando com energia

enquanto uma enxurrada de imagens ocupa sua superfície. É tão claro que parece tevê de alta definição.

Vejo uma pequena oficina, janelas cobertas com uma faixa de algodão pesado e escuro e paredes iluminadas por uma profusão de velas. Damen está lá. Ele não tem mais de três anos, usa uma túnica marrom abaixo dos joelhos e está sentado à mesa, cheia de pequenos frascos borbulhantes, uma pilha de pedras, latas com pós coloridos, almofarizes e pilões, montes de ervas e garrafinhas de corante. Ele observa o pai mergulhar a pena em um potinho de tinta e registrar o dia de trabalho com uma série de símbolos complicados, parando de vez em quando para ler um livro chamado *Corpus Hermeticum*, de Ficino, e o imita, rabiscando sobre seu próprio pedaço de papel.

Ele é adorável, bochechudo e angelical. A forma pela qual seu cabelo castanho cai sobre aqueles inconfundíveis olhos escuros e se enrola por sua macia nuca de bebê me faz querer tocá-lo. Tudo parece tão real, tão acessível e tão *próximo* que me convenço que se conseguir fazer contato poderei conhecer aquele mundo ao seu lado.

Mas quando meu dedo se aproxima, o cristal esquentando a uma temperatura insuportável e eu afasto a mão, vendo minha pele criar bolhas e queimar, curando-se logo em seguida. Agora sei que os limites estão estabelecidos, que posso observar, mas não interferir.

A imagem pula para o décimo aniversário de Damen, um dia considerado tão especial que é marcado por um banquete, doces e uma visita à oficina do pai. Eles não compartilham apenas o cabelo escuro e ondulado, a pele morena e o queixo perfeitamente quadrado, mas também uma paixão por aperfeiçoar a mistura alquímica que promete não apenas transformar chumbo em ouro, mas também prolongar a vida por tempo indeterminado. A perfeita pedra filosofal.

Eles começam a trabalhar, seguindo uma rotina já estabelecida. Damen tritura ervas com o almofariz e o pilão, antes de medir cuidadosamente os sais, óleos, líquidos coloridos e minérios, que o pai adiciona aos frascos borbulhantes em seguida, parando após cada passo para anunciar o que está fazendo e explicar ao filho a tarefa:

– *Estamos em busca da transmutação. A transformação da doença em saúde, da velhice em juventude, do chumbo em ouro e, possivelmente, da imortalidade*

também. Tudo nasce de um elemento fundamental, e se pudermos reduzir uma coisa a sua essência, então podemos criar qualquer coisa a partir dela!

Damen escuta arrebatado, prestando atenção em cada palavra do pai, mesmo já tendo ouvido a mesma fala várias vezes. Eles falam em italiano, língua que nunca estudei, mas de alguma forma entendo todas as palavras.

Ele cita todos os ingredientes antes de adicioná-los e decide, só naquele dia, não utilizar o último deles. Está convencido de que esse componente final, essa erva estranha, criará ainda mais mágica se adicionado a um elixir saturado por três dias.

Depois de verter a mistura vermelha em um frasco de vidro menor, Damen o cobre com cuidado e o coloca em um armário escondido. Eles acabam de arrumar a bagunça quando sua mãe — uma beldade de pele sedosa, usando um vestido de tafetá e os cabelos dourados presos nas laterais e encerrados em uma touca na parte de trás — passa para chamá-los para o almoço. Seu amor é aparente, claro e bem ilustrado pelo sorriso que reserva ao marido e pela forma como olha para o filho, que tem os mesmos olhos escuros e comoventes da mãe.

Quando se preparam a fim de ir para casa almoçar, três homens morenos invadem a oficina, dominando o pai de Damen e exigindo o elixir. A mãe empurra o filho para dentro do armário onde o líquido está escondido e pede que ele fique quieto, sem fazer barulho, até que seja seguro sair.

Ele se encolhe no espaço escuro e úmido, espiando por um pequeno buraco na madeira. Observa a oficina de seu pai e o trabalho de toda uma vida serem destruídos pelos homens. O pai entrega suas anotações, mas aquilo não é suficiente para salvá-los. Damen treme, sem poder fazer nada, enquanto vê os pais serem assassinados.

Sento no banco de mármore branco com a cabeça rodando e o estômago se revolvendo, sentindo tudo o que Damen sentiu, as emoções vertiginosas, o desespero profundo... Minha visão fica embaçada por suas lágrimas, minha respiração quente, irregular, como se fosse a dele. Somos apenas um agora. Nós dois compartilhamos uma dor inimaginável.

Ambos passamos pelo mesmo tipo de perda.

Ambos acreditamos, de alguma forma, que somos culpados.

Ele lava os ferimentos dos pais e cuida dos corpos, convencido de que, quando os três dias tiverem passado, poderá adicionar o ingrediente final, a

erva de aparência estranha, e trazê-los de volta. Mas, no terceiro e último dia, é acordado por um grupo de vizinhos que, alertados pelo cheiro, o encontram encolhido ao lado dos corpos, com o frasco de elixir nas mãos. Ele tenta se livrar dos vizinhos, pegando a erva e enfiando-a desesperadamente no vidro, determinado a dar a mistura aos pais, a fazer com que ambos bebam, mas é dominado antes de conseguir. Convencidos de que Damen está praticando algum tipo de feitiçaria, eles o entregam aos cuidados da Igreja, onde, devastado pela perda e afastado de tudo o que conhece e ama, é maltratado por padres decididos a livrá-lo do mal.

Ele sofre em silêncio, sofre por anos, até que Drina chega. E Damen, agora um forte e belo rapaz de quatorze anos, fica paralisado ao ver seus cabelos ruivos, seus olhos verde-esmeralda, sua pele alva. Uma beleza tão estonteante que é difícil tirar os olhos dela.

Vejo-os juntos e quase não consigo respirar enquanto eles formam um laço tão carinhoso, tão protetor que me arrependo de ter pedido para ver essa cena. Fui precipitada, impulsiva e descuidada — não parei para refletir. Mesmo que agora ela esteja morta e não seja mais uma ameaça, vê-lo ser seduzido por ela é mais do que posso aguentar.

Ele cuida das feridas que ela sofreu nas mãos dos padres, tratando-a com grande reverência e cuidado, negando sua atração inegável, determinado apenas a protegê-la, salvá-la, ajudá-la a fugir um dia — e esse dia chega muito antes do esperado, quando a praga assola Florença, a terrível Peste Negra, que matou milhões de pessoas, depois de transformá-las em seres inchados, purulentos e sofredores.

Ele assiste, impotente, a muitos de seus companheiros órfãos adoecerem e morrerem. Mas só quando Drina é contaminada ele retoma o trabalho do pai recriando o elixir que havia renegado durante todos aqueles anos, o líquido associado à perda de tudo o que ele amava. Mas agora, não tendo escolha, e não querendo perdê-la, ele dá a bebida a Drina, poupando o suficiente para si mesmo e para os órfãos que restaram, esperando apenas protegê-los da doença, sem imaginar que a imortalidade lhes seria concedida também.

Dotados de um poder que não conseguem entender, e imunes aos gritos agonizantes dos padres doentes e moribundos, os órfãos se dispersam. Voltam para as ruas de Florença, onde roubam dos mortos, enquanto Damen, com Drina a seu lado, quer apenas uma coisa: vingar-se dos três homens que

mataram seus pais, rastreando-os e descobrindo que, sem a ajuda do ingrediente final, eles sucumbiram à praga.

Ele espera que morram, provocando-os com uma promessa de cura que nunca pretendeu cumprir. Surpreso com o vazio da vitória quando os corpos finalmente se rendem e morrem, ele se volta para Drina, procurando conforto em seu abraço amoroso...

Fecho os olhos, determinada a bloquear tudo, mas sei que está gravado para sempre em minha mente, não importa quanto eu tente esquecer.

Saber que eles foram amantes, intermitentemente, por quase anos, é uma coisa. Ter que assistir a isso, é outra.

Mesmo que odeie admitir, não consigo deixar de notar que o velho Damen - cruel, ambicioso e extremamente vaidoso — tem muita coisa em comum com o novo Damen, o que me trocou pela Stacia.

Depois de assistir a mais de um século dos dois unidos por um suprimento infinito de luxúria e ambição, perco o interesse em chegar a parte em que nos conhecemos. Não quero mais ver as versões anteriores de mim. Se para tanto preciso ver mais cem anos disso, simplesmente não vale a pena. Quando fecho os olhos e peço: *Leve-me logo ao final! Por favor! Não aguento ver isso nem mais um segundo!*, o cristal pisca e brilha enquanto imagens borradas correm, sendo adiantadas com tanta velocidade e intensidade que mal consigo distinguir uma da outra. Vejo apenas breves instantes de Damen, Drina, e de mim em muitas encarnações, morena, ruiva, loira, tudo passando rapidamente diante de mim. Os rostos e corpos são irreconhecíveis, mas os olhos são sempre familiares.

Mesmo quando mudo de ideia e peço para ir mais devagar, as imagens continuam a correr, culminando na figura de Roman. Ele tem um sorriso no rosto e os olhos cheios de alegria... enquanto contempla um Damen bastante envelhecido e bastante *morto*.

E então...

E então... nada.

O cristal fica branco.

— *Não!* — grito. Minha voz reflete nas paredes da sala vazia e ecoa de volta para mim. — *Por favor!* — imploro. — Volte! Vou me esforçar mais. Sério! Prometo não ter ciúmes nem ficar irritada. Assistirei a *tudo* se você retroceder o filme.

Mas não importa quanto eu implore, quanto peça para ver novamente. O cristal se foi, desapareceu.

Olho em volta, procurando alguém para me ajudar, alguma espécie de bibliotecário que me oriente em relação ao registros akáshicos, embora eu seja a única pessoa no local. Apoiando a cabeça nas mãos, perguntando-me como pude ser tão estúpida a ponto de deixar meus ciúmes e minhas inseguranças assumirem o comando mais uma vez. Eu já sabia sobre Drina e Damen. Já sabia o que veria. E, agora, como fui muito fraca para engolir e lidar com o que estava vendo, não faço ideia de como salvá-lo. Não faço ideia de como fomos de um começo maravilhoso a um fim tão horrível.

Tudo o que sei é que Roman é o responsável. Uma confirmação patética do que eu já desconfiava. Ele está enfraquecendo Damen de alguma forma, revertendo sua imortalidade. E se eu tenho alguma esperança de salvá-lo preciso saber como e por quê.

Uma coisa de que tenho certeza é que Damen *não* envelhece. Ele está no mundo há seiscentos anos e ainda tem a aparência de um adolescente.

Deixo a cabeça cair sobre as mãos, odiando a mim mesma por ter sido tão insignificante, tão pequena, tão tola... Tão ridiculamente patética a ponto de roubar de mim mesma as respostas que vim buscar. Desejo poder retroceder toda a sessão e começar de novo... Desejo poder voltar...

— Você não pode voltar.

Eu me viro, ouvindo a voz de Romy atrás de mim e me perguntando como ela encontrou o caminho para esta sala. Mas quando olho em volta, percebo não estou mais naquele belo espaço circular. Estou de volta ao salão. A alguma metros de distância de onde estavam os monges, padres, xamãs e rabinos

— E nunca deveria ter avançado até o futuro. Porque, sempre que faz isso priva-se da jornada, do momento presente, que, no final, é tudo o que realmente existe.

Fico me perguntando se ela está se referindo ao meu fracasso com a placa de cristal ou à vida em geral. Mas ela apenas sorri. — Você está bem?

Dou de ombros e desvio o olhar. Para que me dar o trabalho de explicar? Ela provavelmente já sabe de tudo mesmo.

—Não. — Ela se apoia na mesa e balança a cabeça. — Não sei de nada. Tudo o que acontece aqui pertence a você, e somente a você. Só que a ouvi

gritar de desespero, então pensei em vir dar uma olhada. Só isso. Nada mais, nada menos.

—E onde está sua irmã malvada? — pergunto, olhando ao redor, vendo se ela não está escondida em algum lugar.

Romy apenas sorri e faz um sinal para que a siga.

— Ela está lá fora, vigiando sua amiga.

— Ava está aqui? — pergunto, surpresa por ficar tão aliviada com isso. Especialmente considerando que ainda estou irritada com ela por ter me abandonado daquele jeito.

Romy me chama novamente, levando-me até a porta da frente e a escadaria, onde Ava está esperando.

— Por onde andou? — pergunto, em tom acusatório.

— Acabei me desviando um pouco. — Ela dá de ombros. — Esse lugar é tão extraordinário que... — Ela olha para mim, esperando que eu desencane e lhe dê um desconto, e depois desvia o olhar quando fica claro que isso não vai acontecer.

— Como veio parar aqui? Romy e Rayne...? — Mas vejo que elas já se foram.

Ava olha de soslaio, passando os dedos nas recém-materializadas argolas que tem nas orelhas.

— Desejei encontrá-la e vim parar aqui. Mas parece que não posso entrar. — Ela olha para a porta e franze a testa. — Então é isso? Esse é o salão que você estava procurando?

Faço que sim com a cabeça, prestando atenção em seus sapatos caros e na bolsa de marca que me fazem ficar mais irritada a cada segundo. Eu a trago para Summerland para me ajudar a salvar a vida de alguém e ela só pensa em fazer compras?

— Eu sei — diz ela, respondendo aos meus pensamentos. — Eu exagerei.

— Sinto muito. Mas estou pronta para ajudar, se ainda precisar. Ou conseguiu todas as respostas que procurava?

Aperto os lábios e olho para baixo, fazendo que não com a cabeça.

— Eu, hum... Eu tive alguns problemas. — Uma onda de vergonha me atinge, principalmente quando lembro que os *problemas* foram criados por mim. — Receio ter voltado à estaca zero — acrescento, sentindo-me a maior perdedora do mundo.

— Será que posso ajudar? — Ela sorri, apertando meu braço para que eu saiba que está sendo sincera.

Mas eu ignoro, duvidando que ela possa fazer muita coisa a essa altura. Não desista tão facilmente — diz ela. — Afinal de contas, estamos em Summerland, onde tudo é possível!

Olho para ela, sabendo que é verdade, mas também que tenho muito trabalho a fazer quando voltar ao plano terreno. Trabalho que exigirá toda a minha atenção e concentração, sem me permitir nenhuma distração. Então conduzo-a escadaria abaixo, encaro-a e digo:

— Bem, há uma coisa que você pode fazer.

Vinte e sete

Ava queria ficar, mas mesmo assim peguei sua mão e forcei-a a ir embora, ciente de que ambas já havíamos perdido muito tempo em Summerland e que há outros lugares aonde preciso ir.

— Droga! — Ela olha para os dedos logo que aterrissamos no chão cheio de almofadas da pequena sala roxa. — Eu tinha esperança de poder ficar com eles.

Noto que os anéis dourados com pedras preciosas que ela havia materializado voltaram a ser os anéis de prata de sempre. Os sapatos e a bolsa de marca também não sobreviveram à viagem.

— Eu estava pensando sobre isso — digo, levantando-me. — Mas você sabe que pode fazer isso aqui também, não é? Pode materializar o que quiser, só precisa ter paciência. — Sorrio, querendo manter um tom positivo ao repetir as mesmas palavras de motivação que Damen me disse quando começou a me dar aulas. Aulas às quais queria ter prestado muito mais atenção, o que não fiz ao presumir que ser imortal significava ter todo o tempo do mundo. Além disso, estou começando a me sentir culpada por ter sido tão dura com ela. Quem não se deixaria levar na primeira visita àquele lugar?

— E agora? — pergunta ela, acompanhando-me até a porta. — Quando vamos voltar? Você não vai voltar lá sem mim, vai?

Olho nos olhos dela, vendo como está absorvida pela visita, e me pergunto se não foi um erro tê-la levado até lá. Evito encará-la enquanto vou para o carro, gritando por sobre o ombro:

— Eu ligo para você.

Na manhã seguinte, estaciono na escola e vou para a aula. Misturo-me à multidão de alunos como em um dia qualquer, mas dessa vez não me esforço para manter distância nem para proteger meu espaço pessoal. Apenas sigo com o fluxo. Não esboço reação quando as pessoas esbarram em mim, apesar de ter deixado o iPod, o moletom com capuz e os óculos escuros em casa.

Não preciso mais da ajuda desses antigos acessórios, que nunca funcionaram mesmo. Agora carrego meu controle remoto quântico para onde quer que eu vá.

Ontem, quando Ava e eu estávamos prestes a deixar Summerland, pedi a ela que me ajudasse a construir um escudo melhor. Sei que podia ter entrado de novo no salão, enquanto ela esperava do lado de fora, e aprendido a fazê-lo sozinha, mas já que ela quis ajudar, e imaginando que ela pudesse aprender algo também, ficamos na base da escadaria, ambas concentrando nossa energia para *desejar um* escudo que nos permitisse (bem, principalmente a mim, já que Ava não ouve pensamentos nem vê histórias de vida pelo toque) ligar e desligar à vontade. Antes de nos darmos conta, olhamos uma para a outra e, exatamente ao mesmo tempo, dissemos: – *Um controle remoto quântico!*

Agora, quando quero ouvir os pensamentos de alguém, sintonizo seu campo de energia e escolho *selecionar*. Se não quero ser incomodada, escolho *mudo*. Igual ao controle remoto que tenho em casa. Só que esse é invisível, então posso levá-lo para onde quiser.

Vou para a aula de inglês, chegando cedo para poder observar toda a ação do início ao fim. Não quero perder um segundo da vigilância que planejei. Mesmo tendo uma prova visual de que Roman é responsável pelo que está acontecendo com Damen... Só chego até aí. E agora que o *quem* da equação já foi decifrado, é hora de partir para o *como* e o *porquê*.

Só espero que não demore muito. Para começar, sinto falta de Damen. Além disso, meu estoque de suco da imortalidade está tão baixo que já estou sendo obrigada a fazer racionamento. Como Damen nunca chegou a me dar a receita, não tenho ideia de como produzi-lo, muito menos do que vai acontecer se eu não tomá-lo. Certamente, não será algo bom.

Originalmente, Damen pensou que podia tomar o elixir apenas uma vez e ficar curado de todas as doenças. Funcionou pelos primeiros cento e cinquenta anos, mas quando ele começou a ver sinais sutis de envelhecimento decidiu tomá-lo de novo. E de novo. Até ficar totalmente dependente. Ele também não havia percebido que um imortal podia ser morto até eu derrubar sua ex-mulher, Drina. Embora nós dois tivéssemos certeza de que acertar o chakra mais fraco era o único método (o chakra do coração, no caso de Drina), e eu ainda esteja certa de que somos os únicos que sabemos disso, de acordo com o que vi ontem nos registros akáshicos, Roman descobriu outra forma. O que significa que, se tenho alguma esperança de salvar Damen, preciso descobrir o que Roman sabe, antes que seja tarde demais.

Quando a porta finalmente se abre, levanto o olhar enquanto uma horda de estudantes invade a sala. Mesmo não sendo a primeira vez que vejo, ainda é difícil assistir a todos rindo, fazendo piadas e confraternizando, quando uma semana atrás mal se conheciam. Embora seja uma cena sonhariam ver em suas escolas, nas atuais circunstâncias não me empolga como deveria.

Não é só porque estou de fora, mas porque é assustador, antinatural e estranho. Quer dizer, não é assim que funciona o ensino médio. Que inferno! As *pessoas* não funcionam assim. Os iguais sempre se buscarão, e é assim que as coisas são. É uma dessas regras não declaradas. Além disso, não é algo que escolheram fazer. Mal sabem que todos esses abraços, risadas e cumprimentos ridículos não se devem ao amor recém-descoberto que têm uns pelos outros. Foi tudo criado por Roman.

Como um titereiro controlando fantoches para seu próprio divertimento, Roman é o responsável. Embora não saiba *como* nem *por que* ele está fazendo isso, e embora não possa provar que realmente *está* fazendo isso, no fundo sei que é verdade. É tão claro quanto a pontada em meu estômago ou o arrepio que sinto na pele sempre que ele está por perto.

Observo Damen sentar em seu lugar enquanto Stacia se debruça em sua mesa, aproximando do rosto dele os peitos aumentados com enchimentos, balançando os cabelos e rindo de sua própria piada sem graça. Mesmo não podendo *escutá-la*, já que a deixei no mudo para ouvir melhor o Damen, o fato de ele achar sem graça as coisas que ela diz já me basta.

E também me dá um pouco de esperança.

Uma esperança que desaparece logo que sua atenção é direcionada novamente para o decote de Stacia.

Ele é tão banal, tão imaturo, e, para ser sincera... Ele me dá vergonha. Se pensei que meus sentimentos tinham sido feridos ontem, ao ser obrigada a vê-lo agarrando a Drina, bem, pensando melhor, aquilo não foi nada comparado a *isto*.

Porque Drina estava *no passado*, não era nada além de uma bela, vazia e superficial imagem em uma pedra.

Mas Stacia está *no presente*.

Embora também seja bela, vazia e superficial, ela está bem aqui, na minha frente, em toda a sua glória tridimensional.

Ouço o cérebro enfraquecido de Damen se empolgar com as virtudes e a abundância dos seios com enchimento de Stacia e não consigo não pensar se é esse seu verdadeiro gosto em relação às mulheres.

Se essas garotas atiradas, insaciáveis e fúteis são o tipo de mulher que ele realmente prefere. E se eu não passo de uma anomalia estranha, um acaso peculiar que ficou aparecendo em seu caminho nos últimos quatrocentos anos. Fico de olho nele durante toda a aula, observando-o do meu lugar solitário no fundo da sala. Respondo automaticamente as perguntas do sr. Robins sem nem parar para pensar, apenas repetindo a resposta que *vejo* em sua cabeça. Minha mente não se desvia de Damen. Lembro-me várias vezes de quem ele *realmente* é, que, apesar das aparências, é bom, gentil, carinhoso e leal — o amor incontestável de minhas inúmeras vidas. Essa versão que estou vendo *não* é a verdadeira, não importa quanto reflita alguns dos comportamentos revelados ontem, não é quem ele é.

Quando o sinal finalmente toca, eu o sigo. Observo-o de perto durante toda a aula de educação física (principalmente porque não frequento essa aula), escolhendo ficar do lado de fora de sua sala de aula quando deveria estar na pista de corrida. Desapareço dali assim que sinto que os inspetores estão para chegar e volto logo que eles passam. Espio-o pela janela e escuto todos os seus pensamentos justamente como a perseguidora que ele me acusa ser. Não sei se fico perturbada ou aliviada quando descubro que sua atenção não se limita a Stacia. Ele está disponível para praticamente qualquer menina que seja pelo menos um pouco atraente e se sente perto dele — a não ser, é claro, que essa menina seja *eu*.

Passo a terceira aula ainda espiando Damen, mas na quarta mudo o foco para Roman. Olho dentro de seus olhos enquanto sigo para o meu lugar, fazendo a ronda e prestando atenção nele sempre que sinto que está concentrado em mim. Mesmo que seus pensamentos a meu respeito sejam tão banais e constrangedores quanto os de Damen em relação a Stacia, recuso-me a corar ou reagir. Fico apenas sorrindo e fazendo gestos positivos, determinada a tolerá-lo. Se pretendo descobrir quem esse cara *realmente* é, evitá-lo como a Peste Negra não vai funcionar. Quando toca o sinal, decido me livrar desse papel de pária *retardada* excluída e sigo direto para a longa fileira de mesas. Ignorando a pontada no estômago, que piora a cada passo, estou determinada a encontrar um lugar e me sentar junto com o resto dos meus

colegas de turma. Quando Roman me vê chegando, fico desapontada ao perceber que ele não está nem um pouco surpreso como pensei que ficaria.

— Ever! — Ele sorri, apontando para o espaço estreito a seu lado. — Então não foi só minha imaginação. Rolou mesmo alguma coisa entre a gente na aula.

Dou um risinho e me espremo ao seu lado, olhando instintivamente para Damen, mas só por um instante, antes de me forçar a olhar para o outro lado. Digo a mim mesma que tenho que me concentrar em Roman, que é essencial não me distrair.

— Sabia que você apareceria mais cedo ou mais tarde. Só queria que não tivesse demorado tanto. Temos que recuperar o tempo perdido. — Ele se inclina, aproximando tanto o rosto que vejo cada uma das manchas de cor dentro de seus olhos, pontos brilhantes de um tom de violeta que facilmente faria qualquer uma se perder...

— Isso é *legal*. Não é *legal*? Todos reunidos assim... Todos juntos como se fossem um só. E todo esse tempo você era o elo perdido. Mas agora que está aqui minha missão está completa. E você pensou que não daria certo. — Ele joga a cabeça para trás e ri, de olhos fechados, mostrando os dentes enquanto seus cabelos dourados e desgrehados absorvem o brilho do sol. Mesmo odiando admitir, a verdade é que ele é de fato hipnotizante.

Não como Damen, de quem não chega nem aos pés. Roman é bonito de uma forma que me faz lembrar da minha antiga vida. Ele tem a quantidade exata de charme superficial e gostosura bem calculada que me deixariam apaixonada naquela época. Época em que eu aceitava as coisas de acordo com a aparência e raramente, ou nunca, olhava além da superfície.

Vejo-o dar uma mordida em sua barra de chocolate e volto a olhar para Damen. Presto atenção em seu lindo perfil moreno e meu coração é tomado por tanta saudade que quase não posso suportar. Observo-o gesticular com as mãos enquanto entretém Stacia com alguma história estúpida, mais interessada nas mãos do que na história. Fico lembrando a sensação maravilhosa daquelas mãos na minha pele...

— ...então, por mais que seja legal tê-la aqui conosco, não consigo parar de imaginar quais são suas *verdadeiras* intenções — diz Roman, ainda olhando para mim.

Mas meus olhos ainda estão em Damen. Vejo-o encostar os lábios no rosto de Stacia, antes de seguir para a orelha e descer por todo o pescoço...

— Por mais que eu queira acreditar que você foi conquistada por minha beleza e meu charme inquestionáveis, sei que não é bem assim. Então me diga, Ever, o que está rolando?

Posso ouvir Roman falando, sua voz chiando ao fundo como um vago e incessante zumbido fácil de ignorar, mas não tiro os olhos de Damen — o amor da minha vida, minha alma gêmea eterna que não está nem aí para a minha existência. Meu estômago revira quando seus lábios chegam à clavícula de Stacia, antes de voltarem à orelha, movendo-se suavemente e sussurrando, tentando persuadi-la a matar o resto das aulas para irem à sua casa...

Espera um pouco... persuadi-la? Ele está tentando convencê-la? Isso significa que ela não está pronta nem com vontade? Sou a única que supôs que eles já haviam transado?

Mas quando vou sintonizar em Stacia e ver o que ela pode estar tramando ao fazer jogo duro, Roman me dá um tapinha no braço e diz: — Vamos, Ever. Não seja tímida. Diga o que está fazendo aqui, o que exatamente fez você surtar.

Antes que eu possa responder, Stacia olha para mim e diz:

— Credo, Retardada, *perdeu alguma coisa por aqui?*

Não respondo. Apenas finjo que não ouvi e me concentro em Damen. Recuso-me a tomar conhecimento de sua presença, mesmo que eles estejam tão entrelaçados que parecem uma coisa só. Fico desejando que ele se vire e me *veja, me veja* de verdade, como costumava fazer.

Mas quando finalmente olha, seu olhar me atravessa, como se eu não valesse o esforço, como se agora eu fosse invisível. Ver seu olhar passar por mim me deixa entorpecida, sem fôlego, congelada, incapaz de me mover...

— Hum, *alô-ou?* — grita Stacia, alto o suficiente para todo inundo ouvir.

— Sério... Podemos *ajudar?* Alguém pode ajudar?

Olho para Miles e Haven, sentados a apenas alguns metros, e vejo-os balançarem a cabeça, ambos desejando que nunca tivessem tido algo a ver comigo. Então engulo em seco e me lembro de que eles não estão no controle; Roman é roteirista, produtor, diretor e criador desse show medonho.

Encaro Roman, meu estômago revira, se contrai, quando espio os pensamentos em sua cabeça. Determinada a ultrapassar a camada superficial

de coisas estúpidas, curiosa para ver se há algo além do adolescente excitado, irritante e viciado em açúcar que ele deixa transparecer. A verdade é que não estou acreditando. A imagem que vi naquele cristal, com o sorriso maligno de vitória no rosto, aponta para um lado muito mais sombrio. Enquanto seu sorriso se alarga e seu olhar se fixa no meu, tudo escurece.

Tudo, menos Roman e eu. Estou em um túnel, sendo empurrada rapidamente por uma força além do meu controle. Caindo dentro do abismo escuro de sua mente enquanto Roman seleciona cuidadosamente as cenas que quer que eu veja: Damen dando uma festa em nossa suíte no Montage, uma festa onde estão Stacia, Honor, Craig e todos os outros garotos que nunca falaram com a gente antes, uma festa que dura vários dias, até que ele é expulso por destruir o lugar. Força-me a ver todos os tipos de atos desagradáveis, coisas que eu preferia não ter que ver, terminando com a última imagem que vi no cristal aquele dia, aquela última imagem.

Caio do banco e vou parar no chão, braços e pernas emaranhados, ainda dominada por Roman. Finalmente me restabeleço bem quando a escola inteira grita em uníssono: *Retardada!* Assisto, horrorizada, ao meu elixir vermelho ser derramado sobre a mesa, escorrendo pelas beiradas.

— Você *está bem?* — pergunta Roman, olhando para mim enquanto luto para ficar de pé. — Sei que é duro ver aquilo. Acredite, Ever, já passei por isso. Mas é tudo para o seu bem, sério. Receio que terá que confiar em mim.

— Eu *sabia* que era você — sussurro diante dele, tremendo de raiva. — Sempre soube.

— Sabia? — Ele sorri. — Sabia? Ponto para você. Mas devo avisá-la que ainda estou uns dez pontos na sua frente.

— Você não vai se safar dessa — digo, horrorizada, ao vê-lo mergulhar o dedo do meio na poça formada por minha bebida vermelha, deixando as gotas caírem em sua língua de forma tão deliberada, calculada, que é como se quisesse me dizer algo, como se fosse um sinal.

Assim que uma ideia começa a se formar em minha mente, ele passa a língua nos lábios e diz:

— Aí é que você se engana! — E vira a cabeça de modo a revelar a marca no pescoço, a detalhada tatuagem de uróboro que aparece e some de vista. — Eu já escapei, Ever. — Ele sorri. — Eu já venci.

Vinte e oito

Não fui para a aula de artes. Saí logo depois do intervalo para o almoço.

Não, esquece isso. A verdade é que saí *durante* o intervalo para o almoço. Segundos após meu terrível encontro com Roman, corri para o estacionamento (perseguida por um coro infinito que dizia *Retardada!*), entrei no carro e caí fora muito antes de o sinal tocar.

Eu precisava ir para bem longe de Roman. Distanciar-me dele e daquela tatuagem assustadora, a figura do uróboro que aparecia e desaparecia, exatamente como a que Drina tinha no pulso.

O símbolo inquestionável que marca Roman como um imortal perigoso, exatamente como eu suspeitava.

Mesmo que Damen não tenha conseguido me alertar sobre eles, mesmo não sabendo que existiam até a morte de Drina, ainda não acredito que demorei tanto para perceber. Embora ele coma e beba, sua aura seja visível e os pensamentos estejam disponíveis para leitura (pelo menos para mim), agora percebo que tudo não passava de uma fachada. Como aqueles prédios nos estúdios de Hollywood, produzidos cuidadosamente para que pareçam algo que não são. Foi o que Roman fez. Ele projetou propositalmente essa aparência de rapaz inglês, jovem, alegre e despreocupado, de aura brilhante e pensamentos felizes e atirados, mas, o tempo todo, lá no fundo, ele era exatamente o oposto.

O verdadeiro Roman é sombrio.

E sinistro.

E mau.

E tudo mais de *ruim* que possa existir. Mas ainda pior é o fato de que ele está determinado a matar meu namorado, e ainda não sei o motivo.

O motivo foi justamente o que não consegui ver em minha breve, porém perturbadora visita às profundezas de sua mente. Sabê-lo será muito importante caso eu seja obrigada a matá-lo, pois é essencial acertar o chakra certo para me livrar dele para sempre. Não saber suas motivações pode resultar no meu fracasso.

Como vou saber se devo atacar o primeiro chacra, ou chacra raiz, como às vezes é chamado, centro da raiva, da violência e da ambição? Ou talvez o chacra do umbigo, ou sacro, onde moram a inveja e o ciúme? Sem saber o que o está motivando, eu poderia facilmente atacar o chacra errado, o que não apenas não o mataria, como provavelmente o deixaria furioso. E eu ainda teria seis chacras para escolher. Sem dizer que, a essa altura, receio que ele já teria percebido o lance dos chacras.

Além disso, matar Roman muito cedo só me faria mal, visto que ele levaria o segredo do que quer que tenha feito com Damen e com o resto da escola junto. E não posso correr esse risco. Sem dizer que não sou tão fã de ficar matando gente. Só cheguei a partir para a briga no passado quando não tinha escolha além de lutar ou morrer. E assim que percebi o que havia feito com Drina, esperei nunca mais ter que fazer aquilo com ninguém. Mesmo que ela já tivesse me matado várias vezes, mesmo que tivesse admitido que matou toda a minha família, incluindo minha cachorrinha, não me sinto menos culpada. Saber que sou a única responsável por seu fim definitivo faz com que me sinta péssima.

Como praticamente voltei para onde estava quando comecei, decido retornar ao início. Viro à direita na Coast Highway e sigo para o condomínio de Damen, pensando em usar as próximas horas, enquanto ele ainda está na escola, para invadir sua casa e dar uma boa olhada.

Paro na guarita, aceno para Sheila e continuo na direção do portão. Supondo naturalmente que ele se abriria, tenho que pisar nos freios para evitar uma batida de frente.

—Com licença. *Com licença!* — grita Sheila em minha direção, como se eu fosse algum tipo de intrusa, como se nunca tivesse me visto antes. Na verdade, até semana passada, eu vinha aqui quase todos os dias.

—Oi, Sheila. — Sorrio de forma gentil, amigável e não ameaçadora. — Só estou indo para a casa do Damen. Se puder abrir o portão...

Ela olha para mim, com os olhos apertados e os lábios cerrados, formando uma expressão severa.

— Terei que pedir para você se retirar.

— O quê? Mas *por quê?*

— Você não está na lista — ela diz, com as mãos firmes nos quadris, sem nenhum traço de remorso depois de todos os meses de sorrisos e acenos.

Fico ali sentada, tentando absorver as palavras. *Não estou na lista. Não estou na lista permanente. Fui barrada, estou na lista negra, ou o que quer que as pessoas digam quando lhe é negado acesso a um condomínio fechado por tempo indeterminado.*

Isso, por si só, já é ruim o suficiente. Mas ter que saber do término oficial do namoro pela Grande Sheila em vez de ouvir da boca de meu namorado torna as coisas ainda piores.

Olho para baixo e agarro a alavanca do câmbio com tanta força que ela quase sai na minha mão. Depois engulo em seco, olho para ela, e digo: - Bem, como você obviamente já foi informada. Damen e eu terminamos. Eu só queria entrar rapidinho para pegar umas coisas minhas, porque, como pode ver... — abro a bolsa e enfio a mão lá dentro — ...ainda tenho a chave.

Levanto o chaveiro e vejo o sol do meio-dia refletir no metal dourado, muito envolvida na minha própria humilhação para prever que ela o tomaria de mim.

— Agora, estou pedindo gentilmente que se retire do local — diz ela, guardando a chave no bolso, o que deixa um relevo no tecido já esticado por seus peitos gigantescos. Mal tenho tempo de tirar o pé do freio e colocá-lo no acelerador antes que ela acrescente: — Vá embora. Saia daqui. Não me obrigue a pedir duas vezes.

Vinte e nove

Dessa vez, quando chego a Summerland, abro mão da aterrissagem no vasto campo perfumado e opto por cair bem no meio do que agora gosto de chamar de via principal. Eu me levanto e sacudo a poeira, surpresa por ver todas as pessoas ao meu redor seguindo com seus afazeres, como se ver alguém cair do céu no meio da rua fosse normal, acontecesse todos os dias. Acho que por essas bandas realmente é.

Passo por bares de karaokê e salões de cabeleireiro, refazendo o caminho que Romy e Rayne me mostraram e sabendo que provavelmente poderia apenas *desejar* estar lá, mas ainda ansiosa para aprender a chegar lá sozinha. Depois de passar rapidamente pela viela e pela avenida, subo correndo os degraus de mármore e fico parada diante das enormes portas, vendo-as se abrirem para mim.

Entro no grande salão de mármore e percebo que está muito mais cheio do que da última vez que estive aqui. Repasso as perguntas em minha cabeça, sem saber se preciso mesmo dos registros akáshicos ou se posso conseguir as respostas ali mesmo. Perguntando-me se questões como *Quem é Roman exatamente e o que ele fez com Damen?* e *Como posso impedi-lo e poupar a vida de Damen?* exigem aquele tipo de acesso seguro.

Sentindo que preciso simplificar e resumir tudo em uma só sentença, fecho os olhos e penso: *Basicamente, o que quero saber é: como posso fazer com que tudo volte a ser como era antes?*

Assim que concluo o pensamento, uma passagem se abre diante de mim, sua luz quente e convidativa me chama a entrar em uma sala branca, aquele mesmo tipo de branco de antes. Só que, dessa vez, em vez de um banco de mármore, há uma cadeira reclinável de couro gasto.

Sigo em frente, sento-me na cadeira, estendo o apoio para as pernas e me acomodo. Não percebo que estou recostada em uma réplica exata da poltrona favorita do meu pai até ver as iniciais R. B. e E. B. riscadas no braço. Meu coração dispara quando reconheço as marcas que convenci Riley a fazer com seu canivete de acampamento. As mesmas marcas que não só provaram que éramos as culpadas, mas que também nos renderam uma semana de castigo.

Pelo menos até o meu ser ampliado para dez dias, quando meus pais souberam que eu a havia convencido a fazer aquilo, fato que, a seus olhos, transformou-me em uma criminosa calculista que certamente merecia ficar mais tempo de castigo.

Passo os dedos pelo couro trabalhado, minhas unhas afundando no estofado no local onde a curva do *R* ficou muito profunda. Seguro o choro ao me lembrar daquele dia. De *todos* aqueles dias. De cada um daqueles dias deliciosamente maravilhosos que nunca valorizei, mas dos quais sinto tanta falta que mal posso suportar.

Faria *tudo* para voltar. *Tudo*, se pudesse voltar e deixar as coisas como estavam...

Mal concluo o pensamento e o espaço vazio começa a se transformar, organizando-se e formando uma réplica exata de nossa antiga saleta no Oregon.

O ar é tomado pelo aroma dos famosos brownies da minha mãe, e as paredes mudam de branco absoluto para um bege-claro que ela chamava de *madeira perolada*. Quando a manta de três tons de azul tricotada por minha avó aparece cobrindo meus joelhos, olho pela porta e vejo a coleira de Buttercup pendurada na maçaneta e os velhos tênis de Riley ao lado dos do meu pai. Observo todas as peças se formarem até que cada foto, livro, quinquilharia esteja presente. Não consigo parar de pensar que tudo aquilo se deve à minha pergunta, porque eu pedi para tudo voltar a ser como era antes.

Na verdade, eu estava me referindo a Damen e a mim.

Não estava?

Quer dizer, é realmente possível *voltar no tempo*?

Ou essa réplica da minha antiga vida, esse diorama da família Bloom, é o mais perto que poderei chegar?

Enquanto questiono meu entorno e o verdadeiro significado do que realmente quis dizer, a tevê liga, e uma profusão de cores passa pela tela. Uma tela feita de cristal, assim como a placa que vi no outro dia. Enrolo-me na manta, enfiando-a embaixo dos joelhos, e vejo as palavras L'HEURE BLEUE ocuparem a tela. Enquanto imagino o que isso possa significar, uma definição na mais bela caligrafia aparece:

A expressão francesa l'heure bleue, ou "hora azul", refere-se à hora entre a luz do dia e a escuridão, um momento venerado por suas qualidades de luz, e também quando o perfume das flores está mais forte.

Fico olhando para a tela, vendo as palavras desaparecerem e uma imagem da lua tomar seu lugar, uma lua cheia e grandiosa, refletindo o mais lindo tom de azul. Um tom quase igual ao do céu...

E então me vejo... Naquela mesma tela. Uso jeans e um suéter preto e estou com os cabelos soltos, olhando pela janela para a mesma lua azul, verificando o relógio enquanto espero por algo... Algo que chegará logo. Apesar da sensação vaga e onírica de me ver, um eu que não sou eu *de verdade*, ainda posso sentir o que ela sente, ouvir o que está pensando. Ela vai a algum lugar. Um lugar que uma vez pensou não ser acessível. Espera ansiosamente pelo momento em que o céu fica da mesma cor da lua, um maravilhoso azul bem escuro, sem sinal do sol, sabendo que isso anuncia sua única chance de encontrar o caminho de volta para esta sala, de volta para um lugar que ela pensava estar perdido.

Assisto. Meu olhar está fixo na tela e prendo a respiração quando ela levanta a mão, pressiona o cristal entre os dedos e volta no tempo.

Trinta

Saio do salão e corro pelas escadas. Minha visão está tão embaçada, meu coração bate tão rápido que só vejo as irmãs gêmeas tarde demais, quando já passei por cima de Rayne.

— Ai meu deus, me desculpe. Eu...

Abaixo e estendo a mão, esperando que ela pegue para que eu possa ajudá-la a se levantar. Pergunto várias vezes se ela está bem e recuo constrangida quando ela ignora meu gesto e se levanta sozinha. Ela ajeita a saia e as meias três-quartos enquanto observo, surpresa, seu joelho ralado curar-se instantaneamente. Nunca havia considerado a possibilidade de que elas fossem como eu.

— Vocês... Vocês são...

Mas antes que eu possa continuar Rayne balança a cabeça e diz:

— Certamente *não* — conferindo se suas meias estão exatamente na mesma altura. — Não somos *nem um pouco* parecidas com você — ela resmunga, arruma o casaco azul e a saia xadrez, e olha para a irmã boazinha, que balança a cabeça.

— Rayne, por favor. Isso são modos? — Romy franze a testa.

Embora Rayne continue de cara feia, sua voz perde um pouco de força quando diz:

— Bem, *não* somos.

— Então... Então sabem sobre mim? — pergunto, ouvindo Rayne pensar: *É óbvio, né!*, enquanto Romy faz que sim com a cabeça. — E acham que sou má?

Rayne revira os olhos e Romy sorri gentilmente, dizendo:

— Por favor, ignore minha irmã. Não achamos nada disso. Não estamos em posição de julgar.

Alternro o olhar entre as duas, observando sua pele pálida, os enormes olhos escuros, as franjas cortadas à navalha e os lábios finos. Os traços são tão exagerados que é como se fossem personagens de mangá. Não consigo não

pensar em como deve ser estranho duas pessoas serem tão idênticas por fora e tão opostas por dentro.

— E, então? Diga o que descobriu — diz Romy, sorrindo enquanto desce a rua, presumindo que a seguiremos. E é o que fazemos. — Encontrou todas as respostas que buscava?

E mais.

Estou surpresa e sem fala desde que aquele cristal se apagou. Não tenho ideia do que fazer com o conhecimento que me foi dado, mas estou bastante ciente de que tem potencial para mudar não apenas minha vida, mas possivelmente o mundo. Embora tenha que admitir que é incrível ter acesso a uma sabedoria tão poderosa, a responsabilidade que vem junto também é indiscutivelmente grande.

O que *devo fazer* com isso, agora que sei? A informação me foi mostrada por alguma razão? Algum tipo de razão maior? Há alguma nova expectativa a meu respeito que nem eu sei? E se não, qual o propósito?

Sério... *Por que eu?*

Com certeza, não sou a primeira pessoa a perguntar esse tipo de coisa. SOU?

E a única resposta plausível que consigo formular é: talvez eu esteja destinada a voltar. Talvez eu deva retornar.

Não para impedir assassinatos, acabar com as guerras e basicamente mudar o curso da história. Não acho que seja a garota certa para esse tipo de trabalho.

Mas acho que essa informação me foi mostrada por uma razão, uma razão que tem muita relação com o que eu já vinha pensando: que todos esses acontecimentos, o acidente, meus poderes paranormais e ter sido transformada por Damen em imortal não passam de um erro terrível. Se eu puder voltar no tempo e impedir o acidente, então poderei deixar tudo como era antes. Posso voltar para o Oregon e retomar minha antiga vida como se a nova nunca tivesse existido. Foi isso que desejei o tempo todo.

Mas e como fica Damen? Ele volta também?

E, se for assim, ele ainda estará com a Drina até ela conseguir me matar, e tudo acontecerá novamente?

Estarei apenas adiando o inevitável?

Ou tudo fica igual, menos eu? Ele morre nas mãos de Roman enquanto estou de volta ao Oregon, sem nem saber que ele existe?

E se for o caso, como posso deixar isso acontecer?

Como posso virar as costas para a única pessoa que amei de verdade?

Balanço a cabeça, notando que Romy e Rayne ainda estão olhando para mim, esperando uma resposta, embora eu não tenha ideia do que dizer. Então fico lá parada, boquiaberta, como uma grandessíssima idiota. Pensando que mesmo em Summerland, lar do amor absoluto e da perfeição, ainda sou uma completa estúpida.

Romy sorri, fechando os olhos enquanto seus braços se enchem de tulipas vermelhas... Lindas tulipas vermelhas que ela prontamente me oferece.

Recuso-me a aceitá-las. Apenas aperto os olhos e começo a recuar.

— O que você está fazendo? — Olho para as duas, minha voz está fina, fraca, e percebo que elas parecem tão confusas quanto eu.

— Desculpe — diz Romy, tentando me acalmar. — Não sei bem por que fiz isso. O pensamento apenas surgiu na minha cabeça, então...

Vejo as tulipas desaparecerem em suas mãos, voltando para o lugar de onde vieram. Mas o fato de terem sumido não faz a menor diferença. A única coisa que quero é que as duas também desapareçam.

— *Nada* é particular por aqui? — grito, sabendo que estou exagerando, mas incapaz de parar.

Porque se aquelas tulipas foram algum tipo de mensagem, se ela está ouvindo meus pensamentos e tentando me persuadir a desistir do passado e ficar quieta, é bom que saiba que nada disso é da conta dela. As duas podem saber tudo sobre Summerland, mas não sabem *nada* sobre mim, e não tem nenhum direito de se intrometer. Elas nunca tiveram que tomar uma decisão como essa. Não têm ideia do que é perder todas as pessoas que já amaram.

Dou mais um passo para trás, vendo Rayne franzir as sobrancelhas enquanto Romy balança a cabeça e diz:

— Não ouvimos nada. Eu juro. Não podemos ler *todos* os seus pensamentos, Ever. Apenas os que temos permissão para ver. Tudo o que viu nos registros akáshicos é seu e somente seu. Só estamos preocupadas com sua agonia, só isso. Nada mais, nada menos.

Olho de soslaio, sem confiar nelas nem por um segundo. Devem ter xeretado meus pensamentos o tempo todo. Por que outra razão me dariam tulipas? Por que materializar logo isso?

Eu nem estava visitando os registros akáshicos — digo. — A sala era... — Faço uma pausa, engolindo em seco enquanto me lembro do cheiro dos brownies da minha mãe, do toque da manta da minha avó, sabendo que posso ter tudo aquilo novamente. Tudo o que preciso fazer é esperar pelo dia e pela hora certos e poderei voltar para minha família e meus amigos. Balanço a cabeça e dou de ombros. — A sala era *diferente*.

O Salão Akáshico tem muitas formas — afirma Romy. — Transforma-se no que você precisar. — Ela olha pra mim, examinando meu rosto, e diz: — Aparecemos apenas para ajudar, não para chatear ou confundir você.

— E como é isso? Vocês são como anjos da guarda ou guias espirituais? Duas fadas madrinhas com roupa de colegial?

— Não exatamente — ri Romy.

— Então, quem são vocês? E o que estão fazendo aqui? E como sempre conseguem me encontrar?

Rayne faz uma careta e puxa a manga da irmã, apressando-a para irem embora. Mas Romy fica parada, olhando nos meus olhos, e diz:

— Só estamos aqui para auxiliar e ajudar. É só o que precisa saber.

Olho para ela por um instante, dou uma espiada na irmã, balanço a cabeça e saio andando. Elas são deliberadamente misteriosas e extremamente esquisitas. Tenho um forte pressentimento de que suas intenções não são boas.

Romy me chama, mas continuo andando. Estou ansiosa para me afastar delas, e vou na direção de uma mulher de cabelos castanho-avermelhados que está sentada do lado de fora do teatro. De costas, ela é igualzinha a Ava.

Trinta e um

A enorme decepção que senti quando chamei a mulher de cabelos castanho-avermelhados e descobri que não era Ava me fez perceber quanto preciso falar com ela. Então saio de Summerland e volto ao meu carro, ao banco do motorista, bem em frente a uma loja Trader Joe's no estacionamento do Crystal Cove Promenade. Assusto de tal forma uma mulher que passava distraída que ela derruba todas as sacolas, espalhando várias latas de café e de sopa embaixo de uma fileira de carros. Prometo a mim mesma que dali em diante minhas chegadas e saídas serão um pouco mais discretas.

Quando chego à casa de Ava ela está no meio de uma consulta, então espero em sua ensolarada cozinha enquanto ela termina. Mesmo sabendo que não é da minha conta, mesmo sabendo que não deveria estar xeretando, pego meu controle remoto quântico e acesso a sessão, surpresa com a precisão e a quantidade de detalhes que Ava fornece.

— Impressionante — digo, depois que a cliente sai e Ava vai até a cozinha me encontrar. — *Muito* impressionante. *Sério*, eu não tinha ideia. — Sorrio, observando-a iniciar o ritual de sempre: encher a chaleira, pôr no fogo para ferver, colocar alguns biscoitos em um prato e empurrá-lo para mim.

— Vindo de você, é um elogio. — Ela sorri, ocupando o assento à minha frente. — Mas, se me lembro bem, a consulta que fiz para você também foi bem precisa.

Pego um biscoito, pois é o normal a fazer. E quando lambo os grãosinhos de açúcar da superfície, não consigo conter a tristeza por não terem mais o mesmo encanto.

— Você se lembra daquela consulta? Na noite de Halloween? — Ela me observa com atenção.

Faço que sim com a cabeça. Lembro muito bem. Foi quando descobri que ela podia ver Riley. Até então, estava certa de ser a única que conseguia se comunicar com minha irmãzinha morta, e não fiquei muito feliz em saber que não era bem assim.

— Você contou à sua cliente que ela está namorando um otário? — Quebro o biscoito ao meio. — Que ele a está traindo com alguém que ela

considera sua amiga e que ela deveria romper com os dois o mais rápido possível? — pergunto, limpando algumas migalhas que caíram no meu colo.

— Com todas as letras — diz ela, indo pegar nosso chá assim que a chaleira começa a apitar. — E espero que você aprenda a suavizar a mensagem se um dia decidir dar consultas.

Faço uma pausa, tomada por uma ponta de tristeza quando percebo quanto tempo já se passou desde a última vez que pensei sobre meu futuro, sobre o que poderia querer ser quando crescesse. Passei por tantas fases! Já quis ser guarda florestal, professora, astronauta, top model, pop star... A lista era infinita. Mas agora que sou imortal, agora que posso experimentar *todas* essas coisas ao longo dos próximos milhares de anos, não estou mais tão entusiasmada.

Ultimamente, só tenho pensado em como trazer Damen de volta.

E agora, depois da minha recente viagem a Summerland, só consigo pensar em como conseguir minha antiga vida de volta.

Ter o mundo inteiro aos meus pés não é tão sedutor quando não há com quem compartilhar.

— Eu... Eu ainda não sei bem o que quero fazer. Não parei para pensar nisso — minto, imaginando se terei facilidade para retomar minha antiga vida... Isto é, se decidir voltar para ela. E se ainda vou querer ser uma pop star como antes ou se as mudanças que vivenciei aqui irão comigo.

Mas quando olho para Ava, vendo-a levar a xícara aos lábios e assoprar duas vezes antes de beber, lembro-me de que não vim aqui para discutir meu futuro. Vim para discutir meu passado. Decidida a me abrir com ela e compartilhar alguns dos meus maiores segredos. Convencida não apenas de que posso confiar nela, mas de que ela poderá me ajudar.

A verdade é que preciso de alguém com quem possa contar. Não consigo passar por isso sozinha. E não se trata de me ajudar a decidir se devo ficar ou ir, porque estou começando a perceber que não tenho escolha. Pensar em deixar Damen, pensar em nunca mais vê-lo é quase mais doloroso do que posso suportar. Mas quando penso em minha família, e em como eles sacrificaram involuntariamente suas vidas por mim — seja porque insisti para que meu pai voltasse para pegar um estúpido suéter azul, o que, afinal, causou o acidente que matou todos nós, seja porque Drina fez com que o cervo

corresse para frente do nosso carro para se livrar de mim e ficar com Damen só para ela — sinto que tenho que fazer algo para consertar as coisas.

Qualquer forma de encarar a situação leva diretamente a *mim*. É por minha culpa que eles não estão vivos, é por minha culpa que seus futuros brilhantes foram interrompidos tão precoce e tragicamente. Se não tivesse atrapalhado, nada disso teria ocorrido. Mesmo que Riley insista que tudo aconteceu do jeito que estava destinado a acontecer, o fato de eu ter uma oportunidade de escolher prova que preciso sacrificar meu futuro com Damen para que eles tenham o deles.

É a coisa certa a fazer.

É a *única* coisa a fazer.

E do jeito que as coisas andam, com meu exílio social na escola, Ava é praticamente a única amiga que sobrou. O que significa que preciso que ela amarre as pontas soltas que eu deixar para trás.

Levo a xícara de chá à boca e coloco-a de volta na mesa sem beber. Passo os dedos pela curva da asa, respiro fundo e digo:

— Acho que alguém está envenenando Damen. — Vejo-a arregalar os olhos e ficar boquiaberta. — Eu... Eu acho que alguém está adulterando seu... — *elixir*, penso —, sua bebida favorita. E isso está fazendo com que ele aja... — *como um mortal*, imagino — normalmente, mas não de uma forma positiva. — Aperto os lábios e levanto da cadeira, mal dando chance de Ava recobrar o fôlego quando digo: — E como fui proibida de entrar no condomínio dele, vou precisar da sua ajuda para invadi-lo.

Trinta e dois

— Certo, chegamos. Aja naturalmente — digo, abaixando-me no banco de trás enquanto Ava se aproxima do portão. — Apenas sorria e dê a ela o nome que falei.

Encolho as pernas, tentando ficar menor, menos visível, tarefa que teria sido imensamente mais fácil há duas semanas, antes de eu passar por esse ridículo surto de crescimento. Encolho-me ainda mais e me enrolo no cobertor quando Ava abaixa o vidro e sorri para Sheila, dando a ela o nome de Stacia Miller (minha substituta na lista de convidados de Damen). Espero que ela não tenha vindo tantas vezes aqui a ponto de Sheila reconhecê-la.

Quando o portão se abre e seguimos para a casa de Damen, jogo o cobertor de lado e sento no banco, vendo Ava olhar para o condomínio com uma inveja evidente, balançando a cabeça e murmurando:

— Estiloso.

Dou de ombros e também olho ao redor, percebendo que nunca prestei muita atenção antes. Sempre vi este lugar como um borrão de imitações de casas de campo toscanas e fazendas espanholas de luxo com jardins bem-cuidados e garagens subterrâneas no caminho para o falso castelo francês de Damen.

— Não tenho ideia de como ele pode bancar isso, mas, com certeza, é muito bonito — diz ela, olhando para mim.

— Ele aposta nos cavalos — murmuro, concentrando-me na porta da garagem enquanto ela estaciona na entrada, observando seus mínimos detalhes antes de fechar os olhos e *desejar* que a porta se abra.

Vejo-a se erguer em minha mente e abro os olhos bem a tempo de vê-la estalando e soltando faíscas antes de cair com uma *pancada* bem barulhenta. Um sinal inequívoco de que ainda estou bem longe de dominar a telecinesia, ou a arte de mover qualquer coisa mais pesada do que uma bolsa Prada.

— Hum, acho que podemos entrar pelos fundos, como faço normalmente — digo, constrangida por ter fracassado desse jeito.

Mas Ava não me dá ouvidos, pega minha bolsa e vai para a porta da frente. Mesmo quando recuo, dizendo que não adianta, que está trancada e

não é possível entrar, ela continua andando, dizendo que então teremos que destrancá-la.

— Não é tão fácil quanto você pensa — digo. — Acredite em mim, já tentei e não deu certo. — Olho para a outra porta que materializei acidentalmente da última vez que estive aqui. Ainda está encostada na parede, exatamente onde a deixei, pois aparentemente Damen está muito ocupado perseguindo Stacia e sendo popular para se livrar dela.

No momento em que penso nisso, desejo poder voltar atrás. O pensamento me deixa triste, vazia e ainda mais desesperada do que gostaria de admitir.

— Mas desta vez você tem a *mim* para ajudá-la. — Ela sorri. — E acho que já provamos que trabalhamos bem juntas.

Ela me olha com tanta expectativa, tanto otimismo, que não vejo motivo para me negar a tentar. Então fecho os olhos enquanto nos damos as mãos, antevendo a porta se abrindo diante de nós. E segundos após ouvirmos o barulho da fechadura, a porta se abre, permitindo nossa entrada.

— Depois de você. — Ava faz um gesto com a cabeça, olhando para o relógio e franzindo as sobrancelhas enquanto diz: — Diga-me novamente. Exatamente quanto tempo temos para ficar aqui?

Olho para o meu pulso, vendo a pulseira que Damen me deu no dia em que fomos às corridas, aquela que faz meu coração se encher de saudades cada vez que o vejo. Mesmo assim, recuso-me a tirá-la. Simplesmente não posso. É a única lembrança física que tenho de nossa história juntos.

— Ei? Você está bem? — ela pergunta, preocupada. Engulo em seco e faço que sim com a cabeça.

— Temos tempo suficiente. Mas devo avisá-la de que Damen tem o péssimo hábito de matar aula e vir para casa mais cedo.

— Então é melhor nos apressarmos. — Ava sorri, entrando no vestibulo e olhando ao redor, observando o enorme lustre sobre a base do elaborado corrimão de ferro forjado que acompanha as escadas. Ela se vira para mim com um brilho nos olhos e diz: — Esse cara tem dezessete anos?

Vou para a cozinha sem me preocupar em responder porque ela já sabe que sim. Além disso, há muito mais em jogo do que o tamanho da casa e a aparente implausibilidade de um garoto de dezessete anos, que não é um pop

star nem participa de um programa de tevê de sucesso, ser dono de um lugar como este.

—Ei... Espere — diz ela, segurando meu braço e me obrigando a parar.

— O que tem lá em cima?

— Nada. — No instante em que digo, sei que estraguei tudo. Respondi rápido demais para ser verdade. Mas a última coisa que preciso agora é que Ava fique bisbilhotando e entre sem ser convidada no quarto "especial" de Damen.

— Vamos — diz ela, sorrindo como uma adolescente rebelde cujos pais viajaram no fim de semana. — A que horas acabam as aulas? Duas e cinquenta?

Faço que sim com a cabeça, discretamente, mas é o suficiente para animá-la.

— E depois leva quanto tempo? Dez minutos dirigindo de lá até aqui?

— Provavelmente uns dois. — Balanço a cabeça. — Não, esquece o que eu disse. Ele deve levar uns 30 segundos. Você não tem ideia de como Damen dirige rápido.

Ela olha de novo para o relógio, e depois olha para mim com um sorriso no canto dos lábios quando diz:

— Bem, ainda assim temos um bom tempo para dar uma olhada por aqui, trocar as bebidas e seguir nosso caminho.

Quando olho para ela, tudo o que ouço é a voz em minha cabeça gritando: *Diga não! Diga não! Diga logo não!* Uma voz que eu deveria levar em consideração.

Uma voz que é imediatamente anulada pela de Ava quando ela diz:

— Vamos, Ever. Não é todo dia que tenho a chance de andar por uma casa como esta. Além disso, podemos encontrar algo útil, já pensou nisso?

Aperto os lábios e faço um gesto positivo com a cabeça, aflita. Seguindo-a relutantemente enquanto ela corre na frente como uma estudante empolgada prestes a ver o quarto bacana do garoto de quem está a fim, quando na verdade ela é mais de uma década mais velha do que eu. Ava vai direto para primeira porta aberta que vê, que é justamente a do quarto de Damen. Entro com ela e não sei se fico mais surpresa ou aliviada quando vejo que está exatamente como deixei.

Apenas mais bagunçado.

Bem mais bagunçado.

Recuso-me a pensar sobre como *aquilo* pode ter acontecido.

Mas nem os lençóis, nem os móveis, nem mesmo a tinta nas paredes, fico feliz em dizer, foram mudados. Continuam sendo as coisas que o ajudei a escolher há algumas semanas, quando disse que não queria ficar nem um segundo mais naquele mausoléu assustador onde, por incrível que pareça, ele costumava dormir. Namorar no meio daquelas lembranças antigas e empoeiradas começou a me perturbar.

Sem contar que, tecnicamente falando, também sou uma dessas lembranças antigas e empoeiradas. Mesmo depois que os novos móveis foram montados, eu ainda preferia ficar na minha casa. Acho que considerava, não sei, *mais seguro*? Como se a ameaça de Sabine chegar a qualquer momento me impedisse de fazer algo que não sabia se estava pronta para fazer. Agora, depois de tudo o que aconteceu, parece um pouco ridículo.

— Nossa, dá uma olhada nesse banheiro — diz Ava, olhando para o chuveiro de Damen, decorado com mosaicos e com duchas suficientes para vinte pessoas. — Eu não ia reclamar de viver assim! — Ela se debruça na borda da banheira de hidromassagem e brinca com as torneiras. — Sempre quis ter uma dessas! Você já usou?

Olho para o outro lado, mas não antes que ela consiga ver que minhas bochechas ficaram vermelhas. Só porque contei alguns segredos e deixei que ela subisse até aqui isso não quer dizer que ela tenha obtido passe livre para minha vida privada também.

— Tenho uma em casa — finalmente digo, esperando que seja suficiente para concluirmos a visita e irmos embora. Preciso voltar lá para baixo e trocar o elixir de Damen pelo meu. Se ela ficar aqui em cima sozinha, receio que não vá embora nunca.

Aponto para o relógio, lembrando-lhe quem está no comando por aqui. — Tudo bem — diz ela, praticamente arrastando os pés enquanto a levo para fora do quarto. Mas logo para novamente e diz: — É rapidinho, o que tem aqui?

Antes que eu possa impedi-la, ela já entrou *no quarto*, no espaço sagrado de Damen. Seu santuário particular. Seu mausoléu assustador.

Só que está tudo diferente.

Está drástica e dramaticamente diferente. Todos os traços da distorção temporal pessoal de Damen sumiram completamente. Nem Picasso, nem Van Gogh, nem canapé de veludo à vista.

Foi tudo substituído por uma mesa de sinuca forrada com feltro vermelho, um bem abastecido bar de mármore preto com banquetas cromadas e uma longa fileira de cadeiras reclináveis viradas para uma parede coberta por uma gigantesca tevê de tela plana. É impossível não pensar no que aconteceu com as coisas antigas, aqueles artefatos inestimáveis que costumavam me irritar, mas que agora que foram substituídos por coisas tão modernas parecem símbolos perdidos de épocas muito melhores.

Sinto falta do antigo Damen. Sinto falta do meu namorado inteligente, lindo e cortês, que era tão apegado a seu passado renascentista.

Esse Damen ardiloso do novo milênio é um estranho para mim. Quando olho ao redor do quarto mais uma vez, pergunto-me se não é tarde demais para salvá-lo.

— O que aconteceu? — Ava aperta os olhos. — Seu rosto ficou branco.

Agarro seu braço e arrasto-a para baixo.

— Precisamos nos apressar — digo. — Antes que seja tarde demais.

Trinta e três

Desço as escadas rapidamente e vou para a cozinha, gritando:

— Pegue a mochila que está perto da porta e traga-a até aqui!

Corro para a geladeira, ansiosa para esvaziar as garrafas de suco de Damen e enchê-las com o meu, querendo terminar logo antes que ele chegue e nos pegue em flagrante.

Mas quando abro a enorme geladeira tenho a mesma surpresa que tive com o quarto no andar de cima. Para começar, está cheia de comida.

É tanta comida que parece que ele está planejando uma grande festa, daquelas que duram uns três dias.

Estou falando de peças de carne, grossos filés, pedaços enormes de queijo, meio frango, duas pizzas grandes, ketchup, maionese, várias embalagens de comida pronta... Muita coisa! Sem mencionar a quantidade de cerveja na prateleira de baixo.

Mesmo que isso pareça ser totalmente normal, o negócio é o seguinte: Damen *não* é normal. Ele não come para valer há seiscientos *anos*! Ele também não bebe *cerveja*.

Suco da imortalidade, água, uma taça de champanhe de vez em quando — sim.

Heineken e Corona — nem tanto.

— O que é isso? — pergunta Ava, largando a mochila no chão e espiando por cima do meu ombro, tentando descobrir por que estou tão preocupada, abrindo o freezer e encontrando-o cheio de vodca, pizzas congeladas e vários potes de sorvete. — Certo... Então ele foi ao supermercado recentemente. Há algum motivo para preocupação que eu não esteja entendendo? Vocês dois costumam simplesmente materializar toda a comida quando estão com fome?

Balanço a cabeça, sabendo que não posso dizer a ela que Damen e eu nunca *ficamos com fome*. Só porque ela sabe que somos paranormais com capacidade de materializar coisas tanto aqui quanto em Summerland isso não significa que precise saber também a parte da história que diz: Ah, é, cheguei a *mentonar que somos imortais*?

Tudo o que ela sabe é o que eu contei: tenho fortes suspeitas de que Damen esteja sendo envenenado. O que não contei é que ele está sendo envenenado de uma forma que está destruindo seus poderes paranormais, sua elevada força física, sua ampla inteligência, seus talentos e suas habilidades cuidadosamente aprimorados, e até mesmo suas lembranças do que aconteceu antes. Tudo sendo lentamente apagado enquanto ele retorna à forma mortal.

Mas, ao mesmo tempo que ele pode parecer apenas um estudante normal — bem, um estudante excepcionalmente bonito, cheio da grana, que mora sozinho em sua própria casa que vale milhões —, é apenas uma questão de tempo até que comece a envelhecer.

E depois a se deteriorar.

E, por fim, *morrer*, como vi naquela tela.

É justamente por isso que tenho que trocar essas bebidas. Tenho que fazer com que ele volte a tomar o suco bom para poder restabelecer sua força e, se tudo der certo, reparar parte dos danos que já foram feitos, enquanto tento pensar em um antídoto que possa salvá-lo e fazer com que volte a ser como era.

E se eu for tomar como base essa casa bagunçada, o quarto redecorado e a geladeira cheia, Damen está progredindo muito mais rápido do que supus.

— Eu nem estou vendo as garrafas de que você falou — diz Ava, olhando dentro da geladeira. — Tem certeza de que ele as guarda aqui?

— Confie em mim, elas estão aqui. — Reviro a maior coleção de condimentos do mundo até achar o elixir. Pego várias garrafas ao mesmo tempo e as entrego a Ava. — Como eu imaginei. — Esboço um gesto positivo com a cabeça, finalmente fazendo algum progresso.

Ava olha para mim com a sobancelha levantada e diz:

— Não acha estranho que ele ainda esteja bebendo isso? Se estiver realmente envenenado, o sabor não estará diferente?

E, *de uma hora para outra*, começo a duvidar. E se eu estiver errada?

E se não for nada disso?

E se Damen simplesmente se cansou de mim, e se *todo mundo* se cansou de mim e Roman não tem nada a ver com isso?

Pego uma garrafa e levo à boca, parando apenas quando Ava grita:

— Você não vai tomar isso, vai?

Apenas ignoro e tomo um gole, imaginando que só há um modo de saber ao certo se a bebida está envenenada e esperando que um golinho só não vá fazer nenhum mal. Assim que experimento, sei por que Damen não notou nenhuma diferença. Não há diferença alguma. Pelo menos não até aparecer o sabor residual.

— Água! — grito, ofegante, correndo para a pia, enfiando a cabeça sob a torneira e engolindo toda a água que posso até tirar aquele gosto horrível da boca.

— É tão ruim assim?

Faço que sim com a cabeça, secando a boca na manga.

— É ainda pior do que pensei. Mas se visse como Damen bebe saberia por que ele não notou a diferença. Ele engole essa coisa como... — começo a dizer *como se estivesse morrendo*, mas a ideia me parece muito real. Engulo em seco e digo: — Como se estivesse com muita sede.

Entrego a Ava as garrafas que sobraram para que ela possa colocá-las ao lado da pia, posicionando as que estão envenenadas na borda, depois de empurrar toda a louça suja para abrir espaço. Trabalhamos tão bem em conjunto que assim que lhe entrego a última garrafa já estou me agachando para pegar os frascos "seguros" na mochila. Sei que são seguros porque o último suprimento que Damen me deu foi há algumas semanas, bem antes de Roman aparecer. Quero colocá-los no mesmo lugar onde estavam os outros para que Damen nunca suspeite que estive aqui.

— O que vamos fazer com os frascos antigos? — pergunta Ava. — Jogá-los fora? Ou guardar como prova?

Quando levanto a cabeça para responder, Damen entra pela porta lateral e diz:

— Que diabos vocês estão fazendo na minha cozinha?

Trinta e quatro

Fico paralisada, com duas garrafas da mistura não contaminada entre mim e a geladeira. Percebo que fiquei tão preocupada pensando *sobre* Damen que esqueci de sintonizar e sentir se ele estava por perto.

Ava está boquiaberta e de olhos arregalados. Seu rosto mostra a mesma expressão de pânico que estou tentando esconder. Então olho para Damen, limpo a garganta e digo:

— Não é nada do que você está pensando!

Isso é a pior coisa, e a mais ridícula, que eu poderia ter dito, pois é *exatamente* o que ele está pensando. Ava e eu invadimos a casa para adulterar sua comida. Simples assim.

Ele larga a mochila e vem na minha direção, olhando nos meus olhos.

— Você não tem nem ideia do que estou pensando.

Ah, tenho sim. Recuo, tentando evitar os terríveis pensamentos que passam por sua cabeça, acusando-me mentalmente de: *Perseguidora! Esquisitona!* e coisas muito piores.

— Como vocês conseguiram entrar aqui? — ele pergunta, alternando o olhar entre nós duas.

— Hum, Sheila me deixou entrar — digo, sem saber muito bem o que fazer com a garrafa que ainda tenho nas mãos.

Uma veia começa a pulsar em sua têmpora enquanto ele balança a cabeça e cerra os punhos. Percebo que nunca o vi tão nervoso, nem sabia que ele era capaz disso, e sinto-me péssima por saber que provoquei essa reação.

— Vou ter uma conversa com a Sheila — diz ele, ligeiramente mais calmo. — Mas o que quero saber é o que vocês estão fazendo *aqui*. Na minha casa. Mexendo na minha geladeira... — Ele aperta os olhos. — Que diabos pensam que estão fazendo?

Olho para Ava, constrangida por tê-la como testemunha do meu verdadeiro amor falando comigo dessa forma.

— E essa mulher? — Ele aponta para Ava. — Você trouxe a médium da sua festa para fazer alguma espécie de feitiço?

— Você se lembra da festa? — Coloco a garrafa de lado. Fiquei me perguntando o que ele se lembraria de nosso passado, e mesmo sendo uma coisa boba, o fato de se lembrar de ter conhecido Ava me enche de esperança.

— Você se lembra da noite de Halloween? — sussurro, lembrando da primeira vez que nos beijamos, à beira da piscina, usando fantasias que combinavam sem nem ao menos termos planejado: eu de Maria Antonieta e ele de conde de Fersen, seu amante.

— Sim, eu me lembro — ele balança a cabeça. — Odeio ter que lhe dizer isso, mas foi um momento de fraqueza que *nunca* mais vai se repetir. Um momento que você levou muito a sério. Acredite em mim, se soubesse que você se transformaria nessa esquisitona, nem teria me dado o trabalho. Não valeu a pena.

Engulo em seco e tento segurar as lágrimas. Sinto-me vazia, oca, como se minhas entranhas tivessem sido removidas e jogadas fora. Qualquer chance de recuperar nosso amor, a única coisa que motiva esta minha vida em particular, não existe mais. Mesmo lembrando a mim mesma de que aquelas são as palavras de Roman, não dele, e de que o Damen verdadeiro não é capaz de tratar *ninguém* desse jeito, a dor que sinto não é menor.

— Damen, *por favor* — finalmente consigo dizer. — Sei que parece ruim. Sei, de verdade. Mas posso explicar. Estamos apenas tentando *ajudá-lo*.

Ele olha para mim com tanto desprezo que me enche de vergonha. Mas me forço a continuar, sabendo que pelo menos tenho que tentar.

— *Alguém* está tentando envenenar você — digo, olhando em seus olhos. — Alguém que você conhece.

Ele balança a cabeça, sem acreditar em uma só palavra, convencido de que estou delirando e deveria ser presa imediatamente.

— E essa *pessoa* responsável por me envenenar, essa *pessoa* que eu conheço, por acaso seria *você*? — Ele dá outro passo na minha direção. — Porque é você que está invadindo a minha casa. *Você* está mexendo na minha geladeira e adulterando minhas bebidas. Acho que as provas falam por si mesmas. Balanço a cabeça, tentando superar o calor que queima minha garganta, e digo:

— Sei que é o que parece, mas você *precisa* acreditar em mim! É tudo verdade, não estou inventando!

Ele chega mais perto, avançando na minha direção de forma tão intencional, tão deliberada como se espreitasse sua presa. Então decido falar tudo. Não tenho mesmo mais nada a perder.

— É o Roman, tá? — Respiro fundo, vendo sua expressão mudar de acusatória a ofendida. — Seu novo amigo Roman é... — Olho para Ava, sabendo que não posso dizer o que Roman *na verdade* é: um imortal perigoso determinado a matar Damen por alguma razão que ainda não descobri. Mas não importa. Damen não tem nenhuma lembrança de Drina nem de ser imortal, está tão distante que nunca entenderia.

— Saiam daqui — diz ele. Seu olhar está tão frio que me dá mais arrepios do que o ar que sai da geladeira. — Saiam logo antes que eu chame polícia.

Olho para Ava, vendo-a despejar as misturas adulteradas no ralo da pia no segundo em que ele faz a ameaça. Depois vejo Damen pegando o telefone, apertando a primeira tecla com o dedo indicador, depois a segunda e então...

Tenho que impedi-lo. Não posso deixá-lo completar aquela ligação. Não posso arriscar que a polícia se envolva. Então olho em seus olhos, mesmo que ele se recuse a olhar para mim. Concentro toda a minha energia nele, meus pensamentos vão até ele, tentando influenciá-lo. Inundando-o com a mais amorosa e compassiva luz branca, juntamente com um buquê telepático de tulipas vermelhas. Todo o tempo, sussurro:

— Não há necessidade de conflito. — Recuo lentamente. — Não precisa chamar ninguém, já estamos indo embora. — Quase fico sem ar quando ele olha para o telefone, sem entender por que não aperta o último número.

Ele levanta o olhar e por um breve instante, apenas uma fração de segundo, o antigo Damen está de volta. Olhando para mim como costumava olhar, enviando um quente e delicioso formigamento para toda a minha pele. Mesmo tendo desaparecido no mesmo momento em que apareceu, ficarei feliz em me conformar com o pouco que consegui.

Ele joga o telefone no balcão e balança a cabeça. Sabendo que temos que ir embora logo, antes que minha onda de influência termine, pego a mochila e corro para a porta. Viro-me a tempo de vê-lo pegar nos armários e na geladeira todas as garrafas de suco que restaram. Ele tira as tampas e joga

conteúdo na pia, convencido de que não são seguras para o consumo agora que as adulterei.

Trinta e cinco

— *O que vai acontecer agora que ele não tem mais a bebida? Ele vai melhorar ou piorar?*

Foi o que Ava perguntou assim que entramos no carro. A verdade é que não tinha ideia de como responder. Ainda não tenho. Então não disse nada. Apenas dei de ombros.

— Sinto muito — disse ela, pressionando as mãos sobre as pernas e olhando para mim de uma forma que prova sua sinceridade. — Sinto-me responsável.

Mas apenas fiz que não com a cabeça. Mesmo ela *tendo* um pouco de culpa por insistir em visitar a casa de Damen, fazendo-nos perder tanto tempo, fui eu que tive a brilhante ideia de entrar lá. Fui eu que fiquei tão concentrada na tarefa que estava executando que esqueci de vigiar a porta. Então, se alguém tem culpa, esse alguém sou eu.

Mas ainda pior do que ser pega é saber que, aos olhos de Damen, passei de perseguidora esquisitona a idiota delirante e patética. Ele está totalmente convencido de que tentei batizar seu líquido vermelho com algum preparado maluco, magia negra, vodu, na esperança de que ele gostasse de mim novamente.

Foi exatamente disso que Stacia o convenceu assim que ele contou a história.

E é exatamente nisso que ele escolheu acreditar.

Na verdade, é nisso que a escola inteira acredita, incluindo alguns professores.

O que faz com que ir à escola seja uma experiência ainda mais deprimente do que era antes. Porque agora não apenas devo sofrer com insultos infinitos de *Retardada! Idiota!* e *Bruxa!*, mas também fui chamada para ficar depois da aula não só por um, mas por dois de meus professores.

Não posso dizer que o pedido do sr. Robins tenha me surpreendido. Como já tivemos uma conversinha sobre minha suposta incapacidade de seguir em frente e construir minha vida sem Damen, não posso dizer que

fiquei chocada quando ele me pediu para ficar depois da aula para discutir o *incidente*.

O que me surpreendeu foi a forma como reagi. Como recorri rapidamente à única coisa que pensei que nunca faria: advoguei em defesa própria.

— Espere um pouco — disse, interrompendo-o antes que pudesse terminar, nem um pouco interessada em nenhum "conselho de relacionamento" bem-intencionado, porém invasivo, que meu professor recém-divorciado e semi-alcoólatra estivesse pronto a dar. — Até onde eu sei, tudo não passa de um *rumor*. Um *suposto* acontecimento que não pode ser comprovado. — Olho em seus olhos apesar de ter acabado de mentir. Certo, Ava e eu fomos pegas com a boca na botija, mas Damen não tirou fotos. Não é como se houvesse outro vídeo meu rolando no YouTube. — A não ser que eu seja acusada e julgada oficialmente... — Faço uma pausa para limpar a garganta, em parte para dar um efeito dramático, em parte porque não consegui acreditar no que ia dizer em seguida — sou inocente até que se prove o contrário. — Ele hesitou, preparando-se para falar, mas eu ainda não tinha terminado. — Então, a não ser que queira discutir meu comportamento na aula, que ambos sabemos ser exemplar, ou minhas notas, que são ainda mais do que exemplares, a menos que queira discutir uma dessas duas coisas, acho que essa conversa termina por aqui.

Felizmente, com o sr. Munoz é um pouco mais fácil. Deve ser porque sou eu que o abordo. Acho que meu professor de história, obcecado pelo período renascentista, é a pessoa de que preciso para me ajudar a rastrear o nome de uma determinada erva necessária para fazer o elixir.

A noite passada, quando tentei pesquisar no Google, percebi que não tinha ideia do que escrever na caixa de busca. E com Sabine me observando como um falcão, mesmo que eu coma, beba e aja do modo mais normal possível, dar uma escapada para Summerland, mesmo por alguns minutos, estava fora de questão.

O que transforma o sr. Munoz em minha última esperança. Ou pelo menos a mais imediata. Porque ontem, quando Damen esvaziou todas as garrafas na pia, acabou com metade do meu suprimento, que já não era grande. Isso significa que terei que fazer mais. Muito mais. Não apenas para

manter minha força entre hoje e a hora em que eu partir, mas para que sobre o bastante para a recuperação de Damen.

Como ele nunca chegou a me dar a receita, tudo o que tenho para prosseguir é o que vi na placa de cristal quando assisti ao pai dele preparando a mistura, dizendo o nome de todos os ingredientes em voz alta até parar para sussurrar o último deles no ouvido do filho, falando tão baixo que não foi possível escutar.

No fim, o sr. Munoz não ajuda em nada. Depois de fuçar em um monte de livros antigos e voltar de mãos abanando, ele olha para mim e diz:

— Ever, receio não ter encontrado a resposta para sua pergunta, mas já que está aqui...

Levanto a mão, impedindo-o de continuar. Mesmo não tendo orgulho do modo como falei com o sr. Robins, se o sr. Munoz não recuar, vai ouvir o mesmo discurso.

— Acredite, sei o que vai dizer. — Faço um gesto positivo com a cabeça, olhando diretamente em seus olhos. — Mas não é nada disso. Não é o que está pensando... — Eu paro, percebendo que em termos de defesa estou me saindo incrivelmente mal. Acabei de aludir ao fato de que, embora *possa* ter acontecido alguma coisa, não foi do *jeito* que ele está pensando. O que basicamente vale como uma confissão de culpa, mas com circunstâncias atenuantes.

Balanço a cabeça, revirando os olhos para mim mesma e pensando: *Boa, Ever. Continue assim e vai precisar que Sabine a represente no tribunal.*

Então ele olha para mim, eu olho para ele, e ambos balançamos a cabeça, concordando mutuamente em deixar as coisas como estão.

Mas assim que pego minha mochila e vou para a porta ele vem na minha direção, segura a manga da minha blusa e diz:

— Aguenta firme. Vai dar tudo certo.

Pronto. Aquele simples gesto é tudo de que preciso para *ver* que Sabine tem ido à Starbucks quase todos os dias. Ambos estão gostando do flerte temporário que (ainda bem) não passou de um sorriso, mas o sr. Munoz mal pode esperar pelo dia em que se concretize. Embora eu saiba que tenho que fazer o que puder para impedir que eles, Deus me livre, *namorem*, no momento não tenho tempo para lidar com isso.

Tento me livrar de sua energia e sigo para a porta, mal conseguindo chegar ao corredor quando Roman se aproxima, ajustando o passo para que fique no mesmo ritmo do meu. Olhando de soslaio para mim, ele diz:

— Munoz ajudou em algo?

Continuo andando, estremecendo quando seu hálito frio atinge meu rosto. — Você está ficando sem tempo — diz ele, com a voz calma e suave como o abraço de um amante. — Tudo está acontecendo rápido demais agora, não acha? Antes que perceba, estará acabado. E então... Bem... Sobraremos apenas eu e você.

Dou de ombros, sabendo que não é bem assim. Vi o passado. Vi o que aconteceu naquela igreja florentina. E se não estou enganada, ainda há seis órfãos imortais possivelmente vagando pela Terra. Seis pestinhas que podem estar em qualquer lugar neste momento... Considerando que sobreviveram. Mas se Roman não sabe disso, bem, não sou eu que vou dizer a ele.

Olho em seus olhos, resistindo aos encantos do azul profundo, e digo:

— Que sorte a minha.

— E *minha* também. — Ele sorri. — Você vai precisar de alguém para ajudá-la a curar seu coração partido. Alguém que a entenda. Alguém que saiba exatamente *o que* você é. — Ele passa o dedo ao longo do meu braço. Seu toque é tão surpreendentemente frio, mesmo por cima do algodão de minha manga, que me afasto com rapidez.

— Você não sabe *nada* sobre mim — digo, analisando seu rosto. — Você me subestimou. Em seu lugar, eu tomaria mais cuidado antes de comemorar tão cedo. Está muito longe de ganhar desta vez.

Mesmo querendo que minhas palavras soem como uma ameaça, minha voz está muito trêmula para ser levada a sério. Então apresso o passo, deixando sua risada irônica para trás enquanto vou para minha mesa de almoço, onde Miles e Haven estão esperando.

Escorrego pelo banco, sorrindo e olhando para eles. Parece que faz tanto tempo que não ficamos juntos que a visão dos dois sentados ali me deixa ridiculamente feliz.

— Oi, pessoal — digo, sem conseguir manter o sorriso no rosto, vendo quando olham primeiro para mim, depois um para o outro, concordando com a cabeça ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado este momento.

Miles toma um gole de refrigerante, bebida da qual costumava manter distância. Suas unhas rosa brilhantes batem na lateral da lata enquanto meu estômago se enche de apreensão. Fico em dúvida se sintonizo ou não seus pensamentos, sabendo que isso me prepararia para o motivo pelo qual estão aqui, mas decidindo não fazê-lo para não ter que ouvir duas vezes.

— Precisamos conversar — diz Miles. — É sobre o Damen.

— Não. — Haven se intromete, olhando para Miles antes de pegar o saco de palitinhos de cenoura em sua bolsa, o almoço oficial de zero caloria das meninas populares. — É sobre Damen e *você*.

— O que temos para falar sobre esse assunto? Ele está com a Stacia e eu estou... Lidando bem com isso.

Eles trocam olhares carregados, porém breves.

— *Está mesmo* lidando bem como isso? — pergunta Miles. — Porque, sério, Ever, invadir a casa dele e mexer na comida é bem bizarro. Não é atitude de alguém que está seguindo com a própria vida...

— E daí? Vocês acreditam em todos os boatos que ouvem? Tantos meses de amizade, todas as vezes que foram à minha casa e ainda acham que sou capaz disso... — Reviro os olhos e balanço a cabeça, recusando-me a continuar a conversa. Se tudo o que consegui de Damen foi um momento ínfimo de reconhecimento, antes de ser substituído por desdém, quando temos uma ligação que data de séculos, o que posso esperar de Miles e Haven, que conheço há menos de um ano?

— Bem, não vejo motivo para Damen inventar tudo aquilo — diz Haven, olhando em meus olhos de forma tão dura e crítica que me faz perceber que ela não veio até aqui para me ajudar. Mesmo agindo como se quisesse o meu bem, na verdade está gostando da minha queda. Depois de perder Damen para mim, depois de ver que Roman continua me perseguindo mesmo após ela ter deixado claras suas intenções, está feliz em me ver derrotada. E a única razão pela qual está se dignando a sentar ao meu lado neste momento é poder me olhar nos olhos e se sentir triunfante com a minha desgraça.

Baixo os olhos, surpresa com a dor que aquilo me faz sentir. Mas tento não julgá-la nem pensar mal dela. Sei muito bem o que é sentir ciúmes, e não há nada racional nisso.

— Você precisa deixar para lá — diz Miles, bebendo seu refrigerante sem tirar os olhos de mim. — Você precisa esquecer e partir para outra.

— *Todo mundo* sabe que você está perseguindo o Damen — diz Haven, cobrindo a boca com unhas pintadas da cor de sapatilhas de balé, em vez do preto de sempre. — *Todo mundo* sabe que você invadiu a casa dele pelo menos *duas vezes*. Sério. Você está fora de controle, está agindo como louca.

Olho para a mesa, imaginando por quanto tempo vão continuar os ataques.

— Como amigos, só queremos convencê-la de que precisa deixar para lá. Precisa se afastar e seguir com sua vida. Porque a verdade é que seu comportamento é assustador, sem mencionar... — Haven continua falando, citando todos os itens que certamente foram combinados com antecedência. Mas parei de ouvir depois que ela disse *como amigos*, querendo me prender àquilo e rejeitar todo o resto, mesmo que não seja mais verdade.

Balanço a cabeça e olho para frente, vendo Roman sentado à mesa com o olhar fixo em mim. Ele aponta para o relógio e depois para Damen, de uma forma tão sinistra, tão ameaçadora que pulo do banco, deixando a voz de Haven desaparecer atrás de mim como um zumbido distante. Corro para o carro, punindo-me por perder meu tempo com essas coisas quando há assuntos muito mais importantes a serem resolvidos.

Trinta e seis

Não quero mais saber de escola. Chega de me sujeitar àquele antro insuportável de tortura todos os dias. Qual o motivo de ir se não estou chegando a lugar nenhum com Damen, escuto provocações de Roman e recebo sermão dos professores e de ex-amigos supostamente bem-intencionados? Além disso, se as coisas funcionarem do jeito como estou esperando, logo estarei de volta à minha antiga escola no Oregon, vivendo minha vida como se isso nunca tivesse existido. Então, realmente não há motivo para passar por aquilo novamente.

Desço a Broadway, abrindo caminho pelo trânsito de pedestres antes de seguir para o cânion, esperando chegar a algum lugar calmo onde possa fazer o portal aparecer sem assustar nenhum desavisado. Até estacionar, não havia me lembrado de que estou no local onde aconteceu meu primeiro confronto com Drina, um confronto que resultou em minha primeira visita a Summerland, quando Damen me mostrou o caminho.

Agacho-me no banco do carro, imaginando aquele véu dourado pairando diante de mim e descendo bem em frente ao Grande Salão do Conhecimento. Mas não tenho tempo de observar sua magnífica fachada mutante antes de correr para o grande salão de mármore, com o pensamento focado em duas coisas:

Há algum antídoto para salvar Damen?

Como localizar a erva secreta, o ingrediente final necessário para preparar o elixir? Repito as perguntas várias vezes enquanto espero que uma passagem para os registros akáshicos apareça... Mas nada acontece.

Nenhum globo, nenhuma placa de cristal, nenhum cômodo circular ou tevê híbrida.

Nada.

Apenas uma voz suave atrás de mim, dizendo:

— É tarde demais.

Eu me viro, esperando ver Romy, mas encontro Rayne. Ela me segue enquanto reviro os olhos e vou para a porta, ansiosa para me distanciar dela, quando as palavras ecoam novamente.

Não tenho tempo para isso. Não tenho tempo para decifrar bobagens em código da gêmea mais horripilante do mundo. Mesmo não havendo o conceito de tempo em Summerland, onde tudo acontece em um estado constante de *agora*, sei muito bem que o tempo que passo aqui será devidamente notado em casa. O que significa que preciso continuar, preciso seguir em frente, descendo a rua tão rápido quanto possível até sua voz se transformar em um sussurro. Sabendo que preciso salvar Damen antes de voltar no tempo e ir para casa. E se as respostas não estão aqui, então vou procurar em outro lugar.

Começo a correr. Viro na viela e logo sou tomada por uma dor repentina e tão excruciante que caio no chão. Meus dedos apertam minhas têmporas, minha cabeça dói como se estivesse sendo esfaqueada por todos os lados enquanto um redemoinho de imagens invade minha mente. Uma série de quadros, um depois do outro, como páginas de um livro, seguidos pela descrição detalhada de seu conteúdo. Já estou na terceira página quando percebo que se trata das instruções para fazer o antídoto que vai salvar Damen, incluindo ervas plantadas durante a lua nova, cristais raros e minerais dos quais nunca ouvi falar, bolsinhas de seda bordadas por monges tibetanos, e tudo deve ser cuidadosamente reunido seguindo uma série de passos bastante precisos antes de absorverem a energia da próxima lua cheia.

Logo depois que me é mostrada a exata erva necessária para completar o elixir da imortalidade, minha cabeça se esvazia, como se isso nunca tivesse acontecido. Alcanço minha mochila, procurando por um pedaço de papel e uma caneta e estou anotando rapidamente o último passo quando Ava aparece.

— Consegui fazer o portal! — ela diz, com o rosto iluminado quando seus olhos encontram os meus. — Não achei que fosse conseguir, mas esta manhã, quando sentei para minha meditação de sempre, pensei: que mal pode haver em tentar? E quando vi...

— Você está aqui desde hoje de *manhã*? — digo, observando seu lindo vestido, os sapatos de marca, os braceletes de ouro maciço e os dedos cheios de joias.

— Não há tempo em Summerland — ela me censura.

— Pode até ser, mas no nosso mundo já passa do meio-dia — digo a ela, vendo-a balançar a cabeça e franzir a testa, recusando-se a ficar presa às regras tediosas do plano terreno.

— E daí? O que posso estar perdendo? Uma longa fila de clientes querendo que eu lhes diga que estão prestes a ficar extremamente ricos e famosos apesar de todas as evidências contrárias? — Ela fecha os olhos e suspira. — Estou cansada disso, Ever. Cansada do trabalho duro. Aqui tudo é tão maravilhoso que acho que vou ficar!

— Você não pode — digo rápida e automaticamente, embora não tenha certeza.

— Por que não? — Ela dá de ombros, levantando os braços para o céu e girando várias vezes. — Por que não posso ficar aqui? Dê-me um bom motivo.

— Porque não... — Começo, querendo poder parar por aí, mas como ela não é criança, sou obrigada a pensar em algo melhor. — Porque não está certo — concluo, esperando que ela me ouça. — Você tem trabalho a fazer. Todos temos. E ficar se escondendo aqui é como... *Trapacear*.

— Quem disse? — Ela aperta os olhos. — Está me dizendo que *todas* essas pessoas estão mortas?

Olho em volta e vejo as calçadas lotadas, as longas filas para o cinema e os bares de karaokê, e percebo que não tenho ideia da resposta. Quantos deles são como Ava: almas cansadas, fartas e desiludidas que encontraram seu caminho até aqui e decidiram abandonar o plano terreno e nunca mais voltar? E quantos morreram e se recusaram a cruzar para o outro lado, como Riley fez no início?

Olho novamente para Ava, sabendo que não tenho o direito de dizer a ela o que fazer com sua vida, especialmente quando lembro o que escolhi fazer com a minha.

Depois pego sua mão, sorrio e digo:

— Bem, no momento *eu* preciso de você. Diga-me tudo o que sabe sobre astrologia.

Trinta e sete

— E então?

Inclino-me na direção de Ava, cotovelos sobre a mesa, tentando fazê-la prestar atenção em mim em vez de ficar apreciando a vista de Saint-Germain.

— Eu sei que sou de Áries. — Ela dá de ombros, preferindo olhar para o rio Sena, a Pont Neuf, a Torre Eiffel, o Arco do Triunfo e a catedral de Notre Dame (que, nesta versão de Paris, ficam um ao lado do outro) a olhar para mim.

— Só isso? — Mexo meu cappuccino, imaginando por que me dei o trabalho de pedi-lo ao garçom cartunesco de bigode floreado, camisa branca e colete preto, já que não tenho a menor intenção de bebê-lo.

Ela suspira, virando-se na minha direção e dizendo:

— Ever, não dá para relaxar e apreciar a vista? Quando foi a última vez que estive em Paris?

— Nunca — digo, revirando os olhos de forma bem explícita. — Nunca estive em Paris. E odeio ter que dizer, Ava, mas *isso...* — Faço um gesto para mostrar o entorno, apontando para o Louvre, localizado bem ao lado da loja de departamentos Printemps, que fica perto do Musée d'Orsay não é Paris. *Isto* é uma versão estilo Disney-capenga de Paris. Como se você tivesse pegado uma pilha de folhetos de turismo, cartões-postais da França e cenas daquele adorável desenho animado *Ratatouille*, misturado tudo e, *voilà*, criado *isto*. Você viu o garçom? Notou como a bandeja ficava balançando e rodando, mas não caiu nem uma vez? Duvido que Paris *de verdade* seja assim.

Mesmo que eu esteja agindo como a maior estraga-prazeres do mundo, Ava apenas ri, balança os cabelos castanho-avermelhados e diz:

— Bem, para sua informação, eu me lembro de Paris *exatamente* desse jeito. Talvez esses monumentos não fiquem todos um ao lado do outro, mas assim é tão mais legal. Eu frequentei a Sorbonne, sabia? Na verdade, já falei de quando eu...

— Isso tudo é ótimo, Ava. Sério — digo. — E adoraria ouvir todas as suas histórias se *não estivesse ficando sem tempo!* O que gostaria de saber é: o

que você conhece sobre astrologia, ou astronomia, ou o que quer que envolva os ciclos da lua?

Ela pega um pedaço de baguete e passa manteiga de um lado, dizendo:

— Pode ser mais específica?

Tiro do bolso o papel dobrado no qual fiz anotações logo depois da minha visão, olhando de canto de olho para ela e dizendo:

— Certo. O que é exatamente uma lua nova e quando acontece?

Ela sopra o café, olhando para mim ao dizer:

— A lua nova acontece quando a Lua e o Sol estão em conjunção. Isso significa que quando vistos do plano terrestre ambos parecem ocupar a mesma parte do céu. Por causa disso, a Lua não reflete a luz do Sol, o que também quer dizer que ela não pode ser vista, porque sua face escura está voltada para a Terra.

— Mas qual o *significado*? Simboliza alguma coisa?

Ela faz que sim com a cabeça, pegando outro pedaço de baguete e dizendo:

— É um símbolo de novos começos. Você sabe: rejuvenescimento, renovação, esperança... Essas coisas. Também é uma época boa para fazer mudanças, abandonar maus hábitos ou mesmo relacionamentos ruins. — Ela me encara com um olhar incisivo.

Apenas ignoro e continuo, sabendo que ela está se referindo a mim e a Damen e não tem ideia de que não apenas estou planejando acabar com o relacionamento, mas *apagá-lo*. Por mais que o ame, por mais que não consiga imaginar um futuro sem ele, realmente acredito que é o melhor a fazer. Nada disso jamais deveria ter acontecido. *Nós* jamais deveríamos ter acontecido. Não é natural, não é certo, e agora é meu dever colocar tudo nos eixos.

— E quando acontece, em relação à lua cheia? — pergunto, vendo-a cobrir a boca enquanto mastiga. — A lua cheia acontece por volta de duas semanas depois da lua nova. É quando a Lua reflete a quantidade máxima de luz do Sol, o que, do plano terrestre, faz com que pareça estar cheia. Na realidade, ela está sempre cheia, pois não diminui. Ah, e quanto à simbologia... Você quer saber isso, certo? — Ela sorri. — A lua cheia simboliza abundância, completude, um tipo de amadurecimento das coisas até atingirem seu potencial total. E como a energia da Lua é mais forte nesse momento, também é cheia de poderes mágicos.

Faço um gesto positivo com a cabeça, tentando digerir tudo o acabou de dizer e começando a entender um pouco o motivo de essas fases serem tão importantes para o meu plano.

— Todas as fases da Lua simbolizam algo. — Ava dá de ombros. — Ela tem um papel poderoso na sabedoria antiga e diz-se que controla as marés. E como nossos corpos são feitos, em grande parte, de água, alguns dizem que nos controla também. Você sabia que a palavra *lunático* vem da forma latina da palavra lua, que é luna? E não se esqueça da lenda do lobisomem que tem tudo a ver com a lua cheia!

Por dentro, reviro os olhos. Não existem coisas como lobisomens, vampiros ou demônios... Apenas os imortais, e os imortais perigosos determinados a matá-los.

— Posso saber por que você está perguntando tudo isso? — diz ela sorvendo o restinho de seu *espresso* e colocando a xícara de lado.

— Já conto — digo. Minha fala é curta, concisa, muito menos fluente do que a dela, pois, diferentemente de Ava, não estou de férias em Paris, estou apenas tolerando a vista para conseguir as respostas de que preciso. — Só mais uma coisa. O que há de tão especial na lua cheia durante *l'heure bleue*, ou hora azul, como é chamada?

Ela olha para mim com os olhos arregalados, quase sem voz, e diz: — Você está falando da lua azul?

Dou de ombros, lembrando como a lua estava tão azul na imagem que praticamente se fundia com o céu. Então, percebendo que ela simbolizava uma lua azul de verdade, pela forma como sua cor pulsava e cintilava, digo:

— Sim. Mas a lua azul especificamente na hora azul. O que você sabe sobre isso?

Ela respira fundo, olhando para o horizonte, e diz:

— A corrente predominante considera que a segunda lua cheia de cada mês constitui uma lua azul. Mas há outra escola de pensamento, mais esotérica, que diz que a *verdadeira* lua azul ocorre quando há duas luas cheias não necessariamente no mesmo mês, mas no mesmo *signo astrológico*. É considerado um dia muito sagrado, quando a conexão entre as dimensões é muito poderosa, tornando-se ideal para meditação, oração e jornadas místicas. Dizem que se alguém capta a energia da lua azul durante *l'heure bleue* todos os

tipos de magia podem acontecer. As únicas limitações, como sempre, são as da própria pessoa.

Ela olha para mim, imaginando o que estou tramando, mas não pronta para contar ainda. Então, balança a cabeça e diz:

— Mas só para você saber: uma lua azul genuína é muito rara. Só acontece a cada três ou cinco anos. Meu estômago revira, e minhas mãos agarram as beiradas da cadeira.

— Você sabe quando será a próxima lua azul? — pergunto, pensando: *Por favor, que seja logo. Por favor, que seja logo!* Sinto que estou prestes a vomitar e desmaiar ao mesmo tempo quando ela balança a cabeça e diz: — Não faço ideia.

É claro! A coisa mais importante que eu preciso saber é a única coisa que ela não sabe.

— Mas sei como podemos descobrir. — Ela sorri.

Balanço a cabeça, pronta para informá-la de que, até onde eu sei, meu acesso aos registros akáshicos foi revogado, quando ela fecha os olhos e, um segundo depois, aparece um iMac prateado.

— Google? — Ela ri, empurrando o computador na minha direção.

Trinta e oito

Mesmo me sentindo uma idiota no instante em que Ava materializou aquele computador (*é óbvio*, por que não pensei nisso?), conseguimos nossa resposta rapidamente.

Mas infelizmente não foi a boa notícia que eu esperava. Na verdade, não chegou nem perto.

Logo quando tudo estava dando certo, como se estivesse destinado a acontecer, meu plano vai por água abaixo assim que fico sabendo que a lua azul, a mais rara das luas cheias, que só acontece uma vez a cada período de três a cinco anos e que é minha única janela para a viagem no tempo, deve acontecer *amanhã*.

— Ainda não estou acreditando — digo, saindo do carro enquanto Ava enche o parquímetro com uma pilha de moedas que estão na palma de sua mão. — Pensei que fosse apenas mais uma lua cheia, não sabia que havia diferença ou que eram tão raras. E agora? O que devo *fazer*?

Ela fecha a carteira e olha para mim.

— Pelo que vejo, você tem três opções.

Pressiono os lábios, sem saber se quero ouvir alguma delas.

— Pode não fazer nada, ficar aí parada enquanto tudo o que ama e considera importante desmorona; pode escolher resolver apenas uma coisa em detrimento de todas as outras; *ou* pode me dizer o que exatamente está acontecendo, assim vejo se posso ajudar.

Respiro fundo e olho para ela, parada diante de mim, usando novamente suas roupas de sempre, os jeans desbotados, os anéis de prata, uma túnica branca de algodão e sandálias de couro marrom. Ela está sempre aqui, sempre disponível, sempre disposta a ajudar, mesmo quando eu nem percebo que preciso de ajuda.

Mesmo quando eu a estava ignorando (para ser honesta, eu estava sendo um pouco má) Ava sempre esteve aberta, esperando que me aproximasse, nunca jogou meu mau comportamento na minha cara, nunca me virou as costas nem me evitou da forma como a evitei. É como se estivesse ao meu lado todo esse tempo, esperando para agir como minha irmã mais velha médium. E

agora ela é praticamente a única pessoa que tenho, a única pessoa com quem posso contar, a única que chegou perto de conhecer meu eu verdadeiro, incluindo a *maioria* dos meus segredos.

À luz de tudo que acabei de aprender, não tenho escolha a não ser contar a ela. Não há modo de seguir com isso sozinha, como eu esperava.

— Certo. — Faço um gesto positivo com a cabeça, convencendo-me de não se trata apenas da coisa certa a fazer, é também a *única* coisa a fazer. — Vou dizer o que preciso que você faça.

Enquanto descemos a rua, conto a ela o que vi no cristal naquele dia. Tento explicar o máximo possível evitando a palavra que começa com "i", e sim honrando a promessa que fiz a Damen de que nunca divulgaria nossa imortalidade. Digo a Ava que Damen precisará do antídoto para melhorar, seguido de sua "bebida vermelha energética especial" para restabelecer sua força. Explico que estou diante de um dilema: ficar com o amor da minha vida ou salvar quatro vidas que nunca deveriam ter chegado ao fim.

Quando chegamos em frente à loja onde ela trabalha, a loja por onde já passei tantas vezes, mas na qual jurei nunca entrar, ela olha para mim, sua boca se abre como se fosse dizer algo e depois se fecha novamente. Ela repete o movimento várias vezes até que, finalmente, consegue murmurar:

— Mas *amanhã!* Ever, você consegue partir tão cedo? — Encolho os ombros, meu estômago se contrai quando a ouço dizer isso em voz alta. Mas sabendo que não posso esperar mais três ou cinco anos, faço que sim com a cabeça transmitindo mais segurança do que sinto de verdade. Depois olho para ela e digo:

— E é exatamente por isso que preciso que você me ajude com o antídoto e depois descubra um jeito de dá-lo a Damen junto com o elix... — Faço uma pausa, esperando não ter levantado suspeitas, tentando disfarçar. — *aquela bebida energética...* Para ele poder melhorar. Agora que sabe como entrar na casa dele, acho que poderia, sei lá, misturar com alguma outra bebida ou algo assim — digo, sabendo que aquele parece o pior plano *do mundo*, mas determinada a fazê-lo funcionar. — E quando ele melhorar, quando o antigo Damen voltar, você pode explicar tudo o que aconteceu e dar a ele o... O líquido vermelho.

Ela olha para mim com uma expressão tão confusa que não sei como interpretá-la, então continuo:

— Sei que você deve estar achando que minha escolha é contrária a Damen, mas não é. Sério. Não é. Na verdade, há uma boa chance de que nada disso seja necessário. Uma grande chance de que quando eu voltar a ser como era, tudo volte também.

— Foi isso que você viu? — Ela pergunta, com a voz suave, gentil.

Eu balanço a cabeça:

— Não, é apenas uma teoria. Mas acho que faz sentido. Não consigo imaginar que seja de outra forma. Então tudo o que estou dizendo agora é apenas uma precaução, pois nem será necessário. O que significa que você não vai se lembrar dessa conversa, pois será como se nunca tivesse acontecido. Na verdade, você não vai se lembrar nem de ter me conhecido. Mas caso eu esteja errada, apesar de ter certeza de que não estou, preciso ter um plano em andamento. Você sabe, para uma eventualidade — murmuro, perguntando-me a quem estou tentando convencer, a mim ou a ela.

Ava pega minha mão. Seus olhos estão cheios de compaixão quando diz:

— Está fazendo a coisa certa. E tem sorte. Não é todo mundo que tem a chance de voltar.

Olho para ela e dou um risinho:

— Não é *todo mundo*?

— Bem, ninguém que eu lembre assim sem pensar. — Ela ri.

Mesmo que ambas tenhamos achado graça, quando olho para ela de novo minha voz está séria:

— De verdade, Ava, não posso suportar que nada aconteça com ele. Eu... Eu *morreria* se descobrisse que algo aconteceu... E que foi minha culpa...

Ela aperta a minha mão e abre a porta da loja, conduzindo-me para dentro e sussurrando:

— Não se preocupe. Pode confiar em mim.

Eu a sigo. Passamos por prateleiras cheias de livros, uma parede de CDs e um canto dedicado a estatuetas de anjos. Depois passamos por uma máquina que supostamente fotografa auras e vamos para um balcão onde uma mulher mais velha, com uma longa trança grisalha, está lendo um livro.

— Não achei que você estivesse na escala de hoje. — Ela larga o romance e olha para nós.

— Não estou. — Ava sorri. — Mas minha amiga Ever aqui... — Ela aponta para mim com a cabeça. — Ela precisa da sala dos fundos.

A mulher me analisa, claramente tentando ver minha aura e sentir minha energia, e depois lança um olhar de dúvida para Ava quando não consegue ver nada.

Mas Ava apenas sorri e faz um gesto de consentimento, sinalizando que sou digna de acessar a "sala dos fundos", o que quer que seja isso.

— Ever? — Pergunta a mulher, passando os dedos no pingente de turquesa que leva no pescoço.

Uma pedra que, como aprendi recentemente em meu breve estudo dos minerais e cristais no iMac em Summerland, tem sido usada há centenas de anos em amuletos feitos para curar e proteger. Da forma como ela acabou de dizer meu nome, e pelo olhar suspeito em seu rosto, não preciso acessar sua mente para saber que está se perguntando se precisa se proteger de mim.

Ela hesita, alternando o olhar entre Ava e eu, e então focando apenas em mim e dizendo:

— Eu sou Lina.

Só isso. Sem aperto de mão, sem abraço de boas-vindas. Ela só anuncia seu nome e segue para a porta, virando a placa que diz ABERTO! para VOLTO EM DEZ MINUTOS!. Depois, pede que a sigamos por um pequeno corredor que acaba em uma porta roxa e brilhante.

— Posso perguntar do que se trata? — Ela procura as chaves no bolso, ainda indecisa sobre nos deixar entrar.

Ava olha para mim, sinalizando que devo assumir daqui para frente. Limpo a garganta e enfio a mão no bolso dos meus recém-materializados jeans, cujas barras, felizmente, ainda chegam ao chão. Pego o pedaço de papel amassado e digo:

— Eu, hum, preciso de algumas coisas. — Estremeço quando Lina arranca-o de minha mão e dá uma olhada. Ela para e levanta a sobrancelha, resmunga algo ininteligível e me analisa um pouco mais.

Quando parece que vai me dispensar, ela me devolve a lista, destranca a porta e diz para entrarmos em uma sala surpreendente.

Quando Ava me disse que esse era o lugar onde eu encontraria o que preciso, fiquei nervosa. Tinha certeza de que entraria em um porão assustador, cheio de todo tipo de coisas estranhas, amedrontadoras e ritualísticas, como frascos de sangue de gato, asas de morcego, cabeças encolhidas, bonecos de vodu, essas coisas que se vê em filmes ou na tevê. Mas essa sala não tem nada

a ver com isso. Na verdade, parece o depósito comum, mais ou menos organizado, de uma loja. Bem, exceto pelas paredes violeta pontuadas por totens e máscaras entalhados à mão. Ah, e pinturas de deusas apoiadas em prateleiras lotadas de pesados códices antigos e divindades de pedra. Mas o lugar é bem comum. Ela destranca um armário e começa a procurar algo. Tento espiar sobre seu ombro, mas não consigo ver nada até ela me entregar uma pedra que parece ter algo errado.

— Selenita — diz ela, notando minha expressão confusa. Olho para a pedra, sabendo que não tem a aparência que deveria ter e que mesmo não podendo explicar, algo parece errado. Sem querer ofendê-la, já que, sem dúvida, ela não hesitaria em me mandar embora, engulo em seco, tomo coragem e digo:

— Hum... Preciso de uma que seja bruta, sem polimento, em sua forma mais pura. Essa parece um pouco lisa e brilhante demais para o que eu preciso.

Ela faz um gesto positivo, quase imperceptível. Apenas uma pequena inclinação da cabeça e um esboço de sorriso nos lábios, antes de substituir uma pedra pela outra.

— É isso — digo, sabendo que passei no teste. Olho para a selenita que não é nem um pouco brilhante nem bonita, mas deve servir ao propósito de auxiliar os novos começos. — Agora vou precisar de uma tigela de quartzo que esteja sintonizada com o sétimo chacra, uma bolsinha de seda vermelha bordada por monges tibetanos, quatro cristais de quartzo rosa polido, uma estar... Não, es-tau-ro-li-ta pequena. É assim que se diz? — Olho para ela a tempo de vê-la confirmar. — Ah, e a maior zoisita bruta que tiver.

Quando vejo Lina ali parada com as mãos nos quadris, sei que ela está se perguntando como aqueles itens aparentemente aleatórios podem servir para alguma coisa juntos.

— Ah, e um pedaço de turquesa. Assim, do tamanho desse que está usando — digo, apontando para o seu pescoço.

Ela me olha, vira as costas e junta os cristais, embrulhando-os de forma tão despreocupada que parece estar empacotando compras no supermercado.

— E aqui está uma lista de ervas — digo, pegando no outro bolso uma folha de papel amassado e entregando a ela. — De preferência plantadas

durante a lua nova e cuidadas por freiras cegas da Índia — acrescento, surpresa quando ela pega a lista e confirma com a cabeça, sem hesitar.

— Posso saber o que vai fazer com isso? — ela pergunta, olhando nos meus olhos.

Mas eu apenas balanço a cabeça. Quase não consegui contar a Ava, que é uma boa amiga. De jeito nenhum vou contar a essa mulher, por mais que ela tenha aquela cara de avó.

— Hum, prefiro não dizer. — Dou de ombros, esperando que ela respeite minha decisão e continue pegando as coisas, já que materializar esses itens não adiantaria. É necessário que sejam da fonte original.

Olhamos uma para a outra com o olhar fixo, inabalável. Mesmo planejando manter minha posição pelo tempo que for necessário, ela logo dá uma trégua e começa a mexer no arquivo. Seus dedos vasculham centenas de pacotes quando digo:

— Ah, e mais uma coisa.

Procuro em minha mochila um desenho da erva rara, difícil de encontrar, frequentemente usada na Florença renascentista. O ingrediente final necessário para dar vida ao elixir. Entrego o papel a ela e pergunto:

— Isso lhe parece familiar?

Trinta e nove

Com todos os nossos ingredientes reunidos — bem, todos menos a água mineral, o azeite de oliva extravirgem, velas brancas compridas (que, por estranho que pareça, Lina não tinha, mesmo sendo a coisa mais comum que pedi), casca de laranja e a foto de Damen, que eu não esperava mesmo encontrar ali —, voltamos para o carro.

Estou abrindo a porta quando Ava diz:

— Acho que vou andando para casa. É logo na esquina.

— Tem certeza?

Ela abre bem os braços como se abraçasse a noite e esboça um sorriso quando diz:

— Está tão bonito aqui fora, quero aproveitar.

— Tão bonito quanto Summerland? — pergunto, imaginando o que causou esse surto repentino de felicidade, considerando quanto ela estava séria na sala dos fundos de Lina.

Ela ri e inclina a cabeça para trás, expondo o pescoço pálido, olhando para mim e dizendo:

— Não se preocupe. Não planejo deixar a civilização e me mudar para lá para sempre. Fico feliz em ter acesso quando precisar dar uma escapadinha.

— Cuidado para não ir muitas vezes — digo a ela, repetindo as palavras de alerta de Damen. — Summerland é viciante — acrescento, observando-a abraçar o próprio corpo e dar de ombros. Percebo que falei à toa, pois é óbvio que ela voltará lá assim que puder, e quantas vezes quiser.

— Você já tem tudo de que precisa?

Confirmo com a cabeça e encosto na porta do carro.

— O restante compro no caminho para casa.

— Tem certeza de que está pronta? — Ela olha para mim com a expressão séria novamente. — Está pronta para deixar tudo? *Para deixar Damen?*

Engulo em seco, preferindo não pensar nisso. Prefiro me manter ocupada, focar em uma tarefa de cada vez, até que chegue amanhã e seja hora de dizer adeus.

— Uma vez que algo for feito, não pode ser desfeito.

Dou de ombros, olhando em seus olhos, e digo:

— Aparentemente, isso não é verdade.

Vejo-a inclinar a cabeça para o lado, os cabelos esvoaçando em seu rosto até que ela pega os fios e os prende novamente atrás da orelha.

— Mas na vida para a qual está voltando... Bem, você sabe que será normal novamente. Não terá acesso a certo conhecimento, não saberá de nada. Tem certeza de que quer voltar mesmo assim?

Baixo os olhos e chuto uma pedrinha em vez de olhar para ela.

— Ouça, não vou mentir. Tudo está acontecendo muito mais rápido do que eu esperava, e tinha a esperança de ter mais tempo para... Para concluir as coisas. Mas, em última análise, sim, acho que estou pronta. — Faço uma pausa, repassando as palavras que acabei de dizer e sabendo que não transmitiram o que eu realmente queria. — Quer dizer, *sei* que estou pronta. Na verdade, estou *definitivamente* pronta. Colocar tudo de volta no lugar e fazer com que tudo volte a ser como deveria... Bem... Sinto que é a coisa certa a fazer, sabe?

Mesmo não sendo minha intenção, minha voz fica mais alta no final, parecendo mais uma pergunta do que a declaração que eu pretendia que fosse. Então balanço a cabeça e digo:

— O que estou dizendo é que é absoluta e positivamente, cem por cento a coisa certa a fazer. — E acrescento: — Por que outro motivo me dariam acesso a esses registros?

Ava olha para mim com o olhar fixo, determinado.

— Além disso, você tem ideia de como estou empolgada para ver minha família novamente?

Ela chega perto de mim, me dá um abraço apertado e sussurra:

— Estou tão feliz por você. Estou mesmo. Mesmo que vá sentir sua falta, estou honrada em saber que confia em mim o bastante para concluir o trabalho.

— Nem sei como agradecer — murmuro, com a garganta apertada.

Ela passa a mão em meus cabelos e diz:

— Acredite em mim, você já agradeceu.

Eu me afasto e olho em volta, capturando esta noite gloriosa nesta charmosa cidade litorânea, mal conseguindo acreditar que estou prestes a deixar tudo para trás. Prestes a dar as costas a Sabine, Miles, Haven, Ava, Damen, todas as coisas, tudo, como se nunca tivessem existido.

— Você está bem? — Ela pergunta, com a voz gentil e suave enquanto lê minha expressão. Respondo que sim com a cabeça, limpando a garganta e fazendo um gesto na direção da pequena sacola de papel roxo que está aos seus pés, com o nome da loja — Mística e Raio de Luar — impresso em dourado.

— Tem certeza de que entendeu tudo sobre como lidar com as ervas? Precisa mantê-las em um local fresco e escuro e não pode triturá-las nem colocá-las no *suco vermelho* até o último dia. O *terceiro* dia.

— Não se preocupe. — Ela ri. — O que não está aqui — ela pega a sacola e a aperta contra o peito —, está aqui. — Ela aponta para a cabeça e sorri.

Confirmo, segurando lágrimas que me recuso a derramar, sabendo que esse é apenas o começo de uma série de despedidas.

— Passo em sua casa amanhã para deixar o resto — digo. — Para o caso de você precisar, embora duvide que precise. — Então entro no carro, ligo o motor e vou embora. Sigo sem dar adeus, sem olhar para trás nenhuma vez. Sei que minha única escolha agora é olhar para o futuro e me concentrar nele.

Depois de parar na loja para comprar o restante dos itens, levo as sacolas para o meu quarto e despejo o conteúdo sobre a escrivaninha. Procuro entre pilhas de óleos, ervas e velas, ávida por chegar aos cristais, já que exigirão mais trabalho. Cada um deles precisa ser programado individualmente, de acordo com o tipo, antes de ser colocado na bolsinha de seda bordada e deixado do lado de fora para absorver o máximo possível de luar, enquanto materializo um pilão (que me esqueci de comprar na loja, mas como é só uma *ferramenta*, e não um *ingrediente* propriamente dito, acho que não deve haver problema em materializá-lo) para poder pulverizar algumas das ervas e deixá-las fervendo em alguns béqueres (também materializados) antes de misturá-las a todos os outros metais, minerais e pós coloridos que Lina colocou em pequenos potes de vidro, cuidadosamente identificados. São sete passos precisos que começam com ressoar da tigela de cristal, especificamente calibrada para vibrar com o sétimo chakra a fim de fornecer inspiração,

percepção além do espaço e do tempo e uma série de outras coisas que se conectam com o divino. Quando olho para o monte de ingredientes empilhados diante de mim, não consigo evitar uma pequena onda de empolgação por saber que, finalmente, está tudo dando certo depois de vários falsos inícios.

Dizer que fiquei preocupada em conseguir encontrar todas essas coisas em um só lugar seria amenizar as coisas. Era uma lista tão estranha e tão variada, e eu nem sabia se aqueles itens existiam, o que fez com que me sentisse meio condenada antes mesmo de começar. Mas Ava me assegurou de que Lina não apenas teria tudo, como também era confiável. Embora eu ainda não esteja muito certa em relação a essa última parte, não tinha mais ninguém a quem recorrer.

No entanto, a forma como Lina ficava me olhando atravessado enquanto unia os pós e as ervas começou a me irritar. Tive certeza de que havia cometido um erro colossal quando ela me devolveu o esboço que desenhei e disse:

— O que exatamente você está praticando aqui? Isso é algum tipo de alquimia?

Ava olhou para mim e estava prestes a interferir quando balancei a cabeça, forcei uma risada e disse:

— Bem, se você está se referindo à alquimia em seu sentido mais verdadeiro, de domínio da natureza, prevenção do caos e expansão da vida por um período de tempo indeterminado — uma definição que eu havia memorizado recentemente, após pesquisar o termo —, então não, receio que minhas intenções não sejam tão grandiosas. Só estou experimentando um pouco de magia branca, esperando fazer um feitiço que me faça ir bem nas provas, arrumar um par para o baile de formatura e talvez até dar um jeito nas minhas alergias, que estão ficando descontroladas agora que a primavera está quase chegando. E não quero que meu nariz esteja vermelho ou escorrendo nas fotos do baile, sabe como é...

Quando vi que ela não se convenceu, especialmente sobre a parte das alergias, acrescentei:

— É por isso que preciso do quartzo rosa, já que, você sabe, deve trazer amor. Ah, e a turquesa... — Apontei para o pingente que ela usava. — Bem, é famosa pelos poderes de cura e... — Mesmo estando preparada para

continuar, citando a lista inteira que ficara conhecendo havia apenas uma hora, decidi parar por aí e dar de ombros.

Desembrulho os cristais, tomando muito cuidado ao segurar cada um deles na palma da mão, envolvê-los com os dedos e imaginar uma luz branca e brilhante permeando-os diretamente até o centro, executando o importantíssimo passo de "limpeza e purificação" que, de acordo com o que li na internet, é apenas o primeiro estágio de programação das pedras. O segundo é pedir a elas (em voz alta!) que absorvam a poderosa energia da lua para que possam fazer o trabalho determinado a elas pela natureza.

— Turquesa — sussurro, olhando para a porta e certificando-me de que está fechada, imaginando como seria constrangedor se Sabine entrasse e me pegasse falando com uma pilha de pedras. — Peço que cure, purifique e ajude a equilibrar os chacras como a natureza determinou. - Então respiro fundo e impregno a pedra com a energia de meus objetivos antes de enfiá-la na bolsinha e pegar a próxima, sentindo-me ridícula e achando aquilo um pouco forçado, mas sabendo que minha única opção é continuar.

Pego os quartzos rosa polidos, segurando um de cada vez, e encho-os de luz branca antes de repetir quatro vezes:

— Que traga amor incondicional e paz infinita. — Coloco-os na bolsa de seda vermelha e os vejo se alojarem ao redor da turquesa.

Depois pego a estaurolita, uma linda pedra que, acredita-se, formou-se a partir das lágrimas das fadas, e peço que forneça sabedoria ancestral e boa sorte e ajude na conexão com as outras dimensões. Sigo com o grande pedaço de zoisita, segurando-a em ambas as mãos. Após purificá-la com a luz branca, fecho os olhos e sussurro:

— Que transmute todas as energias negativas em positivas, que ajude na conexão com as esferas místicas e que...

— Ever? Posso entrar?

Olho para a porta e sei que menos de cinco centímetros de madeira me separam de Sabine. Depois olho para a pilha de ervas, óleos, velas e pós e para a pedra em minha mão, com a qual estou conversando.

— *E, por favor, ajude na recuperação, nas doenças e em tudo mais que possa fazer!* - sussurro, mal terminando de falar antes de enfiá-la na bolsa. Só que não cabe.

— Ever?

Tento de novo fazê-la caber lá dentro, mas a abertura é tão pequena e a pedra é tão grande que não vou conseguir sem romper a costura.

Sabine bate novamente na porta, três batidas firmes para informar que sabe que estou aqui, sabe que estou aprontando alguma coisa, e que sua paciência está se esgotando. Mesmo não tendo tempo para conversar, não tenho escolha a não ser dizer:

— Só um segundo! — Forço a pedra para dentro, corro para a sacada e coloco a bolsinha sobre a mesa, com a melhor vista pra a lua. Volto para dentro e quase saio do sério quando Sabine bate novamente e vejo o estado em que o quarto se encontra, sabendo que não há tempo para arrumar nada.

— Ever? Você está bem? — ela grita, irritada e preocupada na mesma medida.

— Estou... Eu só... — Tiro a camiseta, virando de costas para a porta e dizendo:

— Pode entrar agora... Estou só... — E no momento em que ela entra, visto-a novamente. Finjo um acesso de recato, como se não quisesse que ela me visse sem roupa, mesmo que nunca tenha me importado com isso antes.

— Eu... Eu só estava me trocando — murmuro, vendo suas sobrancelhas se unirem enquanto ela me analisa, tentando sentir o cheiro de vestígios de maconha, álcool, cigarro de cravo ou o que quer que seu último livro sobre adolescentes tenha alertado.

— Tem alguma coisa na sua... — Ela aponta para frente da minha camiseta. — Uma coisa... Vermelha que... Bom... Provavelmente vai ficar manchado.

Ela torce a boca para o lado enquanto eu olho para a camiseta e vejo que está marcada com uma grande faixa vermelha que imediatamente reconheço como sendo o pó de que preciso para o elixir. Percebo que a embalagem deve ter furado quando vejo como se espalhou por minha escrivaninha e pelo chão, logo embaixo.

Que maravilha! Que forma de parecer que você estava apenas colocando uma camiseta limpa!, penso, revirando os olhos mentalmente enquanto ela se aproxima da minha cama com o celular na mão, senta na beirada e cruza as pernas. Só preciso olhar uma vez para o brilho turvo, cinza-avermelhado, de sua aura para saber que o olhar preocupado em seu rosto tem menos a ver com o fato de eu não ter roupas limpas e mais a ver comigo, com meu

comportamento estranho, meu silêncio cada vez maior, meus problemas alimentares... Coisas que, segundo ela está convencida, podem levar a algo mais sinistro.

Estou tão concentrada em pensar como posso explicar essas coisas, que não percebo o que ela vai dizer:

— Ever, você matou aula hoje? Fico paralisada, vendo-a olhar fixamente para minha escrivaninha, vendo a bagunça de ervas e velas, óleos e minerais, e todo tipo de coisas estranhas que não está acostumada a ver — pelo menos não agrupadas desse jeito, como tivessem um propósito, como se a disposição fosse muito menos aleatória do que parece.

— Hum... É. Tive dor de cabeça. Mas não é nada demais. — Sento na cadeira da escrivaninha e balanço para frente e para trás, esperando distraí-la daquela visão. Ela olha para o grandioso experimento alquímico e para mim, e está prestes a falar algo quando eu digo:

— Bem, quer dizer... Não é nada demais agora que já *passou*. Mas na hora... Acredite em mim... Tive uma daquelas enxaquecas. Sabe? Uma daquelas que tenho de vez em quando.

Sinto-me a pior sobrinha do mundo, uma mentirosa ingrata, uma faladora de bobagens insinceras. Ela não tem ideia da sorte que tem por estar prestes a se ver livre de mim.

— Talvez seja porque você não está comendo direito. - Ela suspira, tirando os sapatos e analisando-me mais de perto enquanto diz: — E mesmo assim parece estar crescendo como uma trepadeira. Está ainda mais alta do que estava há alguns dias!

Olho para meus tornozelos, chocada por ver que meus jeans recém-materializados já subiram mais de dois centímetros desde hoje de manhã.

— Por que não passou na enfermaria se não estava se sentindo bem? Você sabe que não pode simplesmente sair desse jeito.

Olho para Sabine, desejando poder dizer a ela que não se preocupe, não perca nem mais um segundo pensando nisso, pois logo tudo terá acabado. Por mais que eu vá sentir falta dela, sem dúvida sua vida será melhor. Ela merece muito mais do que *isso*. Merece algo melhor do que *eu*. E é bom saber que logo terá um pouco de paz.

— A enfermeira é um pouco charlatã — digo. — Só sabe dar aspirina para os alunos, e você sabe que isso nunca funciona para mim. Eu só precisava voltar para casa e deitar um pouco. É a única coisa que resolve. Então, eu simplesmente... Vim embora.

— E você fez isso? — Ela se inclina na minha direção. — Você voltou para casa? — Quando nossos olhares se cruzam, sei que se trata de um desafio. Sei que é um teste.

— Não. — Suspiro, olhando para o carpete enquanto balanço minha bandeira branca. — Dirigi até o cânion e...

Ela olha para mim, esperando.

— E fiquei um pouco por lá... — Respiro fundo e engulo em seco, sabendo que isso é o mais perto da verdade que posso chegar.

— Ever, isso tem alguma coisa a ver com o Damen?

Olho em seus olhos e não consigo segurar. Caio no choro.

— Ah, querida — ela murmura, com os braços abertos enquanto pulo da cadeira e vou em sua direção. Ainda não acostumada com meus membros longos e desengonçados, sou desajeitada e quase a derrubo no chão.

— Desculpe — digo. — Eu... — Mas não consigo terminar. Uma nova onda de lágrimas me domina, e começo a soluçar novamente.

Ela passa a mão nos meus cabelos, enquanto continuo chorando, e murmura: — Eu sei quanto sente falta dele. Sei como deve ser difícil.

Assim que ela diz isso, eu me afasto. Sinto-me culpada por agir como se sentisse falta só de Damen, quando na verdade ele é apenas parte. Também se trata de sentir falta dos meus amigos, de Laguna e do Oregon, sentir falta da minha vida, a que construí aqui e aquela para a qual estou prestes a voltar. Porque, mesmo sendo óbvio que eles ficarão melhor sem mim, e me refiro a *todos*, inclusive Damen, isso não torna as coisas mais fáceis. Mas tem que ser feito. Realmente não há outra opção. E quando penso dessa forma, bem, fica mais fácil. Porque a verdade é que, qualquer que seja o motivo, recebi uma oportunidade incrível e única. E agora é hora de ir para casa. Só gostaria de ter mais tempo para me despedir.

Quando esse pensamento traz uma nova onda de lágrimas, Sabine me abraça com força, sussurrando palavras de encorajamento, e eu me agarro a ela, fico no casulo formado por seus braços, onde tudo parece seguro, caloroso, certo, protegido.

Como se tudo fosse dar certo.

Chego mais perto, de olhos fechados, com o rosto enterrado onde seu ombro encontra o pescoço. Meus lábios movem-se suavemente, silenciosamente, dizendo adeus.

Quarenta

Acordo cedo. Acho que por ser o último dia da minha vida, ou pelo menos o último dia da vida que construí aqui, estou ansiosa para aproveitá-lo ao máximo. Mesmo tendo certeza de que serei recebida com o coro de *Retardada! Idiota!*, e o mais recente: *Bruxa!*, saber que será a última vez que me sujeitarei a isso faz toda a diferença.

Em Hillcrest (a escola para onde estou voltando), tenho muitos amigos, por isso ir à aula de segunda a sexta-feira era muito mais prazeroso, para não dizer, divertido. Não me lembro de ter ficado com vontade de matar aula nem uma vez (aqui, isso acontece o tempo todo), e não ficava deprimida por não me encaixar.

Para dizer a verdade, acho que é por isso que quero tanto voltar. Além da empolgação óbvia de estar novamente com minha família, ter um bom grupo de amigos que me amam, me aceitam e com quem posso ser eu mesma torna a decisão muito mais fácil.

Uma decisão sobre a qual não precisaria pensar duas vezes se não fosse por Damen.

Mas mesmo não me conformando com o fato de que nunca o verei novamente — nunca conhecerei o toque de sua pele, o calor de seu olhar, a sensação de seus lábios nos meus —, ainda estou disposta a abrir mão de tudo.

Se isso significa recuperar minha antiga vida e voltar para minha família, então realmente não tenho escolha.

Drina me matou para ficar com Damen só para si. E Damen me trouxe de volta para ficar comigo só para si. Por mais que eu o ame, por mais que me parta o coração pensar em não vê-lo de novo, agora sei que no momento em que me devolveu à vida ele alterou a ordem natural das coisas. Transformou-me em algo que eu nunca deveria ser.

E agora é meu dever colocar tudo de volta no lugar. Olho para o armário e pego minha calça jeans mais nova, um suéter preto com decote em "V" e sapatilhas — exatamente como em minha visão. Corro os dedos pelos cabelos, passo um pouco de gloss nos lábios, coloco o par de brincos de diamante que

meus pais me deram quando fiz dezesseis anos (já que, com certeza, notariam se não os vissem) e pulseira com pingente de cristal que Damen me deu, que não faz parte da vida para a qual estou voltando, mas não o tiro de jeito nenhum.

Pego a mochila, olho para o meu quarto ridiculamente grande pela última vez e sigo para a porta. Estou ávida para dar uma olhadela final em uma vida da qual nem sempre gostei e da qual provavelmente nem vou me lembrar, mas ainda assim faltam algumas despedidas e algumas providências antes que eu vá embora para sempre.

Tão logo estaciono na escola, começo a procurar por Damen. Tento localizar seu carro, qualquer coisa, qualquer pedacinho, o que eu puder conseguir. Quero vê-lo o máximo que puder, enquanto ainda posso. Fico desapontada quando não o encontro.

Paro o carro e sigo para a aula, tentando me controlar para não surtar, tirar conclusões precipitadas ou reagir exageradamente só porque ele ainda não chegou. Embora ele esteja se tornando cada vez mais normal à medida que o veneno acaba com o progresso de centenas de anos, pelo que pude ver ontem, ainda está bonito, sexy e nem um pouco envelhecido, então imagino que ainda demore alguns dias para chegar ao fundo do poço.

Além disso, sei que ele vai aparecer mais cedo ou mais tarde. Por que não apareceria? É o astro incontestável da escola. O mais bonito, o mais rico, o que dá as melhores festas — pelo menos é o que ouço. Ele é praticamente aplaudido de pé só por dar o ar de sua graça. Quem resistiria a isso?

Ando entre os estudantes, olhando para todas as pessoas com quem nunca falei e que falaram comigo apenas para dizer algo maldoso. Mesmo tendo certeza de que não vão sentir minha falta, fico imaginando se chegarão a notar que fui embora. Ou se tudo sairá como estou pensando: eu volto, eles voltam, e o tempo que passei aqui não é mais que uma piscada em suas telas.

Respiro fundo e vou para a aula de inglês, já tensa por ter que ver Damen com Stacia, mas a encontro sentada sozinha. Bem, ela está cochichando com Honor e Craig como sempre, mas não vejo Damen em lugar nenhum. E quando passo por ela para chegar ao meu lugar, preparada para vê-la jogar alguma coisa no meu caminho, só encontro silêncio, uma recusa tão obstinada em até mesmo reconhecer minha existência que ela não se daria o trabalho de me fazer tropeçar. Isso me deixa apreensiva e incomodada.

Depois de me sentar em meu lugar, passo os cinquenta minutos seguintes olhando para o relógio e para a porta, ficando mais ansiosa a cada instante. Imagino todos os tipos de situações terríveis até que o sinal finalmente toca e voô para o corredor. Chega a quarta aula e ele ainda não apareceu. Estou prestes a ter um ataque de pânico quando entro na aula de história e descubro que Roman também não está.

— Ever — diz o sr. Munoz enquanto espero a seu lado, olhando para o lugar vazio de Roman e sentindo um nó no estômago —, você tem muita matéria atrasada para colocar em dia.

Olho para ele, sabendo que quer discutir minha presença, os trabalhos que não entreguei e outros assuntos irrelevantes. Então saio correndo, atravesso o pátio e passo pelas mesas de almoço antes de parar e respirar aliviada por vê-lo. Bem, não é *ele*, e sim seu carro. O BMW preto que ele prezava tanto e que agora está coberto por uma grossa camada de sujeira e parado todo torto em área proibida.

Ainda assim, apesar de seu estado, olho para o carro como se fosse a coisa mais linda que já vi, sabendo que se seu carro está aqui, então ele está aqui. E tudo está bem.

Penso que devo tentar tirar o carro dali para que não seja rebocado, e nesse momento ouço uma voz grave atrás de mim dizendo:

— Com licença, você não deveria estar na sala de aula? Eu me viro, vejo o diretor Buckley e digo:

— Hum, é, mas primeiro tenho que... — Aponto para o carro mal-estacionado de Damen como se estivesse fazendo não só um favor a um amigo, mas também para a escola.

Mas ele está menos preocupado com as violações das regras de estacionamento e mais com alunos que matam aula frequentemente, como eu. Ainda irritado com nosso último e infeliz encontro, quando Sabine conseguiu que eu fosse apenas suspensa, e não expulsa, ele me olha atravessado e diz:

— Você tem duas opções. Posso ligar para a sua tia e pedir que ela saia do trabalho e venha até aqui *ou*... — Ele faz uma pausa, tentando me matar com o suspense, ainda que não precise de poderes paranormais para saber como isso vai acabar. — Ou posso acompanhá-la de volta à sala de aula. O que prefere?

Por um instante, sinto-me tentada a escolher a primeira opção, só para ver o que ele faria. Mas, no final, sigo-o de volta para a aula. Seus sapatos batem contra o piso de cimento enquanto ele me conduz através do pátio e pelo corredor antes de me deixar na porta da aula do sr. Munoz, onde imediatamente vejo Roman, que não apenas está sentado em seu lugar, mas está também rindo e balançando a cabeça.

Mesmo que Munoz já esteja acostumado com meu comportamento instável, ele ainda insiste em me chamar, fazendo várias perguntas sobre eventos históricos que já estudamos e inclusive alguns que ainda não foram ensinados. Estou tão preocupada com Roman, Damen e com meus planos futuros que apenas respondo automaticamente, *vendo* todas as respostas que ele guarda na cabeça e repetindo-as quase literalmente. Então quando ele diz:

— Então me diga, Ever, o que comi no jantar ontem à noite?

Eu respondo automaticamente:

— Dois pedaços de pizza do dia anterior e uma taça e meia de Chianti.

— Minha mente está tão ocupada com meus dramas pessoais que demoro um pouco a perceber que ele está chocado.

Na verdade, todo mundo está chocado.

Bem, todo mundo, menos Roman, que apenas balança a cabeça e ri mais ainda.

Quando toca o sinal, tento correr para a porta, mas Munoz entra na minha frente e diz:

— Como você faz isso?

Aperto os lábios e dou de ombros, como se não tivesse ideia do que ele está falando. Mas fica claro que ele não vai deixar por isso mesmo, está pensando nisso há semanas.

— Como você... *Sabe essas coisas?* — diz ele, olhando nos meus olhos. — Como sabe sobre fatos históricos aleatórios que nunca estudamos... Sobre mim?

Olho para o chão e respiro fundo, perguntando-me que mal faria abrir o jogo com ele. Afinal, estou partindo esta noite, e é provável que ele nunca se lembre disso mesmo. Então, qual seria o problema em contar a verdade?

— Eu não sei — digo. — Não é algo que faço. Imagens e informações simplesmente aparecem na minha cabeça.

Ele olha para mim, sem saber se acredita ou não. Sem tempo nem vontade de tentar convencê-lo, mas ainda querendo dizer alguma coisa boa a ele, continuo:

— Por exemplo, sei que não deveria desistir do seu livro, pois um dia será publicado.

Ele fica boquiaberto e arregala os olhos. Sua expressão varia entre esperança e descrença absoluta.

Mesmo a contragosto, mesmo que a ideia me dê vontade de vomitar, sei que há algo mais que precisa ser dito, e que é a coisa certa a fazer. Além disso, que mal faria? Vou partir mesmo, e Sabine merece sair e se divertir um pouco. E, fora o gosto de Munoz por cuecas samba-canção dos Rolling Stones e músicas do Bruce Springsteen, e sua obsessão pela época renascentista, ele parece inofensivo. Sem dizer que não vai dar em nada, porque a vi, especificamente, com um cara que trabalha no mesmo prédio que ela.

— O nome dela é Sabine — digo, antes de ter tempo de mudar de ideia. Então, vendo a confusão em seus olhos, acrescento: — Sabe? A moça loira da Starbucks? Aquela que derrubou *latte* na sua camisa? Aquela em quem está sempre pensando?

Quando ele olha para mim, fica claro que está sem fala. Preferindo parar por aqui, junto minhas coisas e sigo para a porta, virando para dizer:

— E você não deveria ter medo de falar com ela. Sério. Crie coragem e aproxime-se logo. Verá que ela é uma pessoa muito legal.

Quarenta e um

Quando saio da sala penso que vou encontrar Roman me esperando com seu olhar provocativo. Mas ele não está lá. E quando chego às mesas de almoço fico sabendo o motivo.

Ele está atuando. Orquestrando as pessoas ao seu redor, dirigindo tudo o que dizem e fazem, como o líder de uma banda, um titereiro, o condutor de um espetáculo. E quando uma ideia surge no fundo da minha mente, bem quando uma pequena constatação começa a tomar forma... Eu o vejo.

Damen.

O amor de todas as minhas vidas, cambaleando em direção à mesa. Tão instável, tão desgrenhado e pálido que não resta dúvida de que as coisas progrediram em um ritmo alarmante. Estamos ficando sem tempo.

Quando Stacia se vira, faz cara feia e dispara "*Idiota!*" fico surpresa ao perceber que não é para mim.

É dirigido a Damen.

Em questão de segundos toda a escola se junta a ela. Toda a gozação que era reservada apenas a mim agora tem Damen como alvo.

Olho para Miles e Haven, vendo-os acrescentarem suas vozes ao coro, depois corro para Damen, alarmada por ver sua pele tão fria e úmida, seu rosto tão abatido, e aqueles olhos profundos e escuros que antes carregavam tanta esperança e tanto calor agora lacrimosos e cheios de secreção, quase incapazes de focar. Embora seus lábios estejam terrivelmente secos e rachados, ainda sinto uma vontade inegável de encostá-los nos meus. Não importa sua aparência, não importa quanto tenha mudado, ele ainda é o Damen. O *meu* Damen. Jovem ou velho, saudável ou doente, não importa. Ele é o único com quem realmente me importei — o único que amei —, e nada que Roman ou qualquer outra pessoa faça poderá mudar isso.

— Ei — sussurro com a voz falha e os olhos cheios de lágrimas. Ignoro os insultos estridentes que nos cercam e me concentro somente nele. Fico me odiando por virar minhas costas por tanto tempo a ponto de permitir que isso acontecesse, sabendo que ele nunca deixaria que algo assim acontecesse comigo.

Damen se vira para mim. Seus olhos lutam para ajustar o foco, e quando penso ter visto um vislumbre de reconhecimento ele se vai tão rapidamente que tenho certeza de que foi apenas minha imaginação.

— Vamos sair daqui — digo, agarrando sua manga, tentando puxá-lo. — Que tal matarmos aula hoje? — Sorrio, esperando que ele se lembre de nossa rotina de sexta-feira. Estamos chegando ao portão quando Roman aparece.

— Por que se importa? — diz ele, de braços cruzados, cabeça erguida, permitindo que sua tatuagem de uróboro apareça e suma de vista.

Agarro o braço de Damen e aperto os olhos, determinada a passar por Roman, custe o que custar.

— Sério, Ever. — Ele balança a cabeça, alternando o olhar entre Damen e eu. — Por que perder seu tempo? Ele está velho, fraco, praticamente decrepito, e, desculpe dizer, mas ao que parece, não vai durar muito tempo. Certamente, você não está pensando em desperdiçar seu doce e jovem néctar com esse dinossauro, não é?

Ele olha para mim com os olhos azuis em chamas, os lábios curvados, e dá uma olhadela para a mesa bem quando os insultos penetrantes atingem outro nível.

De uma hora para outra, *eu sei*.

A ideia que vem me cutucando, tentando chamar minha atenção, finalmente fica clara. Mesmo não tendo certeza e sabendo que não poderei fazer nada além de fugir com vergonha se estiver errada, observo a multidão, olho para Miles, Haven, Stacia, Honor, Craig e para todos os outros que apenas se deixam levar, fazem o que todos dizem sem nunca parar para questionar, sem nunca perguntar o *motivo*.

Então respiro fundo, fecho os olhos, concentro toda a minha energia neles e grito:

— ACORDEM!!! Então, fico ali parada, muito envergonhada para olhar, agora que toda a zombaria voltou a ser direcionada a mim. Mas não posso deixar que isso impeça. *Sei* que Roman promoveu algum tipo de hipnose em massa, colocando-os em uma forma de transe em que todos seguem suas ordens.

— Ever, por favor. Salve-se enquanto ainda pode. — Roman sorri. — Nem eu poderei ajudá-la se insistir em continuar.

Mas não dou ouvidos a ele. Não posso. Tenho que encontrar uma forma de fazê-lo parar. De fazê-los parar! Tenho que pensar em uma forma de acordá-los, tenho que ter um estalo... Estalo!

É isso! Vou estalar os dedos e...

Respiro fundo, fecho os olhos e berro o mais alto que posso: —
SAIAM DESSA!

Mas o único resultado são alunos ainda mais revoltados, ridicularizando-me ainda mais e jogando um monte de latas de refrigerante na minha cabeça. Roman suspira, olha para mim e diz:

— Ever, *sério*. Eu insisto. Você tem que parar com essa maluquice, *agora!* Você está muito enganada se acha que isso vai funcionar! Qual será o seu próximo passo, dar um tapa na cara deles?

Fico ali parada, com a respiração curta, sabendo que não estou errada, não importa o que ele diga. Tenho certeza de que ele os enfeitiçou, sequestrou suas mentes e os colocou em algum tipo de transe...

E então me lembro de um antigo documentário que vi na tevê em que o hipnotizador trouxe o paciente de volta sem dar tapas nem estalar os dedos, mas batendo palmas depois de contar até três.

Respiro fundo, vendo meus colegas de classe subirem nas mesas e nos bancos para poderem arremessar restos de comida em mim. Sei que é minha última chance, e se não funcionar, bem... Não sei o que farei.

Fecho os olhos e grito:

— *ACORDEM!*

E então conto até três de trás para frente e bato palmas duas vezes no final.

E então...

E então... Nada.

A escola inteira fica quieta enquanto todos voltam a si lentamente. Eles esfregam os olhos, piscando, bocejando e se espreguiçando como se acordassem de um cochilo muito longo. Olham em volta, confusos, perguntando-se por que estão em cima das mesas com aquelas pessoas que antes consideravam estranhas.

Craig é o primeiro a reagir. Estando tão perto de Miles que seus ombros praticamente se tocam, ele corre para o outro extremo, reafirmando-se na

companhia de seus colegas atletas, recuperando sua masculinidade com um soco no ombro.

Quando Haven olha para os palitinhos de cenoura com um olhar de nojo, não consigo conter o sorriso, sabendo que a grande família feliz está de volta à rotina normal de xingamentos, revirando os olhos e esnobando uns aos outros em nome de sua turma de sempre, de volta a um mundo onde ódio e animosidade ainda existem.

Minha escola voltou ao normal.

Viro-me para o portão, preparada para derrubar Roman, mas ele já se foi. Então agarro Damen, ajudo-o a cruzar o estacionamento e entrar em meu carro enquanto Miles e Haven, meus dois melhores amigos, dois quais senti tanta falta e que nunca mais verei, nos seguem.

— Sabem que eu amo vocês, certo? — Olho para eles sabendo que vão achar estranho, mas tenho que dizer.

Eles trocam um olhar de espanto, ambos se perguntando o que pode ter acontecido com a menina que consideravam a Rainha do Gelo.

— Hum, *certo*... — diz Haven, balançando a cabeça.

Apenas sorrio e agarro os dois, abraçando-os bem apertado enquanto sussurro no ouvido de Miles:

— Não importa o que faça, não deixe de atuar e cantar, vai trazer... — Faço uma pausa, imaginando se devo contar a ele que acabei de ver luzes brilhantes e a Broadway, mas não querendo estragar sua jornada, digo: — Vai trazer muita felicidade.

Antes que ele possa responder, me dirijo a Haven, sabendo que tenho que acabar logo com isso para levar Damen para a casa de Ava, mas determinada a encontrar um jeito de encorajá-la a amar mais a si mesma, parar de se deixar levar pelos outros, convencê-la de que vale a pena ficar com Josh pelo tempo que durar.

— Você tem tanto valor — digo a ela. — Tanto a oferecer. Só queria que conseguisse ver como sua estrela é brilhante.

— Hum, que piada! — ela diz, rindo enquanto tenta se livrar do meu abraço. — Você está bem? — Ela olha para mim e para Damen. E o que aconteceu com ele? Por que está tão curvado desse jeito?

Balanço a cabeça e entro no carro, sem mais tempo a perder. Quando saio da vaga do estacionamento, olho pela janela e pergunto:

– Ei, vocês sabem onde o Roman mora?

Quarenta e dois

Nunca imaginei que ficaria grata por meu surto repentino de crescimento e pelos bíceps recém-fortalecidos, mas é graças ao meu tamanho e à minha força (sem mencionar o estado enfraquecido de Damen) que praticamente o carreguei do carro até a porta da frente da casa de Ava com apenas alguns passos. Escorando meu corpo enquanto bato na porta, preparada para arrombá-la se for necessário, mas feliz quando ela aparece e faz um gesto para entrarmos.

Sigo para o corredor e Damen vai cambaleando ao meu lado. Paro em frente à porta azul-índigo e fico surpresa quando Ava hesita em abri-la.

— Se sua sala é tão sagrada e pura quanto você diz que é, não acha que ajudará Damen? Não acha que ele precisa de toda energia positiva disponível? — digo, sabendo que ela está em conflito em deixar entrar a energia "contaminada" de um homem doente e moribundo, o que é tão ridículo que nem sei o que dizer.

Ela olha em meus olhos por mais tempo do que minha curta paciência gostaria, e quando finalmente se convence, passo direto, colocando Damen no futon que está no canto e cobrindo seu corpo com a manta que ela deixa ao lado.

— O suco está em meu porta-malas, junto com o antídoto — digo, jogando as chaves para ela. — O suco ainda precisa de dois dias para ficar bom, mas ele deve melhorar hoje à noite, quando a lua cheia surgir e o antídoto estiver pronto. E, então, você poderá dar-lhe o suco, mais para ajudar a restabelecer sua força. Embora ele provavelmente nem precise, pois tudo estará revertido. Mas ainda assim... Só por precaução... — Faço um gesto positivo com a cabeça, desejando ter metade da confiança que transmito.

— Tem certeza de que vai funcionar? — Ela pergunta, vendo-me tirar o último frasco de elixir da mochila.

— Tem que funcionar. — Olho para Damen, tão pálido tão fraco, tão... *Velho*. E ainda assim continua sendo o Damen. Traços de sua extraordinária beleza ainda estão presentes, apenas um pouco desfigurados pela aceleração dos anos, resultando no cabelo grisalho, na pele quase translúcida, nas rugas ao redor dos olhos. — É nossa única esperança — acrescento, fazendo um

gesto para que ela vá logo, enquanto fico de joelhos. A porta se fecha atrás de mim, e tiro o cabelo de seu rosto, forçando-o gentilmente a beber.

A princípio ele reluta, balançando a cabeça e mantendo a boca fechada. Mas quando fica claro que não vou desistir, ele cede, permitindo que o líquido flua por sua garganta enquanto sua pele fica mais quente e recobra a cor. Ele esvazia a garrafa e olha para mim com tanto amor e reverência que me encho de alegria só de saber que ele voltou.

— Senti sua fala — murmuro, piscando e engolindo em seco, com o coração explodindo de saudade enquanto encosto os lábios em seu rosto. Todas as emoções que lutei tanto para manter sob controle todo esse tempo agora vêm à tona, transbordando, enquanto eu o beijo várias vezes seguidas. — Você vai ficar bem — digo. — Vai voltar a ser o que era em breve.

Minha explosão repentina de alegria vai por água abaixo quando seu olhar escurece e examina meu rosto.

— Você me deixou — ele sussurra.

Faço que não com a cabeça, querendo que ele saiba que não é verdade. Eu nunca o deixei, ele me deixou, mas não foi sua culpa, e eu o perdoo por tudo o que fez, ou disse, mesmo que seja tarde, mesmo que isso não importe mais...

Mas, em vez disso, digo:

— Não. Não deixei. Você esteve doente. *Muito* doente. Mas agora tudo terminou e logo você ficará melhor. Só tem que me prometer que tomará o antídoto quando.... — *Quando Ava lhe der*. Palavras que não consigo dizer, que *não* direi, pois não quero que ele saiba que este é nosso último momento juntos... Nosso último adeus. — Tudo o que precisa saber é que vai ficar bem. Mas tem que tomar cuidado com Roman. Ele não é seu amigo. Ele é do mal. Está tentando matar você. Então tem que recobrar as forças para poder derrubá-lo.

Pressiono os lábios contra sua testa, sua bochecha, e não paro até cobrir todo o seu rosto com meus beijos. Sinto o gosto salgado de minhas próprias lágrimas na curva dos seus lábios enquanto inspiro, esperando imprimir seu cheiro, seu gosto, o toque de sua pele, querendo carregar a lembrança para onde quer que eu vá.

Mas mesmo depois que digo que o amo, mesmo depois de me deitar ao lado puxá-lo para os meus braços e pressionar seu corpo contra o meu, mesmo

ficando lá por horas enquanto ele dorme, mesmo depois que fecho os olhos e me concentro em unir minha energia à dele, esperando curá-lo com meu amor, minha essência, meu ser, tentando imprimir uma pequena parte de mim nele, mesmo depois de tudo isso... Quando me afasto, ele diz aquilo novamente.

Uma acusação que vem de seu estado onírico com a intenção de me atingir.

— Você me deixou.

Não percebo, até dizer meu último adeus e fechar a porta atrás de mim, que ele não está se referindo ao passado. Está prevendo nosso futuro.

Quarenta e três

Vou para a cozinha com o coração pesado e as pernas rígidas. Cada passo para mais longe de Damen só piora as coisas.

— Você está bem? — pergunta Ava, parada ao lado do fogão, fazendo chá. Como se todas essas horas não tivessem passado.

Faço que não com a cabeça e encosto na parede, sem saber como responder, incapaz de falar. Porque *bem* é que não estou. Vazia, oca, desolada, péssima, deprimida, sim. Mas *bem*? Acho que não.

Sou uma criminosa. Uma traidora. Sou o pior tipo de pessoa que se pode esperar conhecer. De todas as vezes que tentei imaginar essa cena, meu último momento com Damen, nunca pensei que acabaria dessa forma.

Nunca pensei que fosse ser acusada. Mesmo que seja claramente merecedora.

— Você não tem muito tempo. — Ela olha para o relógio na parede e depois para mim. — Gostaria de tomar um chá antes de partir?

Respondo que não, sabendo que ainda tenho algumas coisas para contar a ela e que ainda tenho que ir a alguns lugares antes de ir embora para sempre.

— Você sabe o que fazer? — pergunto, vendo-a confirmar enquanto leva a xícara à boca. — Estou confiando em você, Ava. Se as coisas não acontecerem da forma que estou pensando, se a única coisa que voltar no tempo for eu, você será minha única esperança. — Olho fixamente para ela, precisando que entenda perfeitamente a seriedade de tudo isso. — Você *precisa* cuidar do Damen. Ele... Ele não merece nada disso e... — Minha voz estremece, aperto os lábios e desvio o olhar. Sei que preciso continuar, que há mais a dizer, mas preciso de um tempo antes de prosseguir. — E fique atenta ao Roman. Ele é bonito e charmoso, mas é tudo fachada. Por dentro, é horrível, tentou matar Damen e é responsável pelo que ele se tornou.

— Não se preocupe. — Ela vem na minha direção. — Não se preocupe com nada. Peguei as coisas no seu porta-malas, o antídoto está no armário, o suco está fermentando, e eu acrescentarei a erva no terceiro dia, como você me disse. Nem acho que vamos precisar, pois tenho certeza de que tudo correrá

conforme o planejado. Olho para ela, vendo a sinceridade em seus olhos, aliviada por poder deixar as coisas em suas mãos capazes.

— Vá para Summerland que eu cuido do resto — diz ela, abraçando-me com força. — E quem sabe um dia você aparece aqui em Laguna Beach e nos conhecemos novamente?

Ela ri, e eu desejo poder rir com ela, mas não posso. O estranho em dizer adeus é que nunca fica mais fácil.

Afasto-me, fazendo um gesto positivo com a cabeça em vez de falar, sabendo que dizer mais alguma coisa vai me fazer desabar completamente. Mal consigo dizer "Obrigada" e já estou saindo.

— Não precisa me agradecer — diz ela, indo atrás de mim. — Mas, Ever, tem certeza de que não quer dar uma espiada em Damen apenas uma última vez?

Eu me volto para ela, com a mão na fechadura, considerando a ideia, mas só por um instante, antes de respirar fundo e dizer que não. Sei que é inútil prolongar o inevitável e tenho muito medo de correr o risco de ver a acusação em seu rosto.

— Já nos despedimos — digo, indo para o carro. — Além disso, não tenho muito tempo. Ainda há um lugar aonde preciso ir.

Quarenta e quatro

Viro na rua de Roman, estaciono na frente da sua casa, corro para a porta e a arrombo. Vejo a madeira se romper em pedacinhos enquanto ela fica pendurada pelas dobradiças e se abre diante de mim, esperando pegá-lo desprevenido para poder atacar todos os seus chacras e acabar com ele para sempre.

Sinto um arrepio por dentro, olhando em volta, vendo paredes brancas, vasos de cerâmica com flores de seda, gravuras de todos os suspeitos de sempre – *A Noite Estrelada*, de Van Gogh, *O Beijo*, de Gustav Klimt, e uma versão ampliada de *O Nascimento de Vênus*, de Botticelli, com moldura dourada e pendurado sobre a lareira. Tudo parece tão surpreendentemente normal que me pergunto se não entrei na casa errada.

Eu esperava granito, audácia, uma casa pós-apocalíptica com sofás de couro, mesas cromadas, muitos espelhos e obras de arte confusas – algo mais sofisticado, moderno, qualquer coisa que não fosse este palacete cheio de tecido florido, onde é quase impossível imaginar alguém como Roman morando.

Ando pela casa, verificando cada quarto, cada armário e até mesmo embaixo da cama. Quando fica claro que ele não está em casa, vou direto para a cozinha, encontro seu suprimento de suco da imortalidade e jogo tudo na pia. Sei que é criancice, inútil, e que provavelmente não fará a mínima diferença, já que quando eu voltar no tempo tudo vai voltar também. Mas, mesmo que seja apenas um pequeno inconveniente, pelo menos ele vai saber que esse inconveniente veio de mim.

Depois vasculho suas gavetas procurando um pedaço de papel e uma caneta, pois preciso fazer uma lista das coisas que não posso esquecer de jeito nenhum. Instruções simples, que não sejam muito confusas para alguém que provavelmente não saberá o que aquilo tudo significa, e ainda assim claras e concisas o suficiente para me impedirem de repetir os mesmos erros terríveis.

Escrevo:

1. Não volte para pegar o suéter.
2. Não confie em Drina!

3. Não volte para pegar o suéter de jeito nenhum!

E, então, só para não esquecer completamente, e esperando que desencadeie algum tipo de lembrança, acrescento:

4.Damen.

Depois de verificar novamente (e mais uma vez), certificando-me de que está tudo lá e de que nada foi esquecido, dobro o papel, coloco-o no fundo do bolso e vou para a janela. Observo o céu que ficou de um azul profundo, com a lua intensa e cheia ao lado. Respiro fundo e vou para o feioso sofá estampado, sabendo que chegou a hora.

Fecho os olhos e vou em direção à luz, ávida por vivenciar aquela glória uma última vez enquanto desço sobre a grama macia no grande campo perfumado. Sou auxiliada pela leveza e pela elasticidade quando corro, pulo e giro pela campina, virando estrelas, plantando bananeiras e dando cambalhotas, tocando com a ponta dos dedos as lindas flores, suas pétalas tremeluzentes e seu delicioso e doce perfume, enquanto sigo meu caminho por entre as árvores vibrantes ao longo do riacho colorido. Estou determinada a absorver tudo aquilo, a memorizar todos os detalhes, desejando que houvesse alguma forma de capturar esse sentimento maravilhoso e guardá-lo para sempre.

E, então, por ainda ter alguns minutos para gastar, e porque preciso vê-lo mais uma vez, porque preciso ficar com ele da forma como fazíamos antes, fechos os olhos e materializo Damen.

Vejo-o como apareceu para mim pela primeira vez, no estacionamento da escola. Começo por seu cabelo brilhoso e escuro que ondula em volta das maçãs do rosto e encosta só um pouquinho nos ombros, os olhos amendoados tão profundos, escuros e, mesmo no passado, estranhamente familiares. E aqueles lábios! Aqueles lábios convidativos, de contornos perfeitos, seguidos pelo corpo esguio e musculoso que congrega todo o resto. Minha lembrança é tão potente, tão tangível que cada detalhe, cada poro, está presente.

Quando abro os olhos, ele está fazendo uma reverência diante de mim, estendendo a mão para me tirar para dançar pela última vez. Pego em sua mão enquanto ele envolve minha cintura com o braço, conduzindo-me naquele campo glorioso em uma série de grandes arcos. Nossos corpos balançam, nossos pés flutuam, girando no ritmo de uma melodia ouvida

apenas por nós. E cada vez que ele começa a escapar do meu alcance fecho os olhos e materializo-o novamente, retomando nossos passos sem hesitar. Como o conde Fersen e Maria Antonieta, Albert e Victoria, Marco Antônio e Cleópatra, somos todos os grandes amantes do mundo, somos todos os casais que sempre fomos. E enterro meu rosto em seu doce e quente pescoço, relutando em deixar nossa música terminar.

Mesmo não existindo tempo em Summerland, ele existe no lugar para onde estou indo. Então corro os dedos por seu rosto, memorizando a maciez de sua pele, a curvatura de seu queixo e o volume de seus lábios enquanto os pressiono contra os meus, convencendo-me de que esse é ele... *Ele de verdade!* Mesmo depois que ele desvanece e se vai.

Quando saio do campo, encontro Romy e Rayne esperando ao longe. Pela expressão em seus rostos, sei que estavam me observando.

— Seu tempo está acabando — diz Rayne, encarando-me com aqueles olhos enormes que sempre conseguem me irritar.

Mas apenas balanço a cabeça e aperto o passo, aborrecida por saber que estavam me espiando e cansada da forma como ficam se intrometendo.

— Tenho tudo sob controle — digo, olhando para trás. — Então, estejam à vontade para...

Faço uma pausa, sem ter a menor ideia sobre o que elas fazem quando não estão me perturbando. Então dou de ombros e deixo por isso mesmo, sabendo que o que quer que estejam aprontando não me diz mais respeito.

Elas correm ao meu lado, olhando uma para a outra, comunicando-se em sua linguagem particular de gêmeas antes de dizerem:

— Há algo errado. — Elas me encaram, insistindo para que eu ouça. — Algo parece estar terrivelmente errado. — Suas vozes unem-se em perfeita harmonia.

Eu ignoro, nem um pouco interessada em decifrar seu código, e quando vejo os degraus de mármore diante de mim, sigo em frente rapidamente, dando uma olhadela nas estruturas mais belas do mundo antes de correr para dentro. A voz das gêmeas é silenciada pelas portas que se fecham atrás de mim quando chego à grandiosa entrada de mármore, de olhos bem fechados, esperando não ser excluída como da última vez, esperando poder voltar no tempo. Pensando:

Estou pronta. Estou realmente e verdadeiramente pronta. Por favor, deixe-me voltar. Deixe-me voltar para Eugene, Oregon. Voltar para minha mãe e para meu pai, e para Riley e Buttercup. Por favor, apenas deixe-me voltar... E colocar tudo nos eixos novamente...

Quando me dou conta, aparece um pequeno corredor que dá para uma sala... Uma sala vazia, a não ser por um banquinho e uma mesa. Mas não é qualquer mesa, é uma daquelas mesas compridas, de metal, como as que tínhamos no laboratório de química em minha antiga escola. Assim que me sento, um grande globo de cristal surge diante de mim, piscando e reluzindo até formar uma imagem de mim, sentada à mesma mesa de metal, pensando resolver uma prova de ciências. Apesar de ser a última cena que eu escolheria para repetir, sei que é a única oportunidade que tenho para voltar. Então respiro fundo, pressiono o dedo contra a tela... E respiro fundo de novo enquanto tudo à minha volta escurece.

Quarenta e cinco

— Ai meu deus. Eu me ferrei *muito* na prova — Rachel berra, jogando os cabelos castanhos e ondulados para trás e revirando os olhos. Tipo... Eu *quase nem* estudei ontem à noite. Sério. E fiquei acordada até tarde mandando mensagens de texto... — Ela olha para mim, os olhos arregalados enquanto balança a cabeça. — Bem, não importa. Só o que você precisa saber é que minha vida acabou. Então olhe bem para mim, porque assim que saírem as notas e meus pais descobrirem, ficarei de castigo para sempre. O que significa que essa é provavelmente a última vez que você me vê.

— *Fala sério.* — Reviro os olhos. — Se alguém foi mal aqui, sabemos que fui eu. Fiquei perdida nesta aula o ano todo! E até parece que vou ser cientista ou algo do tipo. Até parece que algum dia vou *usar* essas informações.

— Paro perto de seu armário, vendo-a abri-lo e jogar uma pilha de livros lá dentro.

— Estou feliz que tenha acabado e porque essas notas não sairão até semana que vem. Ou seja, é melhor eu aproveitar enquanto posso. E falando nisso... A que horas devo passar na sua casa hoje à noite? — ela pergunta, levantando tanto as sobrancelhas que a franja as esconde.

Balanço a cabeça e suspiro, percebendo que ainda não disse a ela e sabendo que vai ficar brava.

— Então... — Ando a seu lado enquanto seguimos para o estacionamento, colocando meus longos cabelos loiros atrás da orelha enquanto digo: — Houve uma pequena mudança de planos. Meus pais vão sair e eu terei que cuidar de Riley.

— E como isso é *uma pequena* mudança de planos? — Rachel para pouco antes de chegarmos ao estacionamento, olhando as fileiras de carros, determinada a ver quem pega carona com quem.

— Bem, pensei que talvez depois que ela estiver dormindo você pudesse aparecer e... — Mas paro, sem me preocupar em terminar, pois é óbvio que ela não está escutando. No instante em que mencionei minha irmã mais nova, ela parou de prestar atenção. Rachel é um daqueles raros filhos únicos que nunca

tiveram vontade de ter um irmão ou uma irmã. Dividir os holofotes não é de seu feitio.

— Esquece — ela diz. — Os pequenos têm dedos grudentos e orelhas grandes, não se pode confiar neles. E amanhã? — Faço que não com a cabeça.

— Não posso. É dia da família. Vamos para o lago.

— Sei... — Rachel faz um gesto com a cabeça. — Esse é exatamente o tipo de coisa com o qual você não tem que se preocupar quando seus pais se separam. Em nossa casa, o dia da família é quando todos nos encontramos no tribunal para brigar pelo cheque da pensão.

— Você não sabe como tem sorte — digo, arrependendo-me imediatamente da piada. Não apenas é uma mentira deslavada, mas também contém algo que me deixa tão triste e culpada que desejo poder retirar tudo o que falei.

Mas até parece que Rachel está ouvindo. Ela está muito ocupada tentando chamar a atenção da incrível Shayla Sparks, a estudante do último ano mais descolada que já passou pelos corredores da escola. Ela acena freneticamente e chega quase a pular e gritar como uma tiete, esperando chamar a atenção de Shayla enquanto ela entra em seu New Beetle azul-celeste com todos os seus amigos populares. E depois abaixa a mão e finge que estava coçando a orelha como se não estivesse nem um pouco envergonhada quando Shayla não a nota.

— Confie em mim, esse carro não é tão bom assim — digo, checando a hora e olhando em volta, perguntando-me onde diabos está Brandon, que não chegou até agora. — O Miata é melhor.

— Como assim? — Rachel me olha com as sobrancelhas unidas, totalmente descrente. — E desde quando você já dirigiu qualquer um deles?

Aperto os olhos, ouvindo as palavras se repetirem em minha mente, sem ter ideia do motivo de ter dito aquilo.

— Hum, não dirigi. — Dou de ombros. — Eu... Eu acho que devo ter lido em algum lugar. Ela olha para mim e examina minhas roupas, meu suéter com gola em V e meus jeans que estão arrastando no chão.

— E onde arrumou isso? — Ela agarra meu pulso.

— Ah, por favor. Você já viu isso um milhão de vezes. Ganhei no Natal - digo, tentando me desvencilhar dela enquanto Brandon vem em minha

direção e pensando em como ele fica bonitinho quando seu cabelo cai nos olhos.

— Não o relógio, sua boba. *Isto!* — Ela aponta para a pulseira que está ao lado do relógio, aquela de prata com um pingente de cristal... Aquela que não me é nem um pouco familiar, embora me faça sentir algo estranho no estômago quando olho para ela.

— Eu... Eu não sei — murmuro, estremecendo quando a vejo espantada, como se eu estivesse enlouquecendo. — Quer dizer... Acho que minha tia deve ter mandado. Sabe? Aquela que mora em Laguna Beach...

— Quem mora em Laguna Beach? — pergunta Brandon, abraçando-me enquanto Rachel alterna o olhar entre nós dois, revirando os olhos quando ele se inclina para me beijar. Mas algo no toque de seus lábios é tão estranho e perturbador que me viro rapidamente.

— Minha carona chegou — diz Rachel, correndo para o utilitário de sua mãe e virando para trás para dizer: — Avise-me se tiver alguma mudança sabe, sobre hoje à noite?

Brandon olha para mim, abraçando-me com mais força até que fico praticamente grudada em seu peito, o que me faz sentir algo estranho no estômago novamente.

— Que mudança? — ele pergunta, alheio ao modo como me esquivo de seus braços, sem perceber minha falta de interesse repentina, o que é um alívio já que não tenho ideia de como explicá-la.

— Ah, ela queria ir à festa de Jaden, mas eu tenho que tomar conta de minha irmã — digo, indo para o seu jipe e jogando a mochila no chão.

— Quer que eu dê uma passada na sua casa? — Ele sorri. — Para o caso de você precisar de ajuda...

— Não! — digo, de forma muito contundente, muito rápida, e sei que preciso dar um jeito de amenizar as coisas quando vejo sua expressão. É que Riley sempre fica acordada até tarde, então provavelmente não é uma boa ideia.

Ele olha para mim como se também estivesse sentindo *algo errado* e não identificado entre nós, algo que faz tudo parecer muito estranho. Então dá de ombros e vira na avenida, preferindo dirigir em silêncio pelo resto do caminho. Pelo menos ele e eu estamos em silêncio; o som do carro está no último volume. Mesmo que aquilo normalmente me irrite, hoje fico feliz.

Prefiro me concentrar na música ruim que não suporto a pensar no fato de não querer beijá-lo.

Olho para ele, olho de verdade, de um modo que não olho desde que me acostumei a nós dois sendo um casal. Observo a franja emoldurando aqueles grandes olhos verdes um pouquinho caídos nos cantos que fazem com que seja impossível resistir a ele... A não ser hoje. Hoje é muito fácil. Quando me lembro que ainda ontem eu estava enchendo meu caderno com seu nome, bem, isso não faz mais sentido.

Brandon vira, vê que estou olhando para ele e sorri enquanto pega minha mão. Entrelaça os dedos nos meus e os aperta de tal forma que faz meu estômago ficar embrulhado. Mas me forço para corresponder, tanto ao sorriso quanto ao aperto, sabendo que é o esperado, que é o que faz uma boa namorada. Depois olho pela janela, contendo o enjoo enquanto admiro a paisagem, as ruas molhadas de chuva, as casas de madeira e os pinheiros, feliz porque logo estarei em casa.

— E então? Hoje à noite? — Ele para na frente da minha casa, desligando o som e inclinando-se na minha direção, olhando para mim daquele jeito dele.

Mas apenas pressiono os lábios e pego minha mochila, segurando-a contra o peito como um escudo, uma defesa sólida para mantê-lo afastado.

— Eu mando um torpedo para você — murmuro, evitando olhar em seus olhos. Pela janela, vejo minha vizinha e a filha brincando de pique no gramado enquanto pego a maçaneta, desesperada para me ver livre dele e ir para o meu quarto.

Assim que abro a porta e coloco uma perna para fora, ele diz:

— Não está se esquecendo de nada?

Olho para minha mochila, que é a única coisa que trouxe, mas quando olho novamente para ele, percebo que não está falando disso. Sabendo que há apenas um modo de sair dessa sem levantar mais suspeitas da parte dele, ou minha, inclino-me em sua direção, fecho os olhos e pressiono os lábios contra os seus, achando-os objetivamente macios, brandos, mas basicamente neutros, sem as faíscas de sempre.

— Eu... Hum... Eu vejo você depois — digo, descendo do jipe e limpando a boca na manga da blusa mesmo antes de chegar à porta. Corro para dentro e vou direto para a saleta, onde sou bloqueada por uma bateria de

plástico, uma guitarra sem cordas e um pequeno microfone que vai quebrar se Riley e sua amiga não pararem de brigar por ele.

— Já tínhamos combinado — diz Riley, puxando o microfone. — *Eu canto todas as músicas de menino e você canta todas as músicas de menina.* Qual é o problema?

— O problema — choraminga a amiga, puxando ainda mais o microfone — é que quase não tem música de menina. E você sabe disso.

Mas Riley apenas ignora.

— Não é minha culpa. Reclame com o Rock Band, não comigo.

— Eu juro, você é tão... — Sua amiga para quando me vê parada na porta, balançando a cabeça.

— Vocês precisam se revezar — digo, olhando feio para Riley, contente por presenciar um problema que posso resolver, mesmo que ninguém tenha me perguntado nada. — Emily, você canta a próxima música, e Riley você depois dela, e assim por diante. Vocês acham que conseguem?

Riley revira os olhos enquanto Emily arranca o microfone de suas mãos

— Mamãe está por aqui? — pergunto, ignorando a cara feia de Riley, uma vez que já estou bem acostumada.

— Está no quarto dela se arrumando — diz, vendo-me sair e cochichando com a amiga: — Certo. Eu canto "Dead on Arrival" e você canta "Creep"

Passo no meu quarto, largo a mochila no chão e vou para o quarto de minha mãe. Encosto na arcada que o separa do banheiro e a observo enquanto se maquia, lembrando como gostava de fazer isso quando era pequena e considerava minha mãe a mulher mais glamourosa do planeta. Mas quando olho para ela agora, quando olho objetivamente, percebo que ela é mesmo glamourosa, pelo menos para uma mãe de classe média.

— Como foi na escola? — ela pergunta, virando a cabeça de um lado para o outro, certificando-se de que a base está homogênea e imperceptível.

— Tudo bem. — Dou de ombros. — Tivemos prova de ciências e acho que fui mal — digo, embora não acredite que tenha ido tão mal assim, mas sem saber como expressar o que realmente quero dizer, que tudo está estranho e incerto, como se estivesse desequilibrado, como se algo estivesse faltando... E esperando alguma reação de sua parte.

Mas ela apenas suspira e começa a maquiar os olhos, passando o pequeno pincel nas pálpebras enquanto diz:

— Tenho certeza de que você não foi mal. — Ela olha para mim pelo espelho. — Sei que foi bem.

Passo a mão sobre uma mancha na parede, pensando que seria melhor ir para o meu quarto e relaxar um pouco, ouvir música, ler um bom livro, qualquer coisa que desvie meus pensamentos de mim.

— Desculpe, isso foi tão de última hora — ela diz, mexendo o bastão do rímel para dentro e para fora do tubo. — Sei que você já devia ter planos.

Dou de ombros, virando o pulso para um lado e para o outro, vendo como o pingente de cristal brilha e reluz, refletindo a luz fluorescente, e tentando me lembrar de onde ele veio.

— Não tem problema — digo. — Há muitas sextas-feiras pela frente.

Minha mãe aperta os olhos, com o rímel na mão, e interrompe o que estava fazendo para dizer:

— Ever? É você mesma? — Ela ri. — Está acontecendo algo que eu deva saber? Porque, falando assim, nem parece a minha filha. Respiro fundo e levanto os ombros, desejando poder contar a ela que, definitivamente, está acontecendo alguma coisa, algo que não consigo definir, algo que faz com que me sinta tão... Diferente de mim.

Mas não digo nada, mal posso explicar para mim mesma, muito menos para ela. Tudo o que sei é que ontem estava me sentindo bem e hoje é praticamente o oposto. Sinto-me uma alienígena, como se não me encaixasse mais, como uma garota redonda em um mundo quadrado.

— Sabe que não me importo se quiser convidar alguns amigos para virem aqui em casa — ela diz, começando a pintar os lábios, cobrindo-os com uma camada de batom antes de reforçar a cor com um toque de brilho. — Contanto que não sejam muitos, não mais de três, e que também não ignore sua irmã.

— Obrigada. — Faço um gesto positivo com a cabeça e forço um sorriso para que ela pense que estou bem. — Mas estou querendo tirar uma noite de folga disso tudo.

Vou para o meu quarto e me jogo na cama, contentando-me em olhar para o teto até perceber como isso é patético e pegar o livro que está sobre o criado-mudo. Imersa na história de um cara e uma menina tão ligados, tão

perfeitamente feitos um para o outro que seu amor transcende o tempo, fico desejando poder entrar nessas páginas e viver lá para sempre, preferindo a história deles à minha.

— Ei, Ev. — Meu pai aparece em meu quarto. — Vim dizer oi e tchau. Estamos atrasados, então temos que sair logo.

Jogo o livro de lado e corro em sua direção, abraçando-o tão forte que ele ri e balança a cabeça.

— Que bom saber que você não está crescida demais para abraçar o seu velho. — Ele sorri enquanto me afasto, horrorizada por ver que há *lágrimas de verdade* em meus olhos e me ocupando com alguns livros na prateleira até ter certeza de que a ameaça já passou. — Certifique-se de que você e sua irmã estejam prontas para sair. Amanhã quero estar na estrada bem cedo.

Confirmo com a cabeça, perturbada pelo estranho sentimento de vazio que invade minhas entranhas quando ele sai. Fico imaginando, mais uma vez, que diabos está acontecendo comigo.

Quarenta e seis

— Esqueça. Você não manda em mim, Ever! — Riley grita, de braços cruzados, cara feia, recusando-se a sair do lugar.

Quem iria imaginar que uma menina de doze anos e quarenta quilos seria uma catástrofe desse tamanho? Mas não vou ceder de jeito nenhum. Assim que meus pais saíram e Riley já estava alimentada e de banho tomado, enviei uma mensagem a Brandon, pedindo que viesse por volta das dez horas, ou seja, a qualquer momento, por isso preciso que ela vá para a cama.

Balanço a cabeça e suspiro, desejando que ela não fosse tão teimosa, mas totalmente preparada para a batalha.

— Hum, odeio ter que dizer, mas você está errada. Eu *mando* em você. A partir do momento que nossos pais saíram até a hora que voltarem, eu mando totalmente em você. Você pode reclamar quanto quiser, mas não vai mudar nada.

— Isso é tão *injusto*! — Ela olha, furiosa. — Juro, assim que eu fizer treze anos, vai haver um pouco de *igualdade* por aqui.

Mas eu ignoro, tão ansiosa quanto ela por aquele momento.

— Que bom, assim não terei mais que tomar conta de você e poderei ter minha vida de volta — digo, vendo-a revirar os olhos e bater os pés no piso acarpetado.

— Ah, faça-me o favor. Acha que sou burra? Acha que não sei que o Brandon está vindo para cá? — Ela balança a cabeça. — Grande coisa. Quem se importa? Só quero assistir à televisão. *Só isso*. E você só não deixa porque quer monopolizar a saleta com seu namorado para poderem se agarrar no sofá. E é exatamente isso que vou contar para a mamãe e para o papai se não me deixar assistir ao meu programa.

— Grande coisa. Quem se importa? — digo, imitando-a com perfeição. — A mamãe disse que eu podia convidar meus amigos, então engole essa. — Mas assim que digo isso contraio os músculos involuntariamente, perguntando-me quem é a criança aqui, ela ou eu.

Balanço a cabeça, sabendo que não passa de outra ameaça vazia, mas não querendo arriscar, digo:

— O papai quer sair cedo, o que significa que você precisa dormir para não ficar mal-humorada pela manhã. E para sua informação, o Brandon não vem para cá. — Dou um sorrisinho falso, esperando que mascare o fato de que sou uma péssima mentirosa.

— Ah, é? Ela sorri, com os olhos iluminados olhando nos meus. — Então por que o jipe dele acabou de parar aí fora?

Eu me viro, espiando pela janela e olhando para ela. Suspiro, e digo:

— Tudo bem, assista ao seu programa. Que se dane. Não me importo. Mas se tiver pesadelos novamente, não venha chorar comigo.

— Vamos, Ever, o que há com você? — diz Brandon, passando de curioso a aborrecido em questão de segundos. — Esperei mais de uma hora até sua irmãzinha ir dormir para que pudéssemos ficar juntos e agora você começa a agir *desse jeito*? O que houve?

— Nada — murmuro, evitando seu olhar enquanto arrumo a blusa. Olhando para ele de canto de olho enquanto ele balança a cabeça e abotoa a calça jeans... A calça que eu nunca pedi que ele *desabotoasse*, para começo de conversa.

— Isso é ridículo — ele balbucia, balançando a cabeça e fechando o cinto.

— Eu dirijo até aqui, seus pais não estão e agora você está agindo como...

— Como o quê? — sussurro, querendo que ele diga. Esperando que ele resuma em poucas palavras, defina o que está acontecendo. Porque mais cedo, quando mudei de ideia e enviei a mensagem pedindo que ele viesse até aqui, pensei que tudo voltaria ao normal. Mas assim que abri a porta meu primeiro instinto foi fechá-la novamente. E não importa quanto me esforce, não consigo entender por que estou agindo dessa forma.

Quando olho para ele, fica óbvio que tenho muita sorte. Ele é legal bonito, joga futebol, tem um carro bacana, é um dos alunos mais populares da escola... Sem dizer que gostei dele por tanto tempo que mal pude acreditar quando soube que ele gostava de mim. Mas agora tudo está diferente, consigo me forçar a sentir coisas que não sinto.

Respiro fundo, perfeitamente ciente do peso de seu olhar enquanto brinco com minha pulseira. Fico girando-a em meu braço, tentando lembrar como foi para ali. Algo me incomoda no fundo da mente, algo sobre...

— Esqueça — diz ele, levantando-se para ir embora. — Mas estou falando sério, Ever. Você precisa decidir o que quer logo, porque isso...

Olho para ele, imaginando se terminará a frase e por que não pareço me importar. Mas ele apenas olha para mim e balança a cabeça, pegando as chaves e dizendo:

— Tanto faz. Divirta-se no lago.

Vejo-o sair e fechar a porta e vou para a poltrona reclinável do meu pai, pego a manta que minha avó tricou para nós pouco antes de morrer, puxo-a até o queixo e prendo-a com os pés. Lembro de ter comentado com Rachel na semana passada que estava considerando seriamente ir até o fim com Brandon e agora... Agora não suporto nem que ele me toque.

— Ever?

Abro os olhos. Riley está diante de mim, seus lábios estão tremendo e seus olhos azuis me encaram.

— Ele já foi? — Ela olha em volta. Eu confirmo com a cabeça.

— Vem ficar comigo enquanto tento dormir? — ela pergunta, mordendo os lábios e fazendo aquela cara de cachorrinho triste à qual é impossível resistir.

— Eu avisei que aquele programa era muito assustador para você — digo, com a mão em seu ombro enquanto seguimos pelo corredor. Cubro-a toda antes de me acomodar ao seu lado. Desejo que tenha os mais doces sonhos e tiro o cabelo de seu rosto enquanto digo:

— Não se preocupe. Durma. Fantasmas não existem.

Quarenta e sete

— Ever, você está pronta? Precisamos sair logo! Não queremos pegar trânsito! — Estou indo — grito, mesmo não sendo verdade. Continuo parada no meio do quarto, olhando para um pedaço de papel amassado que encontrei no bolso da frente da calça. Mesmo escrito com a minha letra, não tenho ideia de como foi parar ali, muito menos o que significa. Está escrito:

1. Não volte para pegar o suéter.
2. Não confie em Drina!
3. Não volte para pegar o suéter de jeito nenhum!
4. Damen.

Depois de ler pela quinta vez, ainda estou tão confusa quanto na primeira. Que suéter? E por que não devo voltar para pegá-lo? Sem mencionar que não conheço nenhuma Drina. E quem diabos é Damen, e por que há um coração ao lado do seu nome?

Por que eu escreveria algo assim? Quando escrevi isso? E o que poderia significar?

Quando ouço meu pai me chamar novamente e em seguida seus passos subindo as escadas, jogo o papel de lado e vejo-o cair sobre a cômoda e depois no chão, pensando em desvendar aquilo quando voltarmos.

No fim das contas, o fim de semana acabou me fazendo bem. Foi bom fugir um pouco da escola, dos meus amigos (e namorado). Foi bom passar um tempo com minha família fazendo algo diferente, que não fazemos sempre. Na verdade, sinto-me tão melhor agora que assim que chegarmos à civilização, onde meu celular tem sinal, vou mandar um torpedo para Brandon. Não quero deixar as coisas como estão. E realmente acredito que o que quer que fosse aquela estranheza, já passou.

Pego minha mochila e coloco nos ombros, pronta para sair. Mas quando olho pela última vez para o local onde acampamos fico com a sensação de que deixei algo para trás. Mesmo com minha mochila pronta e tudo aparentemente em ordem, continuo ali parada enquanto minha mãe me chama várias vezes, até que finalmente desiste e manda Riley me buscar.

— Ei! — diz ela, puxando a manga da minha roupa. — Anda, todo mundo está esperando.

— Já vou — resmungo. — Só tenho que...

— *Tem que fazer o quê?* — Ela dá um risinho forçado. — Tem que ficar olhando para a brasa da fogueira por mais uma ou duas horas? Sério, Ever. O que há com você?

Dou de ombros, brincando com o fecho do meu bracelete, sem nenhuma ideia do que *há comigo*, mas incapaz de espantar a sensação de que algo está errado. Bem, talvez não exatamente *errado*. É mais como se houvesse algo *faltando* ou *desfeito*. Como se eu devesse estar fazendo algo e não estou. E não consigo saber o que é.

— Sério. Mamãe quer que você se apresse. Papai está preocupado com o trânsito, até Buttercup quer ir logo para poder colocar a cabeça para fora da janela e deixar as orelhas balançarem ao vento. Ah, e eu queria chegar logo em casa antes que terminem os programas bons na tevê. Então, o que acha de irmos andando?

Mas quando não me mexo, quando não faço nada, ela suspira e diz:

— Esqueceu alguma coisa? É isso? — Encarando-me com atenção antes de virar para trás na direção de nossos pais.

— Talvez. — Balanço a cabeça. — Não tenho certeza.

— Pegou sua mochila?

Faço que sim.

— Pegou o celular?

Aponto para a mochila.

— Pegou seu cérebro?

Eu rio, sabendo que estou agindo de forma estranha e ridícula, mais esquisita do que nunca, mas depois dos últimos dias era de esperar que eu já estivesse acostumada.

— Pegou o suéter azul das líderes de torcida de Pinecone Lake? — Ela sorri.

— É isso! — digo, com o coração batendo freneticamente. — Deixei-o perto do lago! Diga a mamãe e papai que já volto!

Mas assim que me viro, Riley agarra minha manga e me puxa.

— Fica fria. — Ela sorri. — Papai encontrou seu suéter e o jogou no banco de trás do carro. Sério. Podemos ir agora?

Olho para o local mais uma vez, depois sigo Riley até o carro. Acomodo-me atrás enquanto meu pai pega a estrada e um som abafado vem do meu celular. Mal o tiro da mochila, mal consigo olhar, e Riley já está espiando sobre o ombro, tentando ver. Ela me obriga a fazer um movimento tão brusco que Buttercup vira, olhando-me de um jeito que deixa claro que ela não está feliz. Mesmo depois de tudo isso, Riley tenta ver. Então reviro os olhos e faço o de sempre, choramingo:

— *Manhê!*

Vejo-a virar uma página da revista sem parar de ler e dizer automaticamente:

— Parem você duas.

— Mas você nem olhou! — digo. — *Eu* não estava fazendo nada! Riley não quer me deixar em paz.

— É porque ela *ama* você — diz meu pai, olhando para mim pelo espelho retrovisor. — Ela ama *tanto* você que quer estar ao seu lado o tempo *todo*. Ela não se cansa de você!

Aquelas palavras mandam Riley direto para o outro lado do carro, pressionando o corpo contra a porta e gritando:

— Eca!

Depois ela afasta as pernas para o seu lado, o mais distante possível de mim, irritando Buttercup novamente. Ela se contorce de forma dramática, como se o pensamento fosse muito repugnante para suportar, enquanto cruzo olhares com meu pai e ambos rimos.

Abro o telefone e leio a mensagem de Brandon, que diz: *Desculpe. Foi mal. Liga pra mim hoje à noite*. Imediatamente respondo com uma carinha feliz, esperando que isso sirva até eu reunir emoção suficiente para mandar algo mais.

Acabo de encostar a cabeça na janela e estou prestes a fechar os olhos quando Riley vira para mim e diz:

— Você não pode voltar, Ever. Não pode mudar o passado. *As coisas são como são*.

Aperto os olhos, sem entender nada do que ela está falando. Mas quando começo a perguntar, ela balança a cabeça e diz:

— Esse é o *nosso* destino. *Não* o seu. Nunca parou para pensar que talvez você devesse mesmo sobreviver? Que talvez não tenha sido salva apenas por Damen?

Olho para ela boquiaberta, tentando dar sentido às palavras. E quando olho ao redor, dentro do carro, perguntando-me se meus pais escutaram o mesmo que eu, vejo que tudo está paralisado. As mãos de meu pai estão presas ao volante, ele olha para frente sem piscar, minha mãe parou enquanto virava uma página da revista e o rabo de Buttercup está no meio de um abano. Quando olho pela janela, noto que todos os pássaros estão congelados em pleno voo, e os outros motoristas estão parados ao nosso redor. Quando me viro novamente para Riley, com seu olhar intenso enquanto se inclina na minha direção, fica claro que somos as únicas que se movem.

— Você precisa voltar — diz ela, com a voz firme, confiante. — Você precisa encontrar Damen... Antes que seja tarde demais.

— Tarde demais para *quê*? — grito, inclinando-me em sua direção, desesperada para entender. — E quem diabos é Damen? Por que está dizendo esse nome? O que isso significa...

Mas antes que eu possa terminar ela já está revirando os olhos e me empurrando como se nada tivesse acontecido.

— Credo, perdeu alguma coisa por aqui? — Ela balança cabeça. — É sério, Ever. *Limites!* Apesar do que *ele* acha — ela aponta para o nosso pai —, eu não tenho interesse nenhum em *você*.

Ela revira os olhos e vira para o outro lado, cantando o que ouve no iPod com a voz irritante, praticamente assassinando uma música da Kelly Clarkson. Alheia à minha mãe, que ri e dá uma batidinha de leve em seu joelho, alheia ao meu pai, que olha para mim pelo retrovisor e sorri ao mesmo tempo que eu, compartilhando uma brincadeira só nossa.

Ele ainda sorri quando um enorme caminhão que transporta madeira bate na lateral de nosso carro e faz o mundo inteiro ficar negro.

Quarenta e oito

Quando me dou conta, estou sentada na minha cama, boquiaberta, prestes a dar um grito que nunca foi ouvido. Perdi minha família pela segunda vez em um ano e fiquei apenas com o eco das palavras de Riley: *Você precisa encontrar Damen... Antes que seja tarde demais!* Pulo da cama e corro para a saleta, indo direto para o frigobar e descobrindo que o elixir e o antídoto não estão lá. Sem saber se isso significa que fui a única a voltar no tempo enquanto todo o resto permaneceu igual ou se estou voltando para o momento em que parti, quando deixei Damen em perigo e fui embora. Desço as escadas tão rápido que os degraus parecem um borrão sob meus pés. Não faço ideia de que dia é hoje nem que horas são, mas sei que tenho que chegar à casa de Ava antes que seja tarde demais. Assim que chego ao andar de baixo, Sabine me chama.

— Ever? É você? — Fico paralisada, vendo-a se aproximar, usando um avental manchado e com um prato cheio de brownies nas mãos. — Ah, que bom — ela sorri — Tentei fazer a receita da sua mãe. Sabe? Aquela que ela fazia sempre... E quero que prove um e me diga o que acha.

Congelo, sem conseguir fazer nada além de piscar. Forço uma paciência que não tenho e digo:

— Tenho certeza de que estão ótimos. Ouça, Sabine, eu...

Mas ela não me deixa terminar. Inclina a cabeça para o lado e diz:

— Você não vai nem provar um?

Sei que ela não apenas quer me ver comendo, ela quer minha aprovação... Minha aprovação. Ela está se questionando se é capaz de cuidar de mim, perguntando-se se não é, de alguma forma, responsável por meus problemas de comportamento, pensando que se tivesse feito as coisas de outra forma nada disso teria acontecido. Ou seja, minha tia brilhante e bem-sucedida que nunca perdeu um caso no trabalho... Quer a minha aprovação.

— Só um — ela insiste. — Até parece que estou tentando envenenar você!

E quando olho em seus olhos não consigo não notar sua escolha aparentemente aleatória de palavras imaginando se não se trata de algum tipo

de mensagem para que eu me apresse, mas sabendo que tenho que passar por isso primeiro.

— Sei que não devem chegar aos pés dos da sua mãe, porque os dela eram melhores, sem sombra de dúvida, mas essa é a mesma receita... E por algum motivo acordei cedo hoje com esse ímpeto incontrollável de fazê-los. Então pensei...

Sei que ela é capaz de fazer todo um discurso para me convencer, então estico o braço na direção da pilha de brownies. Pego o menor deles, imaginando que só preciso comer para poder sair. Mas quando vejo a letra E encalhada no meio... Eu sei.

É o meu sinal.

O sinal pelo qual esperei todo esse tempo.

Quando já tinha perdido as esperanças, Riley deu as caras. Ela marcou o menor pedaço de brownie do prato com a letra do meu nome exatamente como costumava fazer.

Quando olho para o maior deles e vejo um R entalhado, confirmo que foi ela. A mensagem secreta, o sinal que ela prometeu antes de ir embora para sempre.

Ainda assim, sem querer ser uma maluca que encontra significados secretos em um prato de bolo, olho para Sabine e pergunto:

— Você... — Aponto para o meu brownie, aquele com a letra E no meio.

— Você fez isto aqui?

Ela aperta os olhos, primeiro olhando para mim, depois para o brownie, depois balança a cabeça e diz:

— Escuta aqui, Ever, se não quer experimentar, não precisa. Eu só pensei...

Mas antes que ela termine já peguei um brownie do prato e o enfiei na boca, fechando os olhos enquanto saboreio sua doçura, imediatamente mergulhando no sentimento de lar. Aquele lugar maravilhoso que tive sorte de poder visitar novamente, mesmo que por pouco tempo... Finalmente percebendo que não está relegado a um só local, ele fica onde você quiser que ele fique.

Sabine olha pra mim, ansiosa, esperando minha aprovação.

— Já experimentei antes, mas por algum motivo não ficaram tão bons quanto os de sua mãe. — Ela dá de ombros, olhando para mim com timidez,

esperando ansiosa por meu veredito. — Ela costumava brincar dizendo que usava um ingrediente secreto, mas agora acho que devia mesmo ser verdade. Engulo em seco, limpando as migalhas dos lábios e sorrindo ao dizer:

— *Havia* um ingrediente secreto. — Vejo sua expressão desabar pergutando-se se isso significa que seus brownies não estão bons. — O ingrediente secreto era *amor* — digo. — E você deve ter usado bastante, porque estes estão incríveis.

— Sêrio? — Seus olhos se iluminam.

— Sêrio. — Eu a abraço, mas só por um instante, antes de me afastar. — Hoje é sexta-feira, certo?

Ela olha para mim, com as sobrancelhas unidas.

— Sim, é sexta-feira. Por quê? Você está bem?

Eu apenas faço que sim com a cabeça e saio voando pela porta, sabendo que tenho ainda menos tempo do que pensei.

Quarenta e nove

Paro na frente da casa de Ava, estaciono meu carro de qualquer jeito — as rodas de trás no cimento, as da frente na grama — e corro tão rápido em direção à porta que mal tomo conhecimento dos degraus. Mas quando chego lá, dou um passo para trás. Algo parece esquisito, errado, estranho de um modo que não consigo explicar direito. É como se estivesse *quieto demais, tranquilo demais*. Apesar de a casa parecer estar do mesmo jeito que a deixei — vasos em ambos os lados da porta, o capacho no lugar —, está tudo parado de um jeito meio sinistro. Levanto a mão para bater na porta e mal a toco e ela se abre à minha frente.

Entro na sala de estar e vou até a cozinha, chamando por Ava e reparando como tudo está exatamente do jeito que deixei — a xícara de chá na bancada, biscoitos no prato, tudo no lugar de sempre. Mas quando olho para o armário e vejo que o antídoto e o elixir não estão mais lá, não sei bem o que pensar. Não sei se isso significa que meu plano funcionou e eles afinal de contas não foram necessários, ou se foi o contrário, e algo deu errado.

Corro para a porta azul no fim do corredor, ansiosa para ver se Damen ainda está lá, mas sou impedida por Roman, que está parado bem na frente. Seu rosto esboça um sorriso irônico, e ele diz:

— Que bom ter você de volta, Ever. Eu bem que falei para Ava que você voltaria. Sabe o que dizem: não se pode recuperar o que passou!

Reparo em seu cabelo deliberadamente desganhado, que emoldura perfeitamente a tatuagem de uróboro em seu pescoço, sabendo que apesar dos seus progressos, apesar de ter tirado todo o colégio do transe, ainda é ele que está no comando por aqui.

— Cadê o Damen? — Meus olhos esquadrinham seu rosto, minhas entranhas se contorcem. — E o que você fez com Ava?

— Calma, calma. — Ele sorri. — Não se preocupe. Damen está exatamente onde você o deixou. Embora deva dizer que não acredito que fez isso. Subestimei você. Não fazia ideia. Não consigo não pensar em como Damen se sentiria se soubesse. Aposto que ele também subestimou você.

Engulo em seco, lembrando-me das últimas palavras de Damen: *Você me deixou*. Sei que ele não me subestimou nem um pouco, ele sabia exatamente que caminho eu escolheria.

— E quanto a Ava. — Roman sorri. — Ficaré feliz em descobrir que não fiz nada com ela. Já deve saber a esta altura que só tenho olhos para *você* — *ele* murmura, movendo-se tão rápido que mal tenho chance de piscar e seu rosto já está a poucos centímetros do meu. — Ava partiu por vontade própria. Para nos dar privacidade. E agora é apenas uma questão de... — Ele faz uma pausa para olhar para o relógio. — Bem... Segundos, na verdade, até que possamos oficializar. Sabe? Tirar da equação toda a culpa desagradável que você teria sentido se tivéssemos nos envolvido mais cedo, antes que ele tivesse uma oportunidade de *morrer*. Não que *eu* me sentisse culpado, mas você parece ser do tipo que gosta de pensar que é boa, pura, bem-intencionada e toda essa baboseira, que, para dizer a verdade, é um pouco sentimental demais para o meu gosto. Mas tenho certeza que encontraremos um jeito de superar tudo isso.

Ignoro suas palavras enquanto planejo meu próximo movimento. Tento determinar sua fraqueza, sua criptonita, seu chakra mais vulnerável. Já que ele está bloqueando exatamente a porta pela qual preciso passar, aquela que leva a Damen, não tenho escolha a não ser passar *por* ele. Mas tenho que tomar cuidado com a forma como vou fazer isso. Porque, quando agir, tem que ser algo rápido, inesperado e certo. Do contrário, entrarei em uma batalha que nunca poderei vencer.

Ele leva a mão ao meu rosto e o acaricia, e eu dou um tapa tão forte que o estalo de seus ossos corta o ar, enquanto ele chacoalha os dedos machucados na minha frente.

— *Ai*. — Ele sorri, balançando as mãos e alongando os dedos, instantaneamente curados. — Você é das difíceis, não? Mas sabe que isso só me deixa mais excitado, certo? — Reviro os olhos e sinto seu hálito gelado em meu rosto quando diz: — Por que continua a resistir a mim, Ever? Por que me afasta quando sou tudo que lhe resta?

— Por que está fazendo isso? — pergunto com o estômago revirado, enquanto seus olhos escurecem e se estreitam, mostrando uma completa ausência de cor e luz. — O que Damen fez a você?

Ele inclina a cabeça para trás, olha para mim e diz:

— É muito simples, querida. — Sua voz muda repentinamente, abandonando o sotaque britânico e adotando um tom que eu nunca tinha ouvido antes. — Ele matou Drina. Então, eu o estou matando. E aí ficamos quites. Caso encerrado.

E no instante em que ele diz isso, eu *sei*. Sei exatamente como o derrotarei e passarei por aquela porta. Porque além do *quem* e do *como*, agora eu tenho o porquê. O motivo fugidivo que precisava descobrir todo esse tempo. E agora a única coisa que resta entre Damen e eu é um soco bem dado no chakra do umbigo de Roman, ou centro sacro, como às vezes é chamado — o centro do ciúme, da inveja e do desejo irracional de possuir. Um golpe bem dado e Roman já era.

Mas ainda assim, antes de derrotá-lo, tenho mais uma coisa a fazer. Então olho para ele com o olhar fixo e decidido e digo:

— Mas não foi Damen quem matou Drina. Fui *eu*.

— Bela tentativa. — Ele gargalha. — Patética, um tanto sentimental, como já disse, mas receio que não vá funcionar. Você não vai salvar Damen desse jeito.

— Por que não? Se está tão interessado em justiça, olho por olho e tudo mais, então deve saber que fui *eu* que fiz isso. — Minha voz se enche de intensidade e força. — Fui *eu* que matei aquela vadia. — E vejo como ele começa a ficar agitado, só um pouquinho, mas o suficiente para que eu perceba. — Ela sempre estava por perto, completamente obcecada por Damen. Você devia saber disso, certo? Que ela tinha uma enorme fixação por ele?

Ele estremece. Não confirma nem nega, mas o fato de estremecer é tudo de que preciso para ir em frente, sabendo que encontrei seu ponto fraco.

— Ela me queria fora do caminho para que pudesse ter Damen para ela, e depois de passar meses tentando ignorá-la, esperando que fosse embora, ela foi burra o bastante para aparecer na minha casa e tentar me enfrentar. E, bem, quando ela se negou a recuar e veio atrás de mim, eu a matei. — Dou de ombros, contando a história com muito mais calma do que senti na época, certicando-me de deixar de fora minha própria inépcia, minha falta de conhecimento e meus medos. — E foi tão *fácil*! — Sorrio, balançando a cabeça como se estivesse revivendo o momento. — É sério. Você devia ter *visto*. É como se em um momento ela estivesse na minha frente, com aqueles cabelos ruivos e a pele branca, e no seguinte... *Já era!* E por sinal Damen só apareceu

depois que tudo tinha acabado. Então, veja você, se a culpa é de alguém, é *minha*, não dele. Com meus olhos em seus olhos, os punhos prontos para um golpe, estou chegando perto dele quando digo:

— Então, o que me diz? Ainda quer sair comigo? Ou em vez disso prefere me matar? Qualquer que seja a resposta, eu entenderei. — Coloco a mão em seu peito e o empurro com força contra a porta. Penso em como seria fácil mirar uns poucos centímetros mais para baixo, socar bem forte e acabar logo com tudo.

— *Você?* — Ele diz, mais como um questionamento, uma crise de consciência, do que como a acusação que pretendia que fosse. — *Você, não Damen?*

Confirmo com a cabeça, meu corpo rígido, preparado para lutar, sabendo que nada me impedirá de entrar naquela sala, e ergo os punhos quando ele diz:

— Não é tarde demais. Ainda podemos salvá-lo!

Eu congelo, meu punho para no meio do caminho, não tenho certeza se estou sendo manipulada.

Vejo como ele balança a cabeça, visivelmente aflito quando diz:

— Eu não sabia... Tinha certeza de que tinha sido ele... Ele me deu *tudo*, me deu a *vida, esta vida!* E eu tinha certeza de que ele...

Roman sai do lugar e avança rapidamente pelo corredor, gritando:

— Vá ver como ele está. Eu pego o antídoto!

Cinquenta

A primeira coisa que vejo quando passo pela porta é Damen. Ainda deitado no futon, parece tão magro e pálido quanto estava quando o deixei.

A segunda coisa que vejo é Rayne, debruçada ao seu lado, passando um pano úmido em seu rosto. Ela arregala os olhos quando me vê, estende a mão e grita:

— Ever, *não!* Não se aproxime mais! Se quer salvar Damen, pare aí mesmo. Não rompa o círculo!

Olho para baixo e vejo uma substância granulada branca que parece sal, formando um anel perfeito que mantém os dois do lado de dentro e eu de fora. Então olho para ela, perguntando-me o que ela quer, o que pretende fazer encolhida ao lado de Damen e me avisando para ficar longe. Percebo como ela parece ainda mais esquisita fora de Summerland, com seu rosto pálido e fantasmagórico, seus traços delicados e os olhos enormes e pretos como carvão.

Quando volto meu olhar para Damen, vejo como ele luta e se esforça cada vez que respira — sei que tenho que chegar perto dele, não importa o que ela diga. É culpa minha ele estar assim. Eu o abandonei, eu o deixei para trás. Fui estúpida, egoísta e ingênua o bastante para achar que tudo daria certo só porque eu queria que desse, e que Ava ficaria por perto para fazer com que tudo voltasse ao normal.

Dou um passo para frente e paro com meu pé bem na beirada da linha, quando Roman entra correndo atrás de mim e grita: Mas que diabos *ela* está fazendo aqui?

Ele arregala os olhos, chocado ao ver Rayne, que ainda está agachada do lado de Damen atrás da barreira.

— Não confie nele! — ela diz, alternando o olhar rapidamente entre nós dois. — Ele sabia o tempo todo que eu estava aqui.

— Eu não sabia de nada disso! Nunca a vi antes! — Ele balança a cabeça. — Desculpe, querida, mas meninas de escola católica não fazem mesmo meu tipo. Prefiro mulheres um pouco mais determinadas, como a Ever aqui.

Ele vem na minha direção e passa seus dedos por toda a extensão das minhas costas, fazendo com que minha pele se arrepie de um jeito que me dá vontade de reagir... Mas não faço nada. Só respiro fundo e tento manter a calma. Presto atenção em sua *outra* mão, aquela que segura o antídoto, a chave para salvar Damen.

Porque, no fim das contas, isso é a única coisa que importa. Todo o resto pode esperar.

Agarro rapidamente a garrafa e desenrosco a tampa. E já estou quase entrando no círculo de proteção de Rayne quando Roman segura o meu braço e diz:

— Não tão rápido.

Paro, alternando o olhar entre eles. Rayne olha bem nos meus olhos e diz:

— Não faça isso, Ever! O que quer que ele lhe diga, *nao* ouça. Só ouça a mim. Ava desfez-se do antídoto e fugiu com o elixir logo depois que você partiu, mas por sorte cheguei aqui antes *dele*. — Ela aponta para Roman, seus olhos como pontos raivosos da noite mais escura. — Ele precisa que você rompa o círculo para poder entrar, porque não pode chegar até Damen sem você. Somente os dignos podem entrar no círculo, somente aqueles com boas intenções. Mas, se entrar agora, Roman vai seguir você. Então, se você se importa com Damen, se quer mesmo protegê-lo, deve esperar até que Romy chegue aqui.

— Romy?

Rayne confirma com a cabeça, olhando para mim e para Roman.

— Ela está trazendo o antídoto, vai estar pronto quando anoitecer, pois precisa da energia da lua cheia para ficar totalmente terminado.

Mas Roman só balança a cabeça e ri enquanto diz:

— Que antídoto? Eu sou a única pessoa que tem o antídoto. Fui eu que preparei o veneno, então, que diabos ela sabe? — E quando percebe a expressão de confusão em meu rosto, continua: — Realmente não vejo que escolha você tem. Se der ouvidos a ela — e aponta para Rayne, Damen *vai* morrer. Mas se confiar em mim, ele *não vai*. A matemática é bem simples, não acha?

Olho para Rayne e observo enquanto ela balança a cabeça e me avisa para não dar atenção a ele, para esperar por Romy, esperar o anoitecer, que

ainda vai levar horas para chegar. Mas aí olho para Damen do lado dela, esforçando-se cada vez mais para respirar, a cor desaparecendo de seu rosto...

— E se você estiver tentando me enganar? — digo, com toda minha atenção concentrada em Roman.

E prendo minha respiração quando ele diz:

— Então ele morre.

Engulo em seco e olho para o chão, sem saber o que fazer. Confio em Roman, o imortal perigoso responsável por tudo isso? Ou confio em Rayne, a gêmea assustadora, com suas conversas ambíguas e dissimuladas e objetivos que nunca ficaram claros? Mas quando fecho os olhos e tento me concentrar em minha intuição, sabendo que raramente está errada apesar de eu frequentemente ignorá-la, fico frustrada quando nada acontece.

Então olho para Roman quando ele diz:

— Mas se eu *não* estiver enganando você, então ele *vive*. Não vejo que escolha você tem...

— Não dê ouvidos a ele — diz Rayne. — Ele *não* está aqui para ajudar você, *eu* estou! Fui *eu* que causei a sua visão em Summerland naquele dia, fui *eu* que mostrei a você todos os ingredientes de que precisava para salvá-lo. Você foi excluída dos registros akáshicos porque já havia feito sua escolha. E enquanto tentávamos mostrar-lhe o caminho, tentávamos ajudá-la e impedir que partisse, você se recusava a ouvir e agora...

— Pensei que vocês não sabiam nada sobre o que eu estava fazendo lá. — Estreito meu olhar. — Pensei que você e sua irmã assustadora não conseguissem acessar... — Faço uma pausa, olhando para Roman, e sei que tenho que tomar muito cuidado com o que estou prestes a dizer. — Pensei que não conseguissem *ver* certas coisas.

Rayne olha para mim, abatida, e balança a cabeça quando diz:

— Nunca mentimos para você, Ever. E nunca a enganamos. *Não conseguimos* ver certas coisas, é verdade. Mas Romy é empática e eu sou precognitiva, e juntas temos sensações e visões. Foi como a encontramos pela primeira vez, e temos tentado guiá-la desde então, usando a informação que pressentimos. Desde que Riley nos pediu para cuidar de você...

— *Riley?* — fico boquiaberta, meu estômago revira de náusea. *Como ela pode estar envolvida nisso?*

Nós a conhecemos em Summerland e mostramos os arredores. Até fomos à escola juntas, um internato que ela materializou, que é o motivo de usarmos estas roupas. — Ela gesticula mostrando a saia xadrez e o casaco, o uniforme que ela e a irmã sempre usam. E me lembro de como Riley sempre sonhou em estudar em um internato, dizendo que assim poderia fugir de mim. Faz sentido ela ter materializado um. — Então, quando ela decidiu... — ela faz uma pausa, olhando para Roman antes de prosseguir — *seguir adiante*, nos pediu para tomar conta de você se a víssemos por lá.

— Não acredito — digo, embora não tenha razão para isso. Riley teria me contado, ela teria... — Mas então me lembro de que certa vez ela disse algo sobre ter encontrado pessoas que lhe mostraram os arredores, e me pergunto se estaria se referindo às gêmeas.

— Também conhecemos Damen... Ele... Ele nos ajudou uma vez, há muito tempo... — Ela olha para mim e estou prestes a ceder quando diz: — Se puder esperar apenas mais algumas horas até o antídoto ficar pronto, Romy chegará e...

Olho para Damen, seu corpo definhado, a pele pálida e viscosa, os olhos fundos, a respiração irregular, cada inspiração e expiração progressivamente mais fraca — e sei que só resta uma escolha.

Então viro as costas para Rayne e digo para Roman:

— Tudo bem, diga-me o que preciso fazer.

Cinquenta e um

Roman concorda, olhando nos meus olhos enquanto tira o antídoto das minhas mãos e diz:

— Vamos precisar de alguma coisa afiada. Olho atravessado, sem entender muito bem.

— Do que você está falando? Se esse é *mesmo* o antídoto, como diz, por que ele não pode simplesmente bebê-lo? Quer dizer, está pronto, não está?

Meu estômago embrulha com o peso de seus olhos, tão firmes e focados nos meus.

— Esse *é* o antídoto. Só falta um ingrediente final para ficar pronto. Respiro fundo sabendo que devia ter imaginado, que nada é assim tão fácil quando Roman está envolvido.

— Que ingrediente? — digo, com a voz tremendo tanto quanto tremo por dentro. — Que tipo de jogo é esse?

— Vamos com calma. — Ele sorri. — Não precisa se preocupar. Não é nada muito complicado e com certeza não vai demorar *horas*. — E aponta para Rayne com a cabeça. — Tudo de que precisamos são algumas gotas do seu sangue. Só isso.

Olho para ele, sem compreender. Quer dizer, como isso poderia fazer a mínima diferença entre a vida e a morte?

Mas Roman só devolve o olhar, respondendo à pergunta em minha cabeça ao dizer:

— Para que seu companheiro imortal seja salvo, ele deve tomar um antídoto contendo uma gota de sangue de seu verdadeiro amor. Acredite em mim, é o único jeito.

Engulo em seco, com muito mais medo de ser feita de boba e perder Damen de vez do que de tirar o sangue.

— Você, é claro, não está preocupada com a possibilidade de não ser o verdadeiro amor de Damen, *está*? — ele pergunta, esboçando discretamente um sorriso. — Talvez eu deva chamar Stacia no seu lugar?

Agarro uma tesoura e miro no meu pulso. Estou prestes a furar quando Rayne grita:

— Ever, *não!* Não faça isso! É um truque! Não acredite nele! Não ouça uma palavra do que ele diz!

Olho para Damen e vejo seu peito se movendo com dificuldade, a respiração tão lenta e irregular que não há mais tempo a perder. No meu coração sei que só lhe restam minutos, não horas. Então forço a tesoura para baixo e vejo a ponta afiada penetrar em meu pulso, quase rasgando-o em dois. Um gêiser de sangue espirra pelo ar, até que a gravidade assume o controle e o faz cair. Ouço Rayne gritar, um lamento tão agudo que se sobrepõe a quase todos os sons, enquanto Roman se agacha à minha frente para coletar meu sangue.

E exceto por ter me sentido fraca e um pouco tonta, é apenas uma questão de segundos até que minhas veias se regenerem e minha pele esteja curada. Então agarro a garrafa, ignoro os avisos de Rayne e entro de uma vez no círculo, empurrando-a para o lado enquanto me ajoelho e amparo o pescoço de Damen para fazê-lo beber. Vejo sua respiração ficar cada vez mais fraca — até que para completamente.

— *NÃO!* — eu grito. — Você *não pode* morrer, *não pode* me deixar! Forço o líquido por sua garganta, determinada a trazê-lo de volta, ressuscitá-lo, como ele fez comigo antes.

Seguro Damen perto de mim, desejando que ele viva. Esqueço completamente tudo ao nosso redor enquanto me concentro nele, minha verdadeira alma gêmea, meu companheiro eterno, meu único amor, recusando-me a dizer adeus, recusando-me a perder as esperanças. E quando a garrafa esvazia, desmorono sobre seu peito, pressiono meus lábios contra os dele, preenchendo-o com meu ar, meu ser, minha *vida*. Enquanto murmuro as palavras que ele uma vez me disse:

— Abra os olhos e olhe para mim! — Repetidas vezes...

Até que ele finalmente olha.

— Damen! — Eu choro, uma cachoeira de lágrimas por meu rosto, caindo no dele. — Graças a Deus, você voltou! Senti tanto a sua falta! Amo você e prometo que *nunca mais* vou deixá-lo novamente! Só... Só me perdoe, por favor... Por favor...

Ele pisca enquanto tenta mover a boca, formando palavras que não consigo escutar. E quando aproximo meu ouvido de seus lábios, tão

agradecida por estar com ele de novo, nossa reunião é interrompida por uma salva de palmas.

Roman, que agora está parado atrás de mim, aplaude devagar e com firmeza. Ele adentra o círculo enquanto Rayne se encolhe de medo num canto distante da sala.

— Bravo! — ele diz com cara de desdém, divertindo-se enquanto alterna o olhar entre Damen e eu. — Muito bem, Ever. Devo dizer que tudo isso foi muito... *Tocante*. Não é sempre que alguém testemunha um reencontro tão sincero.

Engulo em seco, minhas mãos tremem, sinto um bolo no estômago, pergunto-me o que ele pode estar planejando. Quer dizer, Damen está vivo, o antídoto funcionou, o que mais poderia haver?

Dou uma olhada em Damen e vejo seu peito mover-se com a respiração enquanto ele volta a dormir. Então me viro para Rayne, que está olhando para mim com os olhos arregalados e uma expressão de descrença.

Quando olho de novo para Roman tenho certeza de que ele está apenas aproveitando uma última chance de se divertir, uma patética demonstração de arrogância agora que Damen está a salvo.

— Então, quer vir para cima de mim agora? É isso? — digo, preparada para derrubá-lo se for necessário.

Mas ele apenas balança a cabeça e ri.

— Agora? Por que eu faria isso? Por que iria querer me livrar de um tipo totalmente novo de diversão que acabou de começar?

Eu congelo, o pânico cresce dentro de mim, mas tento não demonstrar.

— Não tinha ideia de que ia ser tão fácil, tão previsível, mas, pensando bem, assim é o amor, certo? Ele costuma deixar as pessoas um pouquinho loucas, um tanto impulsivas, até mesmo irracionais, não acha?

Eu o encaro com os olhos estreitados, sem entender o que ele está falando, mas sabendo que não pode ser nada bom.

— E, ainda assim, é espantoso como você caiu rápido. Sem resistência nenhuma. Sério, Ever, você simplesmente abriu um buraco em seu braço sem questionar praticamente nada. O que me leva de volta ao ponto inicial: nunca subestime o poder do amor... Ou, no seu caso, seria da culpa? Só você sabe com certeza.

Olho para ele e uma percepção terrível cresce dentro de mim. Sei que cometi um erro grave — que de alguma forma fui manipulada.

— Você estava *tão* desesperada para trocar sua vida pela dele, *tão* disposta a fazer qualquer coisa para salvá-lo, que tudo fluiu perfeitamente, foi mais fácil do que jamais esperei. Apesar de que, para falar a verdade sei exatamente como você se sente. Aliás, teria feito o mesmo por Drina, se tivesse havido ao menos uma chance. — Ele me fuzila com o olhar, suas pálpebras tão semicerradas que os olhos parecem dois pedaços raivosos de escuridão. — Mas, como já sabemos como aquilo terminou, suponho que você gostaria de saber como isso aqui vai terminar também, certo?

Olho para Damen, para me assegurar de que ele ainda está bem, e vejo-o dormindo enquanto Roman diz:

— Sim, ele ainda está vivo. Não encha sua linda cabeça de preocupação por causa disso. E, apenas para que saiba, ele provavelmente vai permanecer assim por muitos, muitos, *muitos* anos. Não tenho planos de ir atrás dele de novo, então não se aflija. Na verdade, nunca tive a intenção de matar qualquer um de vocês, a despeito do que possam ter imaginado. Apesar disso, para ser justo, suponho que devo avisá-la de que toda essa felicidade tem seu preço.

— Qual é? — sussurro, olhando para Roman sem saber o que ele poderia querer além de Drina, que já se foi. Além disso, qualquer que fosse o preço, eu pagaria. Se significasse ter Damen de volta, faria o que fosse preciso.

— Vejo que aborreci você — ele murmura, balançando a cabeça. — Já lhe disse que Damen vai ficar bem. Na verdade, mais do que bem. Ele vai ficar entusiasmado para ir embora e vai estar melhor do que nunca. Basta olhar para ele: vê como sua cor voltou, como seu corpo está se fortalecendo? Logo ele vai voltar a ser aquele jovem forte e bonito, que você convenceu a si mesma que ama a ponto de fazer *qualquer* coisa para salvá-lo, sem questionar...

— Vá direto ao assunto — digo, olhando nos olhos dele, irritada com a maneira desses imortais perigosos insistirem em fazer com que todo e qualquer momento gire em torno *deles*.

— Oh, não. — Ele balança a cabeça. — Esperei *anos* por esse momento, *não* vou me apressar. Meu assunto com Damen vem de muito tempo atrás. Lá do comecinho, em Florença, onde nos conhecemos. — E quando ele vê a expressão em meu rosto, continua: — Sim, eu também era um órfão, o mais jovem deles, e quando ele me salvou da praga, passei a considerá-lo um pai.

— O que faria de Drina sua mãe? — digo, vendo seu olhar endurecer antes de relaxar novamente.

— Dificilmente. — Ele sorri. — Eu amava Drina, não tenho medo de admitir. Eu a amava com todo o meu coração, do mesmo jeito que você pensa amá-lo. — E faz um gesto na direção de Damen, que voltara à aparência que tinha quando nos conhecemos. — Eu a amava com todas as forças do meu ser, teria feito qualquer coisa por ela. E nunca a teria abandonado como você fez com ele.

Engulo em seco, sabendo que essa eu mereci.

— Mas sempre se tratou de Damen. *Sempre Damen*. Era só nisso que ela conseguia se concentrar. Tudo o que conseguia ver. Até que ele conheceu você, da primeira vez, e Drina correu para mim. — Ele dá um breve sorriso, que rapidamente desaparece. — Para ser minha *amiga*. — Praticamente cuspiu a palavra. — E por *companheirismo*. E por um grande e forte ombro para chorar. — Ele fica furioso. — Eu teria dado a ela qualquer coisa que quisesse, qualquer coisa, mas ela já tinha tudo e o que faltava eu não podia dar, *não queria* dar: Damen. Maldito. Auguste. E para a infelicidade de Drina, Damen só queria *você*. E então formou-se o triângulo amoroso que se estendeu pelos últimos quatrocentos anos. Todos nos mantivemos inflexíveis, obcecados, nunca deixamos de ter esperança, até que fui *forçado* a desistir, porque *você* a matou. Garantindo que nunca poderíamos ficar juntos. Garantindo que nosso amor nunca seria conhecido...

— Você sabia que eu tinha matado Drina? — digo ofegante, com um terrível nó no estômago. — O tempo *todo*?

Ele revira os olhos.

— *É óbvio!* — Ele ri como Stacia no auge de sua infantilidade. — Já tinha tudo planejado, embora deva dizer que você realmente me pegou de surpresa quando o abandonou daquele jeito. Subestimei você, Ever. De verdade. Mas mesmo assim segui com meus planos e disse a Ava que você voltaria. *Ava*.

Olho para ele com os olhos arregalados, sem ter certeza se quero saber o que aconteceu à única pessoa em quem achava que podia confiar.

— Ah, sim, sua boa amiga Ava. A única pessoa com quem você podia contar, certo? — Ele balança a cabeça. — Bem, acontece que uma vez ela fez uma leitura para mim, bem precisa, devo dizer, e, bem, mantivemos contato. Sabia que ela praticamente fugiu da cidade assim que você partiu? Levou todo

o elixir também. E deixou Damen sozinho nesta sala, vulnerável, indefeso, apenas esperando que eu chegasse. Ela nem ficou tempo suficiente para descobrir se sua pequena teoria era correta. Imaginou que você já tivesse mesmo ido embora, e, então, de qualquer jeito, nunca saberia de nada. Sabe, você deveria ser mais cuidadosa ao escolher em quem confiar, Ever. Não deveria ser tão ingênua.

Ignoro o que ele diz. Não há nada que possa fazer a respeito disso agora. Não posso desfazer o que fiz, não posso mudar o passado. A única coisa que consigo mudar agora é o que está por vir.

— Ah, eu adorava ver como você insistia em fuçar no meu pulso procurando por minha tatuagem de uróboro. — Ele ri. — Mal sabia você que a usamos onde quisermos, e escolhi colocá-la no pescoço.

Fico parada em silêncio, esperando ouvir mais. Damen nem sabia sobre a existência de imortais perigosos até Drina se tornar má.

— Eu comecei isso — ele diz, com a mão sobre o coração. — Sou o fundador da tribo dos Imortais Perigosos. Embora seja verdade que seu amigo Damen tenha dado a bebida a todos nós pela primeira vez, quando os efeitos começaram a cessar ele nos deixou envelhecer e definhar, recusando-se a nos dar mais.

Dou de ombros e reviro os olhos. Conceder a alguém mais de um século a mais de vida dificilmente é algo que eu chamaria de egoísmo.

— E foi aí que comecei a fazer experiências, a aprender com os maiores alquimistas do mundo, até que superei o trabalho de Damen.

— Você chama isso de triunfo? Tornar-se mau? Dar e tomar vidas de acordo com a própria vontade? Brincar de *Deus*?

— Eu faço o que é preciso — diz ele, indiferente, olhando para as unhas. — Pelo menos não abandonei os demais órfãos à própria sorte. Ao contrário de Damen, preocupei-me o suficiente para procurar por todos e salvá-los. E sim, de vez em quando recruto alguém novo. Mas garanto a você que não fazemos mal a inocentes, apenas àqueles que merecem.

Nossos olhares se cruzam, mas eu logo desvio os olhos. Damen e eu devíamos ter previsto isso, não devíamos ter presumido que tudo acabaria com Drina.

— Então imagine minha surpresa quando apareci aqui e encontrei essa pequena... Pestinha... Debruçada sobre Damen em seu pequeno círculo

mágico, enquanto sua gêmea sinistra corria pela cidade tentando preparar um antídoto antes do anoitecer. — Roman ri. — Foi uma busca muito bem-sucedida, devo observar. Você deveria ter esperado, Ever. Não deveria ter rompido o círculo. Essas duas merecem muito mais crédito do que você estava disposta a dar a elas, mas, como eu já disse, você tem uma tendência para confiar nas pessoas erradas. De qualquer forma, como já estava de volta, resolvi esperar que você aparecesse para romper a barreira protetora, como sabia que faria.

— Por quê? — Olho para Damen, depois para Rayne, que continua encolhida no canto, assustada demais para se mexer. — Que diferença isso faz?

— Bem, foi *isso* que o matou — diz. — Ele poderia ter vivido por dias se você não tivesse entrado daquela maneira. Sorte sua que eu tinha o antídoto a mão para trazê-lo de volta. E apesar de haver um preço, um preço enorme e custoso, o que foi feito está feito, certo? E não há como voltar atrás. *Não. Há. Como. Voltar. Atrás.* Você entende isso melhor do que qualquer um de nós agora, não?

— Chega! — digo, com os punhos cerrados, pensando que deveria me livrar dele ali mesmo, acabar com ele de uma vez. Quer dizer, se Damen está a salvo, Roman não é mais necessário, então, que mal poderia haver?

O problema é que não consigo. Não é certo. Damen *está* a salvo. E não posso sair por aí *eliminando* as pessoas apenas porque não vou com a cara delas. Não posso abusar do meu poder assim. Espera-se muito daqueles que têm muito etc.

Relaxo os punhos e abro os dedos, enquanto ele diz:

— É uma escolha sábia. Você não gostaria de agir muito precipitadamente, se bem que em breve ficará tentada a fazer. Porque, sabe, Ever, embora Damen vá ficar bem, perfeitamente bem, saudável e tudo mais que pudesse querer, receio que isso só vá tornar as coisas muito mais difíceis quando você perceber que nunca poderão ficar juntos.

Olho para ele, as mãos trêmulas, recusando-me a acreditar. Damen vai viver, eu vou viver, o que poderia nos separar?

— Não acredita em mim? — Ele dá de ombros. — Tudo bem, vá em frente, quando seu amor for consumado vocês descobrirão o que acontecerá. Não me importa. Minha lealdade a Damen acabou séculos atrás. Não sentirei

nenhum peso na consciência quando vocês transarem e ele acabar morrendo.

— Ele sorri, olhando nos meus olhos, e quando vê a expressão de ceticismo em meu rosto, o sorriso cresce e torna-se uma gargalhada. Uma gargalhada tão alta que chega ao teto e sacode as paredes da sala e cai sobre nós como uma camada de destruição.

— Alguma vez já menti para você, Ever? Vá em frente, pense. Eu espero. Não fui confiável o tempo todo? Ah, claro que posso ter guardado alguns dos menores e mais insignificantes detalhes para o final, o que, apesar de ter sido um tanto quanto sacana da minha parte, contribuiu bastante para a diversão. Mas agora parece que chegamos ao momento da revelação, então gostaria de deixar bem claro que vocês dois *nunca* poderão ficar juntos. Nem uma troca de DNA que seja. E caso ainda não tenha entendido o que isso significa, permita que eu explique: vocês não podem nunca mais trocar fluidos corporais de nenhum tipo. E caso precise que eu traduza *isso* também, bem: quer dizer que não podem se beijar, lambe, cuspir dentro da boca um do outro, compartilhar o elixir... Ah, e é claro, também não podem fazer aquilo que ainda não fizeram. Nossa, você não pode nem chorar no ombro dele, por não poderem mais fazer aquilo. Resumindo, não podem fazer *nada*. Pelo menos não um com o outro. Porque, se fizerem, Damen morre.

— Não acredito em você — digo com o coração acelerado e as mãos molhadas de suor. — Como isso pode ser possível?

— Posso não ser médico ou cientista, mas estudei com alguns dos melhores naqueles tempos. Os nomes Albert Einstein, Max Planck, Isaac Newton, Galileu significam alguma coisa para você?

Ignoro, torcendo para ele parar de listar nomes e explicar tudo de uma vez.

— Então, nos termos mais simples, permita-me dizer que, embora o antídoto por si só pudesse tê-lo salvo, impedindo que seus receptores continuassem a multiplicar as células envelhecidas e danificadas, no momento em que adicionamos o seu sangue garantimos que qualquer reintrodução futura de seu DNA os ative novamente, revertendo todo o processo e matando Damen. Mas não precisamos de uma aula de ciências: saiba apenas que vocês nunca mais poderão ficar juntos. *Jamais*. Entendeu? Porque, se fizerem, Damen morre. E agora que contei, o resto é com você.

Olho para o chão, perguntando-me o que fiz, como pude ser estúpida a ponto de confiar nele. Mal escuto quando ele diz:

— E se não acredita, vá em frente e tente a sorte. Mas quando ele perder a consciência, não venha chorar perto de mim.

Nós nos encaramos, e como aconteceu naquele dia nas mesas de almoço da escola, sou sugada para o abismo de sua mente. Sinto a saudade que ele sente de Drina, a saudade que ela sentia de Damen, a que Damen sentia de mim, a saudade que eu sentia de casa, e sei que tudo resultou *nisto*.

Balanço a cabeça, desvencilhando-me de seu domínio, quando ele diz:

— Olhe só, ele está acordando! E está tão bonito e musculoso como sempre. Aproveite o reencontro, querida, mas lembre: não aproveite *demais*!

Olho para trás e vejo Damen começando a despertar, espreguiçando-se e esfregando os olhos. Então corro para atacar Roman, querendo machucá-lo, destruí-lo, fazê-lo pagar pelo que fez.

Mas ele apenas ri, esquiva-se de mim e vai em direção à porta, sorrindo enquanto diz:

— Acredite: você não quer fazer isso. Algum dia poderá precisar de mim. — Fico parada na frente dele, tremendo de raiva, tentada a golpear seu chakra mais vulnerável e observá-lo desaparecer para todo o sempre. — Sei que você não acredita agora, mas por que não para um momento para refletir. Já que não pode mais trocar carícias com Damen, vai se sentir muito sozinha, muito rápido. E como me orgulho de ser o tipo que perdoa, ficaria mais do que contente em preencher o seu vazio.

Estreito os olhos e levanto o punho.

— E ainda há o pequeno e irrelevante fato de que possa haver um antídoto para o antídoto...

Nossos olhares se encontram e eu respiro fundo.

— E, já que o criei, só eu posso saber disso com certeza. Então, na minha visão, se você acabar comigo, acabará com qualquer esperança de ficarem juntos. Está disposta a correr esse risco?

Ficamos parados, unidos da forma mais repugnante, olhar fixo, imóveis, até que Damen chama meu nome.

E quando me viro, *ele* é tudo o que vejo. De volta ao seu esplendor de costume, ele se levanta e eu corro para seus braços. Sinto seu maravilhoso

calor quando ele encosta seu corpo no meu, olhando para mim do jeito que costumava fazer — como se eu fosse a coisa mais importante do seu mundo.

Aconchego meu rosto em seu peito, seu ombro, seu pescoço, o calor e o formigamento tomam meu corpo inteiro, enquanto sussurro várias vezes seu nome. Passo meus lábios pelo algodão de sua camisa, evocando seu calor, sua força e me perguntando como algum dia conseguirei encontrar palavras para confessar a coisa terrível que fiz.

— O que aconteceu? — ele pergunta, olhando nos meus olhos enquanto se afasta. — Você está bem?

Meu olhar percorre a sala e percebo que Roman e Rayne não estão mais lá. Então olho no fundo de seus olhos escuros e digo:

— Você não lembra?

Ele nega com a cabeça.

— Nada?

Ele dá de ombros.

— Só me lembro de sexta à noite, na peça. E depois... — Ele observa pelo canto do olho. — Que lugar é esse? Com certeza, não é o Montage.

Apoio-me em seu corpo enquanto vamos em direção à porta. Sei que preciso contar a ele — quanto antes —, mas quero adiar o máximo que puder. Quero desfrutar o fato de ele estar de volta. De estar são e salvo e estarmos juntos novamente. Descemos as escadas e abro o carro enquanto digo:

— Você estava doente. *Muito* doente. Mas agora ficou melhor. É uma longa história, então... — Dou a partida e ele apoia a mão em meu joelho.

— Então o que faremos? — ele pergunta, enquanto engato a ré. Sinto seu olhar penetrante, respiro fundo e sigo em direção à rua, determinada a ignorar a questão muito maior que se esconde nessa pergunta. É quando sorrio e digo:

— Qualquer coisa que quisermos. O fim de semana começa agora.

FIM